



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CÁSSIA APARECIDA SALES MAGALHÃES KIRCHNER

**PRÁTICAS DE LEITURA: A COLEÇÃO BIBLIOTECA
DAS MOÇAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
“CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)**

**CAMPINAS
2016**

CÁSSIA APARECIDA SALES MAGALHÃES KIRCHNER

**PRÁTICAS DE LEITURA: A COLEÇÃO BIBLIOTECA
DAS MOÇAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
“CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração Filosofia e História da Educação.

Orientadora: Prof^{ta}. Dr^a. Maria Cristina Menezes

O ARQUIVO DIGITAL CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA CÁSSIA APARECIDA SALES MAGALHÃES KIRCHNER, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. MARIA CRISTINA MENEZES.

**CAMPINAS
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 153027/2012-6

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

K633p Kirchner, Cássia Aparecida Sales Magalhães, 1976-
Práticas de leitura : a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação "Carlos Gomes" em Campinas (1951-1976) / Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Maria Cristina Menezes.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Coleção Biblioteca das Moças. 2. História da educação. 3. Leitura. 4. Práticas de leitura. 5. Arquivo escolar. I. Menezes, Maria Cristina, 1958-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Reading practices : Coleção Biblioteca das Moças (Collection Ladies' Library) in State School "Carlos Gomes", Campinas (1951-1976)

Palavras-chave em inglês:

Collection Ladies Library
Education History
Reading
Reading practices
School file

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Maria Cristina Menezes [Orientador]
Maria Teresa Santos Cunha
Maria Lourdes Pinheiro
Arnaldo Pinto Júnior
Roberto Akira Goto

Data de defesa: 03-06-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**PRÁTICAS DE LEITURA: A COLEÇÃO BIBLIOTECA
DAS MOÇAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
“CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)**

Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner

COMISSÃO JULGADORA:

Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Menezes

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Pinheiro

Prof. Dr. Roberto Akira Goto

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora consta no processo de vida acadêmica do aluno.

2016

*Aos possíveis leitores e leitoras deste trabalho,
Dedico.*

Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, instituição que concedeu a bolsa durante o período do doutorado, possibilitando o desenvolvimento desse trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Menezes, agradeço imensamente pela orientação de grande importância para a pesquisa e por possibilitar meu acesso às fontes e informações necessárias.

Às professoras que integraram as bancas de qualificação, Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Martínez Moctezuma e Prof^ª. Dr^ª. Edíógenes Aragão Santos, e à banca de defesa: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Pinheiro, Prof. Dr. Roberto Akira Goto, Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior agradeço as considerações valiosas e a leitura atenciosa do trabalho aqui apresentado. Em especial à Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Santos Cunha, por compor as duas bancas e contribuir, desde a qualificação, com questões para o aprofundamento da pesquisa.

Aos professores das disciplinas que cursei ao longo do doutorado agradeço pelas contribuições apresentadas nos temas das aulas e que indiretamente auxiliaram com as questões de que trata a tese. Ao Prof. Dr. André Luiz Paulilo e a Prof^ª. Dr^ª. Margareth Rago agradeço a atenção e seriedade com que tratam o percurso de formação daqueles que frequentam suas aulas e grupos de estudo, observar os modos como lidam com a docência e a pesquisa foi um grande aprendizado.

Ao Professor Dr. Augustin Escolano, pela acolhida no período de pesquisa na Espanha possibilitando que minha estada no CEINCE fosse proveitosa. Aos Professores Doutores Tereza Rabazas Romero e Carlos Martinez, pelo acolhimento na Universidade Complutense de Madri.

Às pessoas que ao cumprirem seu ofício possibilitaram a execução da pesquisa, agradeço a atenção em atender às solicitações. São eles: diretora e funcionários da E.E. “Carlos Gomes”, funcionários do Centro de Ciências, Letras e Artes-CCLA, do Museu de Imagem e Som-MIS, do Centro de Memória da Unicamp-CMU, das Bibliotecas: Central Cesar Lattes, Bibliotecas da Faculdade de Educação-FE, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, Instituto de Linguagem-IEL e da Secretaria da Pós-graduação em Educação da FE/UNICAMP, em especial a Nadir Aparecida Gomes Camacho.

Deixo o carinho aos bolsistas do PIBIC-EM (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-Ensino Médio), com quem convivi atuando como monitora do Projeto de pesquisa “Preservação do Patrimônio Histórico Educativo: Acervos Escolares de Campinas”, desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania-CIVILIS, da Faculdade de Educação da UNICAMP, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Menezes.

Às quatro irmãs, ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes” que gentilmente compartilharam suas memórias. Agradeço.

Agradeço aos amigos que torceram pelo ingresso no doutorado e àqueles que chegaram durante sua realização: “me reconheço nos que ficarão, nos amigos abrigos”.

À família, reconhecimento e gratidão.

*Pois o desejo de ler,
como todos os outros desejos que distraem nossas almas infelizes, é capaz de análise.*
Virginia Woolf in: *Sir Thomas Browne*, 1923.

Nesta tese de doutorado foram tomados como objeto de análise romances de uma coleção que integra a biblioteca não circulante da antiga Escola Normal de Campinas, atualmente Escola Estadual “Carlos Gomes”, considerando o período em que foi denominada Instituto de Educação “Carlos Gomes”, entre 1951 e 1976. Esta Coleção foi publicada ininterruptamente pela Companhia Editora Nacional no período entre 1926 e 1960 com o nome de Coleção Biblioteca das Moças e era destinada provavelmente à leitura feminina. A análise desenvolvida pauta-se pela história da educação, história cultural da leitura e relaciona-se aos estudos de gênero. A proposta do trabalho com indícios e vestígios norteia a metodologia do trabalho e contribuiu para o recorte estabelecido com base nas marcas de leitura e registros de empréstimos deixados por suas “possíveis leitoras”. Os resultados da análise indicaram quatro períodos convergentes: o período de produção dos exemplares, tanto das primeiras publicações, entre 1926 e 1948, por sinalizar *estratégias editoriais* voltadas para um público-alvo, quanto das edições localizadas na biblioteca da antiga Escola Normal de Campinas, ou seja, romances publicados entre 1949 e 1960; o período em que a escola esteve como Instituto de Educação “Carlos Gomes”, de 1951 a 1976, por situar a Coleção em um lugar específico, possibilitando tratá-la a partir desse lugar; o período de registro nos cartões de empréstimos, entre os anos de 1957 e 1975, por dar pistas sobre sua circulação e as “possíveis leitoras” desses romances; e, ainda, o período relatado por quatro ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, entre 1948 e 1974, por tratar da coleção na perspectiva do leitor. No decorrer do trabalho interessou identificar a “leitora pretendida” pelos editores, sendo considerada a representação de mulher presente no período, o perfil das autoras que escreveram os romances e os subterfúgios utilizados para conquista e fidelização de um público. A investigação conduziu a uma “leitora rastreada” que rompia com a representação até então considerada no início da pesquisa. Esse movimento indicou um deslocamento entre a geração de “leitoras pretendidas” e “leitoras rastreadas” dentro de uma instituição considerada detentora da capacidade de legitimar obras e práticas, contribuindo para uma leitura às avessas dessa prática institucionalizada.

Palavras-chave: Coleção Biblioteca das Moças, história da educação, história cultural da leitura, práticas de leitura, arquivo escolar.

In this doctorate thesis, the object of analysis were novels from a collection integrating the non-circulating library of the State School “Carlos Gomes” considering the period between 1951 and 1976. The collection was published nonstop by the Companhia Editora Nacional in the period between 1926 to 1960 with the name *Coleção Biblioteca das Moças* (Collection Ladies’ Library) and was probably directed to feminine reading. The analysis develop is based on the History of Reading, History of Culture and is related to studies of gender. The work proposal with evidence and trace elements directs the work methodology and contributes with the work frame established based on the Reading evidence and registers of book borrows left by their possible readers. The results of this analysis have indicated four converging periods: the period of production of the volumes, both the first publications between 1926 and 1948 for signaling publishing strategies direct to a target audience, and the issues found in the library, that is, novels published between 1949 and 1960. The period, in which the school was called Institute of Education “Carlos Gomes” placing the Collection in a specific place, allowing it to be treated from this place. The period of register in the borrow cards between the years 1957 to 1975 for giving evidence of the circulation and possible readers of the novels. And the period reported by the former students of the Institute of Education “Carlos Gomes” between 1948 and 1974 for treating the collection from the reader’s perspective. During the work it became interesting to identify the readers targeted by the publishers, and in order to do so, the representation of the woman in that period was considered in the beginning the research. The profile of the authors who wrote the novels and the strategies they used to conquer an audience. Based on the data it was possible to consider a reader traced who indicated preferences and broke with the representation considered until then. This movement indicated a slide between generations of readers intended and readers traced inside an institution considered the owner of the capacity to legitimate works and practices contributing with an upside down reading of this institutionalized practice.

Key words: Collection Ladies’ Library, Education History , History of cultural Reading , Reading Practices, School File.

Lista de Ilustrações

Imagem 1 – Marginálias.....	15
Imagem 2 – Carimbos da Instituição, de tombo e livrarias.....	18
Imagem 3 – Cartão de empréstimo dos livros com número do usuário, data de empréstimo e data de devolução.....	19
Imagem 4 – Divulgação da Coleção no Jornal das Moças (03/10/1935)	48
Imagem 5 – Divulgação da Coleção no Jornal das Moças (20/08/1936)	59
Imagem 6 – Divulgação de produtos femininos (contracapa dos exemplares)	85
Imagem 7 – Objetos esquecidos no interior dos livros.....	97

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Número de empréstimos por ano.....	20
Gráfico 2 – Levantamento do perfil do usuário/empréstimos.....	101
Gráfico 3 – Levantamento sobre o lugar de leitura dos romances.....	102
Gráfico 4 – Levantamento dos “romances preferidos”	103

Sumário

Introdução - A leitura e seus rastros.....	14
A operação de caça.....	24
A educação da mulher e a leitura de romances.....	35
Rotas escolhidas para narrar a história.....	44
Capítulo 1 – A Coleção Biblioteca das Moças.....	47
A coleção como uma estratégia editorial.....	48
Representação de uma “leitora pretendida”	58
Redes de sociabilidade entre editores, tradutores e homens da educação.....	72
Publicar para formar e vender.....	79
Capítulo 2 – Uma possível “leitora rastreada”	90
Os rastros, vestígios e indícios deixados pelas “possíveis leitoras”	92
Os “romances preferidos”	102
Pollyana, Eleanor H. Porter.....	105
Foi o destino, M. Delly.....	106
Cegueira de amor, Elinor Glyn.....	108

A vingança de Ralph, M. Delly.....	110
Longe dos olhos..., Henri Ardel.....	111
A sétima miss Brown, Concórdia Merrel.....	112
Casamento de experiência, Concórdia Merrel.....	114
A pequena da Casa Sloper, Oliver Sandys.....	115
Três semanas de amor, Elinor Glyn.....	116
Arremessada ao mundo, Charlotte Mary Brame.....	118
O rapto de Jadette, Dyvonne	120
O passado, M. Delly.....	122
Capítulo 3 – Entre a autora e a leitora: habitar em terras alheias.....	124
As autoras e suas personagens.....	125
As “rotas de fuga” e o “dedo de Deus”	133
Escrever: uma maldição que salva.....	143
Habitar o texto e produzir sentidos.....	151
Capítulo 4 - Dos rastros na materialidade às práticas nas suas diferenças.....	157
As memórias de leitura na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”.....	158
Práticas de leitura e invenções do cotidiano.....	164
Os deslocamentos entre a “leitura pretendida” e a “leitora rastreada”.....	169
Leitura às avessas de práticas institucionalizadas.....	174
Capítulo 5 - Catálogo com descrição dos Romances da Coleção Biblioteca das Moças localizados na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”.....	179
Considerações finais – A “literatura de água doce”: uma cultura ordinária	239
Fontes	245
Referências.....	253
Acervos e instituições.....	265
Sites pesquisados.....	265
Anexo A – Movimento de Empréstimos dos “romances preferidos” por ano.....	266
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	270

Introdução - A leitura e seus rastros

Michel de Certeau, ao comparar a leitura com uma operação de caça (CERTEAU, 1996, p. 259-273), questiona o fato de comumente a leitura ser assimilada a uma atividade passiva. Com base em Michel Charles e Jorge Luís Borges, tece argumentos ressaltando que “toda leitura modifica o seu objeto”, “uma literatura difere da outra menos pelo texto que pela maneira como é lida” e, ainda, que “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”. Para a história da leitura, o leitor deveria ser uma das personagens centrais, contudo, a experiência alcançada através das investigações durante a tese de doutoramento possibilita, igualmente, o uso da metáfora da caça não apenas com relação à leitura e propõe estendê-la igualmente à caça pelo leitor.

Pesquisar a história da leitura a partir dos vestígios é uma tarefa árdua: “a leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo, ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido” (CERTEAU, 1996, p. 270). Com alguma perseverança, é possível identificar quem lia e o que era lido outrora; persiste, no entanto, a dificuldade em descobrir os motivos que levaram a essa ou àquela leitura, assim como alcançar os modos como se lia. Ao buscar respostas para essas questões, os historiadores da leitura lançam mão de várias estratégias, que vão desde o estudo de relatos sobre leitura em autobiografias, diários e cartas, até a

análise de anotações deixadas por leitores nos livros que tomaram para ler (ABREU, 2005, p. 184).

Iniciar o trabalho de pesquisa pelos indícios deixados por leitores em romances que compõem a Coleção Biblioteca das Moças editados pela Companhia Editora Nacional¹ ocorreu durante o manuseio de alguns exemplares da citada coleção que se encontram na biblioteca da antiga Escola Normal de Campinas. Neles foram localizadas anotações nas margens e outros espaços em branco indicando certo potencial para a investigação das práticas de leitura ali ocorridas.

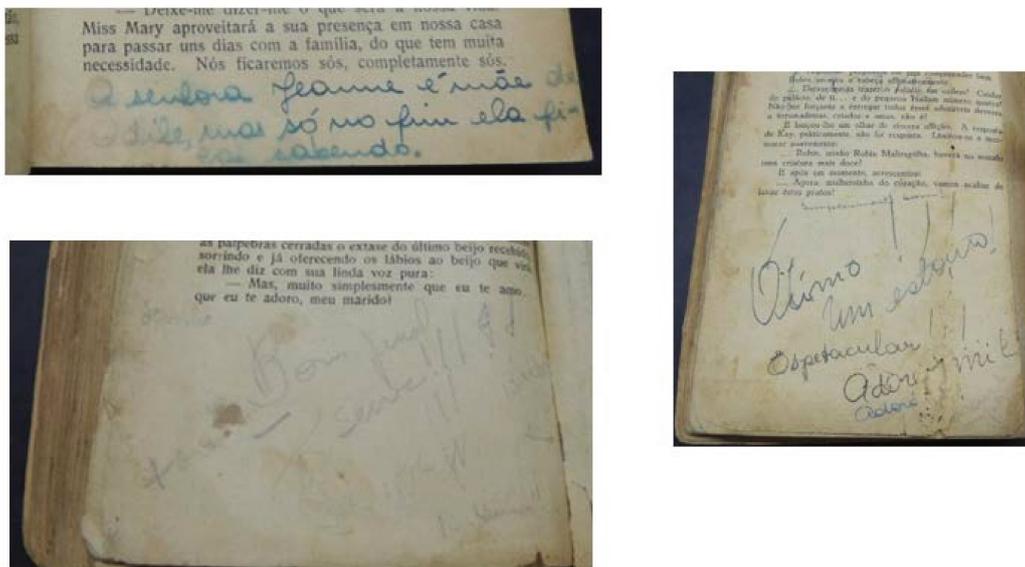


Imagem 1 – Marginálias

Com encadernação simples, páginas em papel jornal e capa sem verniz, o suporte já determinava o quanto sofreria se caísse no gosto do público. A aparência desgastada demonstra que os exemplares foram diversas vezes lidos. As inscrições feitas em suas páginas sugerindo a aprovação ou desaprovação de leitores, assim como o movimento registrado nos cartões de empréstimos realizados e os carimbos da biblioteca, ofereceram pistas para a caça deste leitor.

¹A Companhia Editora Nacional Monteiro iniciou seus trabalhos em 1917, com Edições da *Revista do Brasil*. Em 1919, foi fundada a Lobato e Cia., transformada em Monteiro Lobato e Cia., com a entrada de Octalles Marcondes Ferreira como sócio de Lobato, em 1920. A Monteiro Lobato e Cia. vai à falência em 1925, por não conseguir pagar as máquinas da gráfica recém-adquiridas, levando à falta de capital para o pagamento das dívidas e à falência da empresa. A partir da falida Monteiro Lobato e Cia., a Companhia Editora Nacional é montada por Lobato, Octalles Marcondes Ferreira e seus irmãos, em 1925. Retorna ao mercado editorial e figura entre as maiores editoras do país. Lobato permanece até 1929, momento em que vende suas ações, mas continua com poder de decisão dentro da Editora (TOLEDO, 2001).

Tal como o caçador, que nem sempre encontra pegadas num único sentido, indicando exatamente a direção tomada pelo animal, o pesquisador precisa escolher um rumo. Analisar, organizar, catalogar, decifrar ou ler as pistas que surgem. Ginzburg (1989, p. 151-154) a partir do *paradigma indiciário*, alerta para a tentação em tomá-las ao pé da letra. Um trabalho realizado a partir de vestígios requer um “rigor flexível”, que utilize tanto a rigidez da técnica quanto a fluidez da intuição. Ao trabalhar desse modo, durante o desenvolvimento da pesquisa, podem ocorrer momentos em que dados parecem surgir “ao acaso”; noutros, as perguntas cristalizam e podem estabelecer o risco de que seja alcançado apenas “o que já se sabia” de antemão. Nessa situação, o autor sugere uma leitura às avessas, sendo preciso afastar-se e “contemplar a realidade de um ponto de vista insólito”, “fazer perguntas oblíquas à realidade” e buscar um modo de escapar à cristalização e a automatismos a que o trabalho de pesquisa está sujeito (GINZBURG, 2004, p. 41-42).

Dentro das possibilidades daquilo “que já se sabia”, foi considerado que os romances pertencentes à biblioteca de uma escola normal fossem lidos por normalistas, gerando o interesse em investigar se estes romances estavam entre as leituras realizadas durante sua formação na Escola Normal. Tal consideração, porém, se sustentou apenas até o momento do levantamento e catalogação dos exemplares encontrados nesta biblioteca. O levantamento indicou que dos 79 títulos localizados, de um total de 176 romances que compunham a Coleção, apenas *Mamãe sabe o que faz*, de Edna Ferber, foi publicado na década de 1940, e *A solteirona*, de Berta Ruck, em 1945. Os demais 77 títulos pertencem à segunda fase da Coleção, de acordo com Lang (2008), no período correspondente aos anos de 1949 a 1960. Dentro dessa mesma fase, a autora compôs o grupo III, por se tratar de um período em que a editora inova as capas dos romances com “imagens relacionadas à indústria cultural cinematográfica hollywoodiana”; esse período durou de 1954 a 1960. Desse modo, a relação direta entre a presença da Coleção na biblioteca da escola e a leitura feita por normalistas no período em que recebeu a denominação Escola Normal de Campinas², entre 1920 e 1936, ficou comprometida.

²A Escola Complementar de Campinas foi criada pela lei nº 861, de 13/12/1902. Foi instalada em 31 de janeiro de 1903, iniciando as aulas em 24 de abril do mesmo ano. O decreto nº 2.025, de 29/3/1911, estabeleceu que as Escolas Complementares fossem alteradas para Escolas Normais Primárias. Com a Reforma Sampaio Dória em 1920, Lei nº 17502 alterou sua denominação para Escola Normal de Campinas, uma vez que unificou a estrutura de formação das Escolas Normais Primárias e Secundárias. Esse período foi encerrado em 19 de maio de 1936, através do decreto do governador do Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, que alterou a denominação para Escola Normal “Carlos Gomes”. Após esse período, a instituição passou ainda por outras quatro mudanças. Em 1942, para Escola Normal e Ginásio Estadual “Carlos Gomes”. Em 1951, para Instituto de Educação Estadual “Carlos Gomes”. Em 1976, para Escola

Em sua dissertação de mestrado, Lang (2008, p. 16) identificou três períodos distintos na produção da Coleção Biblioteca das Moças. O primeiro, entre 1926 e 1948, apresenta grande aquisição de títulos novos, demonstrado pela quantidade de novas publicações, número significativamente maior que o de reimpressões de títulos já publicados. No segundo, entre 1949 e 1960, por contar com um número considerável de títulos já adquiridos, a editora investe em reimpressões e apresenta poucas aquisições de romances novos. Há um intervalo sem reedições entre 1960 e 1983. Ao receber cartas com solicitações de antigas leitoras sugerindo que voltasse a publicar alguns de seus romances, a editora seleciona alguns títulos para reedição. Essa tentativa de retorno não obteve êxito e durou de 1983 a 1987.

O período de publicação dos romances pertencentes à biblioteca da antiga Escola Normal de Campinas torna-se relevante, quando comparado aos períodos das diferentes denominações da instituição escolar decorridas de mudanças em sua estrutura e organização. Ao ser ampliada de Escola Normal para Ginásio Estadual, em 1942, e para Instituto de Educação Estadual, em 1951, a escola amplia seu atendimento ao sexo masculino oferecendo, além do curso normal, curso ginásial, curso preparatório aos exames de admissão e cursos de pós-graduação em: administração escolar, aperfeiçoamento, especialização em educação pré-primária e especialização de professores de débeis mentais³. Com esta ampliação, os leitores desses romances não poderiam ser mais circunscritos apenas às normalistas. Optou-se, portanto, por trabalhar neste estudo com o termo “possíveis leitoras”, considerando que, apesar da Coleção Biblioteca das Moças ter sido idealizada pela Companhia Editora Nacional visando ao público feminino, a Coleção investigada pertence a uma instituição escolar de atendimento misto, que oferecia diferentes cursos, inviabilizando a afirmação de que

Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Carlos Gomes” e, por último, em 2000, passa a ser denominada Escola Estadual “Carlos Gomes”, permanecendo até o momento (SILVA, 2010, p. 35-36). Cabe ressaltar que os Institutos de Educação no Estado de São Paulo acompanharam a determinação da Lei 5692/71; mas, a denominação Instituto de Educação permaneceu até 1975. Em 20 de janeiro de 1976, foi promulgado o Decreto Estadual 7510, que reorganizou a Secretaria de Estado da Educação, transformando todas as escolas públicas, inclusive os Institutos, em Escola Estadual de 1º e 2º graus (LABEGALINI, 2009, p. 87).

³ Ao longo da história, muitos conceitos criados ou reconsiderados para definir a pessoa com alguma deficiência: oligofrênica; débil profunda; criança subnormal; criança mentalmente anormal; mongolóide; criança excepcional; retardada mental; deficiente mental em nível leve, moderado, severo ou profundo (nível recomendado pela Organização Mundial da Saúde a partir de 1968); criança com déficit intelectual; criança com necessidades especiais; criança especial. Atualmente, ainda há discussões envolvendo questões médicas e éticas sobre o conceito.

foram lidos apenas por mulheres ou normalistas, pelo menos até que algum indício pudesse evidenciar tal afirmação.

Para seguir no rastreamento das “possíveis leitoras” dessa Coleção, novas rotas se fizeram necessárias. Inicialmente voltou-se para a análise das marcas que indicavam o pertencimento dos romances à biblioteca da instituição escolar. Cuidadosamente catalogados, os livros recebiam o carimbo da instituição, carimbo de tombo no verso da folha de rosto e etiqueta na lombada do livro com o número tombo e localização. Ao final do livro, dentro de um envelope, encontra-se o cartão de empréstimo. A verificação de pertencimento dos exemplares à biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” deu-se, primeiramente, pela verificação dos carimbos de tombo e da instituição. Ficou confirmado que os romances foram adquiridos no período em que a instituição escolar foi denominada Instituto de Educação, não sendo doados em períodos posteriores ao pesquisado, fato comum em bibliotecas escolares, nem adquiridos em períodos com outra denominação.

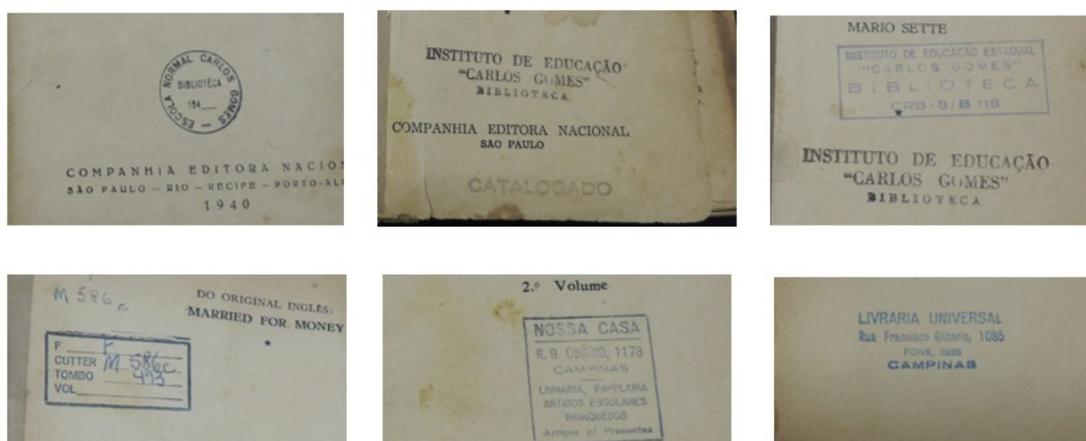


Imagem 2 – Carimbos da Instituição, de tombo e livrarias

A rota seguinte mostrou-se mais profícua, possibilitando seguir novos rastros da leitura desses romances. Por meio dos cartões de empréstimo dos exemplares, foi possível identificar que houve uma grande procura por determinados romances, assim como estabelecer os períodos de maior empréstimo. Entre os anos de 1957 e 1961, há uma grande movimentação. No período entre 1962 e 1965, não houve registro de circulação. Em 1966, são retomados os registros, indicando uma queda significativa de procura pelos romances e assim permanece até o ano de 1975.

Nesse período, houve adequação da instituição à organização proposta pela LDB 5692/71, tornando o Instituto de Educação Estadual “Carlos Gomes” a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Carlos Gomes” em 1976, contudo, a adequação das escolas em São Paulo não ocorreu logo após a aprovação da LDB de 1971, passando por adequações apenas em 1976. Acredita-se que esta mudança altera significativamente o funcionamento da biblioteca e, a partir de então, não há mais registros nos cartões de empréstimos. A análise desse movimento demonstra que metade dos usuários identificados nos cartões eram leitores assíduos e a outra metade, aparentemente, fazia empréstimos esporádicos.

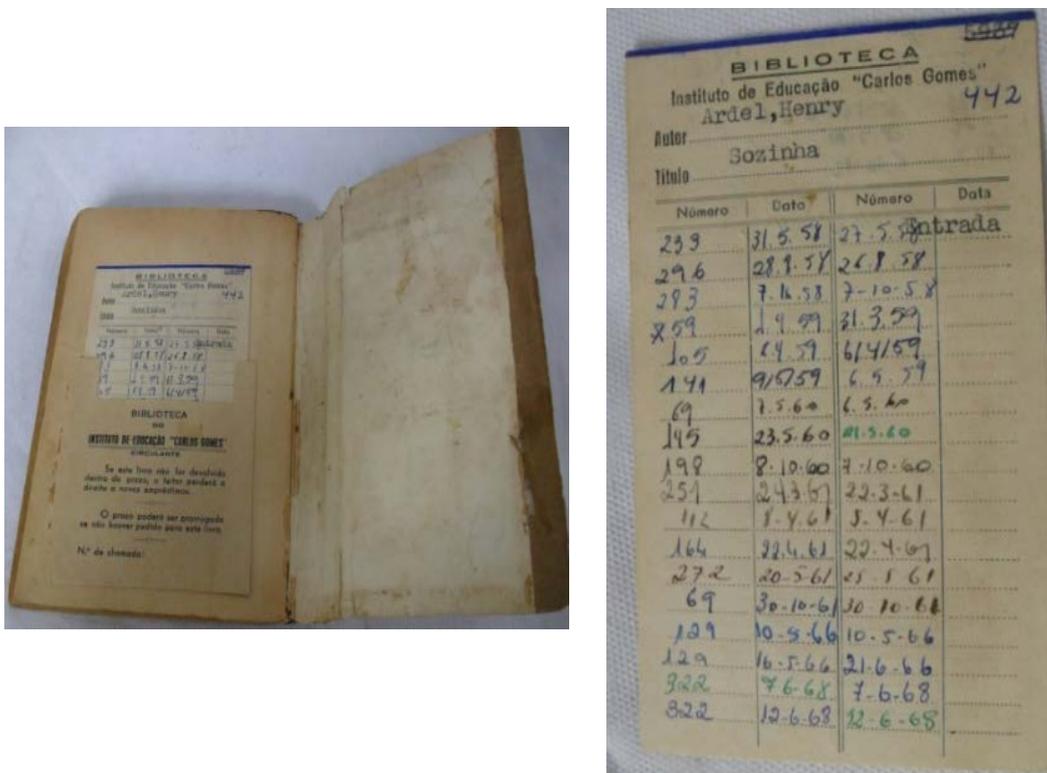


Imagem 3 – Cartão de empréstimo dos livros com número do usuário, data de empréstimo e data de devolução

Novamente a “possível leitora” escapa. O usuário é registrado mediante um número nesses cartões, não havendo meios de relacioná-lo com nomes de alunos e, conseqüentemente, ao gênero de quem os lia. A “intuição”, nesse momento, indica para a necessidade de aproximação do funcionamento da biblioteca, numa tentativa de compreender os modos de acesso dos leitores aos livros, sua leitura e forma de empréstimo. A possibilidade dessa aproximação veio através do relato oral das memórias de quatro irmãs ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, estudantes no período de 1948 a 1974. Além de clarear as relações estabelecidas com a instituição e sua

biblioteca, a entrevista, que inicialmente tinha o objetivo de elucidar dúvidas sobre as marcas encontradas nos livros e movimentos de leitura, agregou considerações importantes sobre os modos de ler dentro e fora do Instituto, assim como a leitura ocorrida em diferentes suportes.

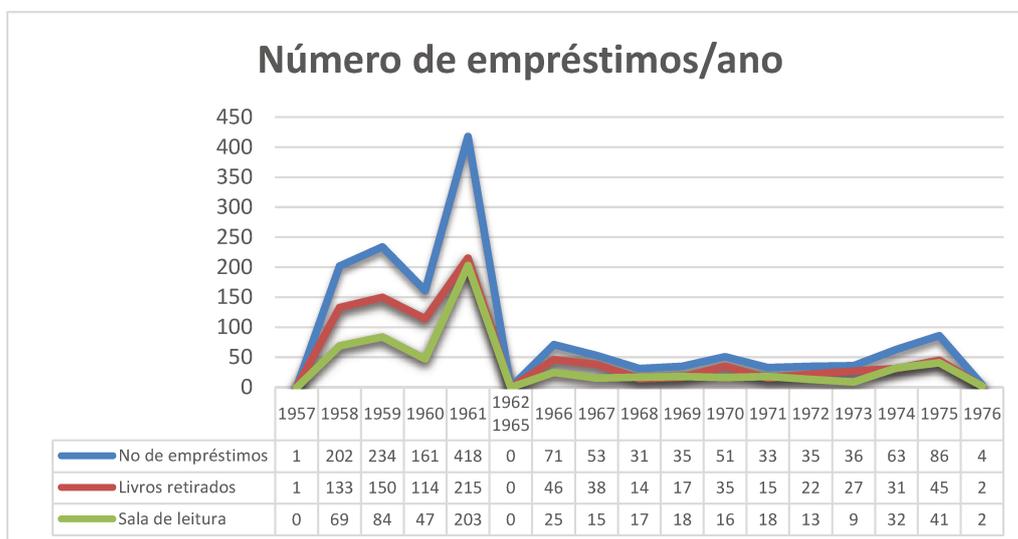


Gráfico 1 – Número de empréstimos por ano

Pautados nestes primeiros levantamentos e análise de dados, quatro períodos convergentes passaram a ser considerados: o período de produção dos exemplares, tanto das primeiras publicações, entre 1926 e 1948, por sinalizar *estratégias editoriais* voltadas para um público-alvo, quanto das edições localizadas na biblioteca, ou seja, romances publicados entre 1949 e 1960; o período em que a escola esteve como Instituto de Educação “Carlos Gomes”, de 1951 a 1976, por situar a Coleção em um lugar específico, possibilitando apresentá-la a partir deste lugar; o período de registro nos cartões de empréstimos, entre os anos de 1957 a 1975, por dar pistas sobre sua circulação e as “possíveis leitoras” desses romances; e, ainda, o período relatado pelas ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, entre 1948 e 1974, por tratar a coleção na perspectiva do leitor.

Se, por um lado, as “possíveis leitoras” mostram-se fugidias à pesquisadora, por outro, à medida que a pesquisa avança, novos indícios de como rastrear-las eram levantados a partir de algumas particularidades. A primeira: os romances não foram publicados avulsos, integram uma Coleção voltada para o público feminino, o que traz indicativos sobre as *estratégias editoriais* e intencionalidades de atração e fidelização desse público a partir da *representação* (CHARTIER, 1990, 1991) de mulher presente no

período em que foi idealizada ou a partir de “um ponto de vista insólito”, suspeitar dos modos como essa leitora foi capturada por essa estratégia e, se de algum modo, atendeu às intenções ali veiculadas.

A segunda está relacionada ao fato de a Coleção pertencer a uma instituição escolar, o que deu ancoragem aos períodos, perfis de leitor, condições de composição do acervo da biblioteca e movimento de leitura nesse lugar. Assim, pesquisar uma Coleção de romances que permanece na instituição em que possivelmente seus leitores tiveram acesso a ela agrega significados e variáveis que dão “vida e organicidade em seu local de origem ao se articular à história da instituição” (MENEZES, 2014).

O levantamento e tratamento dos dados coletados levaram à terceira particularidade. Inicialmente o tratamento realizado gerou um grande volume de informações, que, a princípio, apontavam para uma coleção homogênea. Entretanto, ao contemplar essa aparente homogeneidade, guardando algum distanciamento, possibilitou a percepção de pontos de desvio (CERTEAU, 1982) que apontaram uma outra análise. Entre esses pontos, a recorrência de empréstimos de doze romances indicou a possibilidade de investigar melhor os motivos que levaram a essa preferência e rastrear as pistas deixadas por essas “possíveis leitoras”. A partir de então, os doze romances passaram a ser tratados como os “romances preferidos”.

Ao considerar que a Coleção Biblioteca das Moças foi idealizada em um período em que a indústria do livro era composta essencialmente por homens, fez-se necessário aproximá-la da *representação* de uma visão de mulher que pretendiam atingir. Contudo, mesmo o alvo sendo a leitora, o fato de a Coleção conter 49 mulheres entre os 56 autores dos romances que a constituíam, foi inevitável não olhar na direção contrária. Qual mulher encontrava-se na outra ponta do processo? Elas também atendiam à *representação* de mulher idealizada pelos produtores da Coleção? Interessava então, desvendar quem eram as mulheres que escreviam esses romances. Esta passou a ser a quarta particularidade considerada.

À primeira vista pode ser considerado contraditório, numa pesquisa dedicada ao rastreamento de práticas de leitura, o investimento de aproximação do autor e do período em que viveu. Esta aparente contradição deve-se à busca pelas variáveis de coerção e invenção que o autor cria conforme as convenções com que normatizamos textos, suas modalidades e registros do discurso, e ainda estabelece esquemas de percepção e julgamento característicos a cada *comunidade de leitores* (CHARTIER; CAVALLO, 1999). Portanto, “cada leitor para cada uma de suas leituras, em cada

circunstância, é singular” (CHARTIER, 2004, p. 91). Mas essa singularidade é carregada pelo que torna esse leitor semelhante a todos ou outros que pertencem à mesma comunidade. O fator preponderante é que essas comunidades, de acordo com o período, não são regidas pelos mesmos princípios.

Desse modo, apesar do público permanecer sendo moças leitoras de romances, essa *comunidade de leitores* transformou-se a cada período, reinventando práticas culturais, jogos de poder e burlas ali presentes. Se as práticas manifestam as representações ali contidas, os textos e, por conseguinte, sua leitura expressam outros usos sociais e suas apropriações. Portanto, as *estratégias* estabelecidas no processo de produção são burladas na invenção cotidiana quando os leitores atribuem novos significados e constroem novos conhecimentos.

Essas particularidades consideradas durante os primeiros movimentos da pesquisa sinalizavam para as diferentes formas de apropriação destes romances, ressignificando e atribuindo sentidos outros a estes bens culturais que circularam em diferentes momentos. Desse modo, foi empreendido um esforço de compreensão primeiramente do seu lugar de produção, a Companhia Editora Nacional no período em que o acervo da Editora foi reorganizado em Coleções, assim como as *estratégias editoriais* utilizadas nessa reorganização. Ao abordar a apropriação das “possíveis leitoras” destes romances a partir do Instituto de Educação “Carlos Gomes” como um lugar de circulação, percebeu-se o caráter múltiplo de sua apropriação deslocando-se entre prescrições de normas esperadas para a educação feminina e a busca de uma outra leitura por suas “possíveis leitoras”.

Dessa forma, o estudo enfatiza o viés transformador da apropriação onde romances, sua leitura e lugares de leitura são marcados por rearranjos e reinvenções. Ao tratar a história do impresso como uma história das práticas culturais a ele associadas, Chartier (2004) considera que o texto traz um conjunto de dispositivos resultantes de sua escrita e intencionados pelo seu autor, estabelecendo protocolos de leitura. Entretanto, esses dispositivos cruzam com outros relacionados às questões tipográficas e provenientes do trabalho editorial, que deixam implícitos para qual leitor o impresso se destina. Essa interferência do editor tem tanta importância quanto a do autor, por dar suporte e atualização aos textos para que possam ser comercializados e atendam às expectativas do público. Para o tratamento desse conjunto de técnicas editoriais, seus modos de usos e apropriações realizadas por seus *consumidores*, os conceitos de *estratégia* e *tática* tratados por Michel de Certeau são relevantes.

Certeau (1996) toma por *estratégia* o cálculo da relação de forças empreendido por aquele que detém algum tipo de poder e estabelece um lugar próprio. Desse modo, a Coleção estudada foi tomada como uma estratégia editorial. Essa estratégia estabeleceria um padrão facilmente identificado com base em sua organização tipográfica, critérios estabelecidos para a escolha dos autores, tradutores e recursos que demonstram a idoneidade da editora. Assim, os dispositivos editoriais utilizados indicam o empenho em legitimá-la a partir de seu lugar de produção.

A *tática* é apresentada por Certeau (1996) como uma ação calculada determinada pela ausência de um próprio, pela ausência de poder. Se, por um lado, a *estratégia* é organizada pelo postulado de um poder, a *tática* é originada nas diferentes *artes de fazer*, e deriva das astúcias dos consumidores e de suas capacidades inventivas para escapar ao controle do outro e ter alguma possibilidade de ação. É no cotidiano da cultura ordinária, onde ocorrem as práticas e as apropriações culturais daqueles que são tidos como não produtores, dentro de um movimento que ganha vida no fazer, reinventando seus modos, manejando e alterando os procedimentos estabelecidos que a *tática* é inventada.

Essas práticas inventivas de usos ou de representações não são redutíveis às vontades de seus produtores e suas estratégias de produção. O ato de leitura não poderia ser, portanto, anulado no próprio texto; passa pela aceitação dos modelos propostos e ocorre por meio de arranjos, desvios e resistências que manifestam a singularidade de cada apropriação (CHARTIER, 3-14, p. 2004). A “leitora rastreada” na pesquisa indica que cada leitor utiliza meios que subvertem a ordem estabelecida pela cultura de consumo. E por essa ótica adquire poder sobre o texto lido, negociando habilmente com seus produtores a partir de *táticas* específicas de *apropriação*.

Ao compreender a história das práticas culturais como reconstituição de trajetórias complexas, “da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora” a noção de apropriação parece ser útil, por possibilitar “pensar as diferenças na divisão, ao postular a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção” (CHARTIER, 1990, p. 136). Contudo, a presença e circulação de uma representação não demonstra o que ela é para seus usuários. É preciso “analisar sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam” e, desse modo, apreciar “a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1996, p. 40). Aproximar-se dos procedimentos, bases, efeitos e possibilidades que os *consumidores* usam segundo seus

interesses para fazer essa bricolagem torna-se indispensável. “Cada novo dispositivo estratégico produz novas artes *táticas* de fazer: elas só precisam de tempo para serem inventadas no dia-a-dia” (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 37). Por fim, a leitura tratada aqui como um dos modos de apropriação é vista como uma operação entranhada em conflitos sociais entre a ação daqueles que escrevem, daqueles que publicam e a liberdade de escolha daqueles que leem.

Com as pistas levantadas e rotas estabelecidas, cabia a esse caçador imaginado, ler, nas pistas mudas, uma série coerente de eventos sem perder de vista que “decifrar” ou “ler” pistas são metáforas (GINZBURG, 1989, p. 152). E depois, ao final da caça, acreditar ser possível “narrar uma história”.

A operação de caça

Para o rastreamento das práticas de leitura da Coleção Biblioteca das Moças feitas por “possíveis leitoras”, estudantes do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, optou-se por um método interpretativo no qual as marcas e vestígios deixados pela leitura ali realizada fossem considerados e, de certo modo, apontassem os rumos para o desenvolvimento do trabalho. Carlo Ginzburg (1989, p. 151) propõe um conjunto de princípios e procedimentos centrados no detalhe, em dados marginais tomados como pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintomas. Esse método interpretativo tratado como *paradigma indiciário* possibilitou que as marcas de leitura e movimento de empréstimos dos exemplares encontrados na biblioteca dessa instituição escolar fossem vistos não apenas como dados, contribuindo igualmente na forma escolhida para expor os resultados do estudo.

A análise aqui empreendida sobre os modos de apropriação considera a leitura uma ação produtora que, em cada um de seus encaminhamentos e fazeres, altera e confere existência ao texto, operando “formas singulares de habitar o escrito” (CERTEAU, 1996). Esse tratamento permitiu compreender como o *leitor-consumidor* desse escrito aproximou, invadiu e habitou esses espaços textuais. Abordar o ato da leitura como consumo torna-o um paradigma da *atividade tática*, pois ao caçar em terras alheias, o leitor, no espaço do próprio texto, elabora sua leitura, e assim, elabora um novo texto, indicando que a leitura produz outros efeitos além dos de inculcação (CERTEAU, 1996). O exercício de aproximação dos sentidos destas *artes do fazer* possibilitou identificar,

através das marcas deixadas por essas “possíveis leitoras”, a leitura como lugar de liberdade e criatividade; assim como trata Certeau (1996) em *A invenção do cotidiano*, liberdade e criatividade são elementos fundamentais para a sociedade contemporânea.

Apesar de o intuito principal voltar-se para as práticas de leitura e apropriação desses romances, como já mencionado, fez-se necessário conhecer seus modos de produção e circulação. Para tal, o trabalho passou pela análise do suporte, forma, conteúdo e conjunto de técnicas editoriais utilizadas para a composição dessa Coleção. Por meio deste procedimento, foram identificados aspectos importantes acerca da “leitora pretendida” pelos editores, os meios de divulgação dos romances, *estratégias* de convencimento para conquista desse público, as preferências apontadas pelas “possíveis leitoras” com personagens e discursos presentes nos romances.

Para a análise do suporte e aproximação dos usos que dele as “possíveis leitoras” fizeram, a compreensão de Roger Chartier acerca de como os textos são produzidos em determinados momentos históricos, circulam em suportes específicos e são apropriados de modos singulares trouxe grandes contribuições. De igual importância é o destaque dado às diferenças que ocorrem nos processos de recepção dos impressos possibilitando usos distintos dos mesmos bens culturais, podendo inclusive levar a usos opostos (CHARTIER, 1990). Assim, a partir dos discursos e normas instituídas dentro de um grupo específico, a recepção e usos desses bens culturais podem passar por resistências e ressignificações.

Para essa etapa da pesquisa, o trabalho desenvolvido por Maria Teresa Santos Cunha, publicado no livro *Uma biblioteca anotada* (2009), foi de grande auxílio. A autora trata dos vestígios da presença e da ação do leitor através de anotações variadas, dedicatórias, marginais, objetos-reliquia, além das marcas do tempo e de uso nos livros do acervo que pertence ao Museu da Escola Catarinense. Os vestígios encontrados nos romances da Biblioteca das Moças muito se aproximam daqueles encontrados por Cunha (2009).

A descrição desses livros não foi uma tarefa fácil, por estarem fragilizados tanto pelo manuseio de suas “possíveis leitoras” quanto pela ação do tempo e permanência em ambiente inadequado. O acervo da citada biblioteca ficou durante anos exposto a condições precárias de conservação, causando danos aos seus exemplares. Desse modo, todo o trabalho de descrição foi desenvolvido procurando não trazer danos aos livros seguindo as orientações de trabalho estabelecidas dentro do projeto de pesquisa “Preservação do Patrimônio Histórico Educativo: Acervos Escolares de Campinas”,

desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania-CIVILIS, da Faculdade de Educação da UNICAMP, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Menezes, orientadora deste trabalho.

Os métodos e procedimentos adotados quando do levantamento, descrição, sistematização e análise dos exemplares da Coleção pautaram-se em procedimentos de pesquisas já desenvolvidas no Grupo mencionado:

No nosso caso, no CIVILIS, as fichas de descrição dos documentos escritos, iconográficos, dos manuais e demais livros das bibliotecas escolares, dos itens museológicos, sobretudo, mobiliário e material de ensino, produção de alunos e professores, se articulam e seguem um mesmo modelo, sem deixar de considerar as particularidades de documentos, livros, objetos, mas considerando a referência à instituição de pertencimento (MENEZES, 2014).

No período da descrição dos romances, a ficha utilizada encontrava-se numa etapa de aprimoramento; atualmente o CIVILIS utiliza uma ficha mais elaborada. Logo, a ficha utilizada nesta investigação deve ser considerada como um exercício para o aperfeiçoamento da ficha utilizada atualmente. O levantamento e posterior descrição dos romances resultou em um catálogo que integra a pesquisa com informações sobre: título, autor, tradutor, título original, idioma original, edição, coleção, volume, editora, data de publicação, nº de páginas, gênero, notas indicando: quantidade de exemplares, carimbos encontrados no exemplar (instituição, tombo, livrarias), movimento de empréstimos registrado na ficha, condições da obra, tamanho, marcas de uso e marcas de posse. No catálogo, optou-se por incluir todos os títulos e não apenas aqueles encontrados na biblioteca por considerar relevante ter informações sobre toda a Coleção durante a produção do estudo.

Além disso, é importante ressaltar que esses romances já estavam organizados na biblioteca não circulante da atual E.E. “Carlos Gomes” dentro da categoria literatura/traduições. Esse trabalho foi desenvolvido por bolsistas que integraram o projeto de pesquisa, já citado, em etapas anteriores à pesquisa que resultou no trabalho aqui apresentado.

Após o levantamento dos exemplares encontrados na biblioteca, foi realizada sua conferência com os dados sobre a Coleção Biblioteca das Moças no *site* da Companhia Editora Nacional. No período, o *site* da editora estava disponível no endereço <http://www.ednacional-acervo.com.br> e contava com um sistema de busca ao acervo de antigas publicações da Editora. Esses dados incluíam autor, tradutor, ano em que o romance foi escrito, ano da primeira publicação e demais edições, se houvesse. Essas

informações foram de grande valia para confirmar ou completar dados levantados nos exemplares da biblioteca. As capas utilizadas no catálogo resultam da pesquisa no *site*, visto que os exemplares encontrados na instituição escolar receberam reforço de uma fita adesiva larga em suas capas, comprometendo a visualização da imagem que a ilustra. Em 2013 essa opção de busca e acesso aos dados do acervo da Companhia Editora Nacional ficou indisponível.

De acordo com esses dados, a Coleção foi composta por 176 romances. Entretanto, como não havia informações disponíveis no *site* sobre o volume 50, optou-se por citá-lo como não identificado no catálogo. Do total, trinta e dois romances foram publicados somente na primeira fase. Dos 79 romances localizados na biblioteca da instituição escolar, como já mencionado, dois foram publicados em 1940, ou seja, na primeira fase da Coleção. Além da data de edição, o exemplar do romance *Mamãe sabe o que faz* apresenta o carimbo do período em que a instituição tinha a denominação Escola Normal “Carlos Gomes”, de 1936 a 1942. O exemplar de *A solteirona*, publicado em 1945, não possui o carimbo da instituição, mas foi catalogado e apresenta número de tomo. Os exemplares apresentam datas de edição entre 1954 e 1960 sendo: 4 de 1954, 25 de 1955, 18 de 1956, 20 de 1957, 3 de 1958, 3 de 1959 e 1 de 1960. Os três exemplares que não trazem o ano de publicação foram incluídos na segunda fase por terem o padrão da capa igual aos demais 75 exemplares publicados entre 1954 e 1960. Assim, os dados oferecidos pelo lugar de pertencimento da Coleção contribuíram para estabelecer, igualmente, a ancoragem temporal de análise.

Sobre os indícios acima apresentados, devem ser consideradas as observações tecidas por Menezes (2011) em artigo produzido com base nos relatórios dessa biblioteca nos anos de 1955, 1959, 1961, 1969, 1971, 1972 e 1976, escritos, em sua maioria pela mesma bibliotecária. Ao analisar relatórios que trazem informações sobre o funcionamento da biblioteca, número de consulentes, número de consultas por área de conhecimento, aquisição de obras, entre outros pontos, a autora chama atenção para o seguinte fato:

O período de 1949 a 1966, em que a escola foi dirigida pelo Prof. Wellman Galvão de França Rangel, em substituição ao Prof. Carlos Corrêa Mascaró, foi marcado pela força dos Regimentos Internos, tidos como fortes dispositivos normatizadores do cotidiano escolar. No Regimento se explicita o que compete a cada setor e aos seus funcionários, o que veremos será utilizado pela bibliotecária, sobretudo nos últimos relatórios levantados, na tentativa de recuperar um espaço que começa a perder a sua força e, portanto, a direção firme da

profissional responsável, que tem pleno domínio da área de atuação (MENEZES, 2011, mimeo).

Cabe, portanto, considerar os vestígios levantados não somente como uma ação dos leitores, mas dentro de um movimento institucionalizado, com todas as implicações que isso agrega. Ter um olhar oblíquo à realidade permite desconfiar e não ler nesses materiais a expressão de uma realidade ou totalidade. A proposta metodológica de Ginzburg propõe leituras diferentes para um mesmo documento, mantendo a tensão entre a prova, a verdade e o subjetivo, ou seja, recomenda que sejam exploradas em seu contexto de produção, evitando a tentativa de fazer uma “história correta”.

Assim, o movimento de empréstimo dos romances foi determinante para a aproximação dessa possível leitora. Considerando o número do usuário, data do empréstimo e data prevista para devolução, foram construídas duas tabelas, uma com o número de empréstimos por ano e a outra com o número de empréstimos por usuário. À primeira vista, esses dados pareciam demonstrar somente o movimento da biblioteca. No entanto, a “possível leitora” deixou rastros indicando que doze romances foram mais procurados; entre eles encontravam-se aqueles com anotações de leitura atribuindo-lhes qualidade como: “Pode ler que gostará”, escrito em letra cursiva e a lápis no romance *A pequena da Casa Sloper*, de M. Delly. Na última página do livro *A sétima Miss Brown*, de Concórdia Merrel, aparece: “Gostei!!! Muito bom!!!” O livro *A Passageira*, de Guy Chantepleure, evidencia ter sido muito manuseado, possuindo anotações a lápis em letras cursivas diversas: “Muito bom”. “Este escritor escreve muito bem, é uma maravilha”. “O melhor livro que já li”. “Maravilhoso!” “Espetáculo!” “Ótimo!” “Bom final”. “Serve”. “Bárbaro”. “+ ou –”. “Bakana” e a inscrição da data: 14-5-58. Contudo, como foi encontrado apenas o segundo cartão, com um total de 20 empréstimos entre 1960 e 1974, por não dispor dos dados do primeiro cartão de empréstimo, optou-se por não incluí-lo entre os mais lidos.

Seguindo o interesse dessa possível leitora, foram tomados novamente para análise os doze romances mais procurados. Nesse ponto, chamaram atenção as informações sobre os autores, sobretudo Elynor Glyn, considerada uma autora polêmica e controversa, precursora do erotismo nos romances sentimentais, e os irmãos franceses Jeanne Marie Petitjean de la Rosière e Frédéric Henri, que escreviam romances carregados de valores religiosos e morais sob o pseudônimo de M. Delly. As diferenças encontradas sinalizavam para a necessidade de desenvolver a análise tanto do todo (Coleção) para as partes (romances) quanto das partes para o todo.

Os romances aqui tratados como preferidos pelas “possíveis leitoras” ofereceram uma amostragem sobre a composição da Coleção, com uma variação entre seus personagens, estilo de escrita dos autores e questões abordadas em seu enredo, confirmando que a Coleção, de fato, não era tão homogênea. A análise foi desenvolvida a partir de categorias de classificação abrangendo: personagens; relacionamento; jogo social; ambiência (tempo, local, espaço).

Via de regra, os autores dão destaque à aparência física na caracterização de suas personagens. As heroínas são descritas detalhadamente em seus atributos físicos e virtudes, como Celina Rymer no romance *Arremessada ao mundo*, de Charlotte Mary Brame:

[...] alta e esbelta, não tinha mais que dezenove anos, possuía linhas graciosas e simétricas, mãos delicadas e pés pequeninos, rosto oval e muito suave, de uma beleza quase infantil. Cabelos castanhos, macios e brilhantes, nos quais a luz dava reflexos dourados, olhos muito grandes e escuros que deixavam transparecer uma alma inocente e boa (BRAME, 1955a).

As mocinhas são geralmente belas, não necessitam, nem desejam lançar mão de recursos artificiais para realçar a beleza. Caso não seja a mais bela do enredo, certamente é a que possui mais virtudes.

A oposição entre as personagens fica muito marcada nas descrições, já indicando quem serão os heróis e vilões. Em *A vingança de Ralph*, de M. Delly, Serena, uma jovem órfã, aparece como uma moça de cabelos castanhos, compridos e sedosos, rosto cor de marfim, olhos negros como veludo e cílios longos. É inteligente e diplomada no curso superior; além do diploma, é muito habilidosa com trabalhos domésticos. Já a Senhora de La Ridière, sogra do tutor de Serena, é uma mulher de rosto grande e vulgar, sempre com muita maquiagem, trocava com frequência a cor dos cabelos. Além disso, era pouco inteligente, rude, possuía pouco trato social e era arrogante. Não sabia receber os convidados nem orientar os empregados nos serviços domésticos.

As descrições das personagens também ocorrem por intermédio dos diálogos: “‘Não há mais homens como aquele! Perdeu-se o molde!’ O fato, é que existiam ainda homens assim. A vovozinha verificou-o alegremente e comentou essa impressão de volta a casa. Comentou com a filha e Madel [...]. ‘Aquele rapaz era realmente belo e educado. Tinha aquela distinção, aquela cortesia do tempo antigo’” (DELLY, 1956a, p. 23). Por vezes a descrição já anuncia a trama, como no caso de Lord Basílio Dynecourt, personagem do romance *Arremessada ao mundo*, já citado: “Jovem herdeiro da nobreza, alto, belo e com presença. Sempre, quando criança, teve seus desejos atendidos. Por

crescer sem ser contrariado, quando adulto se achava no direito de ter todos seus desejos atendidos sem se preocupar em magoar as pessoas em consequência dos atos” (BRAME, 1955a, p. 17).

A idade das personagens principais varia de acordo com a densidade da trama, geralmente coincide com o período da descoberta do amor – adolescência/juventude –, a personagem atravessa as dificuldades que surgem durante a trama e finaliza com o encaminhamento dado ao relacionamento, não avançando além da idade adulta. Dos doze “romances preferidos”, apenas *Pollyana*, de Eleanor H. Porter, apresenta a personagem ainda na infância, sem avançar para a idade adulta e descoberta do amor. Após a apresentação de suas características, as personagens são envolvidas em cenas cotidianas e dramas pessoais pautados pelos relacionamentos e círculos de convívio. Depois da análise desses romances, não é possível afirmar que há sempre um final feliz. No entanto, *Cegueira de amor*, *Longe dos olhos*, *Três semanas de amor* e *Arremessada ao mundo* apresentam finais improváveis para uma história de amor.

Os papéis sociais são bem definidos, percebendo a ênfase no modelo de mulher voltada para a casa e a família. Contudo, aparecem mulheres independentes financeira e profissionalmente, sejam herdeiras de fortunas ou pelo trabalho. Em *Casamento de experiência*, de Concórdia Merrel, o par romântico da mocinha lamenta ao descrevê-la:

[...] uma mulher de negócios; Jane era isso e nada mais! De todos os tipos, o que mais lhe desagradava; prática, bastando-se a si mesma, competente, comedida, sossegada... enfim, com todas as qualidades que mulher alguma devia ter. Uma moça de escritório... não passava disso!” (MERREL, 1955a, p. 85).

Esse modelo não fica circunscrito às protagonistas, foram localizadas personagens secundárias com personalidade forte, decididas, que assumiam posicionamentos diversos ao esperado socialmente.

Quando o relacionamento é pautado no amor, o homem surge como protetor, forte e viril, deseja o bem-estar e felicidade da amada. Entre os “romances preferidos” são recorrentes os casamentos por interesse que priorizam títulos de nobreza, fortuna e lugar social. Nesses casos, o tratamento dado pelo homem à mulher é de distanciamento e frieza. Ocorre também de o homem ser impassível por ter sofrido uma desilusão anteriormente, sendo preciso a mocinha provar que merece seu amor. São geralmente ricos; assim como no caso das mulheres, muitos são herdeiros. Mas diferentemente delas, aparecem personagens masculinos que enriqueceram pelo trabalho, nesses casos há

reconhecimento do esforço, mas em diferentes situações, ao longo do romance, sua origem social é lembrada. Ter uma condição financeira estável é condição para o homem pedir a mão da mocinha em namoro; o pedido já significa compromisso para casamento e garantia de que pode arcar com o conforto e bem-estar da sua escolhida.

O modelo de casal segue o padrão, quer seja condição social e financeira próxima, quer seja mesmo círculo de convivência, educação, modos e valores semelhantes. A aproximação ocorre inicialmente pela atração física e desenvolve para o afeto e valorização das virtudes. Dos doze romances, três casais chamaram atenção por se desviar desse padrão. Em *Arremessada ao mundo*, o nobre lord Basílio Dynecourt, usando o nome Ulrico Rymer, envolve e engana Celina, uma camponesa ingênua, em um casamento falso, apenas para satisfazer seus desejos. Dois anos depois, abandona-a com o filho pequeno para casar-se com a noiva, também de origem nobre, com quem tinha compromisso desde antes do casamento. Em *Três semanas de amor*, o casal protagonista vive uma história de adultério e no romance *O passado*, Delly critica intensamente o divórcio, através da história de Madel, que vive na casa do pai viúvo, casado com uma mulher divorciada. Florine, a filha da madrasta, descreve a família para a mocinha da seguinte forma:

Em casa do meu verdadeiro pai, o primeiro marido de minha mãe. Nós nos vemos frequentemente. Ele também tornou a casar e sua esposa é muito amável para comigo. Desse segundo casamento existem dois filhos. Outro irmão, Miguel, é como eu, do primeiro. Sem contar que a Sra. Darquin, também divorciada, levou para a sua companhia uma filha. Todas essas famílias são muito complicadas. Acaba-se não entendendo mais nada (DELLY, 1956c, p. 62).

Em um primeiro momento, se fosse preciso simplificar o jogo de relações estabelecidas nos romances, seria lágrimas às mulheres e raiva aos homens. Toda a crença na racionalidade masculina e no sentimentalismo feminino é representada como inerente à natureza de cada um. As mulheres choram, ficam fracas e doentes, lançam mão de uma posição sutil e velada para alcançar seus objetivos. Quando não agem desse modo, mostrando-se menos sensíveis, causam estranhamento, como a sra. Greville, de *Arremessada ao mundo*. Ao ser mencionada em uma conversa, uma personagem considera que “ela não parece com ninguém que a senhora já tenha conhecido. Tem uns modos de falar tão estranhos... sempre foi assim, desde criança... e não creio que ninguém a corrija” (BRAME, 1955a, p. 124). Outro exemplo seria Jane Claire, de *Casamento de experiência*, sempre muito atenta aos negócios e demandas da empresa, atrativos

considerados “essencialmente” masculinos. Ao encontrar personagens como essas houve o interesse em investigar comportamentos que destoassem do esperado.

Os homens são movidos pela razão, mostram-se fortes, cheios de saúde, lançam mão do poder social e financeiro para impressionar as pretendentes e suas famílias. Espera-se que sejam firmes, caso contrário ficam desacreditados. Esses aspectos aparecem no romance *A vingança de Ralph*, onde a sogra e a filha fazem imposições ao sr. Beckford, tutor de Serena, e este não impõe sua autoridade como chefe da família. Essa posição de passividade leva sua pupila a acreditar que a proteção que procura viria de um homem com postura forte e autoritário:

Há pouco, compreendera que ele já a defendia com a sua proteção viril, achando-se, ao mesmo tempo, com o direito de lhe impor a sua vontade, porque, na sua boca as palavras ‘eu desejo’ significavam claramente ‘eu quero’. Neste ponto Serena sentia-se inteiramente feliz. Não possuía veleidade de independência feminina, e a fraqueza do Sr. Beckford só servia para fazê-la apreciar o caráter forte de um homem. Além do mais, sozinha e infeliz, sentia a necessidade de ser protegida e defendida (DELLY, 1954b, p. 49).

Durante o levantamento das categorias, o papel e a posição ocupada pelas personagens mostraram-se próximos aos estereótipos de bem e mal, belo e feio, rico e pobre, feminino e masculino. A naturalização desses papéis fica dissolvida no cotidiano e desenrolar do enredo, sendo legitimada pelo discurso ali presente, contribuindo para que as normas estabelecidas para cada gênero reforcem esse estereótipo.

Tomando por base os romances de M. Delly, Maria Teresa Santos Cunha, em seu livro *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly* (1999), defende que os romances analisados apresentam a “existência de certos padrões específicos de mulher e de homem capazes de alimentar o imaginário e favorecer a construção de subjetividades dessas gerações” (CUNHA, 1999). Assim, esses romances poderiam ser considerados uma via de circulação das normas de conduta à medida que estimulassem comportamentos inspirados nas virtudes apresentadas por seus personagens.

Ao considerar os romances da Coleção como meio de disseminação de normas de conduta voltadas para a educação da mulher, tornou-se importante compreender as *estratégias editoriais* usadas para a ordenação desses leitores e suas leituras. Para tal, o trabalho de Maria Rita Toledo (2001), *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*, e a dissertação de Cíntia da Silva Lang, intitulada *De moças (1926-1960) a ex-moças (1983-1987): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças*,

trouxeram contribuições diretamente ligadas à organização e composição da Coleção a partir de seu projeto editorial e ofereceram dados importantes acerca da dinâmica e ritmo da produção da Companhia Editora Nacional, seus editores e, conseqüentemente, da Coleção Biblioteca das Moças.

Com o propósito de aproximação dos discursos sobre leituras, leitores e produção de livros no período de constituição da Coleção, a pesquisa ateve-se à correspondência⁴ de Monteiro Lobato, fundador da Companhia Editora Nacional, e seu amigo Godofredo Rangel, tradutor de muitos romances da Coleção Biblioteca das Moças. A correspondência foi abordada como uma das variações do uso da escrita, a qual contribui para a compreensão de como as comunidades ou os indivíduos constroem representações do mundo que são as suas e investem significações plurais, contrastadas com suas percepções e suas experiências. Assim, a carta, melhor do que qualquer outra expressão, associa lugar social e subjetividade (CHARTIER, 1991).

Para identificar os dispositivos de produção da Coleção Biblioteca das Moças e averiguar as *estratégias editoriais* utilizadas, foi feita a análise de seus exemplares em busca do delineamento de seu projeto material. Os dados levantados a partir dessa primeira incursão estenderam a pesquisa para diferentes fontes. Inicialmente, houve o investimento na análise de revistas com ênfase em propagandas comerciais de romances, sessões e artigos destinados ao público feminino, com objetivo de identificar a *representação* de mulher presente no ideário desse período e nas décadas seguintes, até meados dos anos de 1970. Esse intento deu-se a partir da análise de revistas voltadas para o público feminino, a saber: *A Cigarra*⁵, *Revista Feminina*⁶ e *O Cruzeiro*⁷, com foco em colunas, sessões específicas e publicidade.

⁴ A correspondência trocada pelos amigos entre 1903 e 1943 foi organizada por Monteiro Lobato e publicado em 1944, com o título *A barca de Gleyre*. O título remete a uma carta enviada em 1904, na qual Lobato expõe a Rangel sua interpretação do quadro *Le soir* ou *Les illusions perdues*, de Gleyre, a partir de um ensaio do historiador francês Taine.

⁵ Lançada em 1914, a revista *A Cigarra* foi muito popular no início do século XX. Com periodicidade quinzenal, abordava o comportamento da época, com fotografias, ilustrações, textos assinados por escritores como Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Olavo Bilac. As mulheres eram destaque na capa e em seções como Vida Doméstica. Trazia notícias sobre bailes, saraus e espetáculos da cidade de São Paulo. Encerrou suas publicações em 1975. As edições da revista estão disponíveis no *site* do Arquivo Público do Estado de São Paulo, www.arquivoestado.sp.gov.br/revistas.

⁶ A *Revista Feminina* foi fundada por Virgilina de Souza Salles em 1914 e circulou até 1936. Era atribuída à revista a missão de buscar a emancipação das mulheres, no interior da cultura católica tradicional. Para cumprir seus objetivos colocava em pauta temas que diziam respeito ao universo feminino. Disponível no *site*: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6189>>.

⁷ Fundada por Carlos Malheiro Dias, a revista *O Cruzeiro* teve sua primeira edição em 1928, pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Estabeleceu uma nova linguagem na imprensa brasileira, com inovações gráficas e publicação de grandes reportagens. Teve suas últimas publicações em 1975. Disponível no *site*: <<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>>.

Nessa incursão, foi possível aproximar-se do universo feminino, ou melhor, das representações de mulher, homem e do modelo de família ali veiculadas. Cabe ressaltar que essa etapa da pesquisa teve o objetivo de desnaturalizar o olhar e as impressões da pesquisadora, não configurando como objeto da pesquisa. Esse exercício mostrou-se proveitoso trazendo informações também sobre circulação de romances publicados em capítulos nos números das revistas, divulgação do lançamento de novos romances e opinião de personalidades da época sobre leituras adequadas para as moças.

Apesar de a Coleção ter sido planejada dentro de uma *estratégia* editorial e direcionada para um público específico, os registros de empréstimos dos romances datam dos anos entre 1957 e 1975. Assim, as “possíveis leitoras” desses exemplares já eram filhas das “possíveis leitoras” de suas primeiras edições. Grande parte dos exemplares localizados na biblioteca do Instituto estavam entre a terceira e quinta edição, confirmando que a *estratégia* editorial obtivera sucesso. Além de conquistar um público no período em que fora lançada, conseguiu renová-lo ao longo das décadas. Além de aproximar-se da “leitora pretendida” pelos editores da Companhia Editora Nacional, novas leitoras chegaram ao longo dos anos e precisavam ser consideradas na pesquisa.

Por intermédio das memórias de quatro irmãs ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, foi possível a aproximação de leitoras que já não pertenciam à geração de “leitoras pretendidas” pela Companhia ao publicar esses romances, mas que apresentaram outras práticas de leitura ocorridas dentro e fora da instituição escolar, comprovando que a Coleção conquistou leitoras também nas décadas de 1950 a 1960. As entrevistas foram desenvolvidas em grupo e foi estabelecida como referência comum à prática de leitura de romances, a qual auxiliou na construção de uma trama por onde transitaram as leitoras e suas lembranças. Mesmo compartilhando memórias, mesma origem, trajetória de formação na mesma instituição escolar e atuação profissional na área de educação, os relatos apresentaram práticas de leitura bastante diferenciadas. Diferenças perceptíveis tanto pelo gosto pessoal – a preferência pela leitura de romances nacionais, determinado autor, traduções – quanto pelo acesso ao suporte onde eram veiculados.

As entrevistas foram usadas como um recurso para a aproximação das práticas de leitura, considerando que os relatos dos *consumidores*, por se tratar de sua própria experiência, representam mais do que o testemunho de uma vivência (CERTEAU,

1996). Assim, as proposições de Michel de Certeau permitem compreender o consumo como espaço de produção de sentidos, onde *consumidores* supostamente passivos dos produtos recebidos produzem práticas e inventam anonimamente um *desvio* no uso desses produtos. Esse referencial teórico contribuiu para uma análise que denota a atividade de *fazer com*, ou seja, os movimentos astuciosos das práticas e suas maneiras de utilizar os produtos impostos por um lugar de poder, aqui compreendido como a *estratégia editorial*. Cabe lembrar que ocorrem situações em que a apropriação dos produtos culturais implica uma *ação tática*, ou seja, a ocupação de um lugar que o consumidor toma para si.

A educação da mulher e a leitura de romances

Educação e literatura sempre estiveram muito próximas quando se trata de questões relacionadas à educação feminina, proximidade que afeta os modos da produção literária. Para adaptar-se ao público feminino, os textos passaram por mudanças estruturais; apareceram novos gêneros literários, mais triviais, e houve o desgaste do emprego de expressões elevadas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009). Com essas mudanças, a discussão acerca dos riscos e vantagens da produção de uma leitura voltada para o público feminino, até então circunscrita ao âmbito ideológico e comercial, passam a interferir no processo artístico e figurar nas discussões da medicina e educação.

As mulheres, ao se tornarem consumidoras de literatura, especialmente dos romances e folhetins, abrem espaço para o mercado editorial, que percebe e prioriza os enredos românticos e de aventura com narrativas nas quais a personagem feminina é valorizada e protagoniza grandes amores. Os riscos desse movimento são apontados por Molière em suas comédias *Les précieuses ridicules*, de 1658, e *Les femmes savantes*, de 1671, onde alerta sobre o risco de despertar interesses intelectuais nas jovens, mediante o acesso à leitura, e estas passarem a “sonhar com casamentos idílicos, recusar prosaicos noivos burgueses e enlouquecerem pais outrora sensatos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 238).

Dessa forma, a educação das mulheres que as torna leitoras passa a ser considerada uma “faca de dois gumes”, causando conflitos de interesses. De um lado, pais e maridos esperam esposas e filhas que representem o teatro social de uma família que atenda aos novos padrões culturais, mas convém que leiam pouco e apenas o que é

apropriado. De outro, editores e vendedores não querem perder os lucros trazidos por esse novo público, de tal modo que a educação da mulher, considerada necessária para a consolidação desse novo modelo, oferece riscos ao modelo familiar vigente. O recurso encontrado para evitar esse risco foi o estabelecimento de limites para suas leituras, evitando os possíveis excessos das leitoras inexperientes.

Essa literatura transladada para o Brasil, apesar de demorar a chegar em terras brasileiras, transferiu à nossa leitora um perfil específico, forjado na Europa a partir das preocupações em “preparar a mulher para assumir as funções domésticas de que a nova camada emergente carecia. A formação dos quadros para a sociedade que a burguesia está construindo não depende apenas da escola, para consolidar as noções de lar e família, apela para a mulher” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 237). Mediante as obras provenientes de terras europeias, a leitora brasileira teve o primeiro contato com esta forma literária que recriava as cenas da vida privada, alimentava a imaginação e criava modelos a serem seguidos.

Além dos livros chegarem tarde ao país, a falta de instrução da mulher no Brasil em tempos idos é recorrente nos relatos de viajantes estrangeiros e demonstra a pouca importância dada à sua educação. Henry Koster publicou, em 1816, um estudo sobre a condição da mulher no Brasil, com o título *Travels in Brazil*. A obra foi traduzida para o português apenas em 1942, por Luís da Câmara Cascudo, com o título *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1942). O autor considera que as mulheres brasileiras viviam como em “estado de ignorância”, advindo da falta de uma educação apropriada e pelo isolamento a que estavam submetidas.

Sempre ouvi frequentemente dizer, e não posso deixar de aceitar o reparo como exato na região do país de que estou tratando, que as mulheres são comumente menos humanas para com seus escravos que os homens, mas esse fato procede, indubitavelmente, do estado de ignorância no qual elas vivem. Recebem escassamente educação e não têm a vantagem de poder obter instrução pela comunicabilidade das pessoas estranhas ao seu ambiente nem adquirem novas ideias na conversação geral. [...] levei essas mulheres para diante, educando-as; ensina-lhes o que é racional, e serão iguais e em nada inferiores aos seus patrícios. A falta não está no sexo, mas no estado dos costumes (KOSTER, 1978, p. 477).

Relatos de outros viajantes como Agassiz (2000), Luccock (1975) e Debret (1954), trazem igualmente a falta de instrução, ignorância, reclusão e frivolidade da mulher brasileira no século XIX, apresentando uma rotina que se restringia a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever nem fazer as operações; somente

o trabalho de agulha ocupava seus lazeres (DEBRET, 1954). Desse modo, as mulheres viveriam em meio a repressões e constrangimentos, em que não se podia transpor a porta de casa sem ser acompanhada. O aprendizado da escrita era evitado para que elas não fizessem mau uso dessa arte, principalmente em correspondências amorosas. Porém, inventividade não lhes faltava, e lançavam mão de interpretações simbólicas para a construção de novas linguagens. Do mesmo modo, os escravos que geralmente as acompanhavam ao saírem de casa, logo se tornavam alcoviteiros das “fugas” empreendidas por elas.

Sinais de uma educação voltada para a mulher aparecem em 1740, com a publicação do *Verdadeiro método de estudar*, de Luiz Antônio Verney, durante o período Pombalino⁸, iniciativa que não obteve grandes resultados. Debret, em *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1954), menciona certa iniciativa da educação feminina após 1820, sob forte influência da cultura francesa; dá destaque ao fato de senhoras já manterem correspondência e gostarem da leitura. A seleção de livros apropriados à leitura feminina aparece ao mencionar que há uma “seleção agradável de nossas obras morais traduzidas para a língua portuguesa; esses livros, que se tornaram clássicos, interessam pela sua novidade, ornaram o espírito e formam o coração das jovens brasileiras” (DEBRET, 1954, p. 16).

A partir da pesquisa desenvolvida por Alfredo do Vale Cabral, Lajolo e Zilberman relacionam novelas de teor sentimental traduzidas e publicadas pela Imprensa Régia. Os títulos mencionados em muito lembram os romances da Coleção Biblioteca das Moças:

A choupana índia e Paulo e Virginia, ambas de Bernardin de Saint-Pierre, lançados em 1811; *O amor ofendido e vingado*, *A boa mãe*, *O bom marido*, *O castigo da prostituição*, *As duas desafortunadas*, *Infidelidade*, *A má mãe*, *Triste efeito de uma infidelidade*, todas de 1815; *Amante militar*, *O amigo traidor*, *Combate das paixões* e *Recreio doméstico ou ramallete de novelas*, histórias e contos editados em 1816 (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 242).

Juntamente à possibilidade de acesso à leitura utilizando os romances, as autoras mencionam críticas feitas à leitura realizada pelas brasileiras, citando *O Brasil e os brasileiros*, dos missionários metodistas Daniel Kidder e J. C. Fletcher, publicado em 1857:

⁸ O Período Pombalino corresponde aos anos em que o Marques de Pombal exerceu o cargo de primeiro-ministro em Portugal (1750 a 1777), durante o reinado de Dom José I (MACIEL e SHIGUNOV NETO, 2006).

As maneiras e os costumes das damas brasileiras são gentis, e seu porte gracioso. É verdade que não têm uma base de conhecimentos variados para tomar agradável e instrutiva a sua palestra; mas tagarelam insignificâncias de modo sempre agradável, exceto pelo alto tom de sua voz, que eu suponho lhes venha das ordens frequentes que dá aos congos e moçambiques. Suas reservas literárias consistem principalmente em novelas de Balzac, Eugenio Sue, Dumas, pai e filho, George Sand, em intrigas de pacotilhas e folhetins dos jornais. Assim elas se preparam para esposas e mães.

Entre os brasileiros que comentaram a situação da educação da mulher encontra-se José Veríssimo. Em *A educação nacional*, de 1890, o autor aborda o precário ensino de línguas estrangeiras, criticando que não oferece condições para a “leitura das grandes obras, honra do espírito humano, destas línguas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 244). Em 1904, Veríssimo reitera, em um ensaio as críticas à leitura feminina, incluindo dessa vez que, além de não lerem a grande literatura, a grande maioria das mulheres no Brasil nada lê.

Nesse período, Lajolo e Zilberman (2009) apontam duas exceções. A primeira seria a defesa de Machado de Assis publicada no *Jornal das Famílias*, onde ressalta que as publicações vêm “melhorando de dia para dia, a edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. [...] O círculo de seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier”. As autoras fazem ressalvas sobre o fato de o autor ter seus livros publicados pela mesma casa editora, mas, é um indicativo de melhoria na qualidade dos livros.

A outra exceção tem especial interesse para este trabalho, por se tratar da crítica feita por uma mulher sobre a leitura que os homens destinavam às filhas e esposas. Em *Viagem ao Brasil 1865-1866*, um trabalho conjunto de Luiz Agassiz e Elizabeth Cary, é levantada a questão sobre os motivos que levariam à falta de interesse das mulheres pela leitura. A autora, para ilustrar a situação, traz o seguinte relato:

Estávamos um dia numa fazenda, quando avistei um livro em cima de um piano. Um livro é coisa tão rara nos aposentos ocupados pelas famílias que fiquei curiosa em saber qual seria o conteúdo dele. Era um romance, e, ao virar-lhe as páginas, veio o dono da casa e disse em alta voz que aquela não era uma leitura conveniente para mulheres. – ‘Aqui está (entregando-me um pequeno volume), uma excelente obra que comprei para minha mulher e minhas filhas.’ Abri o precioso volume, era uma espécie de tratado de moral, cheio de banalidades sentimentais e de frases feitas em que reinava um tom de condescendência e proteção à pobre inteligência feminina [...]. Após essa mostra do alimento intelectual que lhes ofereciam, não me poderia admirar que a esposa e as filhas do nosso anfitrião demonstrassem um gosto dos mais moderados pela leitura. Nada impressiona tanto o estrangeiro como essa

ausência de livros nas casas brasileiras. Se o pai exerce uma profissão liberal, tem pequena biblioteca de tratados de Medicina ou Direito; mas não se vêem os livros espalhados pela casa como objetos de uso constante, não fazem parte das coisas de necessidade corrente (AGASSIZ; CARY, 2000, p. 437).

A seguir, no mesmo trabalho, os autores fazem a observação de que foram descobertos, “no quarto duma jovem senhora [...] uma biblioteca bem escolhida das melhores obras de história e literatura, em francês e alemão; mas foi o único exemplo encontrado durante a permanência no Brasil”. Além da carência de livros que agradem às mulheres, Agassiz e Cary (2000) observam que mesmo aquelas que têm acesso aos livros e à instrução permanecem tão restritas ao convívio com o mundo exterior que isso torna-se um obstáculo ao seu desenvolvimento intelectual.

Apesar desse panorama pouco favorável ao desenvolvimento da mulher, o período entre meados do século XIX e início do XX contou com mulheres engajadas na defesa do direito à educação e emancipação feminina, dentre as quais Júlia Lopes de Almeida, Nísia Floresta, Luciana de Abreu, Maria Lacerda de Moura e Ercília Nogueira Cobra. Suas reivindicações abordavam questões desde compreensão e tolerância dentro do casamento até as mais radicais, como autonomia da mulher, sustento da família e educação dos filhos. Em 1924, Ercília Nogueira Cobra publica um ensaio sob o título *Virgindade anti-higiênica*, no qual defende a liberdade sexual para mulheres e causa comoção e opiniões diversas.

O aparecimento de mulheres que reivindicam direitos e se posicionam contra o discurso vigente não ocorre sem resistências. À medida que essas práticas avançavam, modos de mantê-las ligadas ao universo da família, da casa, filhos e marido foram reinventados. A noção de que a sociedade precisava de mulheres instruídas e educadas para bem educar passa a ser difundida, porém, é preciso observar que o foco estava centrado nas necessidades do grupo social, e não nas necessidades e aspirações da mulher.

Apesar do desejo de que esse discurso da mulher como principal responsável pela harmonia familiar fosse espelhado em toda a população, havia variações na assimilação desses padrões de comportamentos. Pode-se dizer que foram principalmente as mulheres das camadas abastadas dos grandes centros que se uniram aos seus maridos pelos indissolúveis laços do matrimônio civil e religioso, sob a retaguarda de um marido provedor. No entanto, outras realidades eram facilmente encontradas nas diferentes cidades, regiões e camadas da população. Mulheres trabalhadoras que proviam sozinhas o lar já eram frequentes nas camadas menos favorecidas e outras tantas viviam relações

consensuais sem a presença masculina concreta no lar. Havia a necessidade de cumprir as tarefas domésticas, cuidar dos filhos e exercer atividades para o provimento da família, atividades pesadas e nada condizentes com a fragilidade da natureza feminina pregada por médicos e juristas (MALUF; MOTT, 1997).

Lentamente o acesso à leitura avança, mas chega ao século XX ainda como uma atividade rara no Brasil. Além de rara, no caso das mulheres, permanece uma atividade sujeita ao controle dos homens, que escrevem e prescrevem suas regras. As leituras aconselhadas eram aquelas que oferecem modelos de conduta esperados socialmente, obras de moral e religião que aperfeiçoavam o espírito. A leitura de folhetins e romances era considerada moralmente perigosa: “Enquanto a leitura das belas letras tem por objetivo formar um estilo e ampliar a erudição e as leituras religiosas visam aprimorar o espírito indicando o caminho da virtude, a leitura dos romances parece sem finalidade” (ABREU, 2003). Assim, o romance foi associado por muito tempo a uma leitura frívola, um passatempo para pessoas desocupadas: “Essa aliança com o ócio e o prazer fez com que o romance não tivesse um percurso fácil” (LAJOLO, 2004, p. 30).

Walter Siti (2009, p. 170) menciona dois motivos pelos quais “o romance envergonhava-se de si mesmo”: o primeiro seria provocar nas leitoras devastações psicológicas podendo levá-las à loucura. Quanto ao segundo, o romance é prejudicado pelo grande número de romancistas péssimos e superficiais, tornando-o um gênero desacreditado; um gênero que surgiu sem leis nem regras, sem sequer necessitar de um pouco de técnica tão necessária aos versos. Isso levou à afirmativa de que o romance serve para qualquer um, qualquer um pode escrevê-lo [...]. Requer apenas papel, pena e tinta, depois a capacidade manual de servir-se dele. Além desses pontos, a justificativa de que deve adequar-se à demanda do público acaba por perverter o gosto dos leitores, com uma oferta de qualidade inferior (SITI, 2009, p. 172).

Desde seu surgimento o romance aparece como um gênero literário inconstante. Durante o século XVIII, período em que proliferaram essas narrativas ficcionais, “sequer havia um nome estável para essas produções, que eram chamadas de ‘histórias’, ‘aventuras’, ‘vidas’, ‘contos’, ‘memórias’, ‘novelas’, ‘romances’” (ABREU, 2003, p. 265). O gênero ganha espaço e as definições que recebe passam por “conto fabuloso de sucessos sobre homens para se dar instrução moral”⁹; “narrativa de qualquer história que não tem a verdade por fundamento”¹⁰ e, ainda, “o que definia esse tipo de

⁹ Acepção do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes Silva, 1789 (ABREU, 2003, p. 265).

¹⁰ Definição do verbete fabular na edição de 1813 (ABREU, 2003, p. 266).

produção era seu caráter fingido, fabuloso”¹¹. As definições demonstram o modo pejorativo como era tratado o gênero, associando-o à mentira, ao fingimento e ao extraordinário.

Apesar disso, ou exatamente por esse motivo, o gênero conquistou as preferências do público, especialmente o público feminino. A gradativa aproximação do universo feminino contribuiu para que as mulheres figurassem entre as protagonistas. Contudo, além de agradar o novo público, havia também a preocupação de que suas leitoras fossem da imaginação à ação, de que a leitura dos romances instigasse a desobediência ou transgressão de normas de comportamento tidas como essenciais para a honra das mulheres. Outra preocupação estava relacionada à identificação da leitora com as personagens, afetando suas emoções e sensibilidade, causando uma série de reações físicas provocadas pela leitura.

Essas reações físicas e perigos que o ato da leitura poderia causar à saúde foram abordados no livro *A saúde dos homens de letras*, onde o médico Simon-Andre Tissot explana o quanto o esforço continuado de inteligência de um texto prejudicaria os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago:

Os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder tempo e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação das ideias, elevam a alma para fora dela mesma, e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mais as consequências serão funestas. [...] O cérebro que é, se me permitem a comparação, o teatro da guerra, os nervos que dele retiram sua origem, e o estômago em há muitos nervos bastante sensíveis, são as partes que mais sofrem ordinariamente com o trabalho excessivo do espírito; mas não há quase nenhuma que não se ressinta se a causa continua a agir durante muito tempo (1775, apud ABREU, 2003, p. 268).

A indicação médica sugerida como prevenção a esses perigos físicos tratava-se apenas da diminuição da leitura. Assim os males provocados pelo excesso de leitura poderiam ser curados cultivando o hábito de ler com moderação e fazer exercícios. Já os males provocados à alma eram mais sérios. Além de afetar a pessoa que lia, poderiam causar desagregação familiar, infidelidade, desobediência, e este mal causado à alma era considerado irremediável. Mesmo que os atos condenáveis descritos nos romances não fossem colocados em prática, poderiam despertar sensações físicas pouco recomendáveis, como desejos, volúpia, excitação, ou seja, sentidos não apropriados, que poderiam

¹¹ Definição do verbete fictício na edição de 1813 (ABREU, 2003, p. 266).

distorcer valores pelos quais as pessoas deveriam pautar suas condutas, evitando seus piores impulsos.

O atentado ao gosto e o atentado à moral eram os aspectos mais recorrentes nas críticas ao romance. Na tentativa de contrapor às críticas textos em defesa do romance foram postos em circulação. O esforço empreendido por seus defensores passava por apresentá-lo como parte da tradição. Entre as tantas iniciativas, a distinção entre o romance moderno e o romance antigo ou romanesco foi bem aceita. Esse recurso de comparação tinha uma dupla vantagem: “postulando que o romance teria nascido das entranhas do romanesco, era possível associá-lo a um gênero antigo, de modo a afastá-lo da alcunha de recém-chegado. E a comparação possibilitava defender um aperfeiçoamento do gênero, que havia superado defeitos como inverossimilhança e verbosidade” (ABREU, 2003, p. 293).

Clara Reeve, uma das adeptas dessa defesa, elaborou uma definição para o romance moderno:

Uma narrativa, centrada na vida real, próxima do leitor no tempo e no espaço, que trata de coisas que podem acontecer a qualquer um em sua vida cotidiana, escrita em linguagem comum, elaborada de forma a convencer o leitor de que a história relatada realmente aconteceu e de modo a provocar reações de identificação, fazendo aquele que lê colocar-se no lugar do personagem e com ele sofrer ou se alegrar (REEVE, 1785, p. 111 apud ABREU, 2003, p. 292).

Os fatos anteriormente condenados pelas críticas moralistas de que os leitores, ao tomarem contato com fatos pouco edificantes, seriam influenciados foram retomados por seus defensores de outro modo. Estes consideravam que o relato dos erros do personagem seriam um modo de demonstrar ao leitor que aquele não deve ser um caminho a ser seguido. A receita basicamente passaria pelo relato de uma vida cheia de erros, inadequada à pregação moral, em que, após viver as consequências trazidas por escolhas erradas, o personagem se arrepende e inicia uma nova fase de sua vida, com ações corretas e de acordo com os preceitos morais.

Os riscos oferecidos ao prazer solitário da leitura e uma interpretação equivocada da mesma poderiam ser evitados pelo acompanhamento cuidadoso de pais e professores, de modo que o caráter fantasioso do enredo fosse esclarecido, evitando a identificação com as personagens e, conseqüentemente, com suas ações. Esse acompanhamento garantiria que o romance passasse a ser tratado como uma leitura instrutiva e não apenas uma leitura sem propósito.

Surgia a preocupação igualmente em atender às regras para escrita de um bom romance e agradar ao leitor. Os critérios de avaliação passavam pela aprovação daqueles que autorizavam sua leitura e a capacidade de manter o leitor preso até a última página. “Toda a preocupação do escritor deveria ser agradá-lo, emocioná-lo, não deixá-lo escapar” (ABREU, 2003, p. 301) e, ao mesmo tempo, levá-lo à mudança de comportamento pela leitura através de uma narrativa que oferecesse a aplicação concreta de uma ideia moral e os resultados dessa aplicação. Por isso, o romancista passou a lidar com os desafios que são construídos pelas especificidades estabelecidas ao gênero. Seja para edificar a moral, seja como forma de educação, seja como distração, o romance caiu no gosto do público e foi legitimado.

Com a entrada no século XX frente à construção de um novo estado republicano, o país precisa lidar com a ideia de civilizar por meio da educação, fórmula expandida por todo mundo sob o signo do progresso técnico e científico. No bojo dessas mudanças, a mulher conquista espaços e direitos até então masculinos, ampliando sua atuação além do espaço doméstico. A educação, tanto feminina quanto masculina, passa a ser considerada instrumento indispensável ao progresso do país. A diferença, no entanto, está condicionada aos papéis atribuídos a cada um. Enquanto a educação do homem voltava-se para sua atuação profissional, a educação da mulher permanecia matizada por sua condição biológica, como formadora e companheira bem-educada. A educação da mulher surge mais como uma marca de distinção e de civilidade que de emancipação.

À medida que a presente pesquisa avançou, o movimento de análise dos romances e o fato de ser uma Coleção destinada à leitura de moças tornou necessário considerar uma abordagem a partir da categoria gênero. Joan Scott conceitua gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1995, p. 14). Assim, a autora opõe-se ao determinismo biológico nas relações entre os sexos, defendendo um caráter fundamentalmente social e relacional. Segundo este entendimento, torna-se possível um reexame crítico das noções de classe, raça e gênero desnaturalizando atitudes e comportamentos presentes nos romances atribuídos a este ou àquele sexo.

No Brasil, em meados dos anos de 1920, ocorre um movimento próximo ao ocorrido na Europa com a ascensão do romance e aumento de sua publicação para atender à demanda de seus leitores. Nesse período já é possível considerar uma indústria editorial minimamente organizada no país, igualmente atenta às necessidades do público. Desse

modo, o investimento na produção de uma literatura voltada para públicos específicos é iniciado, tendo como exemplo, a publicação de romances sentimentais com vistas ao público feminino. Divulgados pela Companhia Editora Nacional como leitura apropriada para moças, por trazerem ensinamentos morais e assim contribuírem para sua educação os romances da Coleção Biblioteca das Moças figuram entre esses romances sentimentais.

Rotas escolhidas para narrar a história

A partir da Coleção Biblioteca das Moças, fonte analisada neste trabalho, foi possível vislumbrar práticas de leitura de outrora, modelos de comportamento considerados adequados para uma sociedade que se reinventava, artifícios de quem produz e de quem lê o livro e, ainda, as tantas astúcias possíveis utilizadas em sua apropriação. Representações foram analisadas em busca de uma “leitora pretendida”. Rastros e vestígios foram seguidos em busca de uma “possível leitora” que manifestasse essa prática tão cara e tão efêmera. Ao fim, muitas rotas foram seguidas. Raramente estradas fáceis e pavimentadas foram encontradas, uma vez que, geralmente as opções vinham por trilhas e desvios que levavam a lugar nenhum ou, mais raramente, para atalhos. Fato é que narrar esse percurso de caça é preciso e nesse intento apresentaremos uma “leitora rastreada”.

Como “pensar a prática” é uma prática igual a todas as outras (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 32), a tentativa será de, por meio da prática escriturária, relatar o que foi alcançado das práticas de leitura realizadas pelas “leitoras rastreadas” nos romances da Coleção Biblioteca das Moças, estudantes do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Essa escrita virá matizada pelas “artes de fazer” de quem não ocupava um lugar próprio e pelas *estratégias* daqueles que ocupavam um lugar de poder e acreditavam garantir o que havia de melhor para a formação de um país que ampliava seu mundo letrado. Pelo caminho, homens e mulheres se apresentaram. Diferentes modos e práticas do ato de ler foram evidenciados por leitoras que não se apresentaram, não deixaram nomes e nem mostraram o rosto, deixaram apenas pistas e vestígios que guiaram os quatro de anos de trabalho aqui apresentado. Dessa forma, com a finalidade de reconstruir o percurso da pesquisa, o trabalho foi organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, *A Coleção Biblioteca das Moças*, analisa a Coleção a partir da estratégia editorial da Companhia Editora Nacional. Foram investigadas as representações disseminadas sobre uma “leitora pretendida” e, por conseguinte, a *representação* de mulher presente no período de constituição e publicação da Coleção, final de 1920 até meados de 1930. Ao buscar compreender o lugar de produção da Coleção, aspectos ligados ao meio editorial e redes de sociabilidade do período se fizeram presentes, demonstrando as relações entre os editores, tradutores e homens da educação dentro de uma proposta que divulgava a preocupação em formar e dissimulava a necessidade em manter um público cativo como garantia de êxito para a venda de livros.

No segundo capítulo, *Uma possível “leitora rastreada”*, foi apresentada a operação de rastreamento dessas práticas de leitura, e o desenvolvimento do capítulo demonstra o momento da pesquisa onde a “leitora pretendida” abre espaço à “leitora rastreada”. Mediante as preferências de leitura indicadas pela recorrência de empréstimos de romances, foi possível ampliar a análise utilizando a estratégia dupla sugerida por Darnton (1992) e conciliar análise textual e pesquisa empírica. Para tal, foram analisados os doze livros mais lidos da Coleção pertencente à biblioteca do Instituto e tratados aqui como “romances preferidos”. Esse movimento evidenciou pistas que redirecionaram as rotas da pesquisa apontando os romances como fontes potenciais para a compreensão de permanências e rupturas na formação de identidades femininas.

Os questionamentos que surgiram acerca das operações desenvolvidas pelas “possíveis leitoras” indicando práticas desviantes tanto na apropriação, quanto na produção dos livros da Coleção compõem o terceiro capítulo, *Entre a autora e a leitora: habitar terras alheias*. Pela análise dos “romances preferidos”, ficaram manifestos os estilos distintos e bem definidos de cada autora, demonstrando o potencial em investigar não apenas a produção do livro, mas também a produção de seu texto. Assim, os dois pontos do processo – a autora e a “possível leitora” – ganharam evidência sem perder de vista o entremeio da produção editorial. Esse movimento adensou a discussão sobre os posicionamentos velados presentes na educação das mulheres e implícitos nos romances de autoras que rompiam com o modelo previsível das personagens presentes nos romances considerados sentimentais e através do estabelecimento de “rotas de fuga” criava condições para suas protagonistas escaparem ao padrão esperado sem, contudo, subverter a ordem vigente.

No quarto capítulo, *Dos rastros na materialidade às práticas nas suas diferenças*, são retomados os vestígios levantados a partir da materialidade dos romances

e das memórias relatadas pelas quatro ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes” no intuito de identificar diferentes práticas e especificidades desta comunidade de leitoras, a fim de compreender a produção de novos significados e apropriações que ocorreram à medida que diferentes gerações de “possíveis leitoras” foram incorporadas à pesquisa. A ideia de *deslocamentos* (CHARTIER, 1999, p. 16) contribuiu para a análise de novas práticas e sentidos outros que foram atribuídos à leitura dos romances da Coleção.

Todo o trabalho de levantamento de informações sobre a Coleção Biblioteca das Moças resultou na organização de um catálogo com informações sobre os 176 títulos e, mais detidamente, sobre os 79 exemplares localizados na biblioteca não circulante da atual E.E. “Carlos Gomes”, compondo o quinto capítulo: *Catálogo com descrição dos Romances da Coleção Biblioteca das Moças localizados na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”*.

As considerações finais, A *“literatura de água doce”*: uma cultura ordinária, tecem reflexões acerca das questões suscitadas ao longo da pesquisa e que expressam os resultados de um percurso que precisou lidar com o entrecruzamento de diferentes períodos e particularidades. A abordagem inicialmente dada à investigação de que a Coleção ofereceria uma leitura que atendia à prescrição de normas de comportamento em consonância com o ideário de formação de mulher foi se dissolvendo à medida que os vestígios concretizavam os dados para a análise. Em muitos momentos foi preciso “fazer perguntas oblíquas à realidade” e escapar à cristalização e automatismos sujeitos ao trabalho da pesquisa. Ao fim, fica o intento em contribuir com uma história da leitura que considere as “artes de fazer” daqueles que habitam lugares provisórios.

Capítulo 1 – A Coleção Biblioteca das Moças

“Os melhores romances para moças, escolhidos entre os melhores da Literatura Universal. Livros que falam de esperança. Livros que falam de sofrimento, que falam de alegria. Livros que falam de amor!”¹² Esta era a promessa de qualidade e boa leitura divulgada pela Companhia Editora Nacional sobre a Coleção Biblioteca das Moças. Romances escolhidos por pessoas de renome e traduzidos por pessoas gabaritadas, entre seus tradutores estão Monteiro Lobato, Jorge Amado, Manuel Bandeira, nomes que conquistaram amplo espaço na literatura nacional com produções próprias. A divulgação além do público que pretendia atingir também almejava estabelecer os romances da Coleção entre as leituras puras e sãs, e assim aprovadas pela igreja e pelas famílias.

Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995) ao tratarem os discursos da escola sobre a leitura afirmam que estes são influenciados por outros discursos. Enquanto a igreja e os profissionais da leitura mantêm uma relativa autonomia aos demais, garantida pelo caráter específico e pela autoridade que possuem, os discursos da escola sobre a

¹² O anúncio foi veiculado na revista *O Jornal das Moças* em 3 de outubro de 1935. Esse periódico abordava assuntos de interesse feminino e foi publicado no Rio de Janeiro entre as décadas de 1910 e 1960. Tinha distribuição nas capitais de todo o país e algumas cidades do interior. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>.

leitura são permeados por outros discursos e geralmente, os transforma em prescrições. Por conseguinte, a aprovação da leitura dos romances da Coleção Biblioteca das Moças pela igreja e pela família permeava a escolha e autorização de sua leitura dentro do âmbito escolar.

A divulgação dessa Coleção em periódicos direcionados ao público feminino, como aquele em que consta o anúncio mencionado acima, demonstra o intento em apresentá-la como uma literatura que primava pela condução dos valores e padrões de comportamento de seus leitores, mais precisamente leitoras. Composta por traduções do francês, inglês e alemão, a

Coleção era composta por romances geralmente ambientados em lugares requintados, com enredo e estrutura bem-definida. A trama girava, via de regra, em torno de um jovem rapaz e uma moça esperançosos em encontrar um grande amor. Após os conflitos e adversidades vividos, finalizava com a união feliz. O acesso a essa Coleção e seu consumo podem ser compreendidos como um modo de importar o modelo aristocrático para a educação feminina e, assim, constituir culturalmente uma imagem da mulher burguesa (CUNHA, 1999).

JORNAL DAS MOÇAS 3-10-1935

Nova fase da **BIBLIOTHECA** das MOÇAS

Os melhores romances para moças, escolhidos entre os melhores da Literatura Universal. Livros que falam de esperança. Livros que falam de sofrimento, que falam de alegria. Livros que falam de amor!

Volumes que acabam de ser publicados:

ELINDR GLYN: O GRANDE MOMENTO POR QUE?	CECIL ADAIR: FRANCESCA
FLORENCE L. BARCLAY: UM NOBRE AMOR	CONCORDIA MERREL: O CASAMENTO DE ANNA
CHARLOTTE M. BRAME: LOUCO AMOR	GUY FOWLER: O AMOR NUNCA MORRE
LOUISA MAY ALZOTT: BOAS ESPOSAS	GUY WIRTH: NINA ROSA

Senhora!

Quando escolher um livro, considere sempre o nome do editor! Só publicam bons livros os editores que têm um nome a zelar. Assim, a Companhia Editora Nacional, só manda traduzir pelos maiores escritores brasileiros, os bons livros que edita.

Companhia Editora Nacional
São Paulo
R. de Janeiro
Recife

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Broch. 4\$
Encad. 7\$

Imagem 4 – Divulgação da Coleção no *Jornal das Moças* (03/10/1935)

A coleção como uma estratégia editorial

Apesar de contar com livros escritos em décadas anteriores, como *Vendida!*, da autora alemã Wilhelmine Heimbürg, escrito em 1869; *Três semanas de amor*, de Elinor Glyn, produzido em 1907, ou *O rosário*, da escritora Florence L. Barclay, de 1909, a Coleção atingiu grande sucesso de venda no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950. Como já mencionado, manteve publicação de exemplares até 1960 e, após um intervalo sem reedições – por solicitação de antigas leitoras –, teve alguns títulos publicados na

década de 1980. Esse movimento demonstra que os livros dessa Coleção foram lidos por gerações de mulheres e, de certo modo, podem ter contribuído para sua formação a partir do imaginário que despertavam com seus exemplos de amores impossíveis, superações, perdas e finais felizes. Ao retratar cenários, descrever personagens em experiências diárias numa narrativa cronológica com estilo biográfico, agrada e cultiva seu público, tornando-se fonte privilegiada para destacar normas, condutas e valores passíveis de educar e seduzir (CUNHA, 1999).

Mesmo as publicações de romances dentro da proposta de “Biblioteca das Moças” ter iniciado em 1926, o período de maior crescimento da Coleção ocorre entre as décadas de 1930 e 1950, momento em que a Companhia Editora Nacional atingiu publicações na casa dos milhões. Maria Rita Toledo (2001) aborda a publicação de coleções como uma estratégia editorial utilizada no Brasil a partir da década de 1930. A autora considera que, através da ordenação de leitores e leituras, montagem de coleções e mudanças de formatos dos livros, a indústria editorial inventa o público e enquadra textos e leitores às suas prescrições, tomando para si o direito de saber o gosto e as necessidades do público. Outros fatores, como o preço do livro, a recomendação e aprovação por autoridades expressivas, assim como a ampla divulgação das editoras e livrarias, também são considerados fatores determinantes desta estratégia.

Ao reunir em coleções textos aparentemente ingênuos, possivelmente a Companhia Editora Nacional contribuiu para a disseminação de uma educação voltada para a mulher (CUNHA, 1999). Conforme sugere Cunha sobre os romances de M. Delly – num total de 30 dos 176 que compõem a coleção –, esses romances poderiam ser considerados uma via de circulação das normas de conduta à medida que estimulassem em suas leitoras comportamentos inspirados nas virtudes apresentadas por seus personagens. O caráter moralizante apresentado conduzia o público a crer na possibilidade de extrair serventia ou alguma lição útil da obra. De uma maneira geral, a ficção valorizava as relações humanas que eram prescritas pelas regras de boa conduta e das virtudes, com o objetivo de promover uma espécie de formação moral de seu público leitor.

No intuito de aproximação da dinâmica editorial presente no país nas décadas em que a Coleção foi idealizada foram analisados os dois tomos de *A barca de Gleyre*¹³,

¹³ Ao final de quatro décadas (1903 a 1948) de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, as cartas foram organizadas por Lobato e publicadas pela Companhia Editora Nacional em dois tomos, intitulados *A barca de Gleyre*.

coletânea de cartas que deixaram o foro íntimo e possibilitaram um modo de apreender como Lobato percebia o mercado editorial no qual teve vasta atuação. Nas correspondências, Lobato tece críticas e observações sobre obras, autores, fatos políticos, entre outros assuntos, num tom de aconselhamento e desabafo ao amigo Godofredo Rangel.

Por meio das considerações feitas por eles acerca do cenário editorial no país, foi possível identificar *estratégias* utilizadas tanto na produção quanto na distribuição e consumo de livros, levando à adesão de livreiros, autores e comerciantes para a constituição do que denominava “projeto de renovação editorial no país”. Os traços encontrados nessas correspondências não devem, no entanto, ser compreendidos como reflexo daquilo que era vivido socialmente por Lobato e seus contemporâneos, mas como um dos modos possíveis de se compor uma narrativa a partir das preocupações do advogado, fazendeiro, autor e, principalmente para este trabalho, do Lobato editor.

São recorrentes, nas primeiras correspondências, preocupações voltadas para o oferecimento de uma boa leitura e que contribuísse para o desenvolvimento cultural da população. Em uma carta de 1916, Lobato já menciona o desejo que acalenta de investir em publicações que atendessem o que considerava ser uma leitura necessária:

As fábulas em português que conheço em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento dará coisa preciosa. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta”. [...] ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. [...] estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos que refazer tudo isso – abrasileirar a linguagem (LOBATO, 1955, p. 104).

Se esta era uma preocupação que considerava leituras para a infância, possivelmente a tradução de romances também foi uma aposta para cobrir falta similar existente na literatura para jovens moças. Um bom exemplo de livro com ensinamentos morais e religiosos que compõe a Coleção Biblioteca das Moças é o livro *Pollyana*, escrito pela autora Eleanor H. Porter e traduzido pelo próprio Lobato. Esse foi o romance

com maior número de empréstimos entre os exemplares levantados na Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes”.

Ao narrar as desventuras de *Pollyana*, menina órfã de 11 anos, tendo como parente apenas uma tia distante que a acolheu após a morte de seus pais, o romance apresenta-se carregado de ensinamentos morais e máximas voltadas para a boa convivência. Por ser uma otimista incurável, *Pollyana* não aceita desculpas para a infelicidade e empenha-se em ensinar as pessoas um modo para superar a tristeza através do seu “jogo do contente”. Filha de um missionário muito pobre, a menina aprende esse jogo com seu pai. O jogo surgiu com a entrega de donativos à família. *Pollyana* esperava ganhar uma boneca, mas ganhou um par de muletas. Seu pai, para diminuir sua decepção, argumenta que ela deveria ficar contente pelo fato de não precisar usar as muletas. Assim, ela tinha motivos para ficar feliz e não triste pela falta da boneca. Desde então, a menina busca sempre o lado bom das coisas e repassa esse ensinamento para todas as pessoas com quem convive, melhorando a vida de todos a sua volta, com alegria e otimismo.

Considerando as inquietações escritas em carta por Monteiro Lobato sobre a literatura nacional, esse livro atende a sua preocupação em investir numa literatura que contribuísse para o aperfeiçoamento da formação ética e moral de seus leitores. Já em outra correspondência, trocada em 20 de abril de 1919, Lobato demonstra a preocupação com um público estabelecido, com a qualidade do que oferece a esse público e principalmente em como agradá-lo. Nas considerações sobre um conto escrito por Rangel para ser publicado na *Revista do Brasil*¹⁴, Lobato deixa clara essa preocupação:

Recebi sua carta e Clamores Vãos. Irra! ... será verdade todo aquele furor uterino? Mas, Rangel, onde ficam as minhas leitoras puritanas? Onde fica a honesta pruderie (sic) da *Revista do Brasil*, essa vestal? Se te publico, o Noé de Matos decai, decaio e decai a revista no conceito de 3 mil assinantes envergonhadíssimos – gente que só faz as coisas atrás da porta. E este meu rebanho é precioso. Tenho de evitar estouros de boiada. Mande-me coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus (LOBATO, 1955, p. 193).

Mediante a justificativa de que o gosto moral do público deve ser respeitado, Monteiro Lobato confirma o quanto está atento à viabilidade comercial da produção e circulação dos livros e revistas de seu empreendimento editorial. Ocupando, portanto, o lugar de mediador entre o autor e o leitor, determina o que deve ou não ser publicado. Dessa forma, o conhecimento do público, o estabelecimento de *estratégias* para atendê-

¹⁴ A *Revista do Brasil* foi lançada no mês de janeiro de 1916, com direção de Luís Pereira Barreto, Júlio Mesquita e Alfredo Pujol, e com Plínio Barreto como redator-chefe. Foi comprada por Monteiro Lobato em 1918 e teve sua última publicação em maio de 1925.

lo e meios que garantam que o mercado editorial tenha êxito estão presentes desde a fundação da Companhia Editora Nacional.

As questões sobre produções autorais também ocupam as correspondências trocadas regularmente, como esta enviada em 15 de novembro de 1904:

Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Ésquilo. Ser um Eça II ou um Ésquilo III, ou um sub-Eça, um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir. O trabalho é todo subterrâneo, inconsciente; mas a vontade há que marcar sempre um norte, como a agulha imantada (LOBATO, 1955, p. 298-299).

A preocupação nessa carta volta-se para a necessidade de uma literatura que atendesse às necessidades do leitor brasileiro, a partir de questões que considerava relevantes para a constituição de uma coesão social e identidade nacional. Atento às necessidades do público e carência do mercado editorial no país, percebe a necessidade de publicar para o público infantil e utiliza o papel da escola e do estado na difusão dessa literatura. Inicia distribuindo livros gratuitamente às escolas paulistas, ação que não deve ser considerada meramente filantrópica; na verdade, o principal objetivo era divulgação das obras. A estratégia utilizada funciona e o governador Washington Luís em visita às escolas, percebe o quanto as crianças apreciam sua leitura e solicita que sejam comprados 30 mil exemplares para distribuição em escolas. Assim, Monteiro Lobato amplia sua produção editorial, conquista novos leitores através pela recomendação de leituras nas escolas e consolida seu lugar dentro mercado de livros no país.

A preocupação com a qualidade da literatura oferecida aos leitores da Companhia Editora Nacional não interfere no tratamento de mercadoria que Lobato dá ao livro. Além de “fazer seu público”, preocupa-se em garantir que os livros sejam acessíveis ao consumo desse público, para isso colocando-os à venda em qualquer ponto comercial. Para conseguir adeptos, enviava cartas aos proprietários de estabelecimentos comerciais com a seguinte proposta:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V. S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa (CAVALHEIRO, 1962).

Desse modo, foi conquistando e ampliando o número de pessoas envolvidas em sua cadeia de produção e comercialização. A atuação de Monteiro Lobato no mercado editorial inicia com a *Revista do Brasil*. Seu comportamento inventivo fez com que prosperasse, possibilitando a fundação da Editora Monteiro Lobato & Cia. Contudo, sua arrojada política de expansão exige a ampliação do parque gráfico, gerando dívidas que levaram à falência da Editora em 1925. Surge, assim, a Companhia Editora Nacional, servindo-se dos fundos editoriais da editora anterior. Com as *estratégias* editoriais testadas anteriormente, a Companhia Editora Nacional reconquista espaço no meio editorial, conforme os comentários feitos pelo editor em 7 de fevereiro de 1927:

A nossa nova empresa editora vai com todos os ventos favoráveis [...] Queres ver como entre nós vão as coisas evoluindo e como já está ficando yankee a nossa técnica editorial? Anos atrás, na velha companhia, quando tirávamos de uma obra 3.000, todo mundo achava que era arrojo. Pois, hoje começamos com 10.000; se a obra tem qualidades excepcionais. [...] E soltamos uma avalanche de papel sobre o público como se fosse droga de farmácia, um Biotônico. Anúncios, circulares, cartazes, o diabo. O público tonteia, sente-se asfixiado e engole tudo. [...] Editar é fazer psicologia comercial” (LOBATO, 1955, p. 298).

Dentro da lógica de uma “psicologia comercial”, a editora divide sua produção em duas fatias do mercado: livros escolares e de literatura. Utilizando dessas duas fatias, passa a diversificar seu fundo com obras voltadas para: higiene, saúde, área jurídica, divulgação científica, entre outras. Em 1931 a Companhia Editora Nacional inicia o esforço de organizar os títulos que possui em coleções e séries. Desse modo, o acervo editorial é classificado e organizado em função das áreas às quais estava destinado. Em 1939, a editora já conta com o fundo de edições praticamente inteiro organizado em coleções (TOLEDO, 2001).

Cada coleção é definida pelo público que deseja atingir, estratégia que pretende ordenar o espaço de leitura conforme demonstrado no Catálogo de 1939 da Companhia Editora Nacional:

Biblioteca para Moças: “a mais criteriosa coleção para moças, publicada em nossa língua”; [...] Biblioteca do Espírito Moderno: “visa coordenar para o público leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela aceitação pública, aquelas que mais diretamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da espécie [...]”; Coleção Terramarear: “não basta aprender a ler. É preciso que o menino leia! Mas ler que livros? Ler os livros da coleção Terramarear, livros especialmente feitos para os meninos, para a juventude em geral. [...]” (Catálogo de 1939 apud TOLEDO, 2001).

Os livros do fundo da editora foram organizados em 20 coleções diferentes¹⁵. Maria Rita Toledo (2001) demonstra que cada coleção corresponde a um tipo de leitor, recebe um diretor especializado no assunto e é acompanhada pelo editor-geral. Dentro dessa organização, esse editor acompanha atentamente os movimentos do mercado, seleciona manuscritos adequados e percebe, pelo conhecimento das práticas culturais, as possibilidades de expansão do livro dentro do mercado. A relação entre a projeção do nome do autor, tradutor ou editor e o crescimento das vendas de livros foi percebida por Lobato logo no início de sua atuação no mercado editorial. Em carta escrita a Godofredo Rangel em 18 de julho de 1918, comenta a estratégia utilizada para a divulgação de sua Editora: “A mim favoreceu muito a campanha pró-saneamento que fiz pelo Estado. Popularizou muito a marca ‘Monteiro Lobato’” (LOBATO, 1955).

Ao analisar a *Bibliothèque Bleue*, na França do século XIX, Chartier (2004) atribui o sucesso desses livros aos recursos editoriais utilizados, que reúnem textos análogos, mas de conteúdo diferente. Pranchas de origens diversas com caracteres já gastos são reutilizadas e a impressão é feita em papel mediano. Nesse processo inventam um novo tipo de impresso, em um momento em que aumenta o público leitor e a complexidade do público livreiro, resultando em uma padronização de aspectos relacionados à capa, contracapa e lombada, tornando o editor uma instância fundamental na produção do livro e colocando-o entre o livro e o leitor. Dessa forma, cabe ao editor a escolha do texto que deve se adequar ao público leitor pretendido. Na busca pelo texto certo para o leitor almejado surge a coleção, que foca grupos de leitores como: mulheres, crianças, professores, entre outros.

A identificação das preferências do leitor nesse período pode ser verificada através de “O que se lê em São Paulo”, realizado pelo *O Estado de S. Paulo*, mediante através do levantamento junto às grandes livrarias da cidade perguntando sobre o gosto dos leitores. A resposta mostra certa contrariedade ao ser mencionado que, mesmo com um lento deslocamento em direção à produção nacional, o público permanece interessado

¹⁵ As coleções são: Coleção Para Todos; Série Negra; Biblioteca para Moças; Coleção Terramarear; Literatura Infantil (Biblioteca Pedagógica Brasileira); Livros Didáticos (BPB); Livros Didáticos (Coleção Don Bosco); Atualidades Pedagógicas (BPB); Iniciação Científica (BPB); Brasiliana (BPB); Biblioteca de Estudos Comerciais e Econômicos; Biblioteca de Cultura Jurídica e Social; Biblioteca do Espírito Moderno; Biblioteca Médica Brasileira; Coleção Cristiana; Coleção Viagens; Coleção “Os mais belos poemas de amor”; Coleção “Os grandes livros brasileiros”; Coleção “Livros do Brasil”; Romances do Povo. As obras fora de coleções são classificadas em: Contos e Crônicas de nossa História; Literatura – Biografia – Filologia – Crônicas – Ensaios de História e de Crítica; Regionalismo e Humorismo; obras diversas (Catálogo de 1939 apud TOLEDO, 2001).

em literatura estrangeira. “O que constatamos pesarosamente, em nosso inquérito, é que, na mesma pauta e na mesma marcha, flanco a flanco com a literatura nacional, figura a francesa” (ESTADINHO, 3/7/1920 apud TOLEDO, 2001).

Nesse Inquérito aparece um dado que muito interessa à pesquisa. Jacintho Silva, responsável pela Casa Editora “O Livro”, observa o aumento do número de moças escolhendo e comprando os próprios livros, porém, as moças demonstram gosto particular pela Coleção *Litterature pour Jeune Fille*, tanto que lhe atribuíram um nome especial: as próprias compradoras a chamam de “literatura de água doce”. Possivelmente o movimento de leitoras e a constatação de sua preferência alertou as editoras para esse novo público. Se nesse período se iniciava a lançar mão de *estratégias editoriais*, durante a década de 1930 isso se intensifica. A informação que aparece no Inquérito, de que ao frequentarem livrarias as moças não buscavam por um autor ou título, mas perguntavam pelos livros publicados em coleções será uma prática explorada pela Companhia Editora Nacional em seus catálogos:

Tire a venda dos olhos ao entrar numa livraria. Não peça ao seu livreiro um livro qualquer. Se gosta de um romance de amor, exija sempre os da Biblioteca das Moças, editados pela Companhia Editora Nacional (Catálogo da Biblioteca das Moças, 1933).

Tanto o sucesso das traduções de romances quanto as *estratégias* das quais as editoras laçavam mão para atingir os leitores aparecem nas observações de Lourenço Filho acerca das recomendações de leitura e modos de convencimento do público para o consumo dessas traduções. “Delly passou a ser um dos autores mais lidos no meio normalista, graças à inteligente propaganda de uma das boas livrarias de São Paulo, que endereçou a cada estudante uma circular redigida de modo persuasivo, com o título das obras, resumo e preço” (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 36).

A observação feita por Lourenço Filho teve como base o Inquérito sobre “O que os moços leem”, promovido e analisado por ele, publicado na *Revista Educação*, em 1927¹⁶. Participaram desse inquérito moços e moças com idade entre 17 e 19 anos, estudantes de escolas normais e de um liceu da capital. Lourenço Filho considera que, além da ausência de um plano de intervenção do Estado no mercado editorial, aspectos econômicos e razões sociais explicam a preferência por determinadas obras, indicando o preço do livro como um destes aspectos. Desse modo justifica:

[...] o fato de Alencar ter tido sempre, em todas as listas, a primazia da colocação não se deve ao fato de ser um grande romancista nacional,

¹⁶ Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>.

autor de muitas obras, autor moral e ainda perfeitamente de nosso tempo: investiguei esta questão e verifiquei que Alencar é o nosso autor mais ao alcance de todas as bolsas. Há dele horríveis edições mutiladas, de que os exemplares custam dez tostões (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 36).

Ainda acrescenta que as leituras realizadas pelas moças da Escola Normal são questionáveis por estarem em uma “fase de interesses sentimentais, em que a leitura novelesca é uma necessidade psicológica, de organização e de catarse” (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 33). O que era questionado por Lourenço Filho passou a ser amplamente explorado pelas editoras nas décadas seguintes, inclusive a Companhia Editora Nacional ao idealizar suas coleções, entre elas, a Coleção Biblioteca da Moças oferecendo a tão procurada “literatura de água doce”.

Em termos de produção, as coleções partiam de um fundo existente e recebiam novas aquisições, assim trabalhando sempre dentro da lógica de lançamento de novos títulos e reimpressões. Por meio dos contratos e fichas de movimento editorial, Lang (2008, p. 17) verifica que, do total de 175¹⁷ romances publicados, 40% são traduções do francês, 38% do inglês britânico, 20% do inglês norte-americano e 2% do alemão. Ainda segundo a autora, a escolha era feita a partir de catálogos e propagandas de lançamentos de editoras estrangeiras ou compra dos direitos de tradução e publicação de outras editoras brasileiras. Entre os contratos, cita um de compra da Livraria Castilho, do Rio de Janeiro, datado de 8 de maio de 1929, a livraria havia adquirido os direitos da editora francesa Librarie Plon-Nourrit, em julho de 1921. Lang (2008, p. 19) apresenta correspondências que se encontram no acervo da Companhia Editora Nacional com propostas de compra a editoras francesas, inglesas e norte-americanas, dentre as quais a editora francesa Gautier-Languereau e a inglesa A. P. Watt & Son.

Pelos dados levantados no *site* da Companhia Editora Nacional, a Coleção contou com onze publicações entre 1926 e 1929: *Nina Rosa*, de Guy Wirta; *A noiva*, de Guy Chantepleure; *O rosário*, *As irmãs brancas*, *A castelã de Shenstone*, *Amor pelo telefone* e *Enquanto é tempo de amar*, de Florence L. Barclay; *Magali* e *Freirinha*, de M. Delly; *As solteironas dos chapéus verdes*, de Germaine Acremant; *Perto dele*, de Dyvonne. Nos dados levantados por Cíntia da Silva Lang no acervo da editora outros autores tiveram suas obras publicadas nesse período, sendo eles: Flora Klikman, Henri

¹⁷ A autora trabalha com um total de 175 romances na Coleção. A informação confere com o levantamento feito pelo *site* da editora (<http://www.ednacional-acervo.com.br>). Visto que não havia informações disponíveis sobre o volume 50, neste trabalho optou-se por citá-lo como não identificado, mantendo um total de 176 romances.

Bordeaux, Henri Gréville e Mário Sette. Possivelmente esses romances deixaram de integrar a coleção nos anos seguintes. A análise do ritmo e dinâmica da produção da Coleção possibilitou serem estabelecidos três períodos distintos, que Lang (2008) denominou fases.

A primeira fase seria formada por dois momentos, o primeiro, de 1926 a 1933, conta com 11 romances e coincide com a organização do fundo da editora em coleções. Passa a ser denominada Antiga Coleção Biblioteca das Moças. Foram encontradas, inclusive, propagandas fazendo referência aos títulos ainda disponíveis em estoque. Nessa mesma fase iniciam as edições com a denominação de Nova Coleção Biblioteca das Moças. Entre 1933 e 1935, a década de 1930 aparece como aquela que mais editou títulos novos e demonstra ter sido o período em que houve maior investimento em divulgação por meio de catálogos e periódicos voltados para o público feminino. De acordo com o levantamento do ano das primeiras edições, essa década teve 83 novos títulos, seguida pela década de 1940, com 43, e a década 1950, com aproximadamente 32 novos romances publicados. Apenas 3 foram publicados pela primeira vez no ano de 1960, indicando o término dessa fase da Coleção. Não foram localizadas as datas de primeira edição de 4 romances.

Na segunda fase não fica estabelecida claramente a data de início. Lang (2008) menciona que, entre 1933 e 1951, é mantido um padrão de capa em todos os romances, mas marca como segunda fase o período entre 1949 e 1960. Para este trabalho, a referência que faz à renovação de capas com alusão ao cinema hollywoodiano, a partir de 1954, é relevante, por serem as capas dos exemplares localizados no Instituto de Educação “Carlos Gomes”.

A terceira fase é estabelecida a partir do período em que a Editora atende à solicitação de antigas leitoras para reeditarem sucessos da Coleção. É feita, assim, uma seleção de 42 romances, que foram reeditados entre 1983 e 1987.

Esse movimento demonstra que a Coleção passava por readequações e a escolha dos títulos estava ligada à demanda apresentada ao longo das décadas em que foi editada. Então, são mantidos títulos com grande procura, como os romances de M. Delly, *Escrava... ou rainha*, *Entre duas almas* e *Freirinha*, que alcançaram de 15 a 20 reedições. Para atrair novos leitores e manter os antigos leitores atentos aos lançamentos são oferecidos novos títulos e, assim, a Coleção se mantém por cinco décadas conquistando novos leitores, certamente leitoras.

É possível considerar que, mesmo depois da saída de Monteiro Lobato, a Companhia Editora Nacional continua operando dentro da lógica que ele ajudou a construir. Desse modo, a Coleção Biblioteca das Moças participa de um conjunto de obras que passa por uma organização de forma e conteúdo e traz consigo marcas de seu lugar de produção, provenientes de uma estratégia editorial com vistas a fidelizar públicos específicos, obter lucro e manter a Editora como uma das principais dentro do mercado editorial, garantindo a projeção de seu grupo de interesse e dos seus projetos.

Representação de uma “leitora pretendida”

O romance pode ser considerado um gênero que foi pouco a pouco conquistando escritores, críticos, leitores e, dessa maneira, ganhou espaço em tipografias, editoras e livrarias (ABREU, 2005). Apesar desta conquista e de configurar entre os gêneros que possuem clássicos da literatura, parte das obras do gênero é considerada literatura de entretenimento ou literatura de massa. De algum modo, os romances também podem ser associados a repertórios literários marginais, especialmente se sua produção estiver estreitamente relacionada à finalidade comercial. Então, mesmo com todo o discurso voltado para a qualidade das obras, o rigor de suas traduções e o intuito de investir na boa formação das moças de família, cabe retomar que esses mesmos romances ainda apresentavam uma versão com encadernação simples, páginas em papel jornal e capa sem verniz, configurando um suporte de baixo custo “ao alcance de todas as bolsas” e custando “dez tostões”. De tal modo que, além da preocupação com a boa leitura para moças, a Companhia Editora Nacional também precisava vender seu produto.

Ao idealizar uma Coleção voltada para o público feminino, especificamente moças, os editores projetavam igualmente suas leitoras. Considerando que no período entre as décadas de 1920 e 1940 houve um grande investimento na compra dos direitos de tradução dos romances, é possível ponderar que havia a preocupação por parte dos editores em atender aos gostos de leitura das “moças” nesse período. Assim, a análise desses impressos através de suas diferentes ordens (CHARTIER, 1991) possibilita a aproximação da representação de leitora que pretendiam alcançar com a publicação desses romances. Mediante essas lutas de *representação* em torno da figura feminina, seria possível aproximar dos “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor,

JORNAL DAS MOÇAS 20-8-1936

A nova BIBLIOTHECA DAS MOÇAS

A mais criteriosa collecção de romances para moças, publicada em nossa lingua, apresenta as suas mais recentes publicações.

LOUISA MAY ALCOTT : 1 — *Boas Esposas*. Trad. de Genolino Amado.
 CHARLOTTE M. BRAME : 2 — *Luco Amor*. Trad. revista por Luiz Amaral.
 CECIL ADAIR : 3 — *Franческа*. Trad. de Godofredo Rangel.
 GUY WIRTA : 4 — *Mina Rosa*. Trad. revista por Luiz Amaral.
 GUY FOWLER : 5 — *O amor nunca morre*. Trad. de Azevedo Amaral.
 FLORENCE L. BARCLAY : 6 — *Um nobre amor*. Trad. de Luiz Amaral.
 ELINOR GLYN : 7 — *O grande momento*. Trad. de Ruth A. de Mello.
 CONCORDIA MERREL : 8 — *O casamento de Anna*. Trad. de Azevedo Amaral.
 W. HEIMBURG : 9 — *Vendida!* Trad. revista por Godofredo Rangel.
 CONCORDIA MERREL : 10 — *Casamento de experiencia*. Trad. de Oliveira Ribeiro Netto.
 GUY DE CHANTEPLEURE : 11 — *Noiva*. 12 — *Beijo ao luar*.
 MARIE BELLOC LOWNDEN : 13 — *Paixão e sangue*. Trad. de Azevedo Amaral.
 HENRI ARDEL : 14 — *Filha e Rival*. Trad. revista por Godofredo Rangel.
 MARION FORRESTER : 15 — *Primeiro amor*. Trad. de Oliveira Ribeiro Netto.
 ELINOR GLYN : 16 — *Seis dias de amor*.
 DYVONNE : 17 — *O rapto de Julette*. Trad. de Sara Pinto de Almeida.
 T. TRILBY : 18 — *Uma moça de baixo*.
 EMMA SOUTHWORT : 21 — *A sogra*. Trad. de Oliveira Ribeiro Netto.
 M. DELLY : 22 — *Etrida*.
 ACTON DAVIES : 23 — *O Perfumo do Passado*. Trad. de Flavio de Campos.

4\$ broch. 7\$ encad.

Edições da **Companhia Editora Nacional**



Imagem 5 – Divulgação da Coleção no *Jornal das Moças* (20/08/1936)

a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1991, p. 17) e, então, quem sabe, esboçar o perfil dessa possível leitora.

As representações sobre a mulher são construídas a partir de um discurso social que visa atender e se adequar às necessidades de um grupo em um momento histórico específico. A atualização desse discurso desempenha importante papel na construção de sua subjetividade. Em decorrência da naturalização desse discurso, uma série de características consideradas femininas, como

fragilidade, intuição, sensibilidade, versatilidade, entre outras, foram estabelecidas como intrínsecas à mulher. Ao integrarem um todo mais amplo, essas características adquiriram um caráter imutável e passaram a integrar o que seria a essência feminina. Grande parte das protagonistas mostradas nos romances da Coleção apresentam qualidades “tipicamente femininas”, atributos desejáveis em uma moça de boa família, filha, futura mãe e esposa.

As primeiras décadas do século XX não foram as mais tranquilas; transformações no modo de ver e ser no mundo transformavam hábitos e práticas. Entre essas transformações, a evolução do modelo matrimonial atingiu diretamente a constituição da identidade feminina. Anteriormente negociada e pautada em interesses econômicos, a escolha entre os futuros cônjuges baseada no afeto passou a ser considerada já em décadas anteriores. As moças foram conquistando o direito de assumir a preferência por algum pretendente e negociar o consentimento da família para oficializar o namoro. Assim, as histórias de amor contadas nos romances alimentavam a imaginação e faziam moças casadoiras sonharem viver o próprio romance rompendo com a reprodução de casamentos arranjados entre as famílias, mudança que integrava um conjunto de transformações de longa data, entre elas, a invenção de uma etapa anterior ao noivado e ao casamento até então desconhecida, o namoro.

Dessa forma, o namoro passa a ser considerado uma etapa preparatória para os futuros cônjuges antes do compromisso acordado com a família. Thales de Azevedo em seu livro *As regras do namoro à antiga* (1986), o considera uma prática dinâmica em constante mudança e condicionado à organização social, separação dos sexos na escola, nas relações interpessoais, nas ocupações e por normas e regras transmitidas como elementos da herança cultural e social. Azevedo (1986) sugere que o namoro tenha começado a se firmar no Brasil na época da transmigração da Corte Portuguesa, após a abertura dos portos, em 1808. A comunicação com o exterior por intermédio da tripulação dos navios de outras nações e a ida dos filhos de famílias abastardas para as universidades europeias possibilitou essa interação cultural, introduzindo na sociedade brasileira modos de vida burgueses mesmo antes da industrialização. Esses novos modos estabeleceram diferenciações de acordo com níveis econômicos e culturais. Assim, apresentar requintes e imitar o estilo de vida europeu era sinal de distinção. Uma das formas encontradas para inculcar esses novos modos foi a leitura da literatura europeia, especialmente romances que traziam em riqueza de detalhes as boas maneiras e estilos a serem seguidos.

O recurso da leitura também era utilizado para atender aos anseios das moças e dos rapazes na idade em que começavam a interessar-se pelo sexo oposto. Para responder às curiosidades e impulsos românticos sobre o relacionamento e o outro sexo, as famílias indicavam a leitura, obviamente, livros recomendáveis que abordassem o assunto de forma correta, pautada em valores religiosos e morais. Os romances da Coleção Biblioteca das Moças podem ser considerados sucessores desse meio de educar através da leitura. Afinal, de acordo com a divulgação da Companhia Editora Nacional, além de uma leitura pura e sã, era “a mais criteriosa coleção de romances para moças, publicada em nossa língua” (JORNAL DAS MOÇAS, 20/8/1936).

Fio condutor dos romances da Coleção, o amor, e seus desdobramentos apresenta o namoro, através de um jogo entre os papéis desempenhados pelo casal. Com poucas diferenciações entre a sociedade brasileira rural ou citadina, Azevedo apresenta uma síntese do namoro e noivado nos ensaios publicados em 1966 e 1970, onde trata das “regras do namoro à antiga” (1986, p. 6):

Uma das mudanças mais sensíveis no funcionamento da família é a que se verifica na escolha de cônjuges. No passado a primeira fase desse processo, o namoro, era secreto mas desenrolava-se de algum modo no lar: a moça conversava na porta ou no portão do jardim. Esses encontros, que duravam meses e podiam estender-se por anos até que o candidato tivesse condições econômicas para pedir a mão da sua escolhida, realizavam às escondidas da família, particularmente do pai

e dos irmãos mais velhos, com a cumplicidade de empregadas domésticas, de uma parenta, a certa altura com a convivência materna. O pai não devia saber, nem mostrava sabê-lo quando descobria um caso; a esta altura podia fazer valer a sua autoridade, diretamente ou por intermédio da esposa, forçar o encerramento do namoro se considerava que este era, por qualquer motivo, inconveniente. Os irmãos rapazes consideravam-se obrigados a defender as irmãs contra namorados mal-intencionados ou que assim fossem julgados; podiam e era de se esperar que intimidassem ou mesmo atacassem fisicamente àqueles. Não se falava em namoro e um namorado não era admitido em casa dos pais da moça; ao menos isto não era frequente antes que pelo menos, houvesse entre os pretendentes sinais de um compromisso merecedor de confiança. O namorado que se insinuasse no lar de sua pretendente estaria, *ipso facto*, comprometendo-se, isto é, dando um caráter um tanto formal à ligação, o qual implicava uma promessa irrevogável de casamento. Realmente, esse caráter só tinha, via de regra, o noivado formal, resultante do pedido e do sim por parte do pai. O noivado durava também meses ou anos e era regulado de maneira muito estrita [...]. Nos apartamentos pouco espaçosos, nas novas condições de liberdade de movimentos dos jovens e com a dispersão dos membros da família pelas exigências do trabalho, dos contatos fora do círculo familiar e das diversões comerciais, o namoro e o noivado mudaram bastante em sua organização [...]. Sem embargo dessas mudanças, a escolha de cônjuges ainda está muito sob a autoridade dos pais, que podem mesmo vetar certas decisões e que pela permanência dos filhos e filhas no lar, podem acompanhar de algum modo os movimentos daqueles”.

Se, por um lado, havia a preocupação da família em manter a moça resguardada de rapazes com intenções duvidosas, por outro, os homens mostravam preocupação com “a nova mulher” que surgia nas primeiras décadas do XX. No artigo “Caso ou não caso?”, publicado na *Revista Feminina* de 1920, o escritor Menotti del Picchia menciona os receios dos rapazes:

[...] as “liberdades bolcheviques” revolucionaram a ética da moda de tal maneira, que “as saias escalam o joelho, na ânsia de evadirem da toilette”, enquanto “os decotes descem às costas e ao ventre, e em matéria de mangas há a simples ilusão de terem outrora existido” [...] “conhecendo bem a psicologia das nossas atuais melindrosas” os rapazes tornam-se arredios e temerosos diante da opção pela união indissolúvel. E, ainda culpa as mães por não oferecerem uma educação decente para as “cabecitas frívolas dessas moças serigaitas” (RAGO, 2004)

Melindrosa, termo típico da geração entre guerras, era atribuído às moças que melindravam os rapazes usando subterfúgios para confundir seus sentimentos, adotavam um estilo de vida descontraído, uso de maquiagem forte, vestiam saias curtas, cortavam o cabelo à moda Chanel, dirigiam e fumavam. Elas rompiam com a tradicional conduta feminina e, conseqüentemente, levantavam suspeitas se poderiam ser boas companheiras, pelo comportamento transgressor que apresentavam.

De modo mais detido e aprofundado acerca das mudanças ocorridas com a postura das mulheres, Georg Simmel em seu livro *Filosofia do amor* publicado em 1909, dedica-se à psicologia do coquetismo. O autor considera que a coquete propõe o jogo de sedução pelo próprio jogo, seria um faz-de-conta entre aceitação e recusa sem propriamente haver o desejo sexual. O jogo estabelecido entre a coquete e seu alvo de interesse teria o propósito de “confundir o meio em vista de um fim e a pulsão orientada para esse fim” (SIMMEL, 1993, p. 95). Portanto, o autor considera que o coquetismo seria um tipo específico de comportamento da mulher que pretende seduzir sem considerar que essa ação leve ao envolvimento, tido como percurso natural pelos homens. O ponto principal de comportar-se desse modo seria despertar o prazer e o desejo por meio da alternância ou da concomitância de atenção ou ausência dela dirigida a quem é de interesse. Levando em conta esse comportamento, o homem experimenta o “ter” e o “não-ter” (1993, p. 95), vivendo uma relação onde o não está contido no sim e o sim está contido no não. Desse modo, Simmel considera o coquetismo essencialmente uma forma de relação social estabelecida e aceita por ambos, experimentado com maior liberdade nessas décadas iniciais do XX.

A compreensão dada por Simmel sobre o coquetismo, mesmo observando uma interação relacional ali presente, privilegia a natureza feminina centrada em si mesma, demonstrando o quanto a mulher possui maior controle da alternância entre o sim e o não, mostrando-se mais introspectiva e senhora de suas decisões. Já a natureza masculina mostra-se objetiva e voltada para fora. Era uma maneira de explorar sentimentos transpondo regras impostas socialmente e de certo modo aceita em alguns círculos nesse período.

Ideias e princípios sobre a mulher até então pouco considerados começavam a circular. A literatura, “[...] ocupava-se insistentemente da mulher: o que era, como se distinguia psicológica e mentalmente do homem, sua distinção fisiológica, suas inclinações e caráter, seu destino na família e na sociedade” (AZEVEDO, 1986). Entre atender as necessidades da “mulher moderna” e da candidata à “rainha do lar”, a *Revista Feminina* apresentava sessões assumidamente voltadas para o entretenimento feminino, como “Moda”, “Menu do meu marido”, “Trabalhos femininos” ou “Como enfeitar minha casa”, e também publicava artigos relacionados ao movimento de transformação vivido pelas mulheres. Em seu número 147, no ano de 1926, publica um artigo de autoria do romancista Rupert Hughes intitulado “A mulher dos tempos modernos”:

Excetuando raros casos, as mulheres nunca disseram muitas coisas sobre seu próprio sexo, embora, com a graça de Deus, tenham dito bastante em relação aos seus desejos e queixas. Mas agora estão todas falando de uma vez. Reconheceram a insinceridade da teoria da proteção masculina. Havia algo mais hediondo do que tolo no hábito masculino de dizer que as mulheres eram misteriosas, estranhamente diferentes do homem, e esquisitamente superiores. Se essa opinião fosse honesta, os homens teriam logo enviado as mulheres para a regência do mundo ou pelo menos para a partilha da sua direção. Mas com essa lógica ruim [...] serviam-se estes dos reconhecimentos da superioridade da mulher como de uma razão para engaiola-la, e dizer-lhe que se escapulisse perderia uma preciosidade. Não sei quantas mulheres foram intrigadas por esses louvores ultrajantes, mas durante milhares de anos pretenderam acreditar neles. Só nessa era é que despertaram e disseram aos homens: ‘Acabem com os cumprimentos e deem-nos nosso direito’” (p. 49).

Como todo período em que as mudanças parecem ser mais evidentes, havia o embate entre vozes conservadoras preocupadas com a manutenção de costumes tradicionais, e vozes mais liberais, interessadas na modernização da compreensão acerca dos papéis masculinos e femininos. Assim, a preocupação com a educação feminina precisava lidar com aspectos que iam além de preparar a mulher para o papel de esposa e mãe.

Entre os autores da Companhia Editora Nacional preocupados com essa questão encontra-se Afrânio Peixoto, que além de médico, político e de ter outras ocupações, também era historiador e autor de romances. O autor aborda mais detidamente questões relativas à mulher em seus livros *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional*, de 1923, e *A educação da mulher*, publicado em 1936, reeditado em 1944 como *Eunice, a educação da mulher*. Em ambos defende a coeducação, a educação profissional, direitos civis e faz um “aviso às mulheres para se educarem” (PEIXOTO, 1923, p. 91). Alerta que apenas a educação dará orientação para um dia buscarem a perfeição social.

Em harmonia com a defesa à educação feita por Afrânio Peixoto, as mocinhas da Coleção Biblioteca das Moças, com variações entre românticas delicadas e determinadas com caráter, todas são educadas e possuem refinamento. Quando não receberam educação pelos meios formais em instituições ou na família, possuem naturalmente percepção e altivez para o trato com as pessoas; também são donas de um gosto apurado para a beleza, apreciação da arte e da vida. Entre as protagonistas da Coleção, um bom exemplo seria Nina Rosa, jovem órfã que consegue conquistar aos poucos os parentes da nobreza graças à boa educação que recebeu. A boa educação

ressalta sua beleza natural; sua bondade decorrida pela fé cristã auxilia na transformação da vida dessa família pautada apenas nas aparências da aristocracia.

O posicionamento de Afrânio Peixoto sobre a educação, permeado pelo seu olhar médico, é de que a educação oferecida às meninas e moças estava atrasada, aquém dos conhecimentos modernos. Mesmo aquelas que não possuíam atributos natos, pela educação poderiam tornar-se mulheres “completa[s]”. O autor considera completa a mulher que, ao contrário das mulheres que observava em sua época, eram “frações de mulher”, entre esses tipos femininos estariam:

A mulher doméstica, prisioneira de seu lar, triste e sem horizonte; a mulher da rua, que passeia seu luxo, afronta a imoralidade nas festas, teatros e até igrejas; a mulher operária, que, obrigada pela concorrência do salário se esfalfa, adoece e morre; ou a mulher boneca, que apenas sabe enfeitar-se, gastando o que pode e o que não pode, do labor de pais, maridos e parentes; a mulher ignorante, incapaz, pueril nos gostos e nos propósitos, e que é apenas uma criança grande, caprichosa, ou a mulher vaidosa, fátua, que uns conhecimentos superficiais subiram à cabeça, e entonteceram num pedantismo intolerável “preciosa” (PEIXOTO, 1923, p. 62-63).

Desse modo, apesar de pautar seus argumentos em uma moderna documentação anatômica, fisiológica, psicológica e social, de onde orienta seu debate sobre a educação da mulher, Afrânio Peixoto é um homem de seu tempo. Mediante a definição dos tipos femininos, além de defender interesses voltados à mulher, classifica, igualmente, entre essas, aquelas que seriam adequadas ou não ao casamento. Assim, renova e atualiza os predicados necessários a uma boa esposa. Seus livros traziam, portanto, um recurso discursivo pedagógico que contribuía para a constituição do perfil esperado para uma jovem casadoira. E os argumentos sobre a formação da “mulher completa” por meio da educação visavam, principalmente, o bom desempenho do papel da mulher no casamento, além da suposta autonomia ali defendida.

Entre as mulheres com posicionamento frente à educação da mulher encontra-se Júlia Lopes de Almeida¹⁸. Além de escrever romances, a autora dedicou-se a dois livros de crônicas, o *Livro das noivas* (ALMEIDA, 1926b) e o *Livro das donas e donzelas* (ALMEIDA, 1926a), que podem ser tomados como manuais de boa conduta, por apresentar prescrições de normas de convivência adequadas às moças e senhoras. Os assuntos tratados contemplam questões voltadas aos cuidados domésticos,

¹⁸ Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora de destaque em sua época, escreveu romances, contos, peças teatrais, crônicas, ensaios e algumas traduções. Foi colaboradora em periódicos, entre eles: *Gazeta de Campinas*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Comércio*, *A Semana* e *Revista Feminina*.

relacionamentos amorosos, educação e leitura, como demonstram os títulos das crônicas: “Concessões para a felicidade”, “Ser mãe”, “Educação”, “Vestuário feminino”, “Os beijos” e “Formalidades”. Quando não estão diretamente ligados ao comportamento feminino, relacionam-se à família e a casa, ou seja, ao mundo privado.

As orientações prescritas por Júlia Lopes de Almeida oscilam entre manter a tradição e indicar um posicionamento mais digno das mulheres diante de determinadas situações. Se por um lado sugere que “a mulher, mesmo sendo mais inteligente que o marido, deve parecer-lhe inferior e guardar ao menos um pequenino defeito que as ponha ao abrigo da proteção do esposo, o qual deve sempre ser, e deve sempre crer-se, o mais forte” (ALMEIDA, 1926a, p. 51), por outro, critica falta de profissionalização, defende a escolha da mulher de abrir mão do casamento e posiciona-se contra o discurso médico higienista, como no caso da transmissão de doenças através do beijo: “a minha opinião neste assunto melindroso é esta: não compreendo a vida sem o beijo, como não compreendo o beijo sem o afeto. Como, enquanto houver mundo, há de haver o amor, o beijo triunfará de todas as perseguições que lhe fizerem os senhores bacteriologistas” (ALMEIDA, 1926a, p. 36).

A autora ressalta, assim como Afrânio Peixoto a importância da educação da mulher para atuar como mãe, dando ênfase à importância da leitura de bons livros. “Aprender para ensinar! Eis a missão sagrada da mulher. É preciso para isso que sua leitura seja sã, bem-feita.” (ALMEIDA, 1926a, p. 20). A leitura cumpriria seu propósito educativo apenas se as leituras não contaminassem as leitoras com maus exemplos e histórias fantasiosas que apenas gastassem seu tempo sem o propósito de aprimorar o gosto e a conduta.

Desse modo, vai sendo forjada e atualizada uma *representação* de mulher “frágil e soberana, abnegada e vigilante”. Esse novo modelo normativo de mulher, começa a ser elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, “inicia pelas moças das famílias mais abastadas e pouco a pouco chega às classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual” (RAGO, 1985, p. 62).

Por meios diversos essa *representação* simbólica da mulher, esposa-mãe-dona de casa, afetiva, mas assexuada, vai sendo constituída em um período no qual a crescente urbanização e desenvolvimento comercial e industrial dos grandes centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas e participação ativa no mundo do trabalho, propostas que consistiam na “encarnação de virtudes contraditórias” (MALUF;

MOTT, 1997, p. 396). A mulher continuaria fazendo ajustes e concessões para conciliar o tradicional ideal de pureza e submissão às novas expectativas de gerência eficiente do lar e, por fim, representar socialmente o papel de companheira adequada, papéis e predicados que emergiam de uma nova sociedade urbano-industrial. Assim, era preciso ser bonita, elegante, culta, eficiente, falar bem em público e possuir um repertório variado de assuntos. Desse modo, elas apresentariam sinais de distinção e prestígio sociais.

“Virtudes contraditórias” presentes nas obras de Afrânio Peixoto e Júlia Lopes de Almeida, que, apesar de manterem a atuação da mulher circunscrita ao lar e à família, rompem com argumentos empregados por setores conservadores, que atribuíam à emancipação da mulher uma ameaça para a harmonia das famílias. Peixoto, através de dados estatísticos que apontavam a probabilidade de apenas 44% de moças casáveis no Brasil conseguirem contrair matrimônio, reforça a importância da educação como um meio para as moças que permanecessem solteiras. Por meio de uma boa educação, poderiam obter um trabalho e não ser um “encosto” para suas famílias. “Sem educação intelectual, o tédio é fatal. [...] Só uma educação intelectual capaz dará, pela ocupação constante do espírito, a faculdade de estar só, sem se aborrecer e até com certa felicidade...” (PEIXOTO, 1936, p. 200).

No entanto, as garantias trazidas para a mulher através da educação, que o autor defende, continuam passando pelo casamento, nesse caso, o não casamento. As moças que não contraíssem matrimônio, pela educação encontrariam um modo de ser úteis. Não há na argumentação do autor a preocupação de atender aos desejos e anseios da mulher, mas de garantir-lhe uma colocação caso não cumprisse com sua natureza de mãe e esposa.

Entre os livros da Coleção a dedicatória feita pela autora Berta Ruck no livro *A solteirona* representa os alertas feitos por Afrânio Peixoto: “Dedico a qualquer mulher que se considere encostada na prateleira das inutilidades porque não casou” (RUCK, 1945, 1951). O exemplar de 1951 desse romance traz uma anotação na antepenúltima página: “Quem espera sempre alcança”. Inicialmente a anotação pareceu ser uma referência ao próprio romance, mas no transcorrer da pesquisa foi encontrado um livro com título igual. *Quem espera sempre alcança* era o título de um romance da autora Edna Lyall publicado pela Editora do Brasil. Possivelmente uma leitora deixou a indicação de que a história de *A solteirona* era próxima ao enredo desse outro romance.

Geralmente, os romances associam a satisfação pessoal da mulher ao casamento. Mesmo para aquelas que almejavam uma carreira profissional, ficar solteira

era um desprestígio; o ideal ainda era que a profissão não afetasse o casamento. Para as mulheres que integravam os 66% de moças casáveis que ficariam solteiras, uma profissão era a garantia de independência financeira, evitando que fosse explorada pela família que a acolhesse. Inicialmente algumas profissões eram consideradas mais apropriadas para atuação das mulheres, como enfermagem, secretariado e magistério. Contudo, essas profissões adquiriram diferentes conotações ao longo dos anos alternando entre bem vistas ou mal vistas socialmente.

A literatura e a legislação contribuíram para legitimar discursos fundamentados na crença de existir uma essência feminina que conferia biologicamente à mulher funções da esfera privada. O *Código Civil de 1916*, por exemplo, determinava o modo como cada um dos cônjuges deveria apresentar-se socialmente. Um conjunto de normas, deveres e obrigações, com seu correspondente inibidor e corretivo, foi formalmente estabelecido para reger o vínculo conjugal, a fim de assegurar a ordem familiar. Se a escolha do cônjuge através do afeto era conquistada, o casamento, regido pela legislação e por normas prescritas, atribuía ao casal atributos essenciais.

Regras postas para o estabelecimento do vínculo conjugal, questões ligadas aos interesses familiares e financeiros, a importância atribuída às posições sociais fizeram com que o casamento permanecesse cercado por condições que pouco consideravam o afeto. Desse modo, considerar os valores que seriam partilhados, a segurança em comprometer-se com pessoas do mesmo círculo social e aprovadas pela família não consentia que o amor atuasse sozinho.

Ao defender a igualdade para as mulheres perante a lei, educação e política, Afrânio Peixoto (1936, p. 197) fazia uma ressalva: homens e mulheres seriam “iguais, mas diferentes. Cada um como a natureza o fez”. Com esse argumento justificava as vocações masculinas e femininas, devendo as mulheres cuidar para não se tornarem sabichonas e pedantes se quisessem se igualar aos homens. Mulheres que se comportavam desse modo colaboravam com suas posturas autoritárias e pouco adequadas para a construção de argumentos contrários à educação feminina. Assim, argumenta que a educação oferecida às mulheres deveria ser geral, oferecendo apenas o suficiente para o desenvolvimento de seu espírito e inteligência, dando-lhes um repertório que auxiliasse na solução das dificuldades da vida. Desse modo, o autor acreditava haver um equilíbrio entre renovar uma educação ultrapassada e limitadora sem incentivar uma emancipação inconsequente da mulher.

Entre os posicionamentos tomados pelas mulheres nesse período, possivelmente aquele que mais encontrou resistência foi o da “mulher emancipada”; menos preocupada com a “missão materna” e em ser “rainha do lar”, ela preocupa-se com estudos, trabalho e sua liberdade de ir e vir. Essa “nova mulher”, juntamente com a “melindrosa” ou a “cocote”, suscita grandes preocupações nas primeiras décadas de XX.

O assunto acerca dos novos comportamentos femininos era recorrente nas revistas *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta*. Especialmente pelas charges, apresentavam em suas páginas a preocupação com a mulher que conquistasse muitos conhecimentos e autonomia levando ao comprometimento de sua essência feminina; mais preocupante ainda seria a virilização da mulher. A *representação* de esposa ideal presente nessas revistas era da mulher que se realizava através do sucesso do marido e conservava no lar um ambiente que favorecesse a tranquilidade da família. Nas charges, o trabalho doméstico, “quando executado por um homem, é pintado como algo duro e penoso, e a personagem que se submete a ele é tratada como ridícula” (MALUF; MOTT, 1997, p. 378). Para abordar o que acreditavam ser um perigo para a organização familiar, utilizavam a chacota como um recurso argumentativo contra a emancipação feminina.

No artigo *A mulher e a feminilidade no século XX*, publicado em 1923 na *Revista Feminina*, Miguelina Acosta Cárdenas, uma das primeiras mulheres peruanas com formação universitária e militante de movimentos voltados para mulheres posiciona-se contra o que seria um atraso e orgulho do sexo masculino, ao espalharem previsões sobre as catástrofes com a eminente emancipação da mulher:

Os poucos restantes (homens), porém, representando o atraso mental ou o ridículo orgulho do sexo, ao ver a onda do feminismo espalhar-se triunfante por todo o mundo, erguem as mãos ao céu, em ademanos de catástrofe eminente, exclamando que a mulher do século XX não será a mulher; que desaparecerá da terra, com o advento da igualdade dos sexos, a feminilidade da mulher. [...] ‘Pobre humanidade, aproxima-se o teu fim, vais sucumbir! Se na mão dos homens andavas mal, o que será de ti quando tiveres à frente de teus destinos a mulher?’ [...] A mulher do século XX será sempre mulher; não porém a mulher escrava, a mulher servil, a mulher propriedade, e sim como cidadão, – o voto – e as mais adiantadas, cadeiras nos congressos nacionais. [...] Em seguida, faz-se mister lutar pela igualdade de educação dos sexos como meio de destruir esse outro preconceito de que só os homens devem ter o privilégio da instrução média e profissional (Ano X, n. 112, p. 51).

Se, em 1923, Cárdenas argumentava sobre os avanços da mulher como cidadã e questionava as preocupações daqueles que eram contrários aos espaços conquistados por elas, em 1936, Afrânio Peixoto observa ironicamente “as mulheres votam. Que

fizeram elas com seus votos? Elegeram pais, maridos, irmãos... pergunto, elegeram uma representante?” (PEIXOTO, 1936, p.). A observação tecida por Afrânio Peixoto demonstra que os direitos solicitados pelas mulheres pouco a pouco foram conquistados, contudo, as transformações das práticas culturais relacionadas a essas conquistas foram mais lentas. As mudanças sobre o comportamento, atuação na política, no mercado de trabalho, opiniões sobre sexualidade, casamento e felicidade conjugal passavam por atualizações sem grandes transformações estruturais.

Mesmo assim, essas mudanças afetavam o modo como as famílias orientavam o comportamento ou esperavam que as moças se comportassem para evitar que fossem consideradas “irresponsáveis” ou “inconsequentes”. A moça poderia aceitar o beijo, mas se permitisse beijos ousados, abraços intensos, entre outros modos de manifestar a sexualidade, poderia ser interpretada como uma garota fácil, de conduta duvidosa. Sobre essa questão, as revistas eram enfáticas em mensagens que precaviam os comportamentos considerados impróprios. “Moças muito solicitadas pelos rapazes, por exemplo, apesar de ter muitos admiradores não casariam”. “Nenhum marido gostaria de ter uma esposa com muitas experiências anteriores”. Os homens preferiam para esposa uma pessoa “recatada, dócil, que não trouxesse problemas e estivesse de acordo com padrões da boa moral”.

Portanto, se o “casamento sem afeto começa a ficar fora de moda” (BASSANEZI, 2007, p. 610) e o namoro culturalmente inserido, as moças começam a circular socialmente sem a tutela dos familiares, o estudo e o trabalho passam, igualmente, a integrar a vida das moças nas cidades. Assim sendo a preocupação volta-se para uma educação que ensine o autocontrole. Era preciso aprender a conter a sexualidade e “dar-se ao respeito”:

A experiência aconselha, em benefício da moça que quer conviver com rapazes, que, conquanto tenha confiança em si mesma, nunca tenha confiança em tal grau que a exponha a todas as provas. O amor é uma força às vezes cega – é preciso andar sempre de olhos abertos para não cair. [...] Os automóveis são um excelente meio de condução. Mas às vezes levam a moça longe demais. E preferível evitá-los pelo menos em passeios fora da cidade ou em lugares desertos (*O Cruzeiro*, maio, 1948).

Em consonância com essas preocupações, no romance da Coleção *A pequena da Casa Sloper*, publicado em 1934, a autora narra a experiência de Sally, uma moça que aos dezoito anos, por ser órfã, “necessitava prover a sua própria subsistência” (SANDYS, 1955, p. 5) e enfrentar o mundo sozinha. Ao descrever Sally, a autora ressalta que ela

convivia bem com todos. “Todavia, era reservada com os homens e, fazia muito que os receava, mesmo porque os homens tinham um jeito esquisito de olhar as pequenas e diziam coisas...” (p. 6). Para evitar problemas desse tipo, Sally adotou um comportamento que acreditava mantê-la protegida dessas investidas, não se enfeitava demais e evitava maior aproximação com os homens, principalmente aqueles com quem convivia no trabalho. Essa postura se mantém até confirmar que o rapaz que lhe fazia juras de amor era confiável e merecia ser retribuído.

Em outro romance, *Longe dos olhos*, Henry Ardel aborda os cuidados que as moças devem ter ao se envolverem com rapazes. Num romance leve entre dois adolescentes, a autora relata a experiência de Moni, mocinha de 15 anos de origem simples, bem educada pela família. Ela recebe especial atenção da tia com quem mora após a morte de sua mãe. Ao se justificar ao amigo Gildo, que se encanta com suas atitudes, a moça afirma: “aprendo o mais que posso. Titia diz que as mulheres de hoje devem estar preparadas para todas as contingências” (ARDEL, 1957a, p. 44). Gildo é o filho mais novo de uma família rica, que possui uma grande propriedade próxima à pequena cidade onde Moni mora. Para não ficar entediado com a monotonia do campo, o rapaz aproxima-se dela com a intenção de passar o tempo. Contudo, fica surpreendido com o posicionamento que ela demonstra sobre os encaminhamentos da vida. Em uma de suas conversas ela argumenta: “Descansar na minha idade? Pelo contrário, meu caro, vou estar mais ocupada do que nunca, pois continuarei, naturalmente, a estudar piano. Depois, devo preocupar-me este ano com os exames e tirar meu diploma. Titia faz absoluta questão disso” (ARDEL, 1957a, p. 44-45).

Os dois passam o mês de férias com encontros diários, que alimentaram na moça a esperança de viver um amor. Ao se despedir, o rapaz faz juras de voltar para vê-la e reviverem os momentos felizes que tiveram. Os meses passam e “Moni percebeu que já nem o esperava mais [...] sua desilusão permaneceu, porém, em segredo, como outrora acontecera com a sua alegria” (ARDEL, 1957a, p. 118). Depois de algumas semanas a mãe do rapaz a convida para uma recepção que acontecerá na mansão da família em Paris. Nesse ambiente completamente estranho a ela, ouve o diálogo de Gildo com outra amiga: “Passamos uma tarde excelente quinta-feira no Palácio de Cristal, não foi? Esta semana recommençaremos e, domingo, quero encontrá-la de manhã na avenida do Bosque, para fazermos juntos o ‘footing’¹⁹ ... Que bom!” (ARDEL, 1957a, p. 127).

¹⁹ O “footing” era o termo utilizado para denominar um tipo de lazer comum nas cidades e era basicamente o ato de caminhar em locais públicos como praças ou outro ponto que agradasse aos jovens. Acontecia

Ao ouvir aquele que considerava ser seu amor dizer palavras tão doces quanto às aquelas que dizia a ela para outra moça, Moni compreende que havia vivido uma ilusão. Assim, a narrativa finaliza com dois parágrafos voltados para os ensinamentos que as leitoras devem levar após a leitura do romance:

É que Deus escreve direito por linhas tortas. Mônica Delzant, alma delicada de artista, não fora feita para Gildo de Chanteyrac, tipo volúvel e superficial que jamais lhe poderia compreender a sensibilidade. [...] Foi melhor assim. Desiludida, logo no início de um amor que só poderia vir a ser infeliz, Moni se conservou livre e pura, à espera do homem realmente carinhoso, que um dia lhe dará, com o seu amor divino, todas as venturas (ARDEL, 1957a, p. 134).

Ao selecionar romances que cumpriam o papel de entreter e ao mesmo tempo oferecer ensinamentos voltados para a educação da mulher, os editores da Companhia Editora Nacional compunham a Coleção a partir das representações que possuíam sobre suas futuras leitoras. Era preciso atender ao gosto desse público tão específico que vivia um dilema entre ser moderno e manter-se adequado ao casamento: ter uma profissão sem parecer masculina, ser independente sem abrir mão de viver uma história de amor.

As questões mudavam entre os romances, mas a identificação da mulher com a casa e do homem com a rua permanecia e reforçava a valorização cultural desses papéis. Contudo, a relação direta de subordinação e inferioridade, por vezes atribuída ao papel da mulher, e de poder, ao homem, deve passar por algumas considerações. Se por um lado “o trabalho era o que de fato conferia poder ao marido por prover a família [...] o descumprimento dessa atribuição era tomado pela mulher como falha” (MALUF; MOTT, 1997, p. 381). Ou seja, tanto quanto a mulher, o homem também sofria as pressões sociais do lugar ocupado por ele e tinha reforçada sua condição masculina de provedor e lado racional do relacionamento.

Os discursos presentes em grande parte dos romances da Coleção Biblioteca das Moças reforçavam as representações do feminino, masculino e do modelo de família nuclear, com papéis definidos tomando por base concepções naturalistas e legitimadas por discursos científicos, políticos e religiosos. No entanto, os romances agradam as “leitoras pretendidas” com suas histórias de amor nas décadas de 1920 e 1930, garantiram o sucesso da estratégia editorial e conquistaram novas leitoras nas décadas, alcançado gerações com vivências diferentes às relatadas nesses romances, conforme identificado pelos vestígios deixados pelas “leitoras rastreadas”.

sempre em horário determinado. Esses momentos favoreciam o encontro de pretendentes ao namoro ou de conhecimento de novas pessoas por intermédio dos amigos.

Redes de sociabilidade entre editores, tradutores e homens da educação

Junto com o regime republicano, o desejo de renovação parecia impulsionar as primeiras décadas do século XX. Havia a crença no progresso material do país e em um possível projeto de modernização sociocultural. Uma renovação, porém, não ocorre de modo instantâneo. Marcas cunhadas na sociedade brasileira por séculos demonstravam que velhas práticas seguiam imbricadas nas iniciativas de renovação. Mesmo as propostas de mudança possuíam um caráter conservador demonstrado pela persistência de estruturas sociais e demais aspectos vivenciados no cotidiano da população, inclusive na produção dos bens culturais. Em meio a essa modernidade imprecisa, os avanços técnicos nas artes gráficas, na fotografia, nas comunicações e circulação de mercadorias contribuíram para a imprensa passar por importantes alterações.

Até esse momento, havia poucas casas editoras no Brasil e a publicação de livros era escassa, muitos deles sendo enviados para publicação na Europa. A maior parte dos livros que circulavam era importada de Portugal e outros países europeus, sobretudo França. Apenas durante a década de 1910 algumas iniciativas ganharam fôlego para impulsionar o crescimento do mercado editorial. A dificuldade de importação causada pelos conflitos da Primeira Guerra Mundial possibilitou que as indústrias locais fossem fortalecidas, resultando em um crescimento de 25% ao ano em São Paulo, entre 1914 e 1920. Na esteira desse desenvolvimento o setor editorial também se expandiu. “A cidade de São Paulo vivia um momento favorável e Lobato o aproveitou para montar a primeira empresa com equipamentos adequados à produção de livros” (PAIXÃO, 1995, p. 46).

Ao buscar compreender o lugar de produção da Coleção Biblioteca das Moças, por conseguinte a Companhia Editora Nacional, aspectos ligados ao meio editorial e *redes de sociabilidade* do período se fizeram presentes. A princípio foi tomada a concepção de sociabilidade como “forma pura” de ação recíproca considerando a interferência mútua entre indivíduos, numa interação maior que a simples coexistência de ações paralelas. Ou seja, essa ação ocorreria dentro de acordos acertados e assimilados como comuns dentro de um coletivo (SIMMEL, 1983).

Durante o estudo, o conceito de *redes de sociabilidade* proposto por Sirinelli (2003) contribuiu para a compreensão do pensamento dos intelectuais pesquisados. Na

perspectiva desse autor, as redes ou estruturas de sociabilidade compõem um instrumento de análise que auxilia na compreensão do aparelhamento no campo intelectual. Para tal, é preciso considerar os espaços que favoreceram encontros e reuniões para o estabelecimento de amizades e desafetos, vínculos e animosidades que explicitem as relações e interesses dentro dessa rede em uma dada época. Ainda conforme o autor, “todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (SIRINELLI, p. 246).

Essa sensibilidade ideológica ou cultural pode ser percebida através do crescimento industrial paulista no qual a indústria editorial passa por uma grande expansão nos anos de 1920 como demonstrado por Nicolau Sevcenko:

Em parte desencadeado pela crise de importações e a calamitosa carestia do pós-guerra, o fato é que esse surto adquire uma dinâmica própria este torna num crescendo autossustentado. Ele envolve não só livros, mas também revistas e folhetos de todo tipo, sendo o próprio O Estado se beneficiar dele, consolidando sua posição de jornal de maior tiragem do país, compondo um corpo de articulistas e redatores que envolve intelectuais dos mais brilhantes do país, além, do dado excepcional, de algumas das maiores celebridades da imprensa europeia, como colaboradores permanentes. Quanto aos livros, com uma tiragem anual em torno de 1 milhão de volumes, uma multiplicação entre duas e três vezes do número de casas editoras e livrarias em 1921, com relação ao número existente até o fim da guerra, São Paulo passa a atrair escritores dos quatro cantos do país, querendo ter suas obras publicadas com a rapidez e qualidade que a indústria paulista oferecia. A própria imprensa carioca, tão ciosa de suas prerrogativas de sede política e cultural do país, passa a se referir a São Paulo como “a capital do livro no Brasil, como Leipzig é na Alemanha” e a denominar a jovem geração de jovens intelectuais, que começa a vicejar na cidade abastecendo o mercado editorial, de “o fenômeno paulista” (1992, p. 95).

Muitos autores utilizavam a imprensa periódica como meio de divulgação de seus trabalhos, pela dificuldade da publicação de suas obras em forma de livro. A circulação da obra primeiramente nos jornais com o objetivo de tornar o autor conhecido passou a ser uma prática. Posteriormente, as publicações eram reunidas e publicadas como livro, consolidando a obra e o nome do autor.

Percebendo as possibilidades de lucro a partir da produção de objetos de “uso intelectual”, e estabelecimento de uma rede de relações econômicas e sociais, Monteiro Lobato compra a *Revista do Brasil*, em 1918. Antes desse empreendimento ele já havia passado por experiências de criação e publicação de jornais desde seus tempos de estudante utilizando, nesses casos, recursos precários de impressão, mas apesar disso já

conhecia a importância da interação com o público e meios de garantir a circulação do que era produzido.

Identificar que havia diversos públicos, consumidores de diferentes produtos impressos e considerar este um fator determinante para a escolha, produção e distribuição do material que produzia contribuiu para que Monteiro Lobato alcançasse êxito comercial e, conseqüentemente, um lugar relevante neste novo cenário que se formava. Diversos estudos (BIGNOTTO, 2007; CAVALHEIRO, 1962; LAJOLO, 2000; PAIXÃO, 1995) o apontam como determinante para a revolução na produção de livros no Brasil.

Ao comprar a *Revista do Brasil*, em 1918, Lobato publica *Urupês* e *O problema vital* com o selo da revista. Em 1919 passa a publicar obras de outros autores, entre eles: Lima Barreto, Valdomiro Silveira e Cornélio Pires. Começava assim a rede de relações tecida por Lobato, que foi reforçada com outra estratégia utilizada por ele para ampliar o número de assinantes da revista. O autor, e agora editor, convidava autores estrategicamente distribuídos no interior dos estados para divulgar e ampliar o número de seus assinantes, em troca esses publicavam seus trabalhos na revista. Essa iniciativa compensava tanto ao editor quanto aos autores, que tinham suas obras publicadas, suscitando o interesse de que a revista e seu trabalho fossem lidos.

Estabelecer uma rede de distribuição não era invenção de Monteiro Lobato; essa estratégia já integrava o projeto de outros periódicos brasileiros desde meados dos oitocentos. O avanço que vinha ocorrendo no mercado editorial estabeleceu a ampla distribuição no país como meta a ser alcançada, entre eles, por: *O Estado de S. Paulo*, revista *A Cigarra* e *A Vida Moderna*, periódicos para os quais Lobato colaborou (BIGNOTTO, 2007).

Outras iniciativas demonstram que a explosão editorial sucedida durante esses anos na capital pode ter sido fundamental para a afirmação de um cenário literário brasileiro. Escritores como Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Sérgio Milliet, Mário de Andrade e Alcântara Machado participavam ativamente do processo de “materialização” de suas obras. Eles editavam seus trabalhos por conta própria, sob o selo da recém-criada revista *Klaxon*²⁰. Essa revista apresentava uma iniciativa diferente da *Revista do Brasil*, de Lobato, por não ter características de uma

²⁰ Lançada em São Paulo no mesmo ano que se realiza a Semana de Arte Moderna, *Klaxon* (1922-1923) é a primeira revista modernista do Brasil. Editada sob forma de artigos, poemas, comentários, críticas de arte, dentro do espírito do grupo de jovens que idealizou o Movimento Modernista. Na redação participam ativamente Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, e Mário de Andrade como diretor e líder da revista. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/node/75>>.

estrutura empresarial. Uma das características desse grupo era não ter uma sede própria, assim, onde estivessem reunidos era instalada uma pseudossede da revista (BIGNOTTO, 2007). Fosse através da *Revista do Brasil* ou na *Klaxon*, pertencer a um círculo de intelectuais envolvido com a produção de livros possibilitava a publicação de suas obras.

Esses diferentes círculos demonstravam a variação da produção literária e sua demanda. A preocupação em agradar o público e mantê-lo fiel interfere na escolha das obras a serem publicadas. Entre renovar o gosto dos leitores com “novas fórmulas” e manter-se fiel ao que acreditava ser a preferência da *representação* de leitor, a Lobato optou pela segunda, mantendo “fórmulas consagradas e institucionalizadas” (BIGNOTTO, 2007).

A rede de relações estabelecida por Monteiro Lobato transpunha o âmbito literário. À medida que mediava o trânsito de intelectuais de diferentes regiões pelos grupos paulistas, articulados em torno do jornal *O Estado de S. Paulo*, da *Revista do Brasil* e, posteriormente, da Companhia Editora Nacional, torna-se uma “espécie de autoridade” na escolha de autores e textos para publicação. Fazendo referência aos amigos que integravam o “cenáculo”, nome dado ao grupo de estudantes que se reuniam para escrever durante o período de estudos em São Paulo, Monteiro Lobato lista em carta enviada à Rangel os amigos que pretende publicar: “Vou editar o Ricardo [Gonçalves] em setembro – Ipês. Já temos, paridos pelo prelo, o [José Antônio] Nogueira e eu; saindo você [Godofredo Rangel] e o Ricardo, restará restado interessante só o Albino [Camargo] com seu tratado de psicologia. E o Cenáculo terá vencido, hein?” (LOBATO, 1955).

As permutas entre aquele que edita e o autor editado também são percebidas. Diretamente ligado ao trabalho aqui apresentado, pode ser citado Mário Sette, diretor regional da *Revista do Brasil* em Pernambuco. O autor teve o livro *Rosas e espinhos* publicado em 1918 e aparece como o único autor brasileiro a publicar um romance na Coleção Biblioteca das Moças. Seu livro *Contas do terço* foi publicado em 1928, não teve reedições e não é incluído na “A Nova Biblioteca das Moças”. Entretanto, Mario Sette traduziu os romances *As solteironas dos chapéus verdes*, de Germaine Acremant, em 1929, *O marido da borralheira*, de Dyvonne, em 1930, *O homem sem piedade*, de Concórdia Merrel, em 1932 e *Casada por dinheiro*, de Concórdia Merrel, em 1935.

O trabalho de tradução era recorrente entre autores, e as relações de amizade ou a qualidade das traduções feitas pelo amigo Rangel leva Lobato a solicitar, em 3 de março de 1925, que assume algumas traduções:

Andas com tempo disponível? Estou precisando de um D. Quixote para crianças, mais correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do D. Quixote, do Gulliver, do Robinson, do diabo! Posso mandar serviço? É uma distração e ganhas uns cobres. Quanta coisa tenho vontade de fazer e não posso! Meu tempo é curto demais (LOBATO, 1955, p. 276).

Não foi possível verificar se as traduções acima foram feitas, Godofredo Rangel, com treze traduções, teve o maior número de títulos traduzidos dentro da Coleção Biblioteca das Moças, dos quais três romances traduzidos entre 1928 e 1929, período em que Lobato ainda era sócio da Companhia Editora Nacional. Os demais romances foram traduzidos no correr da década de 1930. Apesar de ser considerado talentoso pelos amigos também escritores, Rangel era modesto com sua produção e não considerava que as suas obras estivessem à altura de ser publicadas. Talvez por isso tenha investido tanto em traduções. Somente após muita insistência, em 1920, Rangel permitiu a publicação de *Vida ociosa*, romance autobiográfico. Em 1922 publicou seu primeiro livro de contos, *Andorinhas*; em 1929 publicou uma narrativa romântica, *A filha*; dois livros infantis: *Um passeio à casa de Papai Noel* e *Histórias do tempo do onça*. O segundo livro de contos, *Os humildes*; os romances *Falange gloriosa* e *Os bem casados* foram publicados postumamente, em 1955.

Possivelmente, ter o nome circulando como tradutor em uma coleção da Companhia Editora Nacional atendia ao propósito tanto de tornar o autor conhecido quanto de atribuir qualidade à obra traduzida através de um nome já consolidado no meio literário. Certo é que a qualidade das traduções sempre era reforçada por meio de propagandas ou mesmo nas contracapas dos próprios romances:

As boas e as más traduções! As traduções, no Brasil, sempre tiveram má fama, e com razão. O mercantilismo ou a pressa dos editores sacrificava com más traduções as melhores obras da literatura universal. A Companhia Editora Nacional também incorreu nessa falta, mas reagiu a tempo, e hoje os seus tradutores são escolhidos entre os maiores nomes das letras nacionais. O público precisa atentar nisso. Verifique se o livro adquirido é uma edição da Companhia Editora Nacional²¹.

A partir das informações contidas nas folhas de rosto dos exemplares encontrados na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, foi feito o levantamento de seus tradutores. Dos 71 tradutores levantados 50, traduziram apenas 1 ou 2 romances. Entre aqueles que tiveram um número maior de traduções estão:

²¹ Propaganda veiculada na contracapa do exemplar *Amor fiel*, de Carol Gaye. Tradução de Beatriz de Vicenzi, volume 137, Companhia Editora Nacional, 1959.

Godofredo Rangel, Lígia Estrada, Tati A. de Mello, Lígia Junqueira, Mário Sette e Maslowa Gomes Venturi.

A tradutora Tati Mello, cujo nome era Beatriz Azevedo de Mello, nasceu em uma família rica paulistana, típica moça dos anos de 1920, recebeu boa educação, dominava idiomas e circulava entre os intelectuais modernistas de São Paulo. Inspirou Monteiro Lobato na composição de dois personagens: o peixinho vermelho Tati e, por causa de seu nariz arrebitado, a Narizinho, em *Reinações de Narizinho*. Casou com Vinícius de Moraes em 1938. Escrevia críticas de cinema no *Jornal Última Hora*. Depois, dedicou-se apenas à tradução de clássicos da literatura e peças teatrais, algumas em parceria com Clarice Lispector. Na Coleção Biblioteca das Moças, traduzia romances de língua inglesa das autoras Concórdia Merrel, Elinor Glyn, Berta Ruck e May Christie.

Lígia Junqueira Caiubi Smith, escritora e tradutora reconhecida principalmente pela tradução de várias obras de Arthur Conan Doyle, com reconhecimento da crítica, teve as traduções muito reeditadas nas décadas de 1940 e 1950. Traduziu nove romances para a Coleção.

Maslowa Pereira Gomes Venturi, escritora e tradutora brasileira, filha da poeta, pintora e contista gaúcha Yaynha Pereira Gomes, cresceu entre artistas e escritores. Maslowa dedicou-se inicialmente à tradução e estreou como romancista em 1950, com *Vozes sem eco*. Seus romances *Portão fechado* e *Terra de Deus* possuem uma abordagem histórico-política. O último, *Trilha perdida*, de 1971, trata da Guerra do Paraguai.

Como já mencionado, Mário Sette era diretor regional da *Revista do Brasil*, em Pernambuco. Além de autor de romances, colaborava com artigos em jornais recifenses e com a revista carioca *Fon-Fon*. Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras com o romance *O vigia da casa grande*. Entre os demais tradutores da Coleção pesquisados, o fato de ser professor chamou atenção, por ser o único diretamente ligado à educação. Atuava como professor de Moral e Cívica, História do Brasil, Francês e Português em colégios de Recife.

Conhecida como principal tradutora dos romances de M. Delly, Lígia Estrada fez traduções tanto para as publicações da Coleção Biblioteca das Moças quanto para a Coleção Senhorinhas, da Livraria Zenith de São Paulo. Além dessas traduções feitas para a Companhia Editora Nacional, trabalhou com seu marido, então diretor da Secretaria do Departamento de Educação em São Paulo, na organização do livro de receitas *Dona Benta – comer bem*, publicado em 1946.

À medida que as edições de obras voltadas para a educação passaram a ganhar espaço dentro da Companhia Editora Nacional, os homens da educação foram integrados a essas redes. Já no período de 1919 a 1920, Monteiro Lobato convida Lourenço Filho para ser diretor da *Revista do Brasil* e Afrânio Peixoto atua nesta mesma função em 1921. A Revista publicava textos de Carneiro Leão, Sampaio Dória e Almeida Júnior. O próprio Monteiro Lobato menciona em carta a Rangel o papel que considera ocupar no meio editorial: “sou um dos que decide do destino das coisas literárias do país” (LOBATO, 1955).

Como já mencionado, a Companhia Editora Nacional dividia inicialmente sua produção em duas fatias do mercado, os livros escolares e os livros de literatura. Desse modo, a expansão da escolarização e o estímulo ao trabalho educacional favoreceram o mercado editorial à medida que estados e municípios tornavam-se uma nova clientela para as editoras. O aumento de matrículas nas escolas significava a possibilidade de ampliar a produção de livros voltados para as crianças e para a formação de professores, uma nova área que ganhava fôlego e suscitava discussões acerca das disciplinas que atendessem às necessidades dessa formação. Produzir materiais para alunos e professores passa a ser lucrativo e seguro, estreitando as relações entre homens da educação e editores, tendo em vista cumprir as políticas educacionais.

As primeiras publicações feitas por Lobato no início da década de 1920 na *Revista do Brasil* já contavam com nomes que, a partir de 1931, vão participar ativamente da Coleção Atualidade Pedagógicas²². A Companhia Editora Nacional torna-se um lugar estratégico para a divulgação de suas ideias e dos grupos aos quais estavam vinculadas. “Fazer parte da Nacional significava circular por um seletivo grupo de intelectuais que vinha se constituindo desde os tempos da Monteiro Lobato e Cia.” (TOLEDO, 2001).

Dentro dessa lógica de projeção, a Companhia Editora Nacional associa cada coleção que publica a uma autoridade da área. Conforme relacionado por Toledo (2001): a Biblioteca de Cultura Jurídica e Social é assinada por Hermes de Lima; a Biblioteca do

²² A Coleção Atualidades Pedagógicas foi organizada por Fernando de Azevedo, em 1931, como uma das séries da Biblioteca Pedagógica Brasileira. O projeto foi elaborado em um momento de amplo debate político, que tinha como um dos focos o duplo problema da organização de uma estrutura institucional para a promoção de uma educação nacional e constituição de um novo campo científico, o das ciências da educação, que não só auxiliaria a organização da própria estruturação da educação nacional, como produziria conhecimento científico sobre o Brasil e para o Brasil. Além da Coleção Atualidades Pedagógicas, outras coleções destinadas à formação do professorado foram organizadas aliando-se a diferentes projetos político-pedagógicos que disputavam a cena, entre elas a coleção Biblioteca de Educação, de Lourenço Filho, editada na Melhoramentos, desde 1927, e a Biblioteca Brasileira de Cultura, de Alceu Amoroso Lima, editada pela Civilização Brasileira (TOLEDO, 2013, p. 63).

Espírito Moderno, assinada por Anísio Teixeira; a Biblioteca Médica, assinada pelo dr. Barbosa Correa; as cinco séries da Biblioteca Pedagógica Brasileira (Infantil; Didáticos; Iniciação Científica; Atualidades Pedagógicas e Brasileira) são assinadas por Fernando de Azevedo. Entre os autores que figuram em mais de uma série dentro da Coleção Atualidades Pedagógicas encontram-se Fernando de Azevedo (Iniciação Científica, Atualidades Pedagógicas e Brasileira), Almeida Júnior (Livros Didáticos e Atualidades Pedagógicas) e Venâncio Filho (Livros Didáticos e Atualidades Pedagógicas).

Ao fazer circular materiais de embasamento para a formação e orientação de educadores ou mediante a circulação de valores contidos na literatura e manuais de boa conduta, as editoras contribuíam para a veiculação dos discursos de modernização cultural do país. Desse modo, se as editoras precisavam ampliar seu público, atuar em conjunto com aqueles que determinavam os rumos da educação garantia acesso a esse público em formação, futuros leitores dos materiais e livros produzidos por elas.

Além de ficar atentos às preferências do leitor, os editores passam a atuar politicamente e buscam moldar a atuação editorial às novas demandas de formação dos brasileiros. Nesse movimento, tanto o livro quanto a escola são edificados como instrumentos cívicos em prol da transformação do país.

A busca de novos públicos originados daqueles que começam a ser alfabetizados pela escola, de outros que só liam livros estrangeiros, do público iniciante na cultura letrada, aqueles cuja leitura central é a de periódicos, colocava a necessidade para as editoras – nas formas dos materiais editados – de educar o público para a leitura dos novos livros que começavam a circular (TOLEDO, 2001). Assim, pessoas certas em lugares estratégicos parecem ter sido fundamentais para produção, distribuição e venda dos livros das editoras, indicando relações políticas, sociais e intelectuais que garantiam o circuito onde os trabalhos eram produzidos e distribuídos.

Publicar para formar e vender

O sucesso das protagonistas dos romances da Coleção marcou gerações. Algumas como Magali, Pollyana, Nina Rosa tornaram-se nomes das filhas de suas leitoras. Do mesmo modo, termos como *It*²³ marcaram época. Buscar a compreensão de

²³ O termo “*It*” foi criado pela escritora Elinor Glyn como um eufemismo para atração sexual, tendo sido muito utilizado no início do século XX. No ano de 1923, Elinor publicou na revista *Cosmopolitan* um romance chamado *It* falando sobre o estranho magnetismo entre duas pessoas, uma atração que não precisa

termos do período em que a pesquisa é desenvolvida e que caíram em desuso pode trazer boas surpresas. Ao tentar entender o termo *It* veio junto com a definição o alerta de que “o que já se sabia” estava cristalizando as perguntas a serem feitas.

Nesse momento, acreditava-se que, mesmo com a variação entre personalidades fortes ou frágeis, moças órfãs ou herdeiras, mulheres independentes ou mimadas, as “possíveis leitoras” encontravam nas protagonistas somente bons exemplos e bons padrões de comportamento a serem apropriados durante a leitura dos romances da Coleção. Acreditava-se igualmente que as *estratégias editoriais* não deixariam possibilidades de escolhas à leitora. Lia-se o que era dado a ler. Contudo “é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” (CERTEAU, 1996, p. 273) ou meramente consumidores passivos (CERTEAU, 1996, p. 93).

A compreensão de que *It* foi um termo não muito adequado às moças de família, fugindo, portanto, ao esperado para uma leitura considerada sã e moral, possibilitou interrogar obliquamente essa estratégia editorial. O perfil dessa leitora/consumidora estaria mesmo tão estabelecido? Quem lia a Biblioteca das Moças, se a Coleção foi constituída ao longo das décadas de 1920 a 1950? Questionamentos que retomaram o ponto inicial, ou seja, a caça empreendida neste trabalho, eram por uma possível leitora. Uma “possível leitora” de romances.

Assim, o movimento de aproximação dos modos de produção da Coleção, a compreensão de como a Companhia Editora Nacional lidava com a “psicologia do público” e considerar as transformações ocorridas na educação da mulher nessas décadas chamou atenção para o fato de que, mesmo a Coleção divulgando sua criteriosa escolha por livros que ofereciam uma literatura pura e sã, havia uma variação entre autores e valores veiculados em seus enredos.

A seriedade do empreendimento editorial era constantemente reforçada através das divulgações em seus catálogos na busca de convencer e manter seu público fiel. O Catálogo de 1933 da Editora aconselha o público: “forme sua biblioteca com livros que ao mesmo tempo distraiam e instruem, considerando sempre o nome do editor. Editar é selecionar, e só bem seleciona quem tem um nome a zelar”. Desse modo, as

de beleza necessariamente, mas de atração física, denominada por ela como *It*. Ela parte da constatação de que “sex appeal” era algo existente e precisava de um nome. Ainda em 1923 o romance foi adaptado para o cinema norte-americano. No Brasil foi publicado no volume 78 da Coleção Biblioteca das Moças em 1940 (FERRARESI, 2007).

peculiaridades de cada romance não seriam uma preocupação, afinal, foram selecionados por um editor renomado e por uma editora criteriosa na escolha de seus livros.

A maleabilidade na seleção do que seria publicado considerando as diferenças do próprio público garantia a ampliação deste e, com os devidos cuidados, não afetava a credibilidade da Editora. Torna-se compreensível, portanto, manter numa mesma coleção, os romances de Elinor Glyn, Concórdia Merrel e Oliver Sandys, com enredos que faziam referências à sexo, autonomia da mulher, padrões de comportamento desviantes do padrão desejado, divórcios e mulheres independentes, e romances preocupados com a transmissão de valores religiosos e morais como os de M. Delly, Guy Wirta e Louisa May Alcott.

Essa variação pode ser verificada ao retomar a orientação feita por Lobato em 1919 na resposta dada a Godofredo Rangel, quando este solicita a publicação do conto *Clamores vãos* na *Revista do Brasil*. Temendo “estouros de boiada”, Lobato considera o romance ousado para seu público puritano e solicita: “Mande-me coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus” (LOBATO, 1955, p. 193).

Contudo, em 1924 com a possibilidade de ampliação do público através da Monteiro Lobato & Cia., ele publica *Virgindade anti-higiênica*, de Ercília Nogueira Cobra, obra que, além de criticar o casamento, defende a liberdade sexual da mulher. Deve ser considerada, portanto, a posição segura adotada por Lobato enquanto editor, ou seja, se em 1919 sua revista contava com três mil assinantes, um romance poderia causar estragos. Uma editora com um público consideravelmente maior possibilitava correr riscos em busca de leitores com outras demandas.

Além do texto a ser publicado, os demais dispositivos editoriais determinavam a materialidade dos romances. As primeiras edições, consideradas mais tarde como Antiga Biblioteca das Moças, por exemplo, contavam com edições encadernadas em capa dura e no formato brochura²⁴. Prática comum no período, mesmo os livros que não recebessem essa capa poderiam ser levados por seus proprietários às casas de encadernação e ser encadernados ao seu gosto. Entre os exemplares localizados na biblioteca da instituição, o exemplar de *Mamãe sabe o que faz*, de Edna Ferber, o único que foi editado na década de 1940, recebeu encadernação capa dura e a inscrição “encadernado por: Mendes de Jesus Thomé”. Aqueles que já saíam da editora com essa

²⁴ Livros com encadernação simples apresentam capa flexível e a encadernação é feita com a reunião das suas folhas, ou cadernos de livro presos entre si, manual ou mecanicamente, mediante costura, grampos ou colagem, e colados à lombada da capa em forma de acabamento.

encadernação possuíam a opção do acompanhamento de uma jaqueta colorida, espécie de capa solta, cobrindo toda a capa fixa. A jaqueta geralmente reproduzia o modelo de capa dos exemplares em brochura. Aos poucos a editora opta apenas por esse tipo de encadernação mais simples (LANG, 2008, p. 54).

Provavelmente, a opção em produzir os livros apenas com a capa em brochura considerou a redução do custo. Uma encadernação mais barata manteria os romances com um valor mais baixo, possibilitando a constância de compra dos novos lançamentos pelos leitores. Esta relação entre custo e qualidade aparece na divulgação da contracapa do catálogo de 1933.

Cuidado com os maus livros!

Empregue o seu dinheiro tendo os livros da Biblioteca das Moças, edições da Companhia Editora Nacional que se impõem pelas seguintes razões:

1 – Obras de autores consagrados no mundo inteiro Elinor Glyn, Henri Ardel, Concórdia Merrel, Delly, Barclay e muitos outros.

2 – Traduções feitas pelos melhores escritores brasileiros: Godofredo Rangel, Monteiro Lobato, Gustavo Barroso, Agrippino Grieco e outros.

3 – Brochuras atraentes, com ótima impressão.

4 – Preço mínimo, ao alcance de todas as bolsas.

Procure verificar o que afirmamos, adquirindo hoje mesmo as novas edições desta biblioteca. Volume brochado 4\$000 em todas as livrarias (Catálogo de 1933 apud LANG, 2008, p. 43).

À medida que a Coleção se mantém nas décadas seguintes, novas readequações ao público são feitas. A preocupação com a “embalagem” (LAJOLO, 2000, p. 32) do livro é demonstrada pela renovação das capas para torná-las mais atrativas. Entre as mudanças das capas, as edições a partir de 1954 demonstram a interferência das grandes produções dos filmes de Hollywood nas demais produções culturais.

As edições do final da década de 1940 e década de 1950 são consideradas por Hallewell (1985, p. 305) uma readequação do planejamento da Companhia Editora Nacional. Com o aumento da concorrência de outras editoras, Octalles Marcondes Ferreira, então diretor da editora, renova a apresentação de coleções, considerando as inovações gráficas que tornam mais atrativas as produções. O responsável pela produção gráfica da Companhia nesse período foi Rubens Barros de Lima. O produtor abandona uma tendência de produções rebuscadas e adota um estilo mais despojado e limpo, para tal, contando com artistas como Carlos Bastos, Carybé, Darcy Penteadó, Walter Levy, entre outros.

Nas novas capas, os vestidos bufantes cedem espaço às saias mais curtas e mesmo calça para mulheres. Cabelos ondulados e bem cuidados, lábios pintados e decotes aparecem, por vezes contradizendo a própria descrição da protagonista e pouco representam o enredo.

A capa do romance *A vingança de Ralph*, de M. Delly, traz a imagem de uma moça de cabelos pretos e curtos, demonstrando estar à vontade ao ser abordada por um rapaz em um automóvel. Contudo, a história ocorre em um vilarejo onde os automóveis são raros e a protagonista Serena é tímida, possui cabelos castanhos, compridos e sedosos, descrição pouco próxima a imagem da capa. O romance *Cegueira de amor*, de Elinor Glyn, traz a cena de um casal em um barco. A moça, também de cabelos negros e curtos, toca a água enquanto o rapaz a observa. Apesar de muito romântica, em nenhum momento essa cena é descrita no romance. Assim como *Longe dos olhos*, de Henri Ardel, onde a capa mostra o beijo de um casal adulto em uma história que os protagonistas adolescentes não trocaram beijos. Desse modo, a “embalagem” tinha a função exclusiva de, a partir de imagens que lembravam as cenas dos filmes norte-americanos, atrair e não retratar as histórias que o leitor leria naqueles romances.

A referência ao cinema aparece no romance *A pequena da Casa Sloper*, de Oliver Sandys. Publicado a primeira vez pela Companhia Editora Nacional em 1934 a autora faz referência ao cinema em diversas situações. Entre elas, quando a protagonista Sally ao se encantar com seu futuro amor, o compara ao ator Tom Mix²⁵, “a mais masculina expressão de virilidade e vigor” (SANDYS, 1955, p. 39). Na tentativa de desconsiderar seu encantamento, Sally considera que:

Concluiu que se sentia atraída porque ele se parecia com Tom Mix, ou porque essa semelhança só favorecesse a Tom Mix, uma vez que fisicamente e no caráter ambos se pareciam, e Tom Mix consubstanciava a ideia do seu romance. E, se assim fosse, Tom Smith era a realidade e o outro, o Mix, não passava de uma sombra no pano de projeção, galopando nas brumas dos seus filmes-heróis em busca do verdadeiro amor, por quem todas as moças esperam e sonham cavalgando no cenário da vida (SANDYS, 1955, p. 44).

Em outra situação, a mocinha, ao procurar trabalho, mostra-se determinada e ativa numa conversa com a gerente da Casa Sloper. Esta, ao sentir-se incomodada, diz:

²⁵ Tom Mix foi o nome artístico de Thomas Hezikiah Mix. Ator norte-americano, um dos primeiros grandes ídolos do cinema, teve grande sucesso na era do cinema mudo, atuando preferencialmente no gênero *western*. Seu primeiro filme foi *A vida do rancho no Great Southwest* (1910). Sua popularidade eclipsou todos os outros grandes atores *cowboys* da era do cinema mudo. Morreu em um acidente de carro em 1940. Fonte: <<http://www.imdb.com/name/nm0594291/bio>>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

“Com toda certeza você errou a vocação – sentenciou ela. Você deveria estar em Hollywood, substituindo Clara Bow²⁶” (SANDYS, 1955, p. 106). A atriz Clara Bow protagonizou o filme “It” adaptação do romance homônimo de Elinor Glyn, também publicado na Coleção Biblioteca das Moças. Assim, as histórias de amor passavam das páginas dos romances para as telas do cinema, e os filmes já eram citados no cotidiano das protagonistas dos romances.

O romance *A pequena da Casa Sloper* foi reeditado seis vezes dentro da Coleção, a última edição datada de 1984 indicando que estava entre os romances solicitados para reedição através de cartas enviadas à editora por antigas leitoras. Apresenta um grande número de empréstimos na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” entre 1959 e 1960. Entre os doze romances lidos para este trabalho, esse romance possui a capa com a imagem mais próxima do enredo possivelmente por trazer ilustrada uma loja de departamentos que foi que foi objeto do título.

Nessas duas décadas entre a primeira edição do romance em 1934 e a renovação das capas acompanhando o padrão de produções cinematográficas em 1954, a Coleção alcançou sua segunda geração de leitoras. A urbanização já tinha alterado padrões culturais. O aumento das distâncias entre a casa, o local de trabalho e de estudo estabelece o uso de transportes públicos ou de automóveis para o deslocamento. “Nas cidades, várias das atividades juvenis não se confundiam nem se misturavam mais com as dos adultos, e, em geral, os jovens já podiam passar parte do seu tempo com outros jovens” (BASSANEZI, 2007, p. 621). Havia uma maior proximidade entre pais e filhos e uma diminuição da vigilância direta dos adultos sobre os jovens como existia nas décadas anteriores. Certamente, as leitoras da Coleção não eram mais as mesmas “leitoras pretendidas” por seus editores no período da composição.

Os filmes norte-americanos agradavam e atraíam principalmente os jovens. Muitos inspiravam seus comportamentos em personagens ou mesmo nos atores e atrizes por acompanharem suas trajetórias através de revistas. As manifestações de afeto público, mesmo que discretas, e o comportamento mais informal são inspirações trazidas aos jovens pelo cinema. Não sem motivo a Companhia Editora Nacional lança mão da estratégia de utilizar imagens que remetam ao que mais atraía aos jovens nesse momento.

²⁶ A atriz Clara Bow tornou-se um mito sexual ao protagonizar o filme *It*. Ruiva e de olhos expressivos, ficou eternamente conhecida como a *It-Girl*, a garota que tinha “aquilo” que ninguém explicava, mas era incrivelmente sedutora. Foi a principal estrela dos Estúdios Paramount e fez fama na década de 1920. Seu último filme data de 1933. Fonte: <<http://www.biography.com/people/clara-bow-9221851>>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

Outra característica deste período da Coleção é a utilização das contracapas para a divulgação de produtos das Indústrias York S. A. de produtos cirúrgicos, que havia entrado no mercado em 1951. Com o “slogan”: Quem conhece... confia! As propagandas apresentam, além dos produtos para curativos, uma grande inovação para a proteção feminina. A divulgação de absorventes é feita através da imagem de uma moça ao volante com mais duas amigas, demonstrando toda a liberdade conquistada por elas ao utilizarem “Miss, a mais moderna proteção higiênica, embalada mecanicamente e sem contato manual” – contracapa do romance *O rapto de Jadette*, edição de 1956.

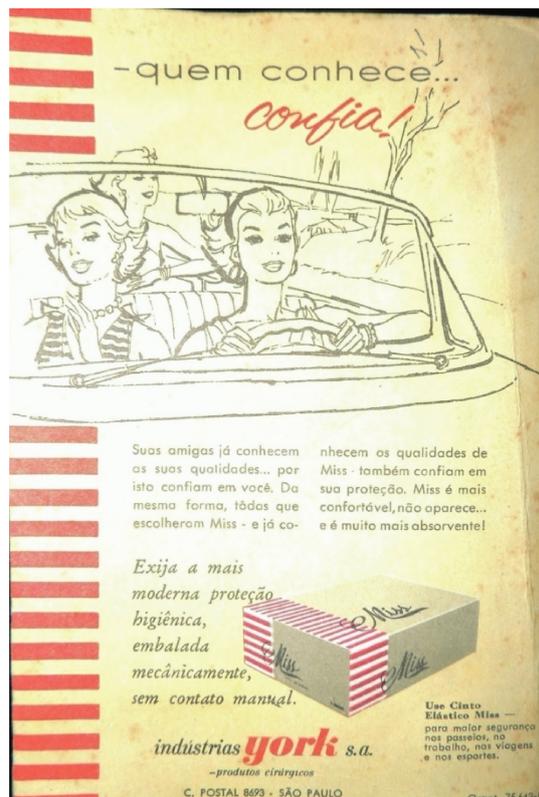


Imagem 6 - Divulgação de produtos femininos nas contracapas dos exemplares.

Mesmo com as inovações trazidas pela urbanização, industrialização e algumas mudanças culturais, assim como os romances, os filmes encontravam resistências. “As revistas para a família registravam o ponto de vista moral mais tradicional”. As críticas voltavam-se principalmente para as danças extravagantes, como o *rock*, e os comportamentos muito liberais. Os elogios eram reservados aos filmes que retravam personagens bem-comportados, os bons costumes, uma “juventude saudável que sabia se divertir, sem escandalizar” (BASSANEZI, 2007, p. 621). Dentro daquilo que continuava desejável aos jovens, principalmente às moças, permanecia a preocupação em cumprir o esperado para a vida adulta, o casamento e a constituição da família.

Entre as preocupações apareciam os “meninos e meninas que bebem cubalivre, frequentam o Snack Bar em Copacabana, usam blusa vermelha e calça jeans, mentem para os pais, cabulam aula, não pensam no futuro, assim, não teriam base moral para construir um lar” (O CRUZEIRO, 1958). Juntamente com a família, a *representação* da boa esposa e mãe devotada foi atualizada reforçando a ideia de que toda a educação recebida pela mulher seria destinada futuramente à sua dedicação ao lar e à família.

Apesar do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, sendo inclusive uma mão de obra que vinha se especializando em algumas áreas, como

enfermagem, magistério, secretariado, comércio, entre outras, os argumentos contrários ao trabalho das mulheres permaneciam muito próximos àqueles usados nas décadas de 1920 e 1930. Entre eles permaneciam: a falta de dedicação aos afazeres domésticos e ao marido, comprometendo a estabilidade do casamento; perda da feminilidade; incentivo à competição entre o casal; e falta de tempo para educação dos filhos.

A revista *O Cruzeiro* de fevereiro de 1959 retoma as preocupações levantadas por Menotti del Picchia em 1920, no artigo “Caso ou não caso?”, publicado na *Revista Feminina*:

alguns homens rejeitam a ideia de casar-se porque acham que as mulheres tornaram-se muito independentes [...] as mulheres hoje são quase agressivas. Disputam conosco a primazia nas repartições, nos escritórios, nos esportes e na vida social. Se em vez de companheiro, seremos competidores, para que casar? (O CRUZEIRO, 1959).

Se em 1920 a preocupação era de que as moças estavam muito preocupadas com a moda e frivolidades, no artigo acima a preocupação volta-se para a atuação profissional. Contudo, o mote central recai novamente sobre a escolha de uma moça que atenda ao esperado para a função de esposa. Da parte feminina, o temor em ficar solteira, conseguir um “bom partido”, não cumprir com sua natureza através da maternidade, ficar “mal falada”, ser mãe solteira, permanecia como assuntos que circulavam nas sessões de cartas que as leitoras enviavam às revistas femininas pedindo aconselhamento.

A situação vivida por Celina, protagonista de *Arremessada ao mundo* – mesmo não passando pela separação matrimonial ou sendo mãe solteira –, aborda as dificuldades enfrentadas pela mulher quando se ilude com um amor aventureiro. Acreditando ser casada de forma legítima, após dois anos de um casamento feliz a mocinha foi abandonada e precisou lidar com as dificuldades em criar o filho sozinha e ainda não ser julgada socialmente. Para isso, muda de cidade, evita falar de seu passado e quando indagada sobre o pai do filho, diz apenas que ele havia partido. Assim, convence a si mesma de que não conta uma mentira, mas protege a si e ao seu filho ao deixar a interpretação do que diz a critério de quem ouve.

Após duas décadas em que as chamadas feministas reivindicaram a liberdade sexual da mulher na década de 1920, os manuais de boa conduta continuavam abordando a sexualidade feminina como “uma realidade a ser enfrentada, missão a ser cumprida ou uma necessidades do casamento e obrigações conjugais” (BASSANEZI, 2007, p. 620). Mesmo as revistas voltadas para o público feminino não utilizavam as palavras sexo, virgindade ou relações sexuais. Lançavam mão de outras palavras como subterfúgios para

abordar assuntos sobre a iniciação sexual da mulher, permanecendo sem muitos esclarecimentos. As moças continuavam à mercê das conversas escondidas, leituras proibidas, filmes considerados impróprios e, ainda, a partir de experiências desastrosas com namorados, que poderiam resultar numa gravidez a ser encoberta pelo casamento, ou medida mais drástica, como aborto.

Desse modo, nos chamados “anos dourados”, o romantismo e a sensibilidade continuam sendo características femininas. E, com o casamento por afeto instituído, era preciso estabelecer as devidas diferenciações entre os relacionamentos para que os equívocos provocados por paixões passageiras fossem evitados. Desse modo, “o amor verdadeiro e digno é aquele feito de juízo e razão. A paixão, por outro lado, é o amor impossível, loucura passageira ou efervescência do juízo, sentimento insensato que jamais poderá se concretizar numa união legal” (BASSANEZI, 2007, p. 618).

Essa união legal deveria estar em consonância com os padrões sociais esperados, assim como atender às atribuições que permaneciam distintas para o homem e a mulher. Mais especificamente, as tarefas da casa continuavam para elas e o provimento do lar para eles, o questionamento dessa divisão poderia comprometer o equilíbrio conjugal, equilíbrio que deveria ser mantido pela compreensão e dedicação da esposa. Nesse enquadramento da “família ideal e feliz”, a felicidade da esposa viria mediante a satisfação do marido.

Para tal, ela deveria dispor de atributos, entre estes: as prendas domésticas, manter a casa em ordem, saber cozinhar e receber bem. Além disso, era desejável estar sempre com boa aparência para que o marido não encontrasse distrações na rua, administrar bem o orçamento doméstico e apresentar certo conhecimento sobre assuntos variados, mas era preciso saber “falar e calar nas horas certas, quando o marido está cansado ou aborrecido, por exemplo” (BASSANEZI, 2007, p. 628).

Apesar das constantes readequações que o papel da mulher sofreu ao longo dessas décadas para que fosse mantido o padrão de família e uma ordem social, o número de “mulheres que se declararam separadas nos censos demográficos cresceu entre as décadas de quarenta e sessenta” (BASSANEZI, 2007, p. 637). O desquite era a única possibilidade de separação oficial nos anos de 1950, mesmo assim, quem assumia essa condição passava por discriminações por ter sua conduta moral questionada, afetando também os filhos, vistos sempre como “filhos de pais separados”.

Um olhar mais detido sobre essa arquitetura do lar feliz perceberá que as rachaduras aqui e ali, mesmo que lentamente, a comprometiam. Uma esposa amargurada

aqui, uma mãe infeliz ali e as respostas protocolares dadas pelas revistas às cartas das leitoras sinaliza o silêncio que permanecia envolvendo as dúvidas e os desejos das mulheres. Artigos veiculados nas revistas femininas questionando a legalização do divórcio demonstram a preocupação em manter a estabilidade social por meio da instituição familiar.

Em 1959, a revista *O Cruzeiro* aborda o tema da seguinte forma: “O divórcio traz mais inconvenientes que benefícios. Fomentaria a desunião entre os casais. Seria uma tentação permanente à separação. Provocaria escolhas precipitadas. Em resumo, quebraria esse princípio de coesão que deve constituir a ideia vital da família” (O CRUZEIRO, 1959).

Contudo, não deve passar despercebido que no discurso veiculado ao abordar de forma tão sólida as representações ligadas à família circunscrita ao lar feliz, atribuindo ao homem o papel de provedor e à mulher de rainha do lar, era desconsiderada boa parte da população que não se enquadrava dentro dessa *representação*. É preciso notar que nem sempre os homens contavam com um trabalho regular e, em muitas famílias, a mulher contribuía financeiramente prestando serviços domésticos, portanto, os homens não devem ser considerados os únicos provedores da família. Somando-se a esses casos, acrescentam-se mulheres que precisavam assumir o sustento dos filhos, visto que a presença de um pai nunca foi uma realidade absoluta entre as famílias brasileiras. Ainda, muitas famílias conviveram com “tios e tias” que não eram casados, mas “era como se fossem” e assim permanecia até a situação ser dissolvida nas gerações seguintes. Por necessidade ou por escolha, novos modelos eram adaptados àquele considerado padrão e lentamente contribuía para as possibilidades de escolha em seguir ou burlar as regras estabelecidas.

Ao verificar a maleabilidade presente na escolha dos romances que compunham a Coleção Biblioteca das Moças, ficou aparente que os editores consideraram essa movimentação do público leitor e da sociedade. Se nas décadas de 1920 e 1930 havia uma efervescência em prol da emancipação da mulher, os editores optaram por mesclar obras de autoras de vanguarda, romances mais dinâmicos, com comportamentos transgressores, e autores mais conservadores, que atendiam ao que era considerado um padrão de comportamento desejável para as moças bem-nascidas. Desse modo, a editora buscava atender a “psicologia do público” de acordo com as suas transformações.

Nas décadas de 1940 e 1950 houve, aparentemente, um abrandamento desses movimentos voltados para os direitos da mulher. O discurso sobre a importância da

família para o fortalecimento de uma identidade nacional ocupa a cena. A preferência dos editores em investir maciçamente em novos lançamentos dos romances de M. Delly nos anos entre 1955 e 1960 pode corresponder à retomada de um amor mais romântico que ganha força nesse período.

O esforço aqui empreendido voltou-se para os modos como a Coleção Biblioteca das Moças foi idealizada e produzida. A publicação da tradução de romances que eram sucesso no exterior foi percebida inicialmente como uma estratégia editorial que a Companhia Editora Nacional lançou mão para cativar públicos específicos, nesse caso as mulheres, e, conseqüentemente, aumentar sua atuação no mercado editorial. Contudo, para que essa estratégia apresentasse êxito, sua divulgação entre aqueles que determinavam o que era adequado ou não para a leitura das moças era necessária. Desse modo, a ampla divulgação de que essa seria uma Coleção composta por obras criteriosamente escolhidas, com histórias que contribuiriam para a formação de hábitos e padrões de comportamento desejáveis às moças em uma sociedade que buscava o refinamento, certamente contribuiu para seu sucesso.

Analisar esta estratégia editorial iniciada em meados da década de 1920 possibilitou a aproximação da *representação* de uma “leitora pretendida” pelos editores da Coleção e demonstrou como a mulher era percebida, qual papel cabia a ela nesse período, assim como, os modos que lidava com estes papéis, indicado tanto na literatura quanto na produção acadêmica. Ficou manifesto que o sucesso da produção editorial passava pelas redes de sociabilidade estabelecidas entre aqueles que atuavam no meio editorial, escritores, políticos e educadores.

Depois de legitimada como uma Coleção adequada para moças e com um público fidelizado, coube à editora manter os romances que já eram sucesso nas prateleiras das livrarias para as novas leitoras, manter a Coleção renovada com novos lançamentos para as leitoras que já a acompanhavam e continuar observando as mudanças apresentadas nas preferências de leitura desse público para auxiliar na escolha de novos lançamentos. Pelo levantamento feito nas revistas voltadas para o público feminino, foi verificado um maior investimento em propagandas da Coleção na década de 1930, confirmando que a Coleção vendia pelo nome construído nas primeiras décadas de sua produção.

Capítulo 2 – Uma possível “leitora rastreada”

Sujeito a uma multiplicidade de usos após impresso, o livro passa por diferentes modalidades do ler, de acordo com o lugar, ambiente ou época. No entanto, é invariavelmente tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido. A partir desse pressuposto, as *estratégias* de escrita e edição esboçam as leituras implícitas e os usos possíveis dos impressos postos em circulação. Os traços desses objetos tipográficos e protocolos de leitura presentes nos livros da Coleção Biblioteca das Moças explicitaram como seus romances foram dados a ler, indicando as representações de leitura e apropriações de suas “possíveis leitoras”.

Para compreender as significações dos impressos, Chartier recomenda a análise do próprio impresso em sua forma material, considerando que “a fórmula editorial dá ao objeto formas próprias, que organiza os textos segundo dispositivos tipográficos específicos” (2004, p. 275). A análise da *materialidade* ou *esquema de modelização*²⁷ dos romances da Coleção buscou identificar seus modos de produção, cruzá-los com seus

²⁷ O conceito de esquema de *modelização*, de acordo com os trabalhos de Roger Chartier, ressalta a materialidade dos dispositivos textuais e tipográficos e sua relação com a leitura e seus modos de apropriação (NUNES; CARVALHO, 1993).

usos e, dessa maneira, confrontar as *estratégias* utilizadas por seus editores e as *táticas* desenvolvidas por suas “possíveis leitoras”.

No caso da Coleção Biblioteca das Moças, esse *esquema de modelização* passa inicialmente pela escolha de romances considerados adequados, que atendessem ao que era tido como uma leitura apropriada e autorizada para moças. O nome dado à Coleção já declara seu público. Mesmo assim foi reforçado constantemente através de propagandas em jornais, revistas e nos catálogos da Companhia Editora Nacional, como demonstra Lang (2008) citando o Catálogo de 1934: “Surpreendente série de livros para moças, a melhor e mais criteriosa publicação em nossa língua. Edição caprichada, capa a cores, traduções selecionadas. Belíssimos romances de pura e sã leitura”.

O artifício adotado em divulgar livros com alta qualidade editorial pode ser percebido como uma *estratégia* utilizada pelos editores da Companhia Editora Nacional dentro do “negócio com livros”, preocupação já demonstrada nas correspondências trocadas por Monteiro Lobato com Godofredo Rangel. De tal modo, que a ideia de publicar sempre o melhor, independentemente do gênero, está sempre presente em seus catálogos: “os melhores livros de ficção em língua portuguesa”; “a mais criteriosa coleção para moças publicada em nossa língua”; “a melhor e a mais rica coleção para crianças” (TOLEDO, 2001, p. 62). A recorrência desta *estratégia* em suas divulgações demonstra o quanto a “representação como prática posiciona seus agentes e constitui o social como social ordenado, hierarquizado, classificado a partir de posições dos agentes nela articuladas, a diferença adquire nitidez” (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 49).

Além das representações sobre livros e leitores mencionadas acima, a *representação* de homem e de mulher esteve sempre presente no conteúdo dos romances. Com algumas variações entre autores e períodos em que foram escritos, os romances trazem os modos como moças e rapazes deveriam ser e agir. Essas representações seriam formas “que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Com base na função simbólica da *representação*, é possível compreender como a realidade é percebida e explicitada nos enredos dos romances.

Desse modo, considera-se que o processo editorial acaba inventando um leitor a quem destina o livro e, à medida que essa *estratégia* idealiza este leitor, também determina um tipo específico de leitura para atendê-lo. Essa *representação* do leitor estabelece as mudanças e adaptações realizadas nos livros de acordo com cada leitor

inventado, ou seja, um mesmo texto receberia formato de letra, diagramação, ilustração, capa entre outros dispositivos gráficos, conforme o leitor ao qual se destina.

Contudo, o rastreamento dos movimentos destas “possíveis leitoras” na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” deparou-se com a tensão posta por Roger Chartier aos historiadores que pretendem investigar as práticas de leitura, qual seja: é preciso tratar conjuntamente a “irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la” (CHARTIER, 1990, p. 123). Para o autor, a História Cultural pode ser definida pela união de três elementos inseparáveis: a história dos objetos na sua materialidade, a história das práticas nas suas diferenças e a história dos dispositivos nas suas variações (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 45). Essa abordagem rejeita trabalhar ideias desencarnadas das práticas daqueles que as produzem ou dos impressos que as colocam em circulação e possibilitam sua apropriação.

Os rastros, vestígios e indícios deixados pelas “possíveis leitoras”

Os romances encontrados na biblioteca não circulante do Instituto de Educação “Carlos Gomes” foram tomados como objeto e fonte de pesquisa em busca de vestígios e marcas expressos “por assinaturas, carimbos dos proprietários e/ou dos locais de compra, anotações em suas margens, conhecidas como *marginálias*, e, ainda, pelos objetos esquecidos dentre suas páginas considerados como *objetos-relíquia*” (CUNHA, 2009). Além destes indícios, os reforços dados em suas capas com fita adesiva demonstram o quanto foram manuseados; os registros nos cartões de empréstimos evidenciam que foram diversas vezes procurados oferecendo pistas sobre a presença das “possíveis leitoras”.

Seguindo as considerações tecidas por Chartier ao propor que as análises sobre a leitura necessitam contrapor práticas de ordenação de condutas, espaços e pensamentos às *táticas* de consumo desenvolvidas pelos indivíduos, acreditou-se que os caminhos percorridos pelas “possíveis leitoras” da Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes” possibilitaria a contraposição entre as *estratégias* da Companhia Editora Nacional e as *táticas* de que as “possíveis leitoras” lançaram mão, demonstrando que “longe de terem a absoluta eficácia aculturante que lhes é atribuída

com frequência, esses dispositivos [...] deixam necessariamente o lugar, no momento em que são recebidos, à variação, ao desvio, à reinterpretção” (CHARTIER, 2002, p. 53).

Esta aparente contraposição tratada por Chartier (1990, p. 121), entre o “caráter todo-poderoso do texto” e a “liberdade primordial do leitor”, ficou demonstrada logo no início da investigação, quando os marcos temporais levantados por meio da pesquisa bibliográfica sobre a constituição da Coleção não correspondiam às datas registradas nos exemplares. Ao projetar uma pesquisa que considerava uma estratégia voltada inicialmente para moças, possivelmente normalistas, das décadas de 1920 e 1930 e encontrar exemplares publicados na década de 1950 com registros de empréstimos até a década de 1970, verificou-se que a “liberdade do leitor” se aparecia à medida que a pesquisa avançava. Cabia, assim, interrogar os distintos usos feitos desses textos (CHARTIER, 1990, p. 122) ao logo desse período.

O modelo de análise proposto por Darnton (1992, p. 299), no qual recomenda uma estratégia dupla combinando análise textual e pesquisa empírica, possibilitou que a análise fosse além da materialidade do texto. Desse modo foi possível comparar os leitores implícitos do texto com os leitores reais, neste caso as “leitoras pretendidas” e as “leitoras rastreadas”. Ao considerar registros particulares de leitura fontes valiosas para a história da leitura, o autor acredita ser este um canal privilegiado de acesso às práticas de leitura do passado, apesar de geralmente serem raras e fragmentadas. Mesmo que não represente o todo, Darnton (1992, p. 224) ressalta que é possível “captar algo do que a leitura significava para poucas pessoas que delas deixaram registros”.

A investigação dos vestígios deixados pelas “possíveis leitoras” da Coleção possibilita conferir as relações entre a leitura prescrita e a realizada, entre a “leitora pretendida” e a “leitora rastreada” e, ainda, investigar apropriações ocorridas no ato da leitura.

Ao desenvolver a pesquisa tendo o *paradigma indiciário* como método, torna-se apropriado apresentar as considerações tecidas por Ginzburg acerca da evidência como pista ou prova em estudos posteriores²⁸ ao texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, que propõe essa abordagem metodológica²⁹. Em seu texto *Controlando a evidência: o juiz e o historiador* (2011, p. 342-358), o autor pondera sobre os motivos

²⁸ Ginzburg retoma e aprofunda questões relativas ao *paradigma indiciário* em *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, publicado em 1998; *Relações de força: história, retórica, prova*, de 2000; e em *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, de 2007.

²⁹ A abordagem metodológica foi apresentada em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, que integra o livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, publicado em 1989.

que levaram a noção de prova cair em desuso, compreendida como uma herança positivista, especialmente se tratada a partir de ideias associadas à verdade e realidade. Dentro dessa perspectiva, o historiador trabalharia com as seguintes possibilidades:

[...] um documento pode ser falso; um documento pode ser autêntico, mas não confiável, na medida em que a informação fornecida por ele possa ser mentirosa ou enganosa; ou um documento pode ser autêntico e confiável. Nos dois primeiros casos, a evidência é descartada; no último, é aceita, mas somente como evidência de algo. Em outras palavras, a evidência não é tomada como um documento histórico em si, mas um médium transparente – como uma janela aberta que nos dá acesso direto à realidade (GINZBURG, 2011, p. 347).

A argumentação do autor gira em torno do ceticismo presente sobretudo entre os críticos do positivismo que, baseados em uma abordagem demasiadamente cética, caem em uma “armadilha às avessas”, transformando a possibilidade de tratar a evidência como uma janela aberta em um muro que bloqueia o acesso à realidade, tornando-se um “positivismo invertido”. Dessa forma, considera que ambas abordagens partem de um pressuposto igualmente simplista: a relação direta entre evidência e realidade.

Entretanto, a possibilidade conquistada pelo fazer historiográfico no século XX, que permite a busca de aspectos desconhecidos do passado pela opção por aquilo que é plausível ou provável, possibilita rever a abordagem dada às evidências. Levando em conta a evidência histórica pode ser tanto involuntária, como uma pegada, quanto voluntária, como uma crônica, o autor reforça que as duas situações devem ser abordadas tomando por base um paradigma específico. No caso de ser voluntária, deve, ainda, estar relacionada a um código específico com o qual a evidência será construída. Em muitos de seus trabalhos Ginzburg lidou com o que considerava serem “erros fecundos”, os quais, dependendo do rigor do historiador, contribuiriam com a pesquisa histórica sinalizando que esse tipo de pesquisa implica, necessariamente, administrar o erro ou tentar suprimi-lo, ou seja, está ligada aos próprios limites da investigação histórica.

Dessa maneira, o autor propõe que o trabalho de pesquisa do historiador incide em analisar as fontes considerando as relações de força ali presentes, somente desse modo ocorrendo uma aproximação do “conhecimento possível” alcançado mediante o trabalho de construção de uma retórica baseada em uma prova. Ainda ressalta que a retórica se “move no âmbito do provável, não no âmbito da verdade científica numa perspectiva delimitada, longe do etnocentrismo inocente” (GINZBURG, 2002). Assim sendo, uma análise construtiva das fontes demanda um esforço em arquitetá-las não como “janelas abertas” ou “muros que impedem a visão”, mas com um “espelho produtor de

distorções. Sem uma ampla análise da distorção que lhe é inerente, [...] uma reconstrução histórica válida é impossível. Mas essa afirmação deve ser lida também em sua contrapartida: uma leitura puramente interna da evidência, sem nenhuma referência a sua dimensão referencial, é igualmente impossível” (GINZBURG, 2011, p. 348).

O trabalho de Natalie Zemon Davis em *O retorno de Martin Guerre* é citado como modelar mobiliza de forma modelar por mobilizar questões teóricas desenvolvidas em seu próprio trabalho que possibilitaram tanto a investigação judiciária, quanto o diálogo com a narrativa ficcional, literária ou cinematográfica. Na primeira situação a autora aborda o estatuto de prova na investigação histórica rebatendo o estatuto de incerteza e contexto; na segunda, avalia a vinculação do fazer histórico com o uso da linguagem e as implicações cognitivas presentes em narrativas históricas. Ginzburg (2011) dá destaque ao cuidado que a autora demonstra em “separar verdades de possibilidades”.

Em vez de afastar no modo indicativo as aproximações que ela produziu para preencher os vazios de documentação, Davis dá ênfase a esses vazios usando condicionais ou expressões como “talvez” e “pode ter havido”. Podemos comparar sua abordagem às técnicas de restauração da arte antiga, como *rigatino*, no qual as lacunas da pintura são enfatizadas por finos traços em vez de dissimuladas pela repintura, como se estivessem no passado (GINZBURG, 2011, p. 356).

Tais observações consideram a assertiva de Lucien Febvre, que “as fontes históricas não falam sozinhas, mas só se interrogadas de maneira apropriada” (2002, p. 114). Assim, a mediação entre questões e fontes confere às narrativas uma posição provisória, sujeitas a modificações durante o processo de pesquisa. O produto final deve apresentar as questões que instigaram o pesquisador, mostrar o interdito que não está dito; os espaços em branco não devem ser “dissimulados pela repintura”, assumindo as distorções inerentes à reconstrução histórica. Ciente das dificuldades postas em investigar práticas de leitura e do “rigor flexível” necessário à pesquisa indiciária, o autor do trabalho aqui apresentado expõe o trajeto percorrido pela pesquisa, o qual foi delineado à medida que os vestígios e pistas deixadas pelas “possíveis leitoras” confirmavam ou redirecionavam suposições levantadas.

Para seguir no rastreamento das “possíveis leitoras” da Coleção foi desenvolvida a análise detalhada da materialidade de cada um dos exemplares. Nesse levantamento ficou estabelecido o pertencimento dos romances à biblioteca do Instituto por apresentarem o carimbo da instituição escolar ou de tombo, constituindo como já mencionado, a ancoragem ao período em que a instituição foi denominada Instituto de

Educação. Desse modo, houve a presença predominante de marcas voltadas para a ordenação dos romances dentro da biblioteca mediante os carimbos da instituição, carimbo e número de tombo, e cartões com registro de empréstimos.

A catalogação dos 79 romances da Coleção localizados na biblioteca indicou que dezoito apresentam carimbo de duas livrarias da cidade de Campinas, sugerindo que foram adquiridos com recursos que eram destinados à biblioteca para ampliação do acervo. Durante o período do Instituto de Educação a biblioteca contava com “uma verba considerável para a sua manutenção, além de certa autonomia para tal” (MENEZES, 2011, p. 12). Entre os dezoito, oito apresentam o carimbo da Livraria Universal, que na época era localizada na Rua Francisco Glicério, 1.085. Outros dez romances trazem o carimbo da Livraria Nossa Casa, localizada na Rua General Osório, 1.173.

No exemplar do romance *Mitsi* de M. Delly, não consta carimbo da instituição, mas há número de tombo e cartão de empréstimo. Vestígios sugerem que foi doado à biblioteca, por trazer na primeira página, no canto esquerdo superior, uma assinatura e a data 5-6-56. Também nessa página, a etiqueta do Bazar Luster, Rua Augusta, São Paulo. Os demais 60 exemplares não apresentam vestígios da sua forma de aquisição.

Marcas deixadas por “possíveis leitoras” apareceram nas páginas de 15 dos 79 exemplares. Uma “possível leitora” do romance *Um coração entre flores*, de T. Trilby resolveu adiantar o final do livro e escreveu na página 49: “a senhora Jeanne morre no fim”, e, na página 67: “a senhora Jeanne é mãe de Odile, mas só no fim ela fica sabendo”. As inscrições em outros livros atribuíam qualidade ao romance, indicando aos próximos leitores se o romance era bom ou não.

Nos romances *Apuros de uma Rica* de Berta Ruck; *A sétima miss Brown*, de Concórdia Merrel; e *Os dois amores*, de Henri Ardel, uma “possível leitora” utiliza a lista da coleção ao final do livro para marcar os romances da Coleção que já havia lido. Apesar de aparecerem em poucos exemplares da Coleção localizados na biblioteca, as marcas deixadas pelas leitoras nos romances podem ser consideradas indícios seguros da leitura ali realizada. Vestígios de que o romance foi manuseado e de que, de algum modo, a “possível leitora” marcou sua leitura nesse exemplar.

Analisar essas marcas permite inferir as relações que a “possível leitora” estabeleceu com o livro, sinalizando que realizou uma convivência mais aprofundada com o impresso (CUNHA, 2009). Entre as marcas as anotações marginais podem ser compreendidas como um dos gestos que conduz as práticas de leitura e de escrita e

tornam-se um modo de localizar citações e exemplos que o leitor detém “como modelos estilísticos, dados factuais ou argumentos demonstrativos, que ele transfere do livro lido para seu caderno de lugares-comuns” (CHARTIER, 2002, p. 94).

Entre os objetos esquecidos foram encontrados dentro do romance *Sorte em amor*, de Berta Ruck, três ingressos para o Gran Circo Norte-Americano³⁰. Os ingressos, um bônus escolar, trazia a ressalva de que “não vale sábados e domingos” e “toda criança ou estudante portador deste bônus pagará na geral cr\$ 3,00 e na cadeira cr\$ 5,00 na matiné de 5ª Feira nos horários das 15,30 e 17,30 horas”. Não consta a data. A “possível leitora” que esqueceu o bônus dentro do romance talvez tenha preferido a leitura deste a prestigiar o espetáculo circense, ou simplesmente esquecido dentro do livro.

No romance *Enquanto é tempo de amar*, de Florence L. Barclay, havia um cartão impresso, que teve como função inicial convidar para um evento no Instituto: “A união de ex-alunos do I. E. ‘Carlos Gomes’ de Campinas, tem a honra de convidar V. Sa. para paraninfar o Cristo a ser entronizado no Jardim Interno do estabelecimento no dia 13 de maio p. f. Dia da Escola. C.R.C³¹. [presidente]. Campinas, maio de 1970”.

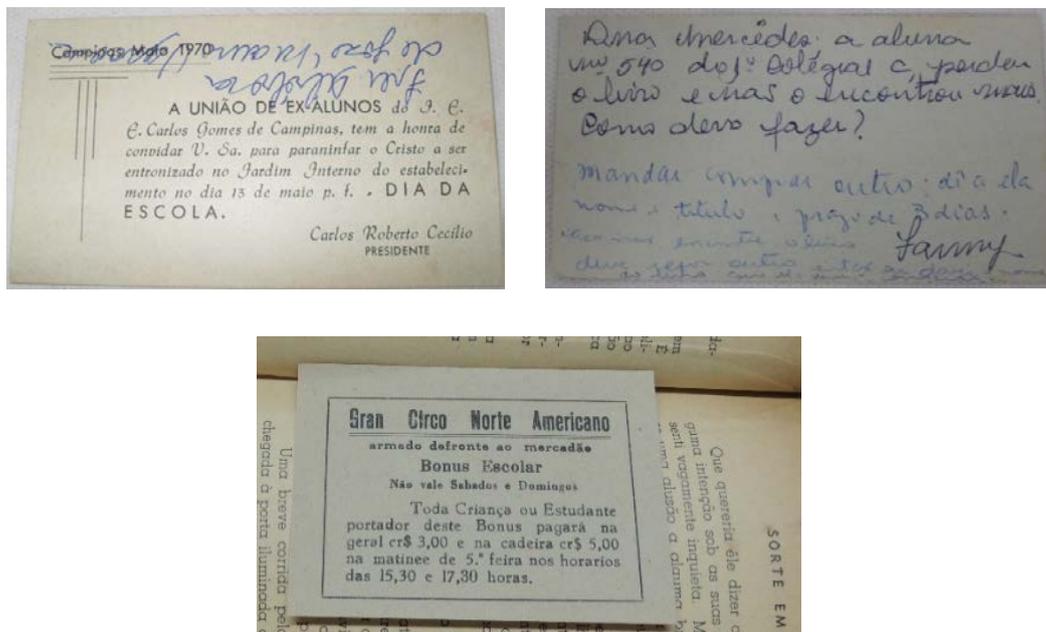


Imagem 7 – Objetos esquecidos no interior dos livros

³⁰ O Gran Circo Norte-Americano terminou tragicamente em 1961, em Niterói, após um incêndio que é considerado até os dias atuais uma das maiores tragédias do país.

³¹ Os nomes e assinaturas encontrados durante a análise dos exemplares dos romances serão mencionados no trabalho apenas através de suas iniciais.

Posteriormente, o mesmo cartão serviu para anotar um pedido de orientação à bibliotecária, apresentando informações sobre o funcionamento da biblioteca nesse período. O verso do cartão-convite tem a seguinte anotação: “D.M. A aluna n°. 540 do 1°. Colegial C perdeu o livro e não encontrou mais. Como devo fazer? F.”. A resposta da bibliotecária é enviada no mesmo cartão: “Manda comprar outro: dê a ela nome e título, prazo de 3 dias. Caso não encontre o livro, deve repor outro então ou darei o nome do livro que ela deverá comprar. M.”. Essas pistas indicam o controle que havia sobre o acervo e a disciplina cobrada aos alunos no uso da biblioteca.

Os exemplares analisados trazem ao final, colado na parte de dentro da quarta capa, um envelope com cartão para o registro de empréstimo. De modo indiciário, o bilhete mencionado acima confirmou que o número registrado nesses cartões era realmente o número do usuário. A “aluna n°. 540” havia emprestado *A passageira*, de Guy Chantepleure, em 12 de agosto de 1970; *Estranha lua de mel*, de Berta Ruck, em 24 de maio de 1971; e *No silêncio da noite*, de M. Delly, em 4 de outubro de 1971.

O aparente devaneio ao rastrear essa “aluna n°. 540” indicou novas rotas que redirecionaram a pesquisa, demonstrando que, provavelmente, mais que as marcas deixadas pelas “possíveis leitoras”, o esforço para compreender e investigar o movimento de empréstimos dos romances poderia ser promissor. Pela análise dos cartões de empréstimo foi possível acompanhar a procura dos romances, a assiduidade dos usuários interessados nessa leitura e os romances mais procurados. Cabe ressaltar que o trabalho de pesquisa pautou-se nos exemplares localizados atualmente na biblioteca não circulante da instituição em foco. Como não foi possível verificar se a biblioteca contava com toda a coleção, não sendo possível afirmar se tiveram exemplares perdidos ao longo das décadas, pela falta de devolução ou pela má-conservação a que os livros ficaram expostos durante anos.

Desse modo, retomamos as ressalvas feitas por Ginzburg sobre trabalhos que se dedicam aos vestígios, indícios e pistas que “sobreviveram” ao descarte e à má-conservação ao longo do tempo, sendo preciso ter sempre presente que são trabalhos que lidam com possibilidades e não com verdades, e a análise empreendida dos dados e das fontes deve considerar a “distorção que lhes é inerente” (GINZBURG, 2011).

Após o levantamento dos empréstimos registrados, o primeiro empréstimo localizado estabeleceu uma nova data. Se os exemplares encontrados na biblioteca foram publicados entre 1954 e 1960, os registros de empréstimos surgem no ano 1957 e avançam

até 1975. O último registro de empréstimo chama a atenção por trazer uma leitora da década de 1970 que lia romances de uma coleção considerada “literatura de água doce” na década de 1920. Esse dado despertou especial interesse por fazer reconsiderar o ato da leitura apenas como consumo, tornando-o um paradigma da *atividade tática*. Essa leitora da década de 1970, ao ler romances de uma coleção idealizada dentro de *estratégias* previstas para alcançar moças das décadas de 1920 e 1930, ao elaborar sua leitura, reelabora um novo texto indicando que “a leitura produz outros efeitos além dos de inculcação” (CERTEAU, 1996). O exercício de aproximação das práticas cotidianas, aqui desenvolvido a partir do movimento de empréstimos dos romances, reforça a ideia de que o leitor, neste caso a “possível leitora”, pode habitar um lugar de liberdade e criatividade através dessa caça furtiva que é a leitura.

Durante o levantamento das datas de empréstimos, surgiu a dúvida se estas seriam tão coincidentes por algo relacionado à organização da biblioteca, por exemplo, o sistema de registro de empréstimo em cartões poderia ter sido implantado em 1957. Contudo, após encontrar o exemplar do romance *Quem espera sempre alcança*, foi verificado que seu primeiro empréstimo datava de 10/4/1955, demonstrando que havia, então, registro dos empréstimos antes dos primeiros localizados nos exemplares da Coleção. Outras tantas questões foram resolvidas ao longo da investigação tomando por base os vestígios que eram levantados, às vezes arduamente caçados, outras vezes surgindo pela eventualidade.

Um desapontamento ocorrido logo no início da pesquisa foi a impossibilidade em dar nome e rosto à “possível leitora” a partir do número de usuário. Apesar de despertar questões profícuas para a pesquisa, a aluna n°. 540 permaneceu como um número de usuário, aluna do 1º. Colegial C, do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Ao considerar os romances que emprestou, essa aluna não demonstra preferência por um autor, fez empréstimo de três autores diferentes, esteve matriculada em 1970 e 1971, e possivelmente concluiu o colegial em 1972. A informação dada à bibliotecária sobre a perda do livro lhe atribuiu uma atitude descuidada com os livros emprestados. Além disso, dentro do movimento geral de empréstimos da Coleção, a aluna n°. 540 pode ser considerada uma leitora eventual.

As tentativas de avançar além desses dados tropeçavam na impossibilidade de relacionar o número de usuário aos prontuários de alunos matriculados nesse período

de 1957 a 1975. Não foram localizados registros que estabelecessem uma relação do número do cartão de empréstimo com os prontuários, números de matrícula ou listagem de nomes de alunos.

Em artigo intitulado *O mapeamento de uma biblioteca de formação de professores*, a professora Dra. Maria Cristina Menezes analisa os relatórios da bibliotecária em exercício nesse período considerando as informações sobre o “funcionamento da biblioteca, número de consulentes e consultas por área de conhecimento, o movimento das classes quanto a essas consultas, o aumento no número de obras e a proporção das mesmas quanto às áreas” (2011, p. 1). As informações constantes no artigo indicam a autonomia que a biblioteca possuía, possibilitando uma organização que não necessariamente estava ligada à organização administrativa da escola. A partir das informações abordadas neste artigo é possível inferir que a biblioteca possuía uma organização própria. Desse modo, a tentativa em estabelecer uma relação do cadastro de usuários da biblioteca com a organização de documentos de alunos da parte administrativa da escola demonstrou ser pouco factível.

Diante dessa dificuldade, optou-se por trabalhar apenas com os dados levantados a partir dos exemplares encontrados na Coleção Biblioteca das Moças. Inicialmente foi feito um investimento de ordem quantitativa por meio da construção de tabelas e gráficos com informações levantadas. Esses levantamentos contribuíram para a análise da Coleção a partir de dentro da biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, numa tentativa de rastrear a “possível leitora”.

Os registros de empréstimo aparecem timidamente em 1957, em apenas 1 livro. Em 1958 há um salto para 202 empréstimos, mantendo-se regular nos dois anos seguintes, atingindo seu pico em 1961, com 418 empréstimos. Há um intervalo de quatro anos entre 1962 e 1965 sem registros. Sobre essa lacuna não foi encontrada nenhuma informação ligada ao funcionamento da biblioteca que contribuísse para seu esclarecimento. Uma possibilidade seria pelos relatórios analisados no artigo mencionado acima, no entanto, “os relatórios analisados datam de 1955, 1959, 1961, 1969, 1971, 1972 e 1976”, indicado por Menezes (2011). Em 1966, os empréstimos voltam a ser registrados e mantêm certa regularidade, com pequenas oscilações, até 1976, quando os registros cessam.

Analisar o movimento de empréstimos dos romances possibilitou esboçar um perfil dos usuários que faziam os empréstimos desses romances classificando-os como: “ocasionais”, aqueles que fizeram apenas 1 empréstimo, totalizando 143 casos; “eventuais”, aqueles que emprestaram de 2 a 5 livros, num total de 163 usuários; “constantes”, considerados usuários com empréstimos entre 6 e 13 romances; e foi localizado um usuário classificado como “assíduo, por ter emprestado 21 romances. Os dados evidenciaram um total de 361 usuários e aproximadamente 1.153 empréstimos ocorridos no período registrado nos cartões.

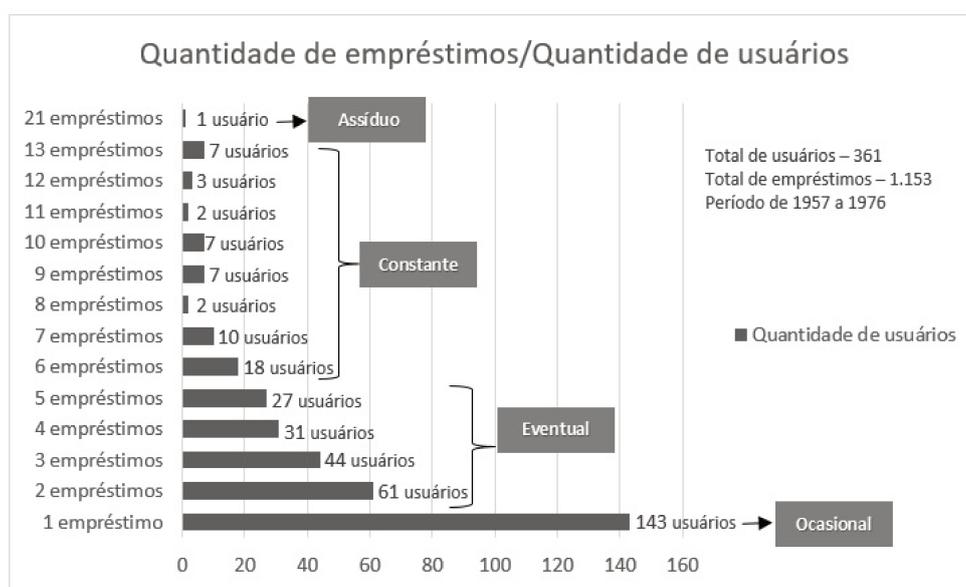


Gráfico 2 – Levantamento do perfil do usuário/empréstimos.

O levantamento e análise dos dados gerou um grande volume de informações, que pouco esclareciam e pareciam um bloco uniforme de dados. Aos poucos, desvios foram localizados, entre estes, a recorrência de empréstimos dos mesmos romances. Então iniciou-se a investigação dos motivos que levaram a essa preferência. Dentro do movimento de empréstimos ao longo dos anos pesquisados, interessou saber em que medida os livros emprestados eram retirados da biblioteca ou lidos na sala de leitura³². Para esse levantamento foram considerados como livros lidos na sala de leitura aqueles que, no cartão de empréstimo, constam registrados com o mesmo dia de retirada e devolução do exemplar.

³²A opção por utilizar o termo “sala de leitura” partiu da entrevista com as ex-alunas, que mencionam a sala de leitura durante seus relatos sobre a biblioteca.

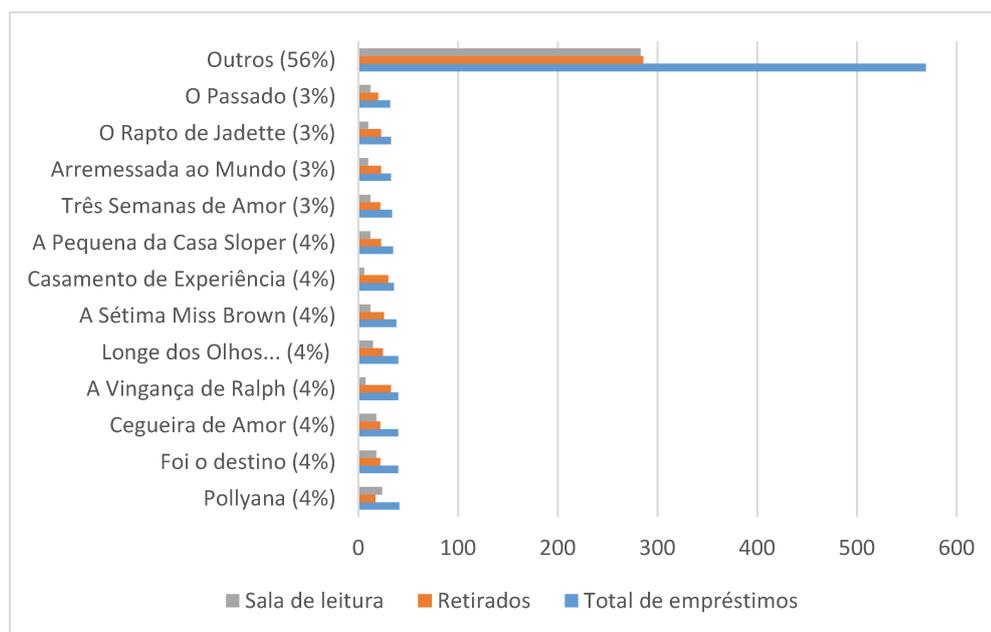


Gráfico 3 – Levantamento sobre o lugar de leitura dos romances.

Cabe lembrar, no entanto, que o empréstimo não está diretamente ligado à leitura. A retirada do romance da prateleira ou o ato de levá-lo consigo não garante necessariamente que foi lido. Pode ocorrer o empréstimo do romance para outra pessoa, no período de um mesmo empréstimo o livro ser lido por mais de uma pessoa ou ficar esquecido entre os materiais escolares e voltar à prateleira sem sequer ser folheado, entre outras possibilidades. Todas essas questões pertencem ao “paraíso perdido” das práticas da leitura (CERTEAU, 1996, p. 270). Resta ao pesquisador insistir naquilo que não foi perdido, retomar os dados numa “leitura às avessas”, afastar-se e “contemplar a realidade de um ponto de vista insólito” e tentar escapar da cristalização e automatismos que vão surgindo ao longo da pesquisa.

Os “romances preferidos”

Tendo por base o levantamento sobre os empréstimos dos usuários, foi feita a comparação dos 1.153 realizados considerando a repetição de empréstimos dos mesmos romances. A recorrência compreendida durante o levantamento foi confirmada ao comparar os dados: 512 empréstimos ficaram concentrados em doze títulos,

totalizando 44% dos empréstimos realizados. A partir de então, esses romances passaram a ser tratados como “romances preferidos”.

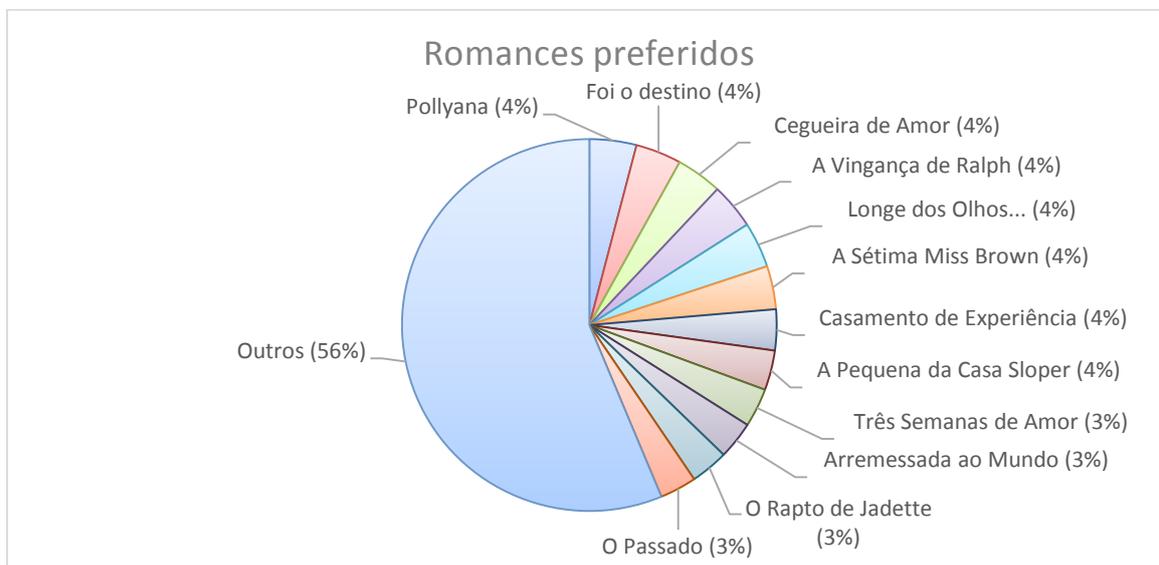


Gráfico 4 – Levantamento dos romances preferidos.

Algumas possibilidades para compreender a preferência por esses romances foram consideradas, entre as quais analisar uma provável identificação das “possíveis leitoras” pelas personagens ali apresentadas. Observando o proposto por Antônio Candido (CANDIDO et al., 2007), o romance é constituído por três elementos: enredo, personagens e ideias; mas a personagem permite a ligação afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc., tornando-se seu elemento mais vivo.

Ao dar vida ao enredo e às ideias do autor, a personagem cativa ou não o leitor, o mantém atento ao desenrolar de sua vida e à espera dos próximos encaminhamentos, tanto que grandes personagens podem sustentar um enredo com graves defeitos. O autor alerta, inclusive, para o erro frequente de considerar que “o essencial do romance é a personagem, como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida” (CANDIDO et al., 2007, p. 54). No entanto, apesar dessa observação, o autor considera que, dentro dos moldes de romance configurados nos séculos XVIII, XIX e início do XX, a personagem adquiriu completo significado no enredo e contribuiu para o sucesso de muitos romances.

O romance moderno aumentou esse sentimento de dificuldade do ser fictício por possibilitar combinações que permitiam uma margem de experiência, complexidade, variedade, com poucos traços psíquicos, atos e ideias após o trabalho de seleção do

romancista. Dessa maneira, a construção da personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar habilmente elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado dentro do romance se comparado com o máximo de traços humanos que surgem no modo de ser das pessoas (CANDIDO et al., 2007, p. 54).

Entretanto, a construção de uma personagem e a invenção do mundo onde habita depende da possibilidade de, mesmo sendo uma criação da fantasia, transmitir a impressão de ser legítima e conferir inteligibilidade à realidade que a originou. Então, a verossimilhança em literatura não estabelece uma comparação direta com o mundo real; esta relação entre real e imaginário passa pela organização estética do texto. Nas palavras do autor:

[...] há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza (CANDIDO et al., 2007, p. 53).

Tendo em vista as proposições de Candido sobre enredo, personagens e ideias (2007, p. 57) e, mais detidamente, ao considerar que o autor estabelece uma linha de coerência fixa delimitando a existência e modo de ser da personagem, foi desenvolvida a análise desses doze romances conforme as seguintes categorias de classificação: 1) **Personagens:** Características Físicas; Conhecimentos/interesses; Inteligência; Profissão; Posição social; Caráter; Papéis (satisfação/insatisfação); Idade/trajetória da vida; Postura/gestos; Personagens esféricas ou planas³³; 2) **Relacionamento:** Namoro/noivado/casamento/outro; Contato físico (Toque das mãos, toque rosto, abraço, beijo, sexo); Casal padrão/desviante, Feliz/infeliz; Casamento por Amor/conveniência/atração física; Núpcias. 3) **Jogo social:** Ser forte/parecer fraca; Saudável/adoecida; Chantagem emocional; Poder social; Poder financeiro; 4) **Ambiência:** **Tempo** – Cronológico/Psicológico; **Local** – Campo/cidade/requintado/simples; **Espaço** – Influência, condiciona a ação das personagens.

Estabelecidas essas categorias, os romances foram analisados considerando que, além de ser um produto de estratégia editorial, cumpriam o propósito de disseminar modelos e padrões de conduta elaborados num momento de plena urbanização. Em meio

³³ CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

a esse processo, inclusive as emoções precisam ser enquadradas. Assim, os romances ganham espaço privilegiado ao explorarem os estereótipos, tanto nas características físicas, modos e gestos das personagens quanto na postura que adotam dentro dos relacionamentos presentes nos enredos.

A seguir, são brevemente apresentados os “romances preferidos” considerando as categorias apresentadas acima.

• *Pollyana*, Eleanor H. Porter

Entre os doze “romances preferidos”, o que mais destoa em relação ao enredo dos demais é *Pollyana*, da autora norte-americana Eleanor H. Porter, sendo o único que finaliza com a protagonista ainda na infância. Escrito em 1913, teve sua 1ª edição pela Companhia Editora Nacional em 1934; após a 6ª edição, em 1958, o romance passou a ser publicado fora da Coleção. A autora conta com mais um título dentro da Coleção, *Pollyana moça*, continuação de *Pollyana*. Os registros de empréstimos concentram-se a partir de 1968 em maior número na década de 1970, sendo mais lido na sala de leitura (Anexo A, Gráfico 1).

A autora menciona características físicas das personagens, no entanto, dá maior ênfase à descrição de caráter e papéis sociais. O enredo gira em torno das virtudes de Pollyana, menina órfã, sob a guarda de uma tia que só conhece após a morte dos pais, não havendo presença de relacionamentos entre casais com grande destaque. O jogo social passa pelo poder financeiro da família da mãe de Pollyana, que não aprovava seu casamento com um missionário religioso. Acreditavam que teria uma vida de privações se casasse com um rapaz sem recursos financeiros. A moça enfrenta a família, assume as consequências de sua escolha e, após um vida simples mas cheia de pequenas alegrias, falece deixando o esposo com a filha pequena. Pai e filha vivem em harmonia, apesar das dificuldades financeiras.

Poucos anos após a morte da mãe, Pollyana perde o pai. A parente mais próxima que pode acolher a menina é a irmã de sua mãe. A tia Polly é uma moça solitária e triste, que vive na mansão herdada dos pais e administra a fortuna deixada por eles. Não é muito simpática a crianças e inicialmente recebe Pollyana apenas como uma obrigação a ser cumprida.

O encontro das duas retoma as mágoas da família e exige o aprendizado de ambas sobre convivência, respeito, amor e reconstrução de laços familiares. O romance possui uma narrativa não linear, retoma cenas do passado, como no momento em que Pollyana lembra o momento em que o pai a ensina o “jogo do contente”, um modo encontrado por ele para diminuir as dificuldades que viviam. O ambiente é descrito inicialmente pela simplicidade da vida que a menina tinha com os pais e, depois, pelo deslumbramento que vive ao conhecer a casa luxuosa onde vai morar com a tia.

Não há repetição de grandes eventos sociais, a narrativa apresenta a vida cotidiana pontuada pelo modo virtuoso como Pollyana trata as pessoas e as transforma com seu exemplo.

• Foi o destino, M. Delly

Entre os autores franceses mais publicados dentro da Coleção Biblioteca das Moças, encontra-se M. Delly, com 29 romances. A partir do dossiê M. Delly, Lang (2008, p. 18) apresenta o contrato com a Livraria Castilho, do Rio de Janeiro, em 8 de maio de 1929, para compra dos direitos exclusivos de tradução e publicação de vinte títulos, os quais foram publicados dentro da Coleção: *Escrava ou rainha*, *Entre duas almas*, *Freirinha*, *Magali*, *A dor de amar*, *Sozinha*, *O primo Guy*, *Sonho de virgem*, *Amizade amorosa*, *Noiva*, *A passageira*, *Beijo ao luar* e *Fadazinha*. No dossiê, junto ao contrato, encontra-se também o acordo original de compra entre a Castilho e a editora francesa Librairie Plon-Nourrit, feito em 6 de julho de 1921.

Entre 1930 e 1948, a partir dos movimentos de edição, Lang (2008, p. 34) indica que grande parte dos livros publicados são de M. Delly, entre eles os títulos já mencionados acima e quatro títulos novos: *Foi o destino*, *No silêncio da noite*, *A casa dos rouxinóis* e *A vingança de Ralph*. Nas edições feitas entre 1955 e 1960, os romances: *A cascata rubra*, *Miséria dourada*, *Maresia*, *O lírio da montanha*, *Um sonho que viveu*, *Elza*, *Ondina*, *Florita*, *Castelo em ruínas*, *Orieta*, *Corações inimigos*, *O passado*, *O sentimento do amor* e *Mitsi* aparecem como títulos novos. Assim, ao longo das décadas em que a Coleção foi editada, os romances de M. Delly sempre estiveram presentes como reedições ou lançamentos.

O romance *Foi o destino* é publicado pela primeira vez na Coleção em 1940, com um total de 8 edições. Na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” teve

maior procura entre 1959 e 1961, e depois de 1966 permanece com procura maior, se comparado aos outros. Apenas *Pollyana* foi mais procurado. A trama envolve basicamente a família de Raimundo Evennes, católicos fervorosos e a família do juiz Daubrey, que educou seus filhos, Ariana e Fernando, sem religião, voltados apenas para os prazeres terrenos.

Desde criança, Raimundo ama Paula, sua prima. Ficam noivos assim que ela completa 18 anos. Paula, cristã apenas por tradição, é boa por natureza, mas muito influenciável. Sua mãe, extremamente fútil, a convence a não se casar com Raimundo, que não é rico, e casar-se com Fernando, filho mais velho do juiz Daubrey, que, apesar de jovem, já é bem-sucedido como advogado. A moça rompe o noivado deixando Raimundo desolado.

Ariana, filha mais nova do juiz Daubrey, sente um vazio moral, não está satisfeita com a vida que leva e gostaria de acreditar em algo. É uma jovem advogada e amiga de Paula, tendo conhecido Raimundo também desde a infância, quando era uma menina feiosa e estabanada. Por encontrar constantemente Raimundo no fórum, Ariana reata o vínculo com ele e o rapaz fica encantado com a moral dela, cultivada por mérito próprio, uma vez que não recebeu diretrizes morais em sua educação. Os jovens conversam sobre o papel da mulher como profissional e, principalmente, sobre a vida com e sem fé. Aos poucos, ele percebe que a ama. Entretanto, esse sentimento não é possível para ele, pois sabe que a amada não é cristã. Ariana também percebe os próprios sentimentos e compreende Raimundo, ele só aceitaria para esposa uma moça que alimentasse a mesma fé na qual ele foi educado.

A família Daubrey muda-se para um apartamento próximo ao da família de Raimundo. Ariana passa a conviver com a mãe dele, que, aos poucos, a auxilia em sua conversão ao catolicismo. Nesse mesmo período, Paula se vê infeliz em seu casamento com Fernando e pensa em pedir o divórcio e tentar reconquistar o antigo noivo. Firme em sua fé a mãe de Raimundo lembra que, para uma cristã, não existe a possibilidade do divórcio. Mesmo assim, Paula termina o casamento pela incompatibilidade e falta de disposição de ambos em fazer concessões. Depois de alguns anos, Paula se casa novamente, mas Fernando permanece com uma vida afastada de valores morais ou fé.

Ariana e Raimundo passam por um longo período de conhecimento e aproximação, tendo suas diferenças diminuídas, e a moça da família cética, que sentia um imenso vazio moral, não satisfeita com a vida que tinha, aceita o catolicismo e encontra

alento para o vazio que sentia. Após a moça tornar-se católica, Raimundo pondera avançar no relacionamento, já que agora possuem as mesmas crenças.

Ao final, os jovens assumem o quanto se amam e o quanto possuem valores e buscas comuns. Fernando se sente mais fortalecido depois do sofrimento vivido pelo abandono de Paula e pede a mão de Ariana em casamento. Após o casamento, a moça deixa a profissão e passa a cuidar exclusivamente de sua casa e nova família, auxiliando sempre o marido em seus casos jurídicos.

O romance deixa muito clara a posição que cabia à mulher: ela já podia fazer suas escolhas, estudar e até ter uma profissão, contudo, o modelo ideal de mulher permanece ancorado às escolhas do marido. Ela muda de religião, deixa a profissão, assume a casa e família e quando necessário ajuda em seus casos jurídicos. Seria a “mulher completa” defendida por Afrânio Peixoto. Bela, educada, inteligente, com uma profissão, mas permanecia restrita ao lar.

• *Cegueira de amor*, Elinor Glyn

O romance *Cegueira de amor*, escrito por Elinor Glyn em 1926, aborda as dificuldades enfrentadas pela aristocracia em conviver com a camada enriquecida pelo trabalho, consideradas sem uma educação adequada para frequentar os lugares antes restritos às pessoas de origem nobre. O casal que conduz a narrativa é formado por um nobre inglês, Hubert Culverdale, militar condecorado por méritos de guerra, oitavo conde na linhagem de sua família, e por Vanessa, filha do comerciante judeu Benjamin Levy.

Após um empreendimento arriscado, Hubert viu-se com altas dívidas, correndo risco de perder a fortuna herdada e ainda comprometer pessoas que investiram em sua empresa. Ao procurar a ajuda desse comerciante, tratado como “judeu agiota” por emprestar dinheiro com certa frequência aos nobres endividados, foi surpreendido pela contraproposta de casar-se com a filha dele em troca do empréstimo que precisa.

Ao ouvir a proposta, Hubert sentiu-se insultado, mesmo sendo um rapaz moderno, que não nutria orgulho demasiado por seu nome e sua raça. A ideia de casar-se com a filha de um judeu agiota era-lhe revoltante, porém, pensou nas consequências de não aceitar a proposta e viu-se obrigado a fazê-lo. O que não imaginava era o fato de o comerciante acalentar esse desejo há muito tempo. Desejava ver sua filha casada com um

inglês da aristocracia. Além do título de conde, Hubert descendia de uma linhagem antiga, possuía grandes propriedades e, principalmente, contava com prestígio social.

O pedido de casamento foi feito. Vanessa, além da obediência ao pai, sentia-se feliz por acreditar que o rapaz havia se interessado por ela durante uma apresentação de ópera, desde quando ela havia se afeiçoado por ele. Acreditava inocentemente que havia acontecido o mesmo da parte dele, mas o rapaz estava resoluto em tratar aquele casamento como um negócio, e a sua futura esposa era apenas uma cláusula do contrato. Após a cerimônia o rapaz que não tinha intenção nenhuma de estabelecer laços afetivos com a moça, cumpre com a sua obrigação na noite de núpcias e se afasta friamente. Nesse romance a autora cria uma sequência que inicia com a vestimenta de roupas apropriadas para as núpcias, o fechar da porta do quarto e o despertar solitário da moça na manhã seguinte, sem fazer menção direta ao encontro do casal, como descreve no romance *Três semanas de amor*.

O dilema vivido pelo rapaz em aceitar um casamento nesses moldes é amargado durante boa parte do enredo. Trata a esposa com frieza, por acreditar que ela compactua com o pai e deseja apenas sua posição social. Quando se lembra-se do ocorrido na noite de núpcias, sente grande desprezo por si mesmo. Esse sentimento cria uma barreira que o impede de conhecer verdadeiramente Vanessa, a qual fica a cada dia mais infeliz com a situação vivida no casamento. Em um ambiente luxuoso, com muitas viagens, bailes e recepções sociais o casal representa o modelo de casamento arranjado comum à época em determinados círculos sociais.

Apesar da timidez proveniente da educação que recebera, a moça é altiva e orgulhosa, recebeu uma educação refinada e, embora não se lembrasse da mãe, que perdera ainda na infância, sabia que era uma linda fidalga italiana que se deixara raptar por seu pai e nunca mais falara com sua família. Assim, Vanessa não demonstra ao marido sua imensa tristeza, e essa atitude é compreendida por ele como se estivesse satisfeita com a situação. Até que em um baile, ao dançarem juntos, ela apresenta sinais de fadiga e desmaio, ele percebe o quanto se afeiçoara por ela e que vinha agindo como um tolo. Decide se declarar à esposa, mas outros eventos o distraem.

A trama segue com a tentativa de assassinato de Vanessa por um rapaz que desejava desposá-la e foi rejeitado por seu pai por não ter posses nem título de nobreza. Como vingança, decide tirar-lhe a vida. Porém, confunde a moça com uma duquesa a quem emprestou seu chale para passear no jardim. Depois desse episódio, uma série de desencontros ocorre: Vanessa é acusada do crime por ciúme, se refugia na casa do pai e

não aceita o marido, agora ciente dos equívocos que cometeu e lamentando amargamente ter perdido aquela que poderia ter sido seu grande amor.

Ao longo do romance a moça perde o modo ingênuo de ver o mundo e amadurece com a experiência vivida, principalmente por ter perdido o filho que esperava, fruto de sua noite de núpcias. Ao final, o casal tenta recomeçar o casamento tentando esquecer as mágoas e ressentimentos.

O romance apresenta uma maior procura na biblioteca do Instituto entre 1958 e 1961; depois do retorno dos registros, em 1966, apresenta uma procura esporádica. Elinor Glyn apresenta amadurecimento na elaboração das personagens e construção de um enredo que envolva aspectos voltados para as questões sociais vividas naquele período. Como no romance *Três semanas de amor*, em que insere cenas de ação que envolvem luta, uso de armas, possivelmente resultado de sua atuação também como roteirista de filmes, onde as cenas de ação são desejáveis.

• *A vingança de Ralph, M. Delly*

A primeira edição do romance *A vingança de Ralph* data de 1948. Entre os romances, é o que apresenta maior regularidade de empréstimos ao longo do período analisado. Os autores trazem a história de Serena, uma jovem órfã, bela, bem-educada e com talento para as tarefas domésticas. Após a morte dos pais, a moça passa a viver com seu tutor e sua família. Os autores atribuem os gostos extravagantes tanto na casa quanto na apresentação das mulheres, sempre muito maquiadas e com cabelos coloridos artificialmente, ao fato de não possuírem origem nobre, representando aqueles que enriquecem sem o refinamento dos modos.

A protagonista e a filha do tutor, Simone Beckford, estão em idade de casar. Esse fato é muito ressaltado quando atribuem a possibilidade de um bom casamento para Simone, por contar com um bom dote para o casamento. Serena, no entanto, conta apenas com sua beleza e bons modos. O enredo encorpa quando chega à cidade um engenheiro jovem e solteiro, ótimo partido. Simone logo o convida a frequentar a casa, com intenções de aproximação, contudo, o jovem se encanta pela beleza e discrição de Serena e em poucos meses pede sua mão em casamento.

Após o pedido de casamento Simone, por despeito, passa a questionar a conduta e condições do rapaz, que, na verdade, tinha apenas a profissão e ainda não podia

ser considerado um engenheiro rico. Após alguns meses do casamento vem a surpresa: o jovem engenheiro, de fato, era herdeiro de uma família nobre. E Serena precisa lidar com situações que desconhece: uma vida de luxo à qual pouco estava acostumada e uma antiga namorada do seu esposo, que tem interesse em sua fortuna. Nesse momento, a delicadeza e postura distinta da protagonista, considerada nata pelos autores, a transforma em uma exímia dona de casa, que conduz com perfeição todos os funcionários e situação delicada que a vida lhe apresenta.

O romance reafirma os papéis presentes acerca do homem e da mulher e de como a relação entre os dois deveria ocorrer. Mostra como “o marido parecia-lhe o ser superior a quem era naturalíssimo que se submetesse uma criança inexperiente como ela” (DELLY, 1954a, p. 79). Da parte do rapaz, a transformação vem pela conversão ao catolicismo, visto que para M. Delly a felicidade está diretamente ligada à fé.

• *Longe dos olhos...*, Henri Ardel

O romance *Longe dos olhos...*, de Henri Ardel, pseudônimo de Marie Victorine Berthe Palmyra Abraão, não traz o título original do francês, dificultando a identificação de quando foi escrito. Como a autora falece em 1938, é possível que tenha sido escrito nas primeiras décadas de XX. A Coleção conta com outras dez obras da autora. Os empréstimos acompanham o movimento apresentado na biblioteca, com uma alta entre 1958 e 1961, mantendo uma procura menor, com pequenas variações, nos outros anos (Anexo A, Gráfico 5).

Ardel faz a descrição detalhada do ambiente e personagens, sendo possível imaginá-los durante a leitura. A descrição vai desde o tom dos olhos, passando pela postura e gestos, até chegar ao caráter e desejos acalentados pelas personagens. As diferenças sociais são sutilmente abordadas através do afeto entre dois adolescentes, Moni e Gildo, durante o período de férias do rapaz na casa de campo da família. As observações que ele faz acerca da simplicidade dos modos, moradia, mobiliário e utensílios utilizados na casa da moça indicam que está acostumado a um ambiente requintado.

Não há insatisfação das personagens com os papéis que ocupam. Durante o período de férias o casal vive um estado de felicidade, com encontros regulares, em que ele apreciava o talento de pianista da moça. O contato ocorria apenas pelo olhar e leve toque das mãos. Não há um compromisso assumido com os familiares. O sentimento é

vivido em segredo pelos dois. Toda a narrativa ocorre durante a sucessão de dias e episódios, sem grandes alterações de rotina, sobressaltos ou acontecimentos desastrosos, demonstrando atender ao propósito de alertar as moças para situações parecidas. O conflito surge no momento em que a moça encontra o rapaz onde considera ser o “ambiente natural”, ou seja, um lugar luxuoso em Paris, rodeado pelas moças que ele conhece e com quem partilha daquele ambiente ao qual ela logo percebe que não pertence.

Atendendo ao propósito de formar pela leitura, a autora conduz a personagem para a aceitação das “questões postas pela vida”. Ao voltar para casa e sentir-se abrigada no mundo a que considera pertencer, Moni retoma seus projetos, propondo-se esquecer “aquele que só poderia fazê-la sofrer”, por estar acostumado com uma vida de superficialidades. A desilusão vivida pela protagonista pode ser considerada como um ritual de passagem dos amores inocentes da infância para o amor e compromisso da vida adulta.

• *A sétima miss Brown, Concórdia Merrel*

A sétima miss Brown, de Concórdia Merrel, apesar de escrito em 1927, tem sua primeira publicação dentro da Coleção Biblioteca das Moças somente em 1940. Os empréstimos sobressaem entre 1958 e 1960, depois ocorrendo apenas dois empréstimos em 1966 e outros dois em 1970. Neste romance a autora apresenta os dilemas de uma adolescente rica e mimada na escolha de um pretendente. “Até pouco tempo a questão nunca a inquietara [...], mas, recentemente, haviam surgido complicações. Essas eram seis em número, e masculinas em gênero, [...] desde que despira o uniforme de colegial, surgindo radiosa nos vestidos de debutante” (MERREL, 1957, p. 5).

A moça parte de uma afirmação, que remete aos filósofos, de que nenhum homem ama uma mulher pelo que imagina ser, mas empresta sempre àquela que conquistou seu coração todas as qualidades, tendências e interesses que se moldam à sua própria natureza. Miss Brown inquieta-se por ser cortejada por diferentes rapazes, que lhe atribuíam qualidades e elogios de acordo com as expectativas que nutriam sobre ela. No entanto tinha dúvidas sobre o modo como a percebiam, não se identificando com nenhuma das qualidades ou elogios feitos por eles.

Entre os pretendentes, a moça conta com um campeão amador de golfe, um poeta, um empreendedor da bolsa de valores, um produtor de filmes, um herdeiro que

vive de rendas e, por último, um engenheiro por profissão, puritano por natureza e educação. A variada galeria de atributos oferecidos por seus admiradores leva a moça a questionar sua identidade: “Não posso ser ao mesmo tempo esportista, romântica, mulher de negócios, atriz nata, moça de sociedade e puritana de ideias reacionárias” (MERREL, 1957, p. 14). Após conversar com um amigo, resolve adotar cada uma das personalidades que lhe atribuíram, correndo apenas um risco, não se encontrar em nenhuma delas.

Concórdia Merrel constrói sua narrativa descrevendo em cada capítulo um pretendente, as personagens que compõem seu círculo de convivência, o cenário sempre sofisticado que habitam e a maneira como a moça procura se “encaixar” no papel que o pretendente lhe atribui. Assim seguem os seis primeiros capítulos do livro, em cada um deles surgindo a primeira, a segunda..., até que, ao final, no último capítulo, a sétima miss Brown aparece mediante a declaração de amor recebida de seu amigo, quase um irmão, que esteve presente durante toda sua vida e a amava como era. O rapaz a reconhece como ela acreditava ser, sem grandes arroubos apaixonados ou expectativas que fossem além do que ela realmente poderia ser. Assim ela encontra o amor e a si mesma.

A autora mantém o cenário urbano, faz referência às mudanças culturais ocorridas no período e, em diversos pontos, acentua que a educação das moças passava por transformações. A protagonista, apesar da pouca idade já viaja sozinha, passeia de motocicleta com o amigo e o posicionamento dos pais fica entre zelosos pela educação da filha e preocupados em educar uma moça moderna. O episódio em que a moça entra no carro de um pretendente demonstra o quanto os pais passavam por essa transição:

“Da varanda do seu quarto, a Sra. Brown assistia à cena. A voz da prudência a aconselhou intervir. Mas sabendo que a função dos pais junto a uma moça moderna é exercer uma autoridade discreta e limitada, resolveu não dizer nada e apenas acenou um adeus à filha.” (MERREL, 1957, p. 63).

A proposta desenvolvida neste romance por Merrel evidencia os questionamentos sobre a identidade feminina, até então restrita ao ambiente doméstico, demonstra como em poucas décadas as mulheres passam a circular com maior liberdade e fazer suas escolhas. A autora, a cada capítulo, faz com que a personalidade da protagonista sobressaia às idealizações feitas por seus pretendentes e que ela não se molde à personalidade deles. No último capítulo, porém, o amor fala mais alto, e a miss Brown só se reconhece pelo olhar do homem que a ama, mas um homem.

• Casamento de experiência, Concórdia Merrel

Entre os “romances preferidos”, dois são de autoria de Concórdia Merrel, pseudônimo usado por Mary Phyllis Joan Morton, *Casamento de experiência* e *A sétima miss Brown*. Além destes, a autora conta com outros doze romances publicados na Coleção Biblioteca das Moças. *Casamento de experiência* teve sua publicação em inglês no ano de 1926, na Coleção foi publicado em 1935. Dentro do movimento de empréstimos, teve maior procura entre 1958 e 1961, nos anos seguintes apresentando empréstimos esporádicos (Anexo A, Gráfico 7).

O romance descreve um ambiente industrializado, com uma vida urbana de ritmo acelerado. As condições de vida nesses grandes centros urbanos já contribuía para a atuações sociais e profissionais mais próximas entre homens e mulheres, apesar da permanência de algumas distinções. O trabalho feminino remunerado surge em grande parte como uma necessidade para mulheres órfãs ou casadas com homens que possuíam poucos recursos. O livro demonstra essa nova realidade ao assumir um novo perfil para a heroína, em detrimento do modelo feminino ideal apresentado mais comumente em outros romances.

Assim, a obra traz como protagonista Jane Claire, uma moça considerada moderna. Além de romper com o padrão da protagonista romântica em busca de um grande amor, ela é independente financeiramente, secretária responsável e eficiente. Após a morte do proprietário da empresa onde trabalha, descobre que o administrador pretende dar um golpe no herdeiro da empresa. Feita a descoberta, a protagonista precisa convencer o herdeiro, Duan Harford, um rapaz pouco afeito ao trabalho, habituado aos prazeres mundanos e com pouca habilidade para os negócios, a defender o patrimônio herdado.

Duan, até ser informado desse plano, tinha em mente vender a herança e continuar na sua vida como *bon vivant*. Ao entender que teria grande prejuízo se vendesse a empresa, concorda em assumi-la até encontrar um meio para se desvencilhar da obrigação de cumprir horários e trabalhar diariamente. Ao perceber que a tarefa daria mais trabalho que o esperado e surpreso com a desenvoltura de Jane Claire no negócio, propõe-lhe casamento.

O sentimento que os dois sentem um pelo outro é camuflado pelos interesses que têm pela empresa. Claire, como uma mulher de negócios, compreende o casamento como um dos encaminhamentos para salvar a herança. Duan Harford tenta se convencer

de que não está atraído por uma jovem tão prática e pouco feminina. Uma mulher que só pensa em trabalho. Mesmo Jane considerando a possibilidade de haver o sentimento, preocupa-se com o modo desmedido como o rapaz vive e se ela se adaptaria àquele modo de vida.

Os dois atravessam o romance com grandes desafios e descobrindo a si próprios. Salvam a empresa e, ao final, encontram-se em lados opostos, ou seja, ele transforma-se em um empresário exemplar e ela experimenta as superficialidades da vida, até que finalmente assumem o amor verdadeiro que nutrem um pelo outro. O aspecto moralizante da obra resume-se ao ensinamento um tanto circunscrito: o rapaz paga por seus vícios e a mulher forte e decidida é recompensada pelo amor.

• *A pequena da Casa Sloper, Oliver Sandys*

Sally é a protagonista do romance *A pequena da Casa Sloper*, de Oliver Sandys, pseudônimo de Marguerite Florence Laura Jarvis. A moça, por ser órfã, precisa trabalhar para sobreviver. Além disso, considera o trabalho um modo de utilizar bem o tempo e ser útil. Seu grande sonho é trabalhar como manicure na Casa Sloper, uma conhecida loja de departamentos.

A autora, ao descrever suas personagens, faz referência aos astros de Hollywood. A narrativa mostra-se descontraída, com linguagem informal, atribuindo uma característica peculiar à autora. O romance foi publicado pela primeira vez na Coleção em 1934. Apresenta procura entre os anos de 1959 e 1961. Após a volta de registros, em 1966, aparentemente não foi lido outras vezes (Anexo A, Gráfico 8). Foram publicados na Coleção Biblioteca das Moças outros dois romances de Sandys.

A pequena da Casa Sloper traz descrições detalhadas de pessoas e ambientes, mas a posição social não está tão presente como em outros romances da Coleção que fazem referência à nobreza ou famílias tradicionais. Neste sobressai a vida urbana de Londres, os bairros populares com seus comércios e trabalhadores. Relações hierárquicas ocorrem dentro dos espaços de trabalho.

Depois de muita insistência, a mocinha consegue sua colocação na Casa Sloper e, em um dia de trabalho, encanta-se com Tom Smith. Esse rapaz parece ser diferente de todos que já conhecera, pelo respeito e cavalheirismo com que lhe tratara. Contudo, um mal-entendido a leva a acreditar que ele era comprometido. O rapaz não é

informado do ocorrido e não compreende quais motivos levam Sally a rejeitar seus pedidos de casamento. Depois de descobrir que estava enganada sobre o rapaz e que ele tinha boas intenções, ela cede aos seus insistentes pedidos. A autora surpreende ao usar frases como: “Sally chega a voltar amarrotada para casa depois dos encontros”. Também são descritos abraços calorosos, beijos intensos e a forte atração física entre os dois.

O relacionamento dita o enredo do romance, constantemente posto à prova pelas armadilhas de uma atriz decadente – motivo do mal-entendido – que deseja casar-se com o rapaz, interessada em sua fortuna. A narrativa acompanha o tempo cronológico com uma duração temporal curta, que compreende o início do trabalho de Sally na Casa Sloper, o encontro do casal, a solução dos obstáculos encontrados no início do relacionamento e o final feliz.

• *Três semanas de amor, Elinor Glyn*

Elinor Glyn é a segunda escritora com dois romances entre os mais procurados na biblioteca do Instituto de Educação Carlos Gomes. O sucesso de seus livros já aparece no trabalho de Lang (2008, p. 22) ao apontá-la como a quarta autora mais editada pela Companhia Editora Nacional. A partir do *Dossiê Elinor Glyn*, pertencente ao acervo da Companhia, relaciona os livros que passaram por negociação dos direitos de publicação e tradução para o português, por meio de carta enviada à editora Hughes Messie & Co. Ltda., em janeiro de 1947. Como não foi localizada a data de primeira publicação do romance *Três semanas de amor*, as informações oferecidas por Lang contribuem para buscar uma aproximação dessa data.

A troca de correspondências entre a Companhia Editora Nacional e a editora inglesa analisada por Lang inicia em 1947, com o interesse em renovar o contrato dos seguintes títulos de Elinor Glyn: *Cegueira de amor*, *O grande momento*, *O homem e o momento*, *It*, *Por quê?*, *Seis dias de amor*, *Macho e fêmea*. Destes, o último não foi publicado na Coleção. Além da renovação de contrato, propõe a compra dos direitos de: *As vicissitudes de Evangeline*, *Reflexões de Ambrosine* e *Chamas gloriosas*. Em setembro, a editora inglesa faz a concessão dos direitos pelo período de cinco anos. Em 1954 e 1955 ocorrem novas negociações para renovação do contrato e aquisição de novos títulos. Por contar com três edições, sendo a última de 1955, possivelmente, os direitos de publicação de *Três semanas de amor* foram negociados na década de 1940.

Todo o esforço de enquadramento do início de publicação desse romance deve-se ao fato de ser um romance polêmico, que atribuiu a Elinor Glyn o título de precursora do erotismo nos romances sentimentais. Em uma coleção de romances considerados “literatura de água doce”, um romance considerado erótico só seria publicado para atender e manter o público interessado em novas publicações. Tanto que, mesmo sendo escrito em 1907, foi publicado depois de *Cegueira de amor*, escrito em 1926 e com publicação já em 1933. Foram precisas pelo menos três décadas para que as transgressões de regras e padrões escritos por Elinor Glyn estivessem em uma literatura voltada para o público feminino no Brasil.

A autora apresenta um relacionamento entre uma mulher casada e um rapaz mais moço. Ele era jovem, ingênuo, dono de uma vida cheia de certezas, entre as quais, o amor que acreditava sentir por sua namorada. Contudo, sua mãe acreditava que ele precisava viver outras experiências e sugere que passe uns meses viajando para conhecer o mundo.

Durante sua estadia em um hotel conhece a protagonista e fica enfeitiçado pela leveza e mistério que envolvem aquela mulher. Não desconfia que, na verdade, ela era herdeira do trono de um país inventado pela autora. A mulher casou-se por determinação da família com um homem de pouco caráter, que considerava indigno de ser pai de seu filho, futuro herdeiro de seu império. Sendo capaz de decidir apenas sobre seu corpo, a protagonista resolve ter um filho apenas quando encontrasse aquele que fosse digno de ser pai dele e faz longas viagens em busca desse homem.

Após um longo jogo de sedução descrito por Elinor Glyn, os dois vivem uma intensa paixão durante três semanas. Terminado esse período, a mulher volta ao seu país sem que ele saiba que está grávida. Paulo retorna à casa dos pais e padece pela dor de perder seu grande amor. A mulher retorna ao seu país, onde nasce o tão desejado herdeiro, fruto de um amor verdadeiro e filho de um homem de caráter. Os anos transcorrem até que ele tenha notícias novamente de seu grande amor. Quando finalmente conseguem marcar um novo encontro, o rapaz não chega a tempo de salvá-la da morte. Ao descobrir a traição, o marido a mata, sendo morto logo em seguida pelos guarda costas da Imperatriz.

O desfecho apresentado por Glyn vai muito além da mera defesa da honra. A autora traz uma narrativa dúbia e revolucionária para os padrões de sua época. A dubiedade apresentada está presente, nesse romance, por exemplo, na punição que surge como tragédia e no estabelecimento de princípios morais fluidos, consentidos pela criação

de um espaço-tempo para os apaixonados viverem o amor, protegidos do julgamento dos padrões morais vigentes e não causando constrangimentos à convivência social. Em uma época de mães amorosas e esposas dedicadas, as protagonistas dos romances de Elinor Glyn encontram “rotas de fuga” para escapar das prerrogativas consideradas inerentes à mulher.

Se, aos olhos de hoje, os romances da autora podem ser considerados inovadores por colocar a mulher como dona de si e do seu destino, rompendo padrões estabelecidos, quando foram publicados eram lidos por um público do seu tempo. Assim, no romance *Três semanas de amor*, o fato que provocou grande comoção na época foi o encontro dos amantes em frente a uma lareira, sobre uma pele de tigre. Para leitores acostumados com o enlaçar suave da cintura e o beijo delicado que ocorria geralmente no último capítulo, a descrição dessa cena provocou reações distintas. A reprovação pelos críticos de Londres, acusando a autora de ousada, fez com que o livro atingisse milhões de reedições e fosse traduzido em várias línguas.

• *Arremessada ao mundo*, Charlotte Mary Brame

Charlotte Mary Brame teve outros cinco romances publicados na Coleção além de *Arremessada ao mundo*. A maior procura por este ocorre entre 1958 e 1960, mantendo uma procura menor nos anos seguintes (Anexo A, Gráfico 10).

Publicado em 1876, o romance da britânica Charlotte Mary Brame apresenta a longa trajetória de uma jovem enganada por um rapaz rico e egoísta, que a abandona com um filho pequeno para casar-se com uma moça da nobreza com quem já era comprometido. A obra abrange da juventude à idade madura da protagonista. Apresenta muitas personagens, trata conflitos paralelos ao da protagonista e ocorrem deslocamentos no tempo e espaço. Apesar de seguir o tempo cronológico, exige atenção para acompanhar os diferentes momentos vividos pelas personagens.

Após dois anos de um casamento feliz, Celina descobre que foi enganada pelo suposto marido através de uma carta enviada por ele informando que não voltaria para casa, mas tinha deixado meios para que sobrevivesse dignamente com o filho. A moça passou por momentos de dor, desespero e vergonha, como indicado pelo título do romance, ela e o filho sendo arremessados ao mundo.

O homem que até então acreditava ser seu marido não contrariava os próprios desejos e, mesmo comprometido com uma moça da nobreza, não controlou o desejo de ter aquela jovem inocente e simples que conheceu em uma aldeia do interior. Desse modo, lord Basílio Dynecourt, Ulrico Rymer para Celina, tramou o casamento falso sem considerar as consequências que traria à vida da moça. Por ter uma educação digna e cristã, a moça recusou toda e qualquer ajuda que viesse do homem que a enganara. Vagou sem rumo, pensando até em tirar a própria vida e do filho para amenizar tamanho sofrimento. Felizmente encontrou pessoas boas que a ajudaram a retomar forças para viver e encaminhar sua vida.

Ao procurar trabalho em Londres, a protagonista, por acaso, encontra uma senhora da alta sociedade que procurava uma dama de companhia. Pela educação e caráter que demonstrou, logo conquistou o respeito da senhora, bem como das demais pessoas com quem convivia. Conseguiu pagar um bom colégio para que o filho fosse educado e ela continuasse trabalhando. Anos mais tarde descobre que as leis estavam mudando e que um caso semelhante ao seu fora julgado dando ganho de causa à moça enganada com um falso casamento. Desde que teve essa informação, considera regularizar sua situação, mais pelo filho que precisava do sobrenome do pai e não tinha culpa do ocorrido.

Ao descobrir que o homem que a enganara era atualmente casado com sua amiga e confidente lady Clarisse, ela sofre profundamente e adoece, não conseguindo decidir sobre o que fazer. Quando finalmente encontra o homem que tanto lhe magoara, não consegue fazer justiça, por temer que atinja sua grande amiga. Permanece um tempo reclusa até ser desafiada novamente pelo destino, quando se vê frente a frente com Ulrico Rymer.

Quando soube que o homem da triste história contada pela amiga confidente era o próprio marido, lady Clarisse manteve-se firme ao lado de Celina, compreendendo que as duas foram vítimas do mesmo homem. Havia recebido uma educação para conduzir situações como aquela em que se encontrava com muita nobreza. Assim, pediu que a protagonista permaneça na casa onde trabalhava até que os encaminhamentos fossem dados. Com voz firme, lady Clarisse pediu ao marido que voltassem para casa para conversar sobre o assunto.

Decidida a voltar para a casa dos pais, por considerar que a verdadeira esposa de lord Basílio era Celina, lady Clarisse pede que ele apenas a acompanhe na viagem a sua cidade. Durante o trajeto ocorre um acidente com o trem em que viajavam; ela não resiste ao acidente e ele fica preso a uma cadeira de rodas.

Depois de tanto sofrimento e abdicação, a protagonista assume seu lugar de esposa ao lado do pai de seu filho. E este, porém, não pode ser considerado um final feliz. Os encaminhamentos que foram acertados entre as duas mulheres colocavam à prova valores morais de uma época. A saída encontrada pela autora para contornar o final que deseja, mas que podia não ser bem aceito, foi o acidente de trem. Dessa forma, a segunda esposa morre e o marido fica, como mencionado no romance, inválido. Necessita de cuidados e a primeira esposa assume essa tarefa. O “dedo de Deus”, mencionado por Monteiro Lobato em comentário ao conto de Godofredo Rangel, surge aqui como punição divina aos atos inconsequentes que o homem praticou na juventude.

Durante todo o romance, novas personagens são agregadas à narrativa e Charlotte Mary Brame conduz para um desfecho onde valores morais e éticos são colocados à prova. Estes são ressaltados pelas decisões tomadas pela protagonista, ao preferir não denunciar o homem que a havia enganado anos atrás e dar o seu sobrenome ao filho, quando descobre que naquele momento era casado com uma senhora da qual ficara amiga e por quem tinha muita admiração. E, mais à frente, a esposa, ao descobrir o passado do marido, enfrenta o que seria considerado desonra diante da sociedade e o abandona, exigindo que assuma o filho e as responsabilidades do casamento anterior.

• *O rapto de Jadette, Dyvonne*

O rapto de Jadette, romance escrito por Dyvonne, pseudônimo da autora francesa Yvonne Schultz, teve sua primeira edição na França em 1934 e na Coleção Biblioteca da Moças em 1936. Além deste, a autora teve outros dois romances publicados na Coleção. Este tem seus empréstimos concentrados entre 1957 e 1961, não apresentando procura significativa nos anos seguintes. Foi poucas vezes lido na sala de leitura (Anexo A, Gráfico 11).

A autora, a partir da década de 1930, inclui aspectos da cultura chinesa em seus livros, adotando inclusive o pseudônimo Maman Chine, possivelmente por mudar-se com o marido para Hanói, na Indochina, onde ele era diretor da Escola de Belas Artes. Esses aspectos estão presentes na apresentação da protagonista Jadette: “Nesse paraíso, em Hanói, a cidade dos pagodes, foi onde nascera, filha de um francês casado com a herdeira de um mandarim arruinado. Sua mãe, uma esbelta jovem, translúcida como o

jade, falecera quando a filha completava dois anos, deixando-a aos cuidados do pai” (DYVONNE, 1956, p. 15).

Aos sete anos a menina perde também o pai e é enviada a Paris, onde fica sob a guarda de um tio paterno recém-casado com uma viúva, mãe de três filhos. “De rainhazinha que era passou a criada disfarçada” (DYVONNE, 1956, p. 15). Sua situação ainda piorou depois da morte do tio. Todos os trabalhos domésticos ficaram sob sua responsabilidade e durante a tarde prestava serviço em casa a uma firma, com trabalhos de escrituração. O dinheiro que consegue nesse trabalho é entregue à tia para cobrir suas despesas.

O romance inicia com o casamento luxuoso de Jadette. Com pompa e circunstância os convidados a aguardam na igreja, mas a noiva não aparece. Com o mistério sobre o paradeiro da moça estabelecido, a autora volta seis meses para construir sua narrativa apresentando as personagens, suas histórias e fatos que explicam as idas e vindas na vida da protagonista, oferecendo informações que possam elucidar seu sumiço.

O enredo, aqui, mostra-se mais elaborado. As personagens, entretanto, não apresentam grandes conflitos e transformações. O desenrolar da trama apenas reforça as características inicialmente estabelecidas entre ser bom ou mal, distinto ou mal-educado, belo ou feio. A postura das personagens é determinada por sua origem. Os gestos refinados, por exemplo, são praticamente inerentes aos bem-nascidos. Jadette, apesar de viver modestamente depois da morte dos seus pais, não perdeu a leveza dos gestos e o bom gosto, graças à sua origem nobre. Já as pessoas fora dessa condição dificilmente tornar-se-iam requintadas.

O noivo que Jadette abandona no altar é o primo, filho de sua tutora. Há clara delimitação de papéis, principalmente entre masculino e feminino. Um caso ilustrativo aparece quando a moça, após receber a herança de um tio distante que vivia na Itália, foi coagida a casar-se com o primo, pois sua tia tinha clara intenção de ficar com a fortuna da moça.

Felizmente, no período em que foi receber sua herança na Itália, Jadette conheceu um jovem distinto, esbelto, de trato impecável, origem nobre e os dois se apaixonaram. Ao descobrir os planos da tia para se apropriar da fortuna da moça, ele planeja estrategicamente a fuga desse casamento arranjado organizando “o rapto de Jadette”.

• *O passado, M. Delly*

Mesmo ambientados na primeira metade do século XX, os três romances de M. Delly apresentam personagens que valorizam as tradições, demonstrando-o por meio de situações simples, como a conservação de uma residência antiga que sempre pertenceu à família, joias que são passadas solenemente de uma geração a outra, modos de receber em casa, nesta última cabendo destaque ao momento de servir o chá, uma tarefa que mostrava o quanto uma mulher era educada.

Dessa forma, *O passado* traz em seu enredo a valorização das tradições. Em uma conversa com a protagonista ainda criança, a avó lhe diz: “Estas pedras conservam algo dos nossos antepassados, assim como a terra que pisamos e o ar que respiramos. São uma parcela dos seus pensamentos, um átomo das suas almas. São as pulsações de um coração, que devemos ouvir, porque representa a vida intensa da França. Ama sempre as nossas velhas pedras. [...], ama as nossas terras e procura compreender o que elas dizem às almas que meditam, às verdadeiras almas da França” (DELLYa, 1955, p. 33).

Madel, a personagem principal, perdeu a mãe ainda pequena. O pai, por ser músico, entregou sua educação aos cuidados da avó e da bisavó. O enredo demonstra a preocupação com a conduta e estilo de vida das pessoas envolvidas com a arte voltada para o entretenimento. Assim, a música na igreja é bela e eleva o espírito, mas no teatro passa por ressalvas e não era aconselhável que as moças de boa família tornassem-se cantoras de teatro, pois poderiam ser confundidas com moças volúveis e sem princípios.

No início da adolescência, Madel perde as avós e sua vida passa por mudanças drásticas. Ela deixa a cidade e a casa onde nasceu, uma educação religiosa e protegida no ambiente doméstico e passa a viver com seu pai e a segunda esposa dele, uma mulher divorciada e mãe de três filhos de pais diferentes. Essa experiência leva ao amadurecimento da moça, que sofre por não adaptar-se a um modo de vida tão diferente, com tantas festas e liberdade. Ela não consegue abrir mão dos valores tão cuidadosamente trabalhados por suas avós durante a infância.

Ao longo do romance Madel vive uma desilusão amorosa, mas depois consegue encontrar um rapaz que entende os motivos dela não se encontrar naquele ambiente, por também ter sido educado dentro dos preceitos religiosos, pertencer a uma família católica, voltada para o convívio familiar. Após o encontro o casal encontra a harmonia tão desejada.

As narrativas apresentadas nos romances analisados evidenciam os discursos articulados por mulheres que trazem a marca de suas experiências e de sua condição a partir de práticas sociais diferenciadas. A presente duplicidade entre beleza e inteligência, felicidade e infelicidade, amor e desejo, emoção e razão, demonstra a oposição necessária à construção de um imaginário onde a mulher ocupava papéis claramente estabelecidos e desejáveis para a manutenção da considerada harmonia familiar e, por consequência, harmonia social.

Capítulo 3 – Entre a autora e a leitora: *habitar em terras* *alheias*

Após a análise dos “romances preferidos” indicados pelas “possíveis leitoras”, tomou-se conhecimento dos estilos distintos e bem definidos de cada autora. Esse movimento levou a um novo questionamento: se a Coleção Biblioteca das Moças resulta de uma estratégia editorial pautada em uma *representação* idealizada de mulher para sua “leitora pretendida”, em que medida as autoras dos romances atendiam a esse modelo idealizado? Com base nestas considerações, passou a ser significativo analisar as duas pontas deste processo de produção, circulação e apropriação, ou seja, analisar em um ponto as autoras e no outro ponto as leitoras. Ao considerar, de um lado, o ato de produção de um texto e, do outro, a leitura, entre as duas pontas encontra-se “o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos que pensam controlar mais de perto a produção do sentido” (CHARTIER, 1999, p. 7). Com esse propósito, a pesquisa cobriria todo o processo percorrido pelos romances da Coleção.

À medida que a “possível leitora” deixou a posição de mera consumidora e demonstrou suas preferências mediante o movimento de empréstimos, rompeu-se o padrão de homogeneidade e repetição que configura a atitude passiva do consumo.

Acompanhar o movimento dessa “possível leitora” possibilitou a identificação de subterfúgios dos quais as autoras lançavam mão para driblar o controle exercido sobre seu processo de criação pelos editores e demais agentes de controle.

Investigar os motivos que levaram leitoras da década de 1970 a lerem romances considerados “literatura de água doce” na década de 1920, a partir das “astúcias do prazer” e da “re-apropriação do texto do outro”, atribuiu novo estatuto tanto a autora quanto à leitora. E, se ao ler, o “leitor se introduz no lugar do autor” [...] e “torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo” (CERTEAU, 1996, p. 49). Desse modo, buscar o que as “possíveis leitoras” tomavam de empréstimo nesses romances poderia trazer contribuições importantes para o rastreamento de suas práticas de leitura. Apresentar esta empreitada é a proposta deste capítulo.

As autoras e suas personagens

Pela análise dos doze “romances preferidos”, verificou-se que as personagens foram, via de regra, construídas a partir de uma ideia, por exemplo, a órfã que precisa sobreviver sem o amparo dos pais; o amor impossível por diferentes motivos; o herdeiro que precisava lidar com as novas responsabilidades da vida adulta e negócios da família, entre outras situações. São somadas a esta ideia geradora as qualidades da personagem definindo seu comportamento. Em nenhum dos romances foi identificada uma grande transformação de caráter ou conduta; as personagens aprimoram suas qualidades ou reafirmam seus defeitos. As características físicas e de personalidade são apresentadas logo que a personagem integra a trama e acentuadas durante seu desenrolar, mas em nenhum dos doze romances ocorre uma transformação na personalidade da personagem.

Em *Casamento de experiência*, o herdeiro da empresa é apresentado como um *bon vivant*, mas, apesar dessa postura, é feita a ressalva de que também é determinado e justo. Essa característica será aprimorada ao dedicar-se à empresa herdada, em um momento de crise, demonstrando que era um líder nato. Na verdade, sua postura inadequada decorria de um desvio ocorrido em sua educação e não um desvio de sua personalidade. De forma similar, a protagonista de *Foi o destino* apresenta, desde o princípio do romance, interesse pelas questões da fé, não possuindo uma religião por ter

crescido em uma família cética. Ao encontrar pessoas que compreendem sua busca e sanam suas dúvidas, ela adota uma religião. Os dois exemplos demonstram que as personagens já possuíam virtudes, era preciso realçá-las. Desse modo, o leitor não é surpreendido com os encaminhamentos dados pela autora na trajetória de suas personagens e o desfecho é evidenciado ao longo do romance.

Sobre a construção de personagens, Candido (CANDIDO et al., 2007, p. 54) questiona de que maneira “o autor manipula a realidade para construir a ficção”. Ele parte da obra de François Mauriac, *Le romancier et ses personnages* (1952), para tecer sua reflexão acerca da construção da personagem, ponderando se esta pode ser considerada um *ente reproduzido* ou um *ente inventado*. De acordo com o exposto por Candido (CANDIDO et al., 2007, p. 66-67), o escritor francês considera que “o grande arsenal do romancista é a memória”, é a partir desta que ele retira elementos para compor sua invenção. Ao lidar com personagens que partem de pessoas vivas, mas não são as próprias pessoas, a personagem recebe uma marcante ambiguidade entre a *reprodução* e a *invenção*.

Este seria o ponto em que Candido (CANDIDO et al., 2007, p. 67) considera surgir o problema: “de onde parte a invenção? Qual a substância de que são feitas as personagens? Seriam, por exemplo, projeção das limitações, aspirações, frustrações do romancista?” O autor descarta essa possibilidade por considerar que o “princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação”. Desse modo, por ser incapaz de reproduzir a vida, o romancista iniciaria a construção da personagem isolando o indivíduo no grupo e depois isolando a paixão no indivíduo. Se tentasse igualar seu enredo à realidade correria o risco de fracassar, assim “cria um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade” à vida real.

Esse mundo fictício criado pelo romancista, onde as personagens apresentam nitidez e contornos bem-definidos, constitui os romances analisados. Concórdia Merrel, em *Casamento de experiência*, assim descreve uma personagem:

Era uma mulher baixinha, de corpo feito de bonitas curvas. Casada aos dezesseis anos, tornara-se mãe antes dos dezoito, e agora aproximava-se perigosamente dos quarenta. Não obstante, graças ao seu gênio alegre, não aparentava mais de trinta. Resumindo, demonstrava ser tudo que a filha não era: duma feminilidade completa, agradável, bonita e sedutora. As mãos pequeninas permaneciam estranhamente infantis, os cabelos continuavam castanhos e ondulados. Não se poderia dizer que fosse inteligente, mas em compensação era alegre e inofensiva, inútil e decorativa, absurdamente cheia de juventude e falha de senso prático (MERREL, 1955a, p. 68).

Dentro dessa lógica preestabelecida de isolamento do indivíduo no grupo, a autora, além de circunscrever a personagem, apresenta suas características indicando o lugar que ocupa na trama. Apesar da beleza e feminilidade estarem entre as características atribuídas, não devem ser lidas apenas como uma descrição elogiosa. Merrel apresenta uma mulher que atende ao modelo ideal, um tipo comum nos romances. O diferencial está na personagem descrita ser mãe da protagonista, que pertence a uma geração composta por mulheres que começam a trabalhar e buscar sua autonomia, transformando o modo de vida desfrutado até então pelas gerações anteriores. O que parece ser elogio ao exaltar a beleza e a feminilidade, na verdade estabelece uma ruptura entre as gerações.

Ainda na esteira das considerações de Candido (CANDIDO et al., 2007), a partir de Mauriac, o autor menciona a existência de uma relação estreita entre a personagem e o escritor. Contudo, apesar de tirar de si a personagem, ela não deve ser considerada “projeção de traços, mas sempre modificação”. Ao lidar com a construção desse mundo fictício acima e além da fidelidade ao mundo real, “o vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar” (p. 68). Assim, a imaginação de cada romancista não é absoluta nem inteiramente livre, está ligada aos limites de sua própria vida.

Virgínia Woolf (2014), ao elaborar um ensaio sobre mulheres e ficção, surpreende por aparentemente não tratar diretamente dos temas indicados. Ela disserta sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelas mulheres que buscam na literatura de ficção um modo de sobreviver, seja financeiramente, seja para dar sentido à própria vida. Porém, nesse mesmo ensaio a autora alerta que, para ter condições de produzir, para escrever um bom texto, a mulher precisa ter *Um teto todo seu*³⁴.

Ao analisar as estantes de uma biblioteca em busca de material produzido por mulheres para escrever seu ensaio, Woolf concluiu que escrever é um trabalho genial, quase sempre feito de dificuldades prodigiosas. “Tudo vai contra a verossimilhança que advirá da mente inteira e integral do escritor. As circunstâncias materiais em geral estão em oposição. Os cachorros vão latir; as pessoas vão interromper; o dinheiro precisa ser ganho; a saúde vai sucumbir. Além disso, [...] há a indiferença notória do mundo” (WOOLF, 2014, p. 76) pelas produções desenvolvidas por mulheres.

A autora considera que, para as mulheres, as dificuldades imateriais sempre foram infinitamente maiores. Para elas o mundo não era apenas indiferente à sua escrita,

³⁴ Livro publicado a partir do ensaio baseado em dois artigos lidos em conferência na Arts Society, do Newnham College, e para a ODTAA, do Girton College, em outubro de 1928.

era hostil e desencorajava sua produção artística. Ao mencionar opiniões masculinas demonstra esta afirmativa originada de um ditado sobre a produção das mulheres, que foi atualizado e adaptado às diferentes áreas da arte. Nesse caso, trata-se da fala de um renomado músico: “a composição de uma mulher é como o andar de um cachorro sobre patas aleijadas. Não é o mais acertado, mas é de surpreender-se que se complete, no final das contas” (WOOLF, 2014, p. 80).

Desse modo, era preciso ter um “teto todo seu” e legitimar sua produção artística entre os pares, no período, majoritariamente homens. Entre as possibilidades para a legitimação da escrita feminina estava atribuir uma importância prática. Ou seja, ganhar dinheiro escrevendo não por vontade da mulher, o que poderia ser entendido como um capricho. Essa necessidade prática era justificada pela necessidade de sobrevivência advinda da perda do marido ou outra situação de penúria ocorrida na família. De acordo com Woolf (2014, p. 95), “centenas de mulheres começaram [...] ajudar a família fazendo traduções ou escrevendo inúmeros romances ruins que [...] podiam ser encontrados nos saldões das lojas de livros usados [...] o dinheiro legitimava o que era considerado frívolo se não fosse remunerado”.

Quais seriam as condições de produção das quarenta e nove autoras dos romances da Coleção Biblioteca das Moças? Mulheres nascidas entre 1870 e 1910? Elas escreviam seus textos para sobreviver, por reconhecimento ou para reinventar-se? Eram mulheres casadas, boas mães de família ou eram virilizadas, sabichonas e pedantes? O levantamento das histórias de vida das autoras da Coleção demonstrou que Virgínia Woolf conhecia as mulheres de seu tempo. Entre os casos próximos aos mencionados em seu ensaio encontram-se autoras como Cecil Adair, Emma Southworth, Florence Stuart, Janifer Ames que escreveram centenas de romances sob pseudônimos para sustentar os filhos depois do divórcio ou viuvez. Lançavam mão do pseudônimo masculino como garantia de aceitação de seus romances. No entanto, essa prática atrapalhava o reconhecimento de direitos autorais, dificultando que fossem remuneradas pelas reedições de suas obras.

Outras, como Isabel Moore, Edna Ferber, Sophie Kerr, conseguiram ter seus direitos autorais reconhecidos por contarem com o auxílio de pessoas experientes ou da área. Conquistaram prêmios de literatura, uma renda estável com a produção de seus livros e, conseqüentemente, “um teto todo seu”. Sophie Kerr, por exemplo, deixou seus direitos autorais para manutenção de uma bolsa em benefício de novos talentos da

literatura no Washington College. Essas três autoras citadas foram mulheres politicamente engajadas e atuantes em movimentos que defendiam os direitos femininos.

Entre as autoras dos “romances preferidos” encontra-se Charlotte Mary Brame, que escreve para auxiliar no orçamento familiar durante a crise nos negócios do marido relojoeiro. Elynor Glyn escreve em média um romance por ano para manter o padrão de vida da família depois que o segundo marido, aristocrata britânico, faliu. Essas escritoras alcançaram altas vendas, mas não o reconhecimento de críticos literários pela qualidade de seus romances.

Não há referência, no caso das escritoras Eleanor Porter, Oliver Sandys, Dyvone e Concórdia Merrel, sobre remuneração e reconhecimentos de seus trabalhos no meio literário. Mas suas trajetórias apresentam mulheres que seriam consideradas “mulheres modernas” para o período, por passarem por mais de um casamento, conhecerem diferentes partes do mundo e atuarem em produções artísticas como teatro, cinema e fotografia.

Apenas Henry Ardel e Jeanne Marie Petitjean de la Rosière são solteiras e sem filhos. A primeira foi premiada com o Prêmio Montyon, concedido pela Academia Francesa em 1934, pelo livro *Coeur de sceptique*, escrito em 1893. A segunda, mais conhecida pelo pseudônimo M. Delly, era tida como uma moça tímida, e mesmo com seus romances alcançando grandes tiragens e tendo seus direitos autorais garantidos, com a colaboração de seu irmão advogado Frédéric Henri, não mudou seus hábitos simples e rotineiros, parecia encontrar na escrita seu único prazer.

Retomando Candido, as autoras dos “romances preferidos” apresentam o que ele trata, ainda a partir de Mauriac, como uma “‘lei de constância’ [...] suas personagens saem necessariamente de um universo inicial que não apenas as limita, mas dá certas características comuns a todas elas”. Consciente de seus limites, o romancista criaria dentro deles, o que lhe daria uma condição de angústia, a autoria não seria Desse modo tão livre como se supõe. E a cada obra procura criar um tipo ideal, do qual consegue uma aproximação, desse modo, “suas personagens não passam de esboços” (CANDIDO et al., 2007, p. 68).

Ao retomar o questionamento inicial acerca da *invenção* ou *reprodução* da personagem, o autor considera que só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*. No entanto, esse processo de invenção teria vínculos com uma “realidade matriz” ligada a realidade do autor, tanto do ambiente em que convive quanto de sua tendência estética. Ao criar sua personagem, o romancista trabalharia com a possibilidade da “transposição

fiel de modelos” ou com uma “invenção totalmente imaginária”. Essas duas possibilidades definiriam o estilo do romancista e, em sua obra, definiriam cada uma de suas personagens.

De um modo simplificado, o romancista cria as personagens com certa fidelidade aos modelos observados; modelos já trabalhados e que reconstitui parcialmente; modelos reais, que servem de ponto de partida para sua criação; ou um modelo real dominante, ao qual são acrescentados modelos secundários, refeitos pela imaginação. Também cria personagens a partir de fragmentos de vários modelos, sem uma predominância, levando a uma nova personalidade; e ainda, personagens que atendem a uma concepção de homem, sendo uma construção mais interior que exterior.

Dessa maneira, o que está presente em todos os casos “é um trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis, sob a égide das concepções intelectuais e morais” (CANDIDO et al., 2007, p. 74). Por esse processo acontecer grande parte nas “esferas do inconsciente”, nem o próprio autor é capaz de determinar a proporção exata de cada elemento.

A construção das personagens está diretamente ligada à concepção que guia o romance e é estabelecida pelas intenções do romancista. Nesse ponto, os romances da Coleção Biblioteca das Moças são ilustrativos. Por serem romances voltados para os costumes, os sentimentos e darem destaque aos relacionamentos amorosos, as autoras traçam um panorama social do período de interesse e as personagens sucediam das vivências e observações das romancistas.

A verificação da possibilidade de as personagens serem construídas a partir das experiências de vida das autoras considerou essencialmente a organização estética da obra e não a verossimilhança propriamente dita. Considera-se, portanto, que, mesmo partindo de uma reprodução do real ou de modelos observados, a narrativa foi desenvolvida e organizada dentro de uma estrutura coerente, com características próprias. O trabalho de criação da narrativa leva à *convencionalização* da personagem, que ocorre, fundamentalmente, pela seleção de traços que dão o seu contorno, dada a impossibilidade que o autor tem em escrever a existência do indivíduo em sua totalidade. Este seria o limite apontado acima nas considerações de Candido (CANDIDO et al., 2007) a partir da obra de Mauriac.

Os estilos distintos das autoras identificados durante a análise dos romances são próximos às relações e ambientes nos quais as autoras conviviam. Os títulos de nobreza e as relações entre aristocracia e burguesia presentes em *Cegueira de amor* e *Três*

semanas de amor, de Elinor Glyn, podem estar relacionados ao fato de a autora ser proveniente de uma família nobre e casada com um aristocrata.

A constante referência ao cinema feita por Oliver Sandys em *A pequena da Casa Sloper* pode resultar das adaptações feitas para o cinema de seus romances e, conseqüentemente, da convivência da autora neste ambiente. A presença da religiosidade representada pela fé das protagonistas de *Foi o destino*, *O passado* e *A vingança de Ralph* nos romances de M. Delly pode ser considerada *convencionalização* da autora a partir de sua experiência religiosa como católicas. E ainda, a protagonista de *O rapto de Jadette* ser uma mestiça, filha de um francês com uma chinesa, remete ao período em que Dyvonne morou na China.

A personagem *Pollyana*, de Eleanor Porter, apresenta uma *convencionalização* estabelecida pela necessidade de a personagem apresentar as virtudes que permeiam a concepção da obra. Assim alegria, generosidade, simplicidade e altruísmo são praticados diariamente pela protagonista através de seu “jogo do contente”.

Concórdia Merrel aborda, nos romances *Casamento de experiência* e *A sétima miss Brown*, as mudanças no mundo do trabalho e as transformações femininas de acordo com as demandas da urbanização, que podem ser consideradas um modo de *convencionalizar* suas mocinhas. Assim, “concentração, limitação e obsessão dos traços que caracterizam as personagens se ordenam convenientemente nesse universo, e são aceitos pelo leitor por corresponderem a uma atmosfera mais ampla, que o envolve desde o início do livro” (CANDIDO et al., 2007, p. 76).

Quando o romancista *convencionaliza* bem os elementos que dão características a personagem organizando-os adequadamente nas partes do romance, possibilita que o leitor visualize sua aparência e tenha a sensação de conhecê-lo em seu modo de ser. Essa composição da personagem lhe atribui maior coerência e exatidão do que a pessoa real apresenta. A diferença deve-se ao controle do autor sobre a personagem; já a pessoa real está sujeita a variações da vida.

Concórdia Merrel reforça as características da personalidade de sua protagonista em *Casamento de experiência* pela descrição detalhada da rua onde mora. Esse detalhamento de ambientes e personagens passa pela busca da persuasão do leitor, de despertar um sentimento de realidade a partir dos detalhes apresentados, ao escrever:

[...] na casa número 7 da rua Mason, vivia Jane Clare com a mãe. Ficava numa fileira de pequenas casas iguais. Toda a rua Mason era limpa e ordeira, como Jane. Arbustos verdes perfeitamente recortados; as portas pequenas, todas bem simétricas; as janelas de cortinas uniformes; a

característica fileira de chaminés... Tudo, enfim, limpo e em ordem (MERREL, 1955, p. 66).

Assim, a autora dispõe cada detalhe e compõe a “verdade” de suas personagens e seu mundo fictício à medida que os estabelece. Ao dar-lhes vida e coesão oferece ao leitor a possibilidade de apreendê-los como próximos à realidade. Essa construção permite que, aqui e ali, apareçam nos romances pistas de mulheres com atitudes destoantes ou de expectativas que são lançadas sobre elas.

Durante a leitura, além dos entendimentos do gênero, de suas regras ou convenções, foram considerados os limites de criação dessas autoras. Mulheres de seu tempo que, ao “inventar” mulheres, homens, famílias e seus relacionamentos, lidavam com valores e padrões de comportamento esperados para sua época, conflitando, em alguns casos, com valores e desejos que acreditavam “valer a pena” escrever.

Considerando os padrões de comportamento da época, cabe ponderar se Jeanne Marie Petitjean de la Rosière e Henry Ardel eram consideradas boas filhas, moças de conduta correta, com valores religiosos, ou solteironas que apenas se dedicavam à escrita de romances, sem cumprir o papel que lhes cabia como mulher, mãe e esposa. Concórdia Merrel, Elinor Glyn e Marguerite Florence Laura Jarvis (Oliver Sandys), com seus divórcios e novos casamentos, filhos de pais diferentes, atuação em diferentes áreas, eram vistas como mulheres de conduta questionável ou mulheres à frente de seu tempo?

Um ponto Virgínia Woolf apresenta como certo: “se o romance equivale à vida real, seus valores são, em certa medida, os da vida real. Mas é obvio que os valores das mulheres diferem com frequência dos que foram forjados pelo outro sexo; [...] são os valores masculinos que prevalecem” (WOOLF, 2014, p. 106). Nesse ponto, mais que suas trajetórias de vida diversas, é preciso considerar que escreviam em um momento no qual os homens ainda determinavam valores, condutas, a boa e má leitura. Decidiam o que seria publicado, apropriado, relevante, descartado. Se, por um lado, era justificável uma mulher escrever para sobreviver, por outro, ainda se desdenhava da “intelectual com uma quedinha para escrevinhar” (WOOLF, 2014, p. 95).

Essas questões significavam escrever para o outro. Mais especificamente para o outro de um outro sexo, fato que dificulta o processo de criação, sobretudo se este outro estabelece os limites. Para essas autoras, seria preciso esquecer, por um momento, “os bispos e os reitores, os médicos e os professores, os patriarcas e os pedagogos, todos em cima dela gritando avisos e conselhos. Você não pode fazer isso e não vai fazer aquilo!” (WOOLF, 2014, p. 134). Durante o processo de criação, posturas diferentes podem ser

adotadas, algumas autoras podem optar por reiterar valores como os dos romances de Eleanor Porter, M. Delly, Guy Wirta e Louisa May Alcott ou produzir “rotas de fuga”, numa tentativa de expor outros comportamentos possíveis, como nos romances de Elinor Glyn, Concórdia Merrel, Oliver Sandys e Berta Ruck.

Um subterfúgio utilizado por essas autoras estava em desenvolver o enredo apresentando diferentes comportamentos, possibilidades de escolhas para as mulheres, casais desviantes do padrão esperado, situações inusitadas e, ao final, restabelecer a ordem exaltando o aprendizado pela experiência vivida, adequando o casal desviante às normas, e, ainda, o amadurecimento que auxiliará nas escolhas futuras. Novamente percebe-se que finalizar o romance com “coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus” (LOBATO, 1955, p. 193) garantia que o romance fosse considerado por públicos mais conservadores.

Divulgados pela Companhia Editora Nacional como apropriados para a formação da mulher, considerados uma literatura didático-moral que difundiria valores socialmente manifestos, a Coleção contava com autoras e personagens que possibilitavam a liberdade de escolha de suas “possíveis leitoras”. Assim, nutriam tanto um imaginário voltado para comportamentos idealizados quanto para comportamentos avessos às normas, possibilitando que as autoras e suas leitoras experimentassem o que estava além dos limites impostos.

As “rotas de fuga” e o “dedo de Deus”

O amor em suas variações com um final feliz foi uma fórmula que agradou desde o início do romance como gênero literário. A busca da felicidade a partir da experiência amorosa vem permeada por encontros, desencontros, alegrias e sofrimentos, agradando públicos desejosos de um final feliz. O mercado editorial percebeu esse desejo dos leitores e criou condições para a legitimação deste gênero adaptando-o conforme a necessidade apresentada por novos leitores. Entre as tantas adaptações, os romances da Coleção Biblioteca das Moças estão localizados em um período no qual os ideais burgueses de amor eram moldados. Período em que as demonstrações de emoção foram retiradas do convívio comum e cobertas por sentimentos virtuosos.

Para terem seus romances publicados os romancistas precisavam conciliar paixões e amores aos comportamentos considerados civilizados. Contudo, o contraponto da norma é a burla, assim em meio à doçura, à inocência, ao recato e ao pudor, alguns romancistas optaram por tratar comportamentos tidos como pouco adequados. Entre as autoras da Coleção que optaram tratar questões menos convencionais estão Elinor Glyn e Florence Stuart, por trazerem enredos abordando a sexualidade como ingrediente necessário ao amor e à paixão. Concórdia Merrel, Oliver Sandys e Bertha Ruck apresentam enredos com certas transgressões, mas não fazem referências à sexualidade, as autoras dão ênfase à emancipação e conquistas femininas.

Em seus romances, Elinor Glyn constrói personagens que lidam com o amor romântico sem anular o desejo latente entre o homem e a mulher. As relações estabelecidas partem do desejo por suas qualidades ou atributos físicos, conduzindo-os a um jogo de sedução, etapa que, em outros romances, é descrita como um momento de aproximação do casal como o namoro ou noivado que são vivenciados no meio familiar e social, em Glyn esta é circunscrita ao homem e à mulher, conduzida pelo desejo presente entre os dois. A romancista não apresenta a preocupação que esta etapa ocorra dentro de convenções sociais, conforme pode ser observado no trecho que segue:

Ele colocou as mãos nos ombros de Ava e encarou-a fixamente. Toda a resistência parecia abandoná-la. Percorria o corpo esbelto da jovem estranha vibração que nunca sentira em sua vida. E apenas por suas emoções. Nesse contexto, a mulher frágil e delicada é substituída pela heroína de curvas avantajadas e insinuantes. Em nenhum de seus namoros infelizes com os dois homens casados se sentira abalada a ponto de não se dominar; mas agora! (GLYN, 1954a, p. 97).

Como suas protagonistas apresentam comportamentos atípicos, se comparados às mocinhas de outros romances, a autora oferece um repertório de práticas amorosas voltadas para o flerte e jogos de sedução que alimentam o imaginário feminino com protocolos românticos pouco mencionados na literatura congênere do período. Contudo, as referências ao desejo e atração sexual não devem ser diretamente relacionadas ao ato sexual em si. A autora explora a sexualidade como característica presente no homem e na mulher, parte integrante de suas vidas. Assim, considera que, “quando o corpo e alma se equilibram, conhecem elas tudo o que é divino no amor humano. [...] A mulher perfeita prazerosamente se entrega de corpo e alma, ao homem a quem ama” (GLYN, 1954a, p. 117). Dessa forma, a autora não traz em seus romances um casal assexuado, que pauta o relacionamento apenas em sentimentos virtuosos e convenções sociais; suas personagens sentem o amor espiritual e fisicamente.

Em alguns casos as protagonistas de Glyn demonstra comportamentos próximos ao coquetismo descrito anteriormente a partir de Simmel (1993). São mulheres que aceitam o jogo da sedução sem considerar necessariamente seu envolvimento após o término desse jogo. Esse comportamento altera a antiga prática ocorrida que iniciava com o desejo do homem, seguido da conquista e posse do seu objeto de desejo. Ao colocar a permissão da mulher como ponto fundamental para que essa relação ocorra, Elinor Glyn rompe com a prática de que a mulher não possui uma escolha, sendo apenas escolhida. Ao estabelecer desse jogo de sedução, a autora não anula o amor romântico, que permanece como desencadeador das emoções, mas altera o padrão de relação estabelecido entre homem e mulher enquanto uma prática cultural.

A lenta transformação de práticas sociais inicia com alterações sutis que, somadas, levam às mudanças de comportamento. Ter escolha, sentir-se bonita, ocupar um lugar além do ambiente doméstico foram conquistas lentas das mulheres e são representadas com maior ou menor ênfase nos romances, de acordo com as escolhas de suas autoras. Assim, ao propor que a sensualidade feminina não está necessariamente ligada à vulgaridade, indicar a possibilidade de escolha para os relacionamentos e tratar a sexualidade além da maternidade, Elinor Glyn contribuiu efetivamente para renovar valores até então presentes na construção da identidade feminina de gerações de leitoras. A autora, porém, parte da representação do “feminino em seu aspecto mais velho e mais instigante: o da sedução” (XAVIER, 1991, p. 70).

Além das transgressões ligadas à relação homem-mulher, a autora rompe com a beleza estereotipada das protagonistas presentes até então nos romances. As mocinhas geralmente descritas como naturalmente belas, com feições harmoniosas, cabelos sedosos, mãos delicadas, beirando a perfeição, contempladas por inúmeros talentos e virtudes, nos romances de Elinor Glyn não apresentam a beleza em seu sentido clássico, contam com uma simpatia pessoal, nem sempre são agradáveis, pois, em alguns casos, têm uma personalidade muito forte, possuem o *it*, aquele curioso magnetismo presente em homens e mulheres, que independe da beleza física:

Ela não tinha o que se pudesse admirar com exceção dos olhos e da conformação geral do corpo. Foi feia em criança e também quando menina, mas floresceram-lhe na adolescência alguns encantos. Sua epiderme se assemelhava às pétalas daquela espécie de gardênia que nunca as tem transparentes e os cabelos, de coloração azul-negra, não eram muito finos. A boca trazia a mais deliciosa das tonalidades rubras, mas era grande em excesso para ser bela (GLYN, 1954a, p. 11).

Para a *convencionalização* de suas protagonistas, Glyn constrói personagens em que os padrões morais vigentes são abrandados, o que possibilita que as transgressões não afetem instituições tradicionais como a família. Assim, as personagens potencialmente transgressoras são viúvas, que já passaram pelo ritual do casamento, perda da virgindade e maternidade; possuem, dessa forma, certa liberdade para suas escolhas. Outras personagens cometeram adultério por ser infelizes em seus casamentos. Com o compromisso do matrimônio quebrado, podem buscar a realização fora dele. Há, ainda, aquelas que tiveram relacionamentos com homens comprometidos ou fizeram más escolhas e estão em busca de estabilidade emocional.

Desse modo a autora consegue estabelecer “rotas de fuga” e construir suas personagens respeitando seu processo de criação e os limites postos aos romancistas pelas convenções sociais. Em seus livros é possível encontrar uma mulher que escreve sem se esquecer que é uma mulher, “suas páginas estavam repletas daquela qualidade sexual curiosa que aparece apenas quando o sexo não tem consciência de si mesmo” (WOOLF, 2014, p. 133). Glyn demonstra escrever para mulheres e não para agradar a crítica. Suas “rotas de fuga” garantiam que os editores mais conservadores considerassem a publicação de suas obras, apesar de suas transgressões. Mas, não deve ser esquecido que “Tolerância não é, contudo, independência. Não basta ao autor escapar da censura e das condenações para ser definido positivamente” (CHARTIER, 1998, p. 45).

Com produções entre 1900 e 1940, é possível considerar que a autora abordava em seus romances questões presentes nas rodas de conversas das moças e mulheres dessas décadas. A diminuição do controle dos pais sobre as filhas em atividades culturais e estudos, a prática do *footing* e viagens desacompanhadas, o casamento por afeto, a possibilidade de escolhas sobre o próprio corpo e o crescente ingresso no mercado de trabalho mobilizam as mulheres para uma maior autonomia sobre suas escolhas.

Em *Cultura feminina*, escrito em 1902³⁵, Georg Simmel constata: “é preciso tomar consciência de que a cultura da humanidade não é, em suma, nada assexuada, [...]. Ao contrário, essa cultura, que é a nossa, se revela inteiramente masculina” (1983, p. 70). Além disso, considera que o ordinário da diferença entre os princípios masculinos e femininos tornou-se tão natural que condiciona de maneira dogmática a vida prática, fazendo com que, instintivamente, cada mulher e cada homem sejam considerados em função de categorias femininas e masculinas. Contudo, a irrupção das mulheres nos

³⁵ Publicado posteriormente no livro *Filosofia do amor* (1983).

domínios das atividades masculinas coloca em termos práticos a questão de suas diferenças essenciais. Algumas décadas depois, Simone de Beauvoir reafirma que “no momento em que mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (1970, p. 21).

O respeito e a cooperação entre o homem e a mulher, bem como a discrepância de oportunidades oferecidas a cada um, são questões abordadas nos escritos de Virgínia Woolf. Pela observação de um casal entrando num táxi em Londres, considera ter compreendido a dificuldade que encontrava para entender as diferenças entre os sexos. Considera que essa dificuldade estaria justamente no modo de pensar cada um, separadamente, interferindo na unidade da mente. Para a autora,

a razão óbvia seria a de que é natural que os sexos cooperem entre si. Há um instinto profundo, se não irracional, em favor da teoria de que a união de um homem e uma mulher colabora para uma satisfação generalizada, para a mais completa felicidade. Mas a visão de duas pessoas entrando em um táxi e a satisfação que isso me proporcionou também me fizeram questionar se haveria dois sexos na mente, correspondentes ao sexo do corpo, e se eles também precisam estar unidos para a satisfação e a felicidade completa (WOOLF, 2014, p. 138).

As reflexões desenvolvidas por Simmel e Woolf acerca da relação entre o masculino e o feminino podem ser percebidas nos romances de Elinor Glyn à medida que a autora estabelece uma relação atípica entre os casais protagonistas. Ao dar o poder de escolha à mulher e construir homens que desejam uma companheira, não apenas uma esposa e mãe de seus filhos, desloca suas personagens do padrão de masculinidade presente em outros romances da Coleção. A compreensão de homem e mulher pautada nas questões biológicas é desnaturalizada a partir das tentativas da autora de propor relações para seus protagonistas de um modo cambiante entre o complementar³⁶ e o relacional³⁷.

Pode estar certa, madrinha, de que ele não sente nada por mim. Está agindo tão somente impulsionado pelo orgulho. Se me procura, é apenas para acrescentar mais um nome à lista de suas conquistas. Não quero prestar-me a isso. Não, não quero! (GLYN, 1954a, p. 103).

[...]

Ele, por seu lado, analisava todas as linhas do corpo dela. Seu frio e reflexionado método de deduções dissecava-a, despia-a. [...] E teve

³⁶ A complementaridade parte de uma visão binária do mundo. As relações de gênero identificam o masculino e o feminino como termos opostos, ainda que complementares, ou seja, convivem, mas não ocupam o lugar um do outro (SCOTT, 1995).

³⁷ O aspecto relacional tratado nos estudos de gênero busca romper com estudos femininos centrados de maneira muito estreita sobre a mulher. Assim, a noção de gênero daria conta de que as mulheres e os homens são definidos em termos recíprocos e não podem ser entendidos separadamente (SCOTT, 1995).

consciência da poderosa atração que exercia, sentindo, no mesmo instante, o desejo de beijar aqueles lábios de cereja e de esmagá-la nos braços a ponto de não a deixar respirar... mas saberia aguardar sua permissão... (GLYN, 1954a, p. 13-14).

[...]

Meu Paulo, na primeira noite de nosso encontro, você representava, para mim um capricho; depois, tornou-se meu amante e agora é minha vida. Esta a razão por que devo deixá-lo, para salvar a vida, meu doce amor (GLYN, 1955a, p. 135).

Na construção de suas personagens a autora aborda a satisfação masculina diretamente ligada à satisfação feminina. O estabelecimento dos papéis pautados nas convenções abre espaço ao entendimento e cooperação entre o casal, em consonância com as questões levantadas por Woolf e Simmel em seus trabalhos. As divisões estabelecidas entre os sexos, culturalmente construídas e naturalizadas através de concepções romanceadas e cientificamente ratificadas, são postas em dúvida. Sem negar a existência de diferenças biológicas, o questionamento volta-se para a construção cultural da identidade feminina estreitamente ligada à maternidade como uma determinação biológica e não como uma escolha a ser feita pela mulher.

Repensar a construção da identidade masculina e feminina requer cuidado. No caso específico dos romances, é preciso considerar as nuances dessa construção cultural com base em uma sociedade que, além de normatizar emoções e costumes, também adota os discursos médicos correntes. A importância dada aos hábitos higiênicos, à necessidade de uma habitação adequada, à alimentação sadia e a importância do lazer e do descanso integraram a constituição desse modelo familiar e seu bom funcionamento passou a ser diretamente ligado à dedicação da mulher ao lar e aos filhos, tarefa revestida de uma aura de respeito e cuidado por garantir o equilíbrio deste instituição que se reinventava.

A postura atribuída por Glyn às suas personagens possibilita analisar a questão do gênero como relacional e desconstrói a concepção binária e naturalizada dos papéis sexuais, rompendo com o equívoco de “estudar as mulheres de maneira isolada, fato que contribuía para a perpetuação do mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tivesse muito pouco ou nada a ver como o outro sexo. Portanto, a compreensão destas representações vai muito além da variável biológica, pertencendo a uma complexa construção vivenciada por ambos os sexos na sociedade. Qualquer “informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, um implica o estudo do outro” (SCOTT, 1995, p. 75).

Além de indicar a importância de considerar as relações vivenciadas pelos casais nos romances da Coleção, a partir da categoria de gênero foi possível compreender a organização social das diferenças sexuais ali representadas sem incidir no equívoco de simplificar essas relações apenas como formas de subordinação da mulher. Os modelos de feminino e masculino veiculados nos romances atendiam e legitimavam as relações de poder entre os sexos dentro de um sistema baseado em valores, crenças e discursos construídos culturalmente, socialmente aceitos e incorporado aos comportamentos. Cabia, portanto, compreendê-los a partir de seu lugar de produção, lugar este anterior à sua produção editorial, ou seja, o lugar de quem produziu os textos e a época à qual pertenciam.

Dentro desse formato, “a família humana é uma construção social, uma superação da família biológica – macho-fêmea-crias –” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 27). Esse novo modelo de organização uniu seus membros através de uma complexa rede de direitos e proibições, obrigações econômicas e laços afetivos acompanhados por laços legais e religiosos. Essa transformação no modelo familiar não se ateve apenas à vida cotidiana e íntima, afetou igualmente as relações sociais, a constituição de subjetividades e individualidades, alterando a percepção sobre o público e o privado. Se, por um lado, há o respeito pela busca da realização pessoal e o casamento por afeto, por outro, essa mudança caminha paralelamente ao nascimento da moderna família nuclear, que se fecha e se volta para si mesma (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 27-28).

A busca por este equilíbrio doméstico estabelece um jogo entre o casal. A mulher aceita e usa indiretamente a imagem de frágil, emotiva, dependente, portadora de instinto maternal e sexualmente passiva, mas controla a situação através do choro, da afetividade, do cuidado, de uma fala cheia de rodeios e argumentos disfarçados em conselhos. Essa posição, cambiante entre poder e submissão, na verdade camufla a real posição destinada às mulheres resultante desse novo modelo de família. E o papel de cuidar e zelar pelos outros integrantes, negando-se como pessoa (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Ao homem, considerado mais livre por transitar pela esfera pública, cabe a racionalidade, o controle das decisões, a provisão do lar, a fala direta e assertiva. No jogo social estabelecido ele deve mostrar-se viril, firme em suas decisões, representar a autoridade. O pouco envolvimento do homem com as questões domésticas pode ser considerado uma *tática* para consolidação e manutenção da posição de poder e privilégio na organização familiar. Ao contrário da mulher, a opção adotada seria não demonstrar

seus sentimentos e, dessa maneira, não dar a conhecer os seus limites dentro da rigidez das normatizações que regulam esta masculinidade.

A compreensão da relação entre masculino e feminino, baseada na construção de significados culturais e não através do determinismo biológico, foi ampliado pelo estabelecimento do conceito de *gênero*. Joan Scott (1995) propõe que este conceito seja compreendido a partir da relação entre o homem e a mulher, bem como às práticas pelas quais os significados da diferença sexual são definidos. Então, mesmo existindo as diferenças biológicas, não seriam estas determinantes das desigualdades existentes. Ao considerar o aspecto relacional das definições normativas de masculino e feminino, os estudos de gênero consideram a consolidação de um discurso que encerra homens e mulheres dentro de limites desta identidade construída e legitimada culturalmente.

Ao apresentar um homem que chora e fica adoecido durante anos pela impossibilidade de viver seu amor, Elinor Glyn coloca à prova já, em 1907, em seu romance *Três semanas de amor* essa identidade masculina voltada para o controle das emoções e decisões racionais.

O coração de Sir Charles se confrangeu ao ver Paulo prostrado daquele jeito, fraco como uma criança. Toda a sua esplendida mocidade e força foram conquistadas pela furiosa febre. Era triste ouvi-lo dizer constantemente: “Querida, volte para mim! Volte minha rainha”. Mesmo depois que voltou a consciência das coisas, igualmente causava pena contemplá-lo, com os nervos relaxados e extremamente pálido (GLYN, 1955a, p. 137-138).

A ideia de masculinidade veiculada socialmente repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino (SCOTT, 1995, p. 12). Ao atribuir emoções consideradas essencialmente femininas ao protagonista de seu romance, a autora interfere nessas construções sociais demonstrando que a fragilidade e a lágrima também pertenciam ao homem. Para dar ênfase às personagens que fugiam ao padrão esperado, Elinor Glyn mantém estereótipos e comportamentos predeterminados como observado no romance citado acima, onde o rapaz padece por amar uma mulher que foge ao modelo vigente e cujo pai evita que a mãe, uma mulher que valorizava os preceitos da moral, descubra a condição do filho.

A dificuldade toda estava em evitar que sua esposa ficasse a par de tudo. Ela deveria permanecer completamente alheia a esse episódio da vida do filho. Lady Henriqueta pertencia a essa classe de pessoas que jamais podem compreender as coisas. E isso seria um grande choque e horrível padecimento que duraria por toda vida, aquela excelente, amorosa senhora, tão cheia de preconceitos (GLYN, 1955a, p. 137).

De acordo com o exposto acima, dentro da organização familiar deste período, a mãe seria a responsável pelo equilíbrio doméstico. Contudo, a autora faz ressalvas aos seus preconceitos e capacidade de compreensão, afirmando que não conseguiria lidar com as questões consideradas morais que envolviam o filho. Na verdade, o equilíbrio doméstico que lhe cabia passava pelas atividades domésticas práticas. Porém, desde o momento em que o equilíbrio depende de decisões que envolvam maiores reflexões, ela passa a ser poupada e o homem assume a situação.

A posição é contraditória se for considerado que a mãe, dentro desse novo modelo familiar que se estabelece, passa a ser percebida como a mentora por excelência dos filhos, controlando e vigiando pelo cuidado e carinho maternal, para que estejam preparados para a vida adulta.

Elinor Glyn, ao construir suas personagens e adentrar em temas delicados para o período, opta por apresentar um casal considerado desviante, mas mantém uma composição no entorno que assegura o equilíbrio esperado para o bom funcionamento da estrutura social. A autora, apesar do posicionamento incerto ao lidar com questões delicadas para sua época, lança luz sobre a história das mulheres, sobre a história dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e, igualmente, das mulheres entre si, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais (SCOTT, 1995).

No romance *Casamento de experiência*, Concórdia Merrel expõe uma situação similar. A mãe da protagonista é tratada como aquela que zela pelo lar, mas não consegue dar grandes contribuições quando os encaminhamentos ultrapassam o universo doméstico. Essa descrição é enfatizada como um modo de realçar a postura disciplinada e prática de sua filha na condução de situações complexas. No romance de Elinor Glyn, o homem assume os encaminhamentos e poupa a mulher dos constrangimentos sociais. O romance de Concórdia Merrel, além de demonstrar sinais de emancipação entre gerações de duas mulheres, é preciso notar que dentro dessa organização familiar não há presença de um marido ou pai, o que justifica a necessidade da protagonista, uma mulher, colocar-se à frente da situação.

Ao compor sua personagem, uma mulher moderna e independente, Concórdia Merrel, assim como Glyn, estabelece “rotas de fuga” para garantir que a sua protagonista com características consideradas masculinas seja aceita. Seu comportamento é justificado pela ausência do pai e irmãos na composição familiar.

Esta situação pode ser verificada quando o herdeiro, despreparado para a função, confia à moça o comando de sua empresa. Ela, e principalmente a autora, têm a oportunidade de provar que uma mulher poderia conduzir de forma competente trabalhos considerados tipicamente masculinos. Assim, Merrel aborda a possibilidade de a mulher desempenhar papéis considerados masculinos sem colocar sua protagonista numa posição de disputa com um homem, pois ela apenas ocupa o lugar que está vago. A autora garante sua liberdade de criação e respeita os limites que lhe são impostos sem melindrar as normas estabelecidas para um romance destinado à leitura de moças de boa família.

Em *Três semanas de amor*, Elinor Glyn garante que o romance proibido ocorra em um “não-lugar”, longe de onde as famílias e demais pessoas do convívio do casal vivem. O romance inicia com o encontro do casal, ao acaso, em um hotel. Depois, o relacionamento se estabelece, o casal passa viver em um lugar isolado e desconhecido. Os dois estarem em um período de viagem oferece o isolamento necessário de suas vidas para viver plenamente a paixão. A escolha da autora demonstra seu cuidado para que o relacionamento não afetasse as instituições tradicionais às quais pertenciam.

Além das transgressões sociais e paixão advindas da atração física do casal, o romance aborda o amor romântico demonstrado pelo nascimento do filho. Apesar da impossibilidade de sua união, o amor é representado pelo filho mantendo a idealização de uma relação que se materializa e pode ser projetada.

Com o coração batendo precipitadamente e os dedos trêmulos, Paulo abriu o pequenino pacote que nele se achava. E ali, os raios do sol bateram em fina madeixa de cabelos louros, daquela indescritível cor que toda criança tem ao nascer e mais tarde se torna ouro. Tinha menos de uma polegada de comprimento aquela delicadeza de penugem, cuidadosa e ternamente amarrada com um pedaço de seda azul. Em baixo e escrito no papel, liam-se estas palavras: “Meu bem-amado, forte e lindo o teu filho, nascido a 19 de fevereiro” (GLYN, 1955a, p. 158-159).

Mesmo sendo considerada a precursora do erotismo nos romances sentimentais, Glyn cede ao amor romântico e prepara um final que restabeleça a harmonia dentro dos padrões morais. Como já mencionado a partir da fala de Monteiro Lobato, o “dedo de Deus” é posto ao final do romance, garantindo que as leitoras puritanas ficassem satisfeitas com o desfecho, de modo que as leitoras que desejassem algo inovador fossem atendidas e os editores mantivessem seus públicos cativos.

Desse modo, Elinor Glyn, Concórdia Merrel, Oliver Sandys, Florence Stuart e tantas outras autoras, descobriram um modo de construir suas personagens abordando as mudanças que ocorriam em seu tempo. Seus romances lidam com essa constante

contradição entre a transgressão e a tradição, o amor físico e o amor espiritual, ser mãe sem perder a feminilidade, ter autonomia e independência sem parecer masculina. Talvez, indiretamente, ao abordar as transformações vividas pelas mulheres, as autoras contemplaram igualmente os conflitos vivenciados pelos homens.

O afastamento das representações do feminino de modelos tradicionais relacionados à submissão, recato, fidelidade e doçura presentes nos romances abre espaço para a configuração de um novo perfil, ainda que como um esboço. Aos poucos, surgem as “mulheres que não se submetem ao homem”, “que não morrem de amor”. Contudo, nas entrelinhas, surgem sinais de outros tipos de submissão e o modo como são compreendidas, uma vez que podem ser mais cruéis que as tradicionais (XAVIER, 1991, p. 77).

Ao trazer diferentes personagens em seus romances, a Coleção Biblioteca das Moças contribui com modelos que relativizaram a existência de referenciais precisos para o estabelecimento de uma identidade a ser atribuída ao homem e à mulher. Pela análise desses personagens, fica aparente que os ideais instituídos por meio de normas e padrões de comportamento nem sempre são alcançados, colocando em dúvida essa idealização e expondo as contradições existentes entre as normas estabelecidas e as apropriações ocorridas.

Escrever: uma maldição que salva

O século XX, pelo menos nas camadas mais abastadas, consolida o papel da mulher dentro da organização familiar. A ela cabia o papel de mãe, esposa, guardiã do lar. A ele, o papel de provedor da família. Na falta deste provedor, e conseqüente quebra desta harmonia, algumas mulheres saem em busca do sustento da família, e mais raramente em busca de uma satisfação pessoal.

Desde os romances até as matérias e propagandas veiculadas nas revistas analisadas, o discurso sobre o modelo ideal de mulher é disseminado. A ideia da incompatibilidade entre casamento e vida profissional faz-se presente a princípio com os argumentos de virilização da mulher, passando pela perda de privilégios se deixasse o lar para trabalhar e os riscos em assumir ocupações anteriormente destinadas aos homens para as quais não estavam preparadas física e intelectualmente.

Apesar de possuir uma liberdade circunscrita, a mulher mostra-se inventiva, a partir das condições de movimentação que lhe são impostas constrói modos de controle e manutenção de um lugar próprio dentro desta instituição familiar e, aos poucos, avança para conquistá-lo na esfera pública. Nessa busca pelo reconhecimento, tenta abandonar o papel de musa inspiradora e mostrar que também poderia criar. Contudo, a atuação das mulheres, dependendo da área de atuação, poderia ser mal interpretada como demonstra o trecho do romance de M. Delly:

Imagine a senhora que a minha pequena me pediu licença para ingressar no teatro. Foi aquele parisiense do Vital Nisse que lhe meteu essa idéia na cabeça, assegurando-lhe que com a sua voz ela obteria um êxito retumbante. A minha Cecília no teatro! Pergunto a mim mesmo como pôde conceber tal desejo com a educação austera que lhe dei. Pelo modo, porém, como lhe respondi, ela deve ter compreendido que é inútil insistir. Estou até persuadido, depois das razões que lhe expus, de que ela não pensa mais nisso. E quando Vital voltar a Bargenac, pedir-lhe-ei que me dispense das suas visitas. Ele é muito parisiense para nós (DELLY, 1956b, p. 34).

Com o pouco incentivo que havia para atuação das mulheres em meio às artes, não sem motivo, Virgínia Woolf só encontra prateleiras de livros escritos por mulheres no início do século XIX: “Aqui pela primeira vez encontro prateleiras dedicadas inteiramente a obras de mulheres” (WOOLF, 2014, p. 96). Ao retomar a trajetória da produção literária feminina, a autora considera ser compreensível que a literatura escrita por mulheres seja tardia: “Pois as obras-primas não nascem de eventos únicos e solitários; são o resultado de muitos anos de pensamento comum, de pensamento coletivo, de forma que a experiência da massa está por trás de uma voz única” (WOOLF, 2014, p. 96). Era preciso que alguma mulher conquistasse o direito de dizer (escrever) o que pensa.

Entretanto, isto não seria suficiente. Dependendo da época, uma mulher agir dessa forma poderia trazer consequências. A autora persegue, em suas reflexões, a possibilidade de reconhecimento da autoria de mulheres em diferentes momentos, a certa altura imaginando como teria sido se Shakespeare tivesse tido uma irmã com a mesma genialidade que ele. Virgínia Woolf inicia suas divagações sobre a irmã de Shakespeare considerando que suas dificuldades já teriam começado pela possibilidade de aprender a ler, seu irmão seria enviado para a escola, não ela. Poderia então, por esforço próprio, aprender nos livros do irmão entre as tarefas de “cerzir as meias ou vigiar o assado”. Poderia rabiscar às escondidas em algum sótão algumas palavras e depois escondê-las ou queimá-las para que os pais não descobrissem. Ressalta que eles não faziam por maldade,

mas para que se tornasse uma “verdadeira mulher” e pudesse se casar (WOOLF, 2014, p. 70).

Contudo, ao chegar a hora do casamento, ela se negaria. Queria outra vida. Então seria surrada pelo pai e faria a mãe chorar. Restou-lhe fugir para Londres. Por gostar de teatro, tanto quanto o irmão, procurou algum e disse que queria atuar, foi motivo da gargalhada geral. Ouviu do gerente que mulher nenhuma poderia atuar. Entre o desejo de alimentar-se da vida através da ficção e um prato de comida, conseguiu o último. O ator-diretor teve pena dela e lhe deu abrigo, mas também um filho. Em uma noite de inverno, só restou ao “calor e a violência de um coração de poeta quando preso ao corpo de uma mulher”, o suicídio. Jaz enterrada em uma encruzilhada como determina a tradição para os suicidas (WOOLF, 2014, p. 70-72).

Esta é uma divagação bastante crível se levado em conta que o reconhecimento de obras escritas por mulheres exigiu tempo e paciência. Tempo em consequência das dificuldades para conseguir um lugar entre os homens, paciência pelas condições que dispunham para a escrita. Inicialmente a mulher teve que transpor os limites de sua educação; depois, convencer aos outros de que poderia e desejava escrever.

Quando entrevistada por John Gerassi, em 1976, por ocasião dos 25 anos de seu livro *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir considera ter tido sorte por pertencer há uma família burguesa, que, além de financiar seus estudos, “permitiu que brincasse com as ideias”. Argumenta que por esse motivo, pôde entrar no mundo dos homens sem muita dificuldade. Mas reconhece que essa condição a fez esquecer que “uma secretária nunca poderia gozar desses mesmos privilégios”, e por algum tempo desprezou as mulheres que não buscavam sua independência dos homens. Ao escrever *O segundo sexo*, compreendeu que a grande maioria das mulheres não teve acesso ao mesmo que ela, dificultando que rompessem com a ideia de pertencerem ao segundo sexo (GERASSI, 1976).

Desse modo, para a grande maioria das mulheres, era preciso lidar com uma educação limitada e uma vida sem grandes experiências além da familiar. Para vencer as limitações de uma vivência encerrada na convivência doméstica, dentro de um círculo social restrito aos salões e às cerimônias religiosas, elas liam. Liam, sobretudo, obras escritas por homens que lutavam em guerras, conquistavam o mundo em viagens longas e ocupavam um lugar de poder. Como se sentir capaz de criar algo tão interessante se o seu horizonte mostrava-se tão limítrofe? A partir desse panorama, essas mulheres contavam, principalmente, com desejo e a coragem, e vivendo essa condição especial, representam o mundo de forma diferente ao dos homens.

Apesar de, na França e Inglaterra, as poetisas precederem as romancistas, a partir do XIX Virgínia Woolf encontra, entre a produção literária feminina, sobretudo, romances. A autora pondera se essa constatação deve-se ao período em que as mulheres de classe média começavam a escrever. Ao contrário das “aristocratas solitárias encerradas em suas casas de campo”, elas possuíam apenas uma sala de estar compartilhada com os demais integrantes da família (WOOLF, 2014, p. 96). Não é possível afirmar que seria mais fácil escrever romance do que poesia devido a essas condições, mas estas foram as condições vividas por Jane Austen relatadas por seu sobrinho James Edward Austen-Leigh no livro *A Memoir of Jane Austen*:

É surpreendente como conseguia fazer isso, porque ela não tinha um estúdio a que pudesse recorrer, e muito de seu trabalho deve ter sido escrito na sala de estar comum, sujeito a todo tipo de interrupções casuais. Ela tomava o cuidado de não deixar que os empregados, ou os visitantes, ou qualquer outra pessoa de fora de seu círculo familiar, suspeitasse de sua ocupação (AUSTEN-LEIGH, apud WOOLF, 2014, p. 98).

A conclusão de Woolf (2014, p. 98) é que o treinamento literário que a mulher obteve a partir do XIX advinha do exercício de observação de personagens e análise de suas emoções. A sensibilidade era construída em meio às relações pessoais e a convivência em sua sala de estar, o que, inevitavelmente, levava à escrita de romances pelas mulheres de classe média.

Aos poucos, as mulheres passam a escrever em maior número e em diferentes suportes, publicam livros, artigos em jornais, ensaios. Suas produções apresentam questões próximas àquelas apresentadas pelos homens. Tratavam das emoções e relações humanas, questões sociais, éticas e religiosas, assim como científicas. Porém, os resquícios de uma educação tardia, a limitação de sua mobilidade e independência econômica demonstram diferenças, mesmo que sutis, nas *representações* que apresentam em determinados aspectos de suas produções.

O esforço empreendido por mulheres em busca de reconhecimento no meio literário a partir de produções anteriormente tratadas por homens pode ser considerado uma tentativa de redefinir a si mesma, repensar a sociedade e as relações ali estabelecidas. Embora apresentassem diferentes estilos, abordassem questões éticas e morais com pontos de vista distintos, talentos e rigor de produção diferenciado, é possível identificar vestígios de uma cultura feminina em construção, apesar das tensões e desequilíbrios a que eram submetidas.

Antes de serem autoras, como já mencionado, essas mulheres eram educadas para o cumprimento de papéis específicos, com condutas claras a serem seguidas. Provavelmente, por esse motivo, a delimitação de papéis e a descrição detalhada das atribuições das personagens constitui uma marca nos romances escritos por mulheres, não só da Coleção Biblioteca das Moças como em outros até as primeiras décadas do XX. Possivelmente, um exercício para essas mulheres lidarem com os constructos de sua identidade e experimentarem o limite de suas criações.

Entre as escritoras brasileiras que passaram por esse exercício, Julia Lopes de Almeida merece destaque. Colaboradora em jornais e revistas, defendia a importância da educação e a valorização do papel da mulher na sociedade. Seus livros de crônicas, *Livro das noivas* (ALMEIDA, 1926b) e *Livro das donas e donzelas* (ALMEIDA, 1926a), atendem ao que era esperado para uma mulher que se dedicava à escrita, ou seja, contribuía para a boa formação de moças e mulheres dentro das normas estabelecidas para a convivência social de moças e senhoras.

Ao que parece, esse tipo de produção assegurou sua entrada no meio literário, possibilitando que escrevesse obras nas quais abordava com maior liberdade temas complexos e polêmicos de fins do XIX e início do XX no Brasil. Numa escrita romanceada, a autora aborda as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em meio a uma sociedade machista, complacente com os homens e implacável com as mulheres.

O primeiro romance da autora, *A família Medeiros*, publicado primeiramente no formato em folhetim³⁸ e lançado como livro em 1892, traz como mote as relações escravocratas, apontando os sinais de falência da estrutura agrária a partir da exploração da mão de obra escrava. Na forma, o romance segue o padrão dos romances da Coleção analisada. Com diálogos artificiais, carrega uma intenção moralizante e personagens nitidamente divididos entre bons e maus, representados pelos abolicionistas e escravocratas. A autora, por intermédio de uma personagem de vinte anos, culta e de atitude independente, avessa às tradições aristocratas e padrões morais vigentes, critica a passividade das mulheres e defende que deveriam ter uma atuação mais efetiva nas questões públicas. O livro ganhou relevância mais pela atualidade do tema abordado no período em que foi publicado do que pela qualidade da obra. O reconhecimento da autora pela qualidade literária veio com o romance *A falência*, escrito em 1901.

³⁸ Seção literária de um periódico. Fragmento de romance que aparece diariamente num jornal. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=folhetim>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2015.

Nessa obra, Julia Lopes de Almeida consegue abordar as normas contraditórias que as mulheres viviam por meio da história de uma mulher casada com um rico comerciante. Assim como nos romances de Elinor Glyn, o adultério é justificado pela infelicidade de conviver com um homem rude, que pauta suas relações apenas nos interesses financeiros. Ciente de que o marido tem uma amante, decide buscar o amor em outro relacionamento. O “dedo de Deus” surge com o suicídio do marido, após a falência. O diferencial em relação aos romances da Biblioteca das Moças deve-se ao fato de a autora deter-se mais nos conflitos individuais da mulher diante das normas sociais e não apenas narrar os episódios vividos.

Como nos romances da Coleção Biblioteca das Moças, as atitudes de transgressão na obra de Julia Lopes de Almeida são utilizadas como um recurso de questionamento da realidade e não propriamente o rompimento com a regra estabelecida. São postas em dúvida as instituições pautadas em valores corrompidos, como o casamento arranjado, que levaria fatalmente à infidelidade do marido. Contudo, a mesma justificativa não era apropriada para as mulheres que deveriam apenas aceitar sua condição. O enredo assim construído pode ser considerado uma forma de denúncia da hipocrisia vivida sem, no entanto, ter a intenção em romper com a instituição em si. Ao final do romance, surgia o “dedo de Deus”, reestabelecendo as personagens transgressoras aos padrões considerados apropriados, como, por exemplo, o casamento.

Além do talento em administrar temas complicados, em suas obras, Julia Lopes de Almeida consegue conciliar a administração do lar com o trabalho literário, e torna-se reconhecida e respeitada tanto por suas obras quanto pelo engajamento na defesa dos direitos femininos. Utilizando “rotas de fuga”, ela constrói sua trajetória como mulher e como escritora, expondo suas opiniões sem que estas colocassem em risco instituições tão cara à sociedade tradicional. Ou seja, demonstrava posicionamento político, mas era boa esposa e mãe dedicada. Tinha atividade remunerada, mas administrava o lar com competência. Solicitava respeito aos sentimentos das mulheres sem, necessariamente, defender sua liberdade sexual.

Ironicamente, mesmo com reconhecimento entre seus pares, lugar ocupado por poucas mulheres, Júlia Lopes de Almeida pode ter vivido uma situação simbólica, indicando o quanto havia por fazer para a legitimação de um lugar para as mulheres dentro do campo literário brasileiro. Após ser incluída na lista extraoficial de membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1890, seu nome foi substituído pelo nome de seu cônjuge. A decisão tomada pelos fundadores de que a Academia Brasileira

de Letras, no Brasil, seguiria os moldes da Academia Francesa, composta apenas por homens, impossibilitou que Júlia Lopes de Almeida assumisse a cadeira destinada a ela. A mesma foi ocupada por seu esposo Filinto de Almeida, considerado por alguns como o “acadêmico consorte” (FANINI, 2013). A escritora não tornou público seu posicionamento acerca do ocorrido e pouco se sabe sobre os bastidores dessa mudança.

Ainda que reproduzindo uma ideologia patriarcal e mantendo a importância das “rainhas do lar”, Júlia Lopes de Almeida com seu estilo romântico, retórica enfática e tom didático, apresentava narrativas no que se deliberou chamar “o sorriso da sociedade”. “Obras que visavam divertir sem questionar valores sociais [...]. Mas, aqui e ali, sente-se a presença de uma rachadura nesse bloco ideológico tão artificial. Prenúncios de uma conscientização?” (XAVIER, 1991, p. 15).

Com uma atitude diferente desta apresentada por Julia Lopes de Almeida, duas décadas depois, envolvida em uma “onda feminista” que ocorria nos centros urbanos do país, Ercília Nogueira Cobra apresenta uma postura de enfrentamento. Escreve o romance *Virgindade inútil. Novela de uma revoltada* e o ensaio *Virgindade anti-higiênica. Preconceitos e convenções hipócritas*, propondo uma nova maneira de olhar e educar as mulheres para que alcançassem realização profissional e sexual. Sempre atento às demandas do público, Monteiro Lobato inclui o ensaio da autora no catálogo de 1924 – da Monteiro Lobato & Cia. – numa seção voltada para a literatura feminina.

Logo após seu lançamento, o livro foi apreendido pela polícia, por ser considerado pornográfico. Em 1927, a autora, com recursos próprios, lança a segunda edição do livro e, na introdução, justifica: “O meu livro simplesmente acoimado [sic] de pornografia e apreendido. Não se disse por que ele era pornográfico” (COBRA, 1927 apud BIGNOTTO, 2007). Foi, sem grandes explicações, apreendido pela polícia!

Intolerância e críticas severas também foram vivenciadas por Simone de Beauvoir. Entre as críticas era apontada sua falta de imaginação em criar situações fictícias. Para os críticos, a autora transcrevia elementos da realidade de modo muito próximo ao vivido. Contudo, ao relatar seu processo de criação, ela descreve um processo exaustivo de produção, onde corrige cada frase de acordo com o conjunto da página, cada página de acordo com o capítulo inteiro, e depois, cada capítulo, cada página, cada frase de acordo com a totalidade do livro, passaria dessa forma de seis a sete horas por dia trabalhando na tarefa que considerava ser a razão de seus dias, a essência de sua liberdade (CALADO, 2011).

Faz-se muitas vezes uma ideia mais romântica da literatura. Mas ela me impõe essa disciplina justamente porque é algo diferente de um ofício: uma paixão ou, digamos, uma mania. Ao despertar, uma ansiedade ou um apetite me obriga a tomar imediatamente a caneta; só obedeço a uma determinação abstrata nos períodos sombrios em que duvido de tudo: então, a própria determinação pode falhar. Mas, salvo em viagem, ou quando ocorrem eventos extraordinários, um dia sem escrever tem gosto de cinza (CALADO, 2011, p. 2).

As experiências das autoras citadas acima contribuem para a compreensão da importância da escrita em suas vidas. Em *A descoberta do mundo* (1999), Clarice Lispector disse que “escrever é uma maldição”. Entre as personagens reais e fictícias aqui mencionadas, o desejo de escrever foi uma maldição no caso das muitas irmãs anônimas de Shakespeare, pode ter sido uma experiência frustrante para algumas autoras identificadas na estante do século XIX por Virgínia Woolf. Da mesma forma, alimentou os filhos de outras tantas, trouxe reconhecimento velado para Júlia Lopes de Almeida, levou Elinor Glyn e Oliver Sandys para as telas do cinema, possibilitou a Sophie Kerr financiar outras escritoras com uma bolsa de estudos, ofereceu uma forma de liberdade a Simone de Beauvoir e foi bandeira de luta para Ercília Nogueira Cobra.

Ao considerar a criação uma maldição, Clarice Lispector cria uma metáfora que bem explica essa prática que deveria ser apenas arte, mas que na mão dessas mulheres manteve um traço escondido, constante, resultado do desejo de romper com regras sociais que restringiam seu processo criativo. No desejo de criar, de modo consciente ou não, sem estabelecer se sua personagem era um *ente reproduzido* ou um *ente inventado*, reforça ou rejeita modelos e valores sociais. Dentro desse jogo posturas mais acaloradas como as de Ercília Nogueira Cobra eram isoladas e perdiam o efeito. A astúcia da qual lançavam mão era deixar subentendido o que desejavam deixar claro, ter um posicionamento sem afrontar o que já estava posto.

Na continuação, Clarice Lispector afirma:

Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. [...] É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador (LISPECTOR, 1999).

Essas mulheres escreviam para entender o mundo, entender a si mesmas, se libertar e dar um sentido à própria vida. Ao criarem personagens secundárias que

personificavam virtudes e vícios, as autoras da Coleção Biblioteca das Moças projetavam os extremos entre a norma e seu avesso. Assim, surge a mãe bela e inútil de *Casamento por experiência*. A mulher adoecida por amar um homem que deseja somente sua fortuna e a jovem viúva liberta das amarras sociais em *Arremessada ao mundo*. Assim como a madrasta em *Foi o destino*, mulher separada com filhos de pais diferentes, representando os riscos de uma família desfeita. E, ainda, a impertinência da atriz decadente tentando usar o que lhe restava da beleza da juventude para conquistar um homem rico em *A pequena da Casa Sloper*.

Pacientemente descrevendo, criando ou retomando situações, suas personagens rompiam com o silêncio. Davam voz às suas inquietações e as inquietações daqueles que observavam a partir da sua sala de estar. Entre os latidos dos cachorros, a interrupção das pessoas, os intervalos do trabalho, depois da convalescença, retomava a escrita sempre na condição de angústia de que “suas personagens não passam de esboços” (CANDIDO, 2007, p. 68), por lidar com suas próprias questões e por depender da aprovação de editores e leitores que nem sempre concordavam com seu ponto de vista.

Habitar o texto e produzir sentidos

A principal dificuldade em investigar práticas de leitura inicia, por ser esta, uma prática criadora, produtora de sentidos singulares e significações que transpõem as intenções primeiras de autores e editores de estabelecer uma “compreensão correta” do texto que é dado a ler (CHARTIER, 2011, p. 77-105). Dessa forma, Chartier propõe que o pesquisador opere nas brechas dessa tensão na tentativa de identificar as liberdades condicionadas e as disciplinas derrubadas por esse leitor.

A investigação das práticas de leitura neste estudo foi iniciada pelos rastros deixados na materialidade dos romances analisados e levantamento de memórias de leituras ocorridas na biblioteca da instituição investigada. Considerando a advertência feita por Chartier (2002b, p. 255-257) que “uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos” na qual a “comunidade de interpretação” deve ser sempre considerada, os vestígios e pistas levantados foram analisados em sua singularidade, mas sem perder de vista seu pertencimento ao todo.

Apesar de cada leitor, cada uma de suas leituras e cada circunstância ser singular, essa singularidade é, ela própria, atravessada por aquilo que faz com que esse leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades é variável de acordo com os períodos que não são regidos pelos mesmos princípios (CHARTIER, 1998, p. 91-92).

Dessa maneira, tornou-se importante considerar a clivagem entre gerações da “leitora pretendida” pela Companhia Editora Nacional e a “leitora rastreada” pelas marginálias, movimentos de empréstimos e relatos das memórias de leitura. A *representação* da “leitora pretendida” encontra-se nas três primeiras décadas de XX, período de produção dos romances por suas autoras e idealização da Coleção pelos editores da Companhia. Essa *representação* de leitora estava em consonância com o padrão de mulher esperado para o período, amplamente mencionado neste trabalho. Contudo, a análise do texto dos romances demonstrou posicionamentos diversos em seus enredos, evidenciando as tensões e ambiguidades que marcaram a construção moderna da mulher de acordo com os perfis de suas autoras.

A “leitora rastreada” pode ser uma moça das décadas de 1950, 1960 e 1970, décadas que convivem com a sobreposição de modelos de reinvenção do papel atribuído à mulher. De 1950 até meados de 1960 ainda predominava o modelo da mulher esposa e mãe, o ideal de feminilidade que enaltecia a associação romântica do feminino com a esfera do mundo privado. “Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um ‘bom partido’ para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se em atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental” (RAGO, 2004, p. 31).

O crescimento da indústria cultural e a inovação dos recursos gráficos utilizam as revistas voltadas para o público feminino para explorar as diversas representações da mulher através da imagem gráfica, apresentando em suas páginas desde as donas de casa felizes à mulher independente em busca de um lugar no espaço público. O amor romântico passa a ser veiculado nos periódicos pelas fotonovelas, não mais por meio da publicação em capítulos, como anteriormente nos folhetins. Mesmo assim, o amor com “final feliz” continua sendo realizável apenas pelo casamento dentro de um consolidado modelo familiar.

No livro *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*, Dulcília Schroeder Buitoni (2009) desenvolve um estudo acurado sobre publicações de periódicos do século XX voltados para o público feminino. No segundo

capítulo, a autora apresenta sua análise organizada por décadas e os subtítulos desse capítulo contribuem para visualizar as representações levantadas pela pesquisadora, traçando um panorama da mulher no transcorrer das décadas também estudadas neste trabalho. A breve apresentação pretende somente demonstrar os perfis de leitora identificados e nomeados no estudo citado.

O trabalho de Buitoni inicia nos anos 1900 apresentando a “mulher oásis”, que seria um consolo na aridez do deserto. Em 1910, com as revistas *A Cigarra* e a *Revista Feminina*, surge a imagem da “mulher sofredora”. Na década de 1920 aparece a “sacerdotisa da beleza”, com análise desenvolvida a partir das revistas *A scena muda* e *Renascença*. A conquista do direito ao voto é tratada na década de 1930 e a mulher torna-se a “Iracema de lábios grossos”. Como referência ao material utilizado para confecção das chamadas películas ou filmes da indústria fotográfica e cinematográfica, entra em cena “a mulher celulóide”, representando a década de 1940, período em que as revistas registram a invasão do cinema norte-americano. A década de 1950 traz “a garota moderna”, apresentando também a modernização das revistas introduzidas pela Editora Abril, principalmente as revistas *Capricho* e *Manequim*. Somente na década de 1960, com a revista *Claudia*, aparece “a dona de casa insatisfeita”. “A liberada e a marginal” é o subtítulo utilizado para apresentar os estudos das revistas *Carícia* e *Brasil Mulher*, nos anos de 1970. O último periódico citado tinha o propósito de despertar as mulheres para as ideias feministas e contra a ditadura. Aborda a luta por creches, liberdades democráticas, condições de trabalho das mulheres, sexualidade e aborto.

Como demonstrado, a representação e homogeneização da *representação* de mulher são renovadas a cada década e somente em 1960 publicações sobre a insatisfação da dona de casa surgem sinalizando os movimentos pela emancipação da mulher. Rago (2004, p. 33) indica que a modernização socioeconômica do Brasil colaborou para a entrada de milhares de mulheres no mercado de trabalho na década de 1970 e a pressão exercida pelo feminismo emergente auxiliou na redefinição de seu lugar na sociedade. Assim, o discurso sobre a autonomia e individualidade feminina, juntamente com os progressos tecnológicos e avanços da economia, colaboram para a construção de um novo olhar sobre a condição da mulher.

Os dados levantados pelo movimento de empréstimos circunscrevem a retirada dos romances da Coleção Biblioteca das Moças entre 1957 e 1975, com uma procura maior entre 1957 e 1961. Se comparadas às representações identificadas no trabalho de Buitoni (2009), a “leitora rastreada” se aproximaria da “garota moderna”,

potencialmente candidata a “dona de casa insatisfeita” ou com tendência para o engajamento político. Pertenceria possivelmente a uma segunda geração de leitoras desde a geração de “leitoras pretendidas” idealizadas pela Companhia Editora Nacional. Convivia com uma renovação dos bens culturais através do cinema e impressos coloridos trazidos pelas inovações da indústria gráfica, caracterizando seu pertencimento a uma comunidade de leitores (CHARTIER, 1998, p. 91-92).

Na tentativa de compreensão dessa comunidade, foram retomados os dados construídos sobre a “leitora rastreada”. A análise de práticas se dedica a esse “incessante vai-e-vem do teórico ao concreto, e depois do particular e circunstancial ao geral. [...] capitada, brincalhona, protestária, fujona, à imagem da realidade móvel que procura captar” (CERTEAU, 1996, p. 21). Dadas essas dificuldades, optou-se por analisar separadamente o movimento de empréstimo da “possível leitora” mais assídua dos romances da Coleção Biblioteca das Moças. Seus empréstimos eram registrados sob o número de usuário “141”.

Pelos registros encontrados, a “leitora rastreada 141” emprestou vinte e um romances, praticamente o dobro de empréstimos feitos por leitores considerados como constantes. Seus empréstimos estão concentrados no ano de 1959, com nove e, em 1961, com doze empréstimos. Entre as autoras dos “romances preferidos”, não leu Eleanor H. Porter e demonstra preferência por Henry Ardel, Dyvonne e Concórdia Merrel, com três empréstimos de cada uma, e Elinor Glyn, com quatro empréstimos registrados. Os romances *Adão e algumas Evas*, de Concórdia Merrel; *O diário de Evangeline*, de Elinor Glyn; e *Foi o destino*, de Henri Ardel, contam com registros de empréstimos em 1959 e 1961.

Se o autor não é o único a atribuir significações ao texto a partir do momento em que a obra se torna um produto de consumo, as possibilidades de sua compreensão vão além daquelas pensadas por seu criador, possibilitando que um mundo diferente (o do leitor) se introduza no lugar do autor (CERTEAU, 1996, p. 49). Assim, os indícios dos empréstimos realizados pelo usuário “141” podem apresentar como os leitores escapam à passividade que tradicionalmente lhes é atribuída ao consumirem um produto cultural. Para Certeau (1996, p. 48), ler, conversar, habitar e cozinhar, se vistos apenas como práticas cotidianas que sujeitam o indivíduo a uma modelação, não é alcançar os tantos modos de reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência operadas pelo consumidor sobre essas “epifanias mercadológicas”.

Ao tratar da leitura como “artes de fazer”, as práticas de leitura passam a ser compreendidas, sobretudo baseadas na relação estabelecida entre o leitor e o texto. A

“leitora rastreada 141” mostra-se sensível às experiências que vivencia e que produz seus modos de ser e sentir, organizando sua leitura a partir de sua experiência. Essa inferência fez-se possível por considerar o gosto apresentado pela leitora ao ler, principalmente romances com protagonistas de personalidade forte e posicionamento diferenciado do da mocinha romântica e sonhadora. Aspectos resultantes de um processo individual que dá pistas de como a leitora habita o texto deixando transparecer sua identidade de leitora.

Sendo uma leitora de fins da década de 1957 e início de 1961, pertence a uma comunidade de leitores que não necessita ler em voz alta ou a meia-voz. “Antigamente, o leitor interiorizava o texto: fazia da própria voz o corpo do outro, era seu ator. Hoje o texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto [...] essa condição de sua autonomia, é um distanciar-se do texto. É para o leitor o seu habeas corpus”. (CERTEAU, 1996, p 169). Somando-se a essa condição de liberdade em comprometer-se apenas com a mobilidade dos olhos sobre o texto, essa leitora se dedicaria a leituras introspectivas, uma leitura mais íntima e silenciosa, a leitura de romances.

O gosto identificado a partir do movimento de empréstimos da “leitora rastreada 141” indica que, ao escolher romances da Coleção Biblioteca das Moças, a leitora buscava uma leitura espontânea “quando se vai ter tempo para não fazer nada, quando se vai ficar fechado sozinho em algum lugar” (CHARTIER, 2011, p. 238) para desenvolver sua leitura. Esta indicação em muito se aproxima do relatado a partir das memórias das quatro ex-alunas durante o período de estudo no Instituto de Educação “Carlos Gomes”. A referência à leitura de romances, com as devidas ressalvas aos trabalhos sobre memória, surge somente como prescrição para o estudo das escolas literárias.

Além dessa comunidade de pertencimento, essa “leitora rastreada” também lida com o aumento na circulação dos impressos, fato que possibilitou a passagem da leitura intensiva para a extensiva. Contudo, em outro momento, a leitora retoma os romances de Concórdia Merrel, Elynor Glyn e Henry Ardel, provavelmente, não pela importância investida ao livro, mas pelo simples prazer da repetição ou para reconsiderar sentidos atribuídos ao romance em sua primeira leitura ou ainda para reencontrar personagens que lhe marcaram.

Considerando a lenta transformação nos modelos e normas atribuídas às práticas de leitura, apesar de pertencerem a gerações distintas, a “leitora pretendida” e a “leitora rastreada” fizeram parte da mesma comunidade leitora, ou seja, leitores que já possuíam, salvo leituras prescritas pelas suas instituições de pertencimento, certa

liberdade de ler como, quando e onde quisessem. Conforme os indícios dos movimentos de empréstimos da “leitora rastreada 141”, ao ser um usuário que retira os romances e não os lê na sala de leitura, demonstra que prefere ler em ambiente privado, com liberdade e respeitando seu ritmo. Não faz as leituras dos romances sob normas de uso do corpo inscritas em um espaço e na relação consigo ou com o outro (CHARTIER, 1999).

A leitura realizada na sala de leitura seria praticada atendendo às normas de comportamento desse lugar. Mesmo que não solicitado verbalmente, essas normas atuam implicitamente no comportamento daquele que lê. Portanto, provavelmente se manteria sentada adequadamente na cadeira, com o livro sobre a mesa diante de si, tentaria manter a concentração e movimentar-se pouco. Ao mover o próprio corpo ou as páginas do livro, tentaria não fazer barulho evitando interferir na concentração do outro. O espaço ocupado seria delimitado e ocupado de maneira ordenada, assim como o manuseio do livro que procuraria não amassar, maltratar ou danificar.

Certamente, as “leitoras rastreadas” só habitaram o texto “à maneira de um apartamento alugado” (CERTEAU, 1996, p. 49), ao desenvolverem sua leitura fora do ambiente escolar. A interferência na atribuição de sentido dos próximos leitores ao habitar o texto interfere e deixa pistas para seu próximo inquilino, desapropriando o autor da função de único produtor de sentidos, tanto ao decifrar e atribuir sentido próprio ao escrito quanto ao atribuir qualidade através das inscrições deixadas nos romances.

O deslocamento verificado entre a geração de “leitoras pretendidas” e “leitoras rastreadas” dentro de uma instituição considerada detentora da capacidade de legitimar obras e práticas contribuiu para uma leitura às avessas dessa prática institucionalizada. Estes “objetos de ler deslocam-se de uma geração para outra e remodelam-se os gestos por meio dos quais cada leitor, [...] torna significantes para ele e significar para os outros seu apetite e seu consumo cultural, sua atividade e sua existência” (CHARTIER; HÉBRARD, 1998, p. 38). Neste “ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito, coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 1990, p. 26).

Capítulo 4 - Dos rastros na materialidade às práticas nas suas diferenças

A leitura encontra-se sempre inscrita numa dada época e, apesar de circunscrita a essa época, não pode ser considerada estática, por ser uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos. Ao longo desta pesquisa essa afirmativa foi confirmada pelos vestígios levantados na materialidade dos exemplares, sinalizando as diferentes práticas e *deslocamentos* (CHARTIER, 1999, p. 16) ocorridos na produção, circulação e apropriação dos romances da Coleção.

Para ser construída uma história das práticas do ler, é preciso distinguir a *comunidade de leitores* a ser investigada e as disposições específicas que marcam suas tradições de leitura. Inicialmente, foram estabelecidas, como *comunidade de leitores* as “leitoras pretendidas”, identificadas por meio das intenções implícitas dos autores e editores ao tentarem estabelecer uma “compreensão correta” (CHARTIER, 2011, p. 77) para a leitura desses romances. As pistas trazidas pelas “leitoras rastreadas” nos vestígios da materialidade dos romances, entrecruzadas com as práticas de leituras relatadas pelas quatro irmãs, ampliaram as disposições específicas, indicando que essas leitoras não seguiam normas preestabelecidas subentendidas nos romances.

Essa observação permitiu alcançar as práticas nas suas diferenças, demonstrando *deslocamentos* e adaptações feitos por essas leitoras à medida que as diferentes demandas surgiam em suas trajetórias escolares ou ao término das mesmas, estabelecendo novos hábitos e, conseqüentemente, novas práticas de leitura. Nos relatos das quatro irmãs, essas demandas ficaram mais evidentes a partir do início da profissão docente.

Enquanto novas gerações de “possíveis leitoras” foram incorporadas à pesquisa, *deslocamentos* e sobreposições se diversificam, ampliando a produção de significados e apropriações nas leituras dos romances da Coleção.

As memórias de leitura na biblioteca do Instituto de Educação

“Carlos Gomes”

Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995, p. 366) iniciam o texto em que tratam dos regulamentos das bibliotecas em escolas normais nos *Discursos sobre a leitura – 1880-1980* com a seguinte advertência: “Eis a lição que se pode tirar dos regulamentos que disciplinam o uso das bibliotecas de escola normal: o acesso aos livros é severamente fiscalizado e limitado” (1995, p. 366). As memórias das ex-alunas do Instituto de Educação “Carlos Gomes” a respeito das leituras desenvolvidas na biblioteca da instituição em muito se aproximam da declaração feita acima. Enquanto os autores mencionam o controle exercido por preceptores, inspetores e diretores, as memórias das ex-alunas atêm-se à figura da bibliotecária que atuou no período em que estudaram.

As memórias das quatro ex-alunas que gentilmente colaboraram com esta pesquisa iniciam com a irmã mais velha, que fez o curso ginasial em 1949. As quatro fizeram o curso normal em diferentes momentos entre 1953 e 1970, os cursos de aperfeiçoamento em ensino primário nos anos de 1957 e 1959, especialização em educação pré-primária em 1958 e especialização de professores de débeis mentais em 1964 e 1971. Apenas uma das entrevistadas acompanhou a transição entre a Escola Normal e Ginásio Estadual “Carlos Gomes” para Instituto de Educação Estadual “Carlos Gomes”, em 1951. Essa transição aparece como fato marcante em seu relato.

A proposta do funcionamento das instituições de ensino como Institutos ocorreu com a reforma do ensino normal, por meio do Decreto Estadual nº 5846, de 21

de fevereiro de 1933. O decreto foi comentado por Fernando de Azevedo em relatório publicado no *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1935-1936* (p. 336-337). De acordo com o relatório, a proposta dos institutos seria oferecer formação profissional superior, o curso propedêutico já existente nas escolas normais, escola destinada à aplicação didática dos alunos e professores e a equiparação do curso secundário ao ginásio. Essa mudança é considerada pelo educador como a mais radical reforma empreendida no ensino normal e marca a memória das irmãs mais velhas, assim como a importância ocupada pela cidade de Campinas nesse momento para receber um instituto nos moldes do instituto da capital.

Mesmo o primeiro instituto tendo sido fundado em 1933, a saber, Instituto de Educação “Caetano de Campos”, em São Paulo, o “processo de expansão para o interior do Estado e para o litoral iniciou-se apenas em 1951, havendo a criação de novos Institutos de Educação até 1967” (LABEGALINI, 2009). Campinas foi a primeira cidade do interior a ser contemplada. Nascimento (1999, p. 66) considera que fatores como a importância agrícola e comercial do município, assim como a interferência política exercida através de persistentes solicitações por políticos da cidade, além das boas condições sanitárias, teriam contribuído para a implantação da Escola Complementar de Campinas, em 1902. Desde então a cidade ganhou espaço tanto no setor econômico quanto político, apresentando grande importância dentro do estado.

O livreto do serviço de informações, turismo e propaganda publicado pela Prefeitura Municipal de Campinas traz, com certa exaltação, que em 1º de julho de 1950 a população de Campinas foi recenseada, acusando 155.358 habitantes, configurando-se entre as 13 cidades do Brasil com população acima de 100 mil habitantes (GUIMARÃES, 1955, p. 36). Um dos sinais de progresso da cidade vem associado ao aumento de edificações, tratado como um “surto progressista de Campinas”, quando novamente a cidade é comparada às capitais e situada como a terceira cidade do estado, com mais de 25 mil prédios no perímetro urbano.

A partir das memórias e literatura sobre a cidade, Campinas possuía representatividade política, poder econômico advindo da agricultura e da crescente industrialização e contava com uma elite que imprimia à cidade um estilo de vida próprio. Interiorano, mas com acesso às atividades culturais e literárias das grandes capitais. Guimarães (1955, p. 73-74) ressalta que a cidade recebe normalmente todas as companhias teatrais que vêm à capital paulista, mas lamenta que, mesmo com um moderno e fino teatro municipal, que enriquece o patrimônio da cidade, a predileção

popular é para os cinemas. Apresenta, ainda, todas as opções culturais que a cidade possui, como: a orquestra sinfônica, museus, clubes literários e a biblioteca municipal (p. 75).

Até esse momento, os cursos ginasiais tinham apenas uma “coloração profissional que lhe davam as matérias de psicologia, pedagogia e didática” e as escolas normais com uma estrutura tradicional não ofereciam satisfatoriamente uma cultura propedêutica e geral, como também não cumpriam seu objetivo de preparação técnica e profissional do professor primário. A estrutura acima descrita é encontrada igualmente no Código de Educação de São Paulo de 1933. O artigo 630 assim apresenta os fins do Instituto de Educação: a) Escola de Professores; b) Escola Secundária; c) Escola Primária; d) Jardim da Infância; e) Biblioteca (SÃO PAULO, 1933).

O mesmo Código traz em seu título VI, as orientações para o funcionamento da biblioteca no Instituto. O capítulo I apresenta sua organização e fins. O capítulo II trata da administração e apresenta, no artigo 740, a exigência de a biblioteca contar com um bibliotecário, um quarto escriturário e um servente. O artigo 741 expõe as competências do bibliotecário:

- a) organizar, administrar e fiscalizar as várias secções da biblioteca;
- b) manter em dia a classificação, catalogação e inventario dos livros;
- c) propor ao diretor do Instituto de Educação a compra e permuta de livros e outras publicações;
- d) orientar e auxiliar a leitura dos alunos do Instituto;
- e) incumbir-se de aulas de biblioteconomia, quando solicitadas;
- f) colaborar com os professores na elaboração de resenhas bibliográficas;
- g) manter correspondência com bibliotecas nacionais e estrangeiras;
- h) incumbir-se da preparação do catálogo geral;
- i) apresentar semestralmente ao diretor do Instituto relatório dos trabalhos realizados e, anualmente, inventario dos livros.
- j) organizar e manter em dia cópia do catalogo de bibliotecas e, livrarias que publiquem boas obras sobre educação;
- k) dirigir e orientar os trabalhos do escriturário e do servente” (SÃO PAULO, 1933).

Finaliza o título sobre biblioteca no capítulo III estabelecendo as formas de funcionamento da biblioteca circulante. O artigo 742 define que “a biblioteca deverá ter serviço de circulação que permita a retirada de livros aos professores e alunos do estabelecimento e demais pessoas interessadas.” Os parágrafos desse artigo têm especial interesse por trazer de volta e muito se aproximar da figura da bibliotecária mencionada nas memórias das ex-alunas.

§ 1.º – Compete ao bibliotecário a fiscalização rigorosa deste serviço, afim de que seja garantida a devolução, em tempo, da obra retirada, com

taxas estipuladas no caso de devolução tardia de não haver devolução ou de danificação de livros.

§ 2.º – Essa taxa é estipulada pelo bibliotecário, com audiência do diretor do Instituto, e constará do regulamento interno.

§ 3.º – Essas taxas serão recebidas diretamente pela biblioteca e empregadas na aquisição de livros e outras publicações.

Tanto os relatos quanto o cartão encontrado dentro de um dos livros comunicando a perda de um romance da Biblioteca das Moças, já mencionado anteriormente, demonstram que a bibliotecária adotava uma postura de acordo com o que era previsto no Código de Educação para os bibliotecários do Instituto de Educação. Nos relatórios citados, a bibliotecária menciona as atribuições de seu cargo citando o Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, que regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, o qual dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário.

Novamente a tentativa de aproximação das práticas de leitura na biblioteca do Instituto se assemelha às situações descritas por Chartier e Hébrard (1995, p. 368). Se, no último caso os autores questionam a distância existente entre as autoridades parisienses favoráveis a uma política mais estimuladora e liberal em matéria de leitura, e o excesso de rigor exercido pelos diretores nas escolas normais transforma os alunos-mestres mais em “escravos do programa” que “amigos da leitura”, as memórias relatadas pelas ex-alunas também demonstram o quanto suas leituras eram voltadas para pesquisas de conteúdo e leitura para fichamento de outras disciplinas, não ocorria pelo simples ato de ler.

A possibilidade dessa leitura desenvolvida como “amigo da leitura” é rememorada em espaços como os clubes literário³⁹ e principalmente na biblioteca municipal⁴⁰. A memória da sala de leitura da biblioteca do Instituto está ancorada às normas de comportamento e disciplina dentro do ambiente, não à própria leitura. Assim,

³⁹ Ao citar o Clube de leitura frequentado é feita a menção ao Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA). Fundado em 31 de outubro de 1901, na cidade de Campinas, por um grupo de cientistas, artistas e intelectuais que decidiram criar uma instituição em que pudessem se reunir para o estudo e a produção de atividades científicas e artísticas. Durante as primeiras décadas do século 20, pela própria ausência de um órgão de Estado dedicado exclusivamente à cultura, o CCLA reuniu e promoveu grande parte das produções culturais da cidade. Disponível: <<http://ccla.org.br/sobre-o-ccla/>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2015.

⁴⁰ Em 15 de setembro de 1946, na gestão do Prefeito Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá, o Grêmio da Escola de Biblioteconomia da Universidade Católica, hoje PUC-Campinas, tendo à frente a Sra. Laura Bierrenbach de Castro Vasconcelos, o professor Ernesto Manoel Zink e diferentes setores da Sociedade, inaugurou a Biblioteca Municipal de Campinas. Somente em 15 de setembro de 1971, pelo Decreto nº 3911, do prefeito Orestes Quércia, a biblioteca recebe o nome de Biblioteca Pública Municipal “Professor Ernesto Manoel Zink”. Em 09 de janeiro de 1975, por meio do Decreto Municipal 4.460, do prefeito Lauro Péricles Gonçalves, o terreno onde hoje está situada a biblioteca e o Museu de Arte Contemporânea de Campinas – MACC é doado ao Município por Roque Melillo. Disponível: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/bibliotecas/ernesto-zink.php>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2015.

o passo leve para caminhar, o respeito para solicitação do livro, o cuidado em seu manuseio, a impossibilidade de explorar suas estantes e a responsabilidade para devolução do exemplar sem muitas marcas dá o tom ao relato. O livro seria procurado na biblioteca do Instituto apenas quando não fosse encontrado na biblioteca municipal ou clube literário.

Em sua pesquisa sobre os Institutos de Educação entre 1933 e 1975, Labegalini (2009) analisa os programas de ensino desde o programa estabelecido em 1933 para a Escola de Professores do Instituto de Educação “Caetano de Campos” até programas do Curso Normal de 1958. A pesquisa demonstra que, mesmo com as alterações realizadas, os diferentes cursos abordavam a leitura sempre considerando seu conteúdo teórico-metodológico, com o objetivo de preparar os alunos para o seu ensino quando atuassem como professores.

A manutenção dessa proposta pode ser verificada nos relatos das ex-alunas ao mencionarem o pouco incentivo à leitura da literatura nacional ou dos clássicos universais. A indicação de leitura destes vinha associada ao ensino de literatura, ou seja, como forma de estudo da escola literária. Assim, José de Alencar era lido para compreender o romantismo, Machado de Assis para compreender o realismo, as obras eram estudadas e não apreciadas. A leitura era tratada como um recurso voltado para a compreensão da língua, aquisição de conhecimentos, um meio para enriquecer e corrigir a linguagem, não para a apreciação estética da obra.

Desse modo, a indicação de leitura por prazer ocorria entre os alunos. Essa possibilidade já tinha sido cogitada ao serem encontradas as anotações com sugestão de leitura nos romances. A indicação de que havia na biblioteca um bom romance era mencionada nas conversas de intervalo, aulas vagas e volta para a casa. Esse movimento também pôde ser observado nos gráficos de empréstimos dos doze “romances preferidos” (Anexo A). Apenas *Longe dos olhos*, *A vingança de Ralph* e *O passado* apresentam um movimento regular durante o período analisado. Os demais mostram uma concentração de empréstimos em um período mais curto, demonstrando que a divulgação entre os alunos tinha certo êxito. Assim, a “amizade com a leitura” ocorria como as demais amizades nas horas não destinadas ao estudo e que escapam ao cumprimento do horário escolar tornando a biblioteca do Instituto uma biblioteca para livros e não para leitores.

A aproximação das práticas de leitura através dos relatos de memória possibilitou compreender os modos de circulação e apropriação (CHARTIER, 2004) dos livros na biblioteca a partir do olhar daqueles que seriam seus consumidores. Por esse

olhar, aparentemente, a biblioteca no Instituto de Educação “Carlos Gomes” destinava-se à aquisição e conservação dos livros e, mediante seu acervo, reafirmava o lugar de distinção ocupado pelo Instituto no cenário educacional da cidade. Seu amplo acervo era renovado, conforme demonstram os relatórios da bibliotecária por meio de novas aquisições, assinatura de periódicos, doações e permutas com editoras e consulentes (MENEZES, 2011). Contudo, o seu uso ocorria de modo cerimonioso e pouco acessível aos alunos.

O estado de conservação de muitos livros da biblioteca não circulante do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, ao contrário do desgaste apresentado nos exemplares da Coleção Biblioteca das Moças, demonstra que foram pouco manuseados, muitos trazendo o cartão de empréstimo sem registros, o que confirma os relatos das ex-alunas sobre as restrições de acesso aos exemplares. Sobre os modos de empréstimo, as ex-alunas descrevem que o processo iniciava com a consulta feita no chamado catálogo dicionário organizado em fichas e acondicionado em um arquivo de madeira.

Esse catálogo dicionário possibilitava a busca do livro pelo nome do autor, pelo assunto ou pelo título. Por esse sistema de busca era possível levantar quais obras de determinado autor havia na biblioteca, pesquisar determinado assunto, conteúdo e assim por diante. As fichas eram organizadas em ordem alfabética como um dicionário, o que explica o nome catálogo dicionário. Esse sistema possibilitava três formas de busca: pelo sobrenome do autor da obra, pelo título do livro e ainda pelo assunto. Ao encontrar as referências do livro, era preciso anotar seu número de chamada, presente no canto esquerdo da ficha, e procurá-lo na estante, pelo mesmo número registrado na lombada do livro. Após encontrar o livro o aluno devia se dirigir até a mesa da bibliotecária para o registro do empréstimo.

Contudo, havia estantes de acesso livre e outras em que o livro só poderia ser retirado com o auxílio da bibliotecária ou de um de seus auxiliares. Livros como os da Coleção Biblioteca das Moças eram mais facilmente emprestados. A censura de livros não estava posta, mas passar pelo registro no livro da bibliotecária era, por si só, um ritual de censura. Havia a preocupação em ouvir nesse momento que o livro não seria adequado para a idade ou impróprio para sua leitura. Mesmo os livros que eram lidos na sala de leitura e não seriam retirados da biblioteca passavam pelo o registro de empréstimo.

O Gráfico 3 demonstra que os empréstimos feitos como retirada apresentam um número maior entre 1957 e 1961. Com o retorno dos registros, em 1966, os empréstimos como retirada e para uso na sala de leitura permanecem muito próximos,

demonstrando que a escolha passava pela preferência ou condições de leitura daquele que solicitava o livro. Entre os romances pesquisados da Coleção não ficou evidenciado, a partir do movimento de empréstimos, que houvesse alguma restrição para a retirada de livros considerando o seu conteúdo.

De acordo com os relatos, as idas à biblioteca ocorriam em horário estipulado pela instituição, durante o intervalo, ou quando algum professor faltava; também era autorizado o uso da biblioteca no horário contrário ao de aula. Mas nesse horário a preferência era pela biblioteca municipal ou pelo clube de leitura, especialmente se a leitura não fosse considerada como estudo. Havia ainda as situações de empréstimos de livros pessoais entre os alunos e a solicitação pelo professor da compra do exemplar que seria utilizado na disciplina, prática que começa a ser recorrente no final da década de 1960 e na década de 1970. Nesse ponto do relato foram mencionadas as livrarias Nossa Casa e Universal, já citadas por aparecerem nos carimbos dos romances analisados, como ponto de referência para compra de materiais e livros escolares.

Dentro desse processo dinâmico do trabalho da memória buscou-se dialogar com os vestígios trazidos nos relatos como auxílio do deciframento dos indícios deixados pelas “possíveis leitoras”. Aos poucos a “leitora pretendida” dentro da estratégia editorial da Companhia Editora Nacional cede espaço a essa possível “leitora rastreada”, que leu os romances da Coleção Biblioteca das Moças como aluna do Instituto de Educação “Carlos Gomes”.

Dessa forma, foi possível considerar a diferença ou semelhança entre sua produção e a “produção secundária” por trás de seus processos de utilização, mantendo a pesquisa nessa “diferença ou distanciamento” (CERTEAU, 1996, p. 40). Cabe agora, a partir dos vestígios e pistas recolhidas, compreender os procedimentos, as bases, os efeitos e possibilidade dessa “bricolagem” feita por seus consumidores, aqui tratadas como “possíveis leitoras”.

Práticas de leitura e invenções do cotidiano

Ao tratar dos movimentos astuciosos presentes nas práticas e nas maneiras de utilização de produtos impostos por um lugar de poder, Certeau propõe que é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas

operações de seus usuários. Ocupar-se com as “maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática” (CERTEAU, 1996, p. 13).

Ao abordar *A produção dos consumidores*, no livro *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau (1996) inicia o trabalho com uma análise das representações que a televisão apresenta; do tempo que os indivíduos gastam assistindo aos programas; e, por fim, dos resultados que surgem desta interação. Desse modo, considera *uso* ou *consumo* a fabricação ocorrida a partir das horas dedicadas a esta interação.

Se as pistas deixadas pelas “leitoras rastreadas” não tivessem sido consideradas, possivelmente este trabalho teria analisado apenas a perspectiva do *consumo* e investigado a leitura desenvolvida pelas “possíveis leitoras” atendo-se somente aos protocolos de leitura que são estabelecidos inicialmente pelos autores dos textos e posteriormente pelos editores. Essa opção levaria a identificação da leitora implícita nessas escolhas. A opção por desenvolver a pesquisa a partir dos pressupostos presentes nos trabalhos de Certeau (1996), demonstrou o quanto os sistemas de produção, mesmo racionalizados e com investimentos estratégicos de divulgação, convivem com os modos que o *consumidor* desenvolve na utilização e ressignificação de tais produtos.

Confirmando esse pressuposto, a análise tanto das marcas de leitura e registros de empréstimos quanto dos relatos das ex-alunas indicou diferentes apropriações e usos na leitura desses romances. Em seus relatos, cada uma das irmãs atribuiu significados diversos às suas leituras, demonstrando que o consumo, em si, difere da produção, conferindo espontaneidade e reinvenção às práticas das “leitoras rastreadas”. Portanto, produção e consumo estariam diretamente ligados, coexistindo e passando por readequações.

Compreender o ato do consumo a partir deste ponto de vista demonstrou que, apesar da Coleção Biblioteca das Moças resultar de “uma produção racionalizada, expansionista, além de centralizada” (CERTEAU, 1996, p. 39), as “leitoras rastreadas” exibiram uma ação astuciosa, silenciosa e quase invisível que ocorria através dos modos de uso desses produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1996, p. 39) naquele momento.

O posicionamento da leitora rejeitando parte da literatura nacional e indicando sua preferência pela “literatura de água doce”; a aquisição dessa literatura para compor a biblioteca de um Instituto de Educação três décadas após o lançamento da Coleção; a leitura desses romances em um período em que sua produção estava em declínio, num momento em que o mercado oferecia outros bens culturais considerados

mais atrativos, como as fotonovelas⁴¹ e filmes românticos; são indicativos das astúcias praticadas por essas consumidoras em conformidade com as ocasiões (CERTEAU, 1996, p. 94) que viviam.

As “leitoras rastreadas” podem ser consideradas consumidoras de bens culturais, por frequentarem – como alunas – uma instituição educativa conceituada na cidade e no estado, mencionar outros espaços de leitura como a Biblioteca Municipal de Campinas, livrarias e, como mencionado no relato de uma das irmãs, o Clube Literário do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) de Campinas. Além desses, também tinham acesso a outros materiais de leitura no ambiente doméstico.

Portanto, as memórias relatadas apresentam leitoras com certa liberdade para escolher o que desejam ler e onde gostariam de realizar sua leitura. Além dos romances, também mencionam revistas de interesse, jornais, literatura nacional e estrangeira, manuais voltados para formação e demais leituras de interesse pessoal. São leitoras que usufruíam da atenção dispensada pelos romancistas e editores aos seus interesses e preferências. E, possivelmente, obtiveram atenção, direta ou indireta, dos responsáveis pela composição do acervo da biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” ao adquirirem as Coleções de romances voltadas para o público feminino.

Apesar da diminuição das campanhas publicitárias sobre os romances da Bibliotecas das Moças e de as “leitoras pretendidas” terem se modificado acompanhando as transformações na educação da mulher e as transformações sociais, grande parte dos romances da biblioteca da antiga Escola Normal de Campinas continuou sendo lida, o que lançou luz sobre o modo como essa “leitora rastreada” trata de tais textos e o modo como a relação com esse gênero se transforma à medida que a leitora vive novas experiências.

Nos relatos, apesar do aumento e variedade na oferta de outros bens de consumo cultural, o romance continuou entre as opções de lazer das moças, permanecendo como uma leitura para horas livres, desenvolvida com maior recorrência

⁴¹ A fotonovela nasceu na Itália, logo após a II Guerra Mundial, como subproduto do cinema: as primeiras publicações nesse formato (fotos e legendas mostrando as falas dos personagens) foram cartazes de filmes. Os estúdios usavam fotogramas cortados na edição dos filmes para montar seus cartazes e anúncios publicitários, que traziam como que um pequeno resumo do filme. Por isso, em fotonovelas das décadas de 1950 e 1960, não é raro reconhecer o rosto de estrelas do cinema. No Brasil, o gênero chegou no final da década de 1940, com a Editora Vecchi, que ficava no Rio de Janeiro e encerrou suas atividades em meados dos anos 80, lançou vários títulos ao longo das décadas de 50, 60 e 70, sempre em torno da fotonovela; seu carro-chefe foi a revista *Grande Hotel*.

no ambiente doméstico. O período do horário escolar é mencionado como restrito e pouco favorável para leituras sem o propósito didático.

Com as devidas ressalvas aos trabalhos da memória e considerando os modos de proceder da atividade cotidiana, à medida que os relatos avançam, as práticas de leitura deixam de ser tão lineares e homogêneas (CERTEAU, 1996). As táticas que foram desenvolvidas enquanto consumidoras voltam à memória quando o relato se desprende do suporte físico do romance, transitam pelas relações estabelecidas com outros leitores que apresentam gostos semelhantes, citam os empréstimos dos livros entre alunos e na biblioteca, lembram a postura deste ou daquele professor frente à leitura para e na sala de aula, demonstrando o quanto estas práticas fizeram parte das *invenções do cotidiano*.

Mesmo dentro da descrição aparentemente metódica, carregada de regras, ao ser relatado o uso da biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” sob a vigilância rígida da bibliotecária, foi possível identificar a subversão dessas normas mediante de manifestações que apresentavam características próprias, como numa “bricolagem poética e um reemprego das estruturas comerciais” (CERTEAU, 1996, p. 41). Mesmo com as estratégias editoriais, protocolos de leitura implícitos, controle daquilo que era permitido ler através do crivo da bibliotecária antes do empréstimo do livro, as leitoras inventaram seus modos de consumo.

O movimento de empréstimos de cada exemplar demonstrado nos gráficos do Anexo A confirma que a divulgação dos romances entre as alunas era determinante para o aumento da procura desse título dentro da Instituição. Por ocorrer décadas após o lançamento da Coleção, o aumento dessa procura não apresenta relação direta com as estratégias editoriais empreendidas anteriormente. Outro indício de que a procura estava relacionada à divulgação das próprias alunas deve-se à queda da procura que se mantém dentro de uma média de empréstimos, sem grandes alterações até a interrupção do registro desse movimento nos cartões. Essa lógica identificada que combina modos de pensar e agir é tratada por Michel de Certeau (1996) como *formalidade das práticas*.

Em busca da “própria operação do ler, suas modalidades e sua tipologia” para captar de que modo as “possíveis leitoras” lidavam com os romances e identificar as modalidades originais dessas práticas foi considerado que, apesar da liberdade que possuíam e das astúcias praticadas, toda apropriação passa por possibilidades historicamente variáveis e socialmente desiguais. As quatro irmãs, relatam de modos diferentes como vivenciaram o espaço do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, as salas de aula, seus corredores, a sala de leitura, o pátio. Do mesmo modo, a memória traz

antigos professores em versões diferentes. Para uma, parecia mais rígido, para outra, mais complacente. O mesmo professor ganha os tons e coloridos da memória. A figura do diretor relatada em tom solene na década de 1950 é dissolvida na memória da irmã mais jovem, que não consegue destacá-lo entre tantos outros funcionários na década de 1970.

Mais que as mudanças trazidas pelas denominações ao longo dos anos, a instituição mudou principalmente pelas transformações ocorridas entre aqueles que nela atuavam. Em duas décadas alunos e professores precisaram se adequar às novas propostas de ensino. O que era considerado inovador quando da implantação do Instituto, na década de 1950, foi substituído pelas modernas propostas de ensino da década de 1970, período em que outra estratégia editorial adentra as escolas por meio das novas políticas do livro didático⁴².

A referência ao livro didático cabe neste ponto do trabalho por ser recorrente no relato da ex-aluna que frequentou o Instituto de Educação “Carlos Gomes” na década de 1970. Sua fala é marcada pelas referências ao uso do livro didático em sala de aula, lhe chamava atenção a palavra “moderna” em grande parte dos livros. Cita como exemplo a *Matemática moderna* e a *Moderna gramática brasileira*. Outra diferença perceptível nos relatos é a relação estabelecida com o livro. Enquanto as irmãs mais velhas mantêm certa reverência aos livros utilizados em aula ou biblioteca, a irmã mais nova já menciona como um objeto de uso comum, naturalizado entre tantos outros objetos de uso.

Compreender as práticas escolares instituídas a partir da transformação de materiais e objetos demonstra quanto outras práticas são transformadas conjuntamente (CHARTIER, 1999, 2011). No caso do livro didático, podem ser mencionadas as mudanças nas práticas de leitura e escrita que deixam o movimento professor-lousa-conteúdo ↔ aluno-caderno-cópia *para* professor-livro-leitura (explicação) ↔ aluno-livro-leitura (assimilação). A forma de registro também foi alterada à medida que os livros didáticos começaram a disponibilizar espaços para resolução de exercícios e respostas, diminuindo o uso do caderno para registro dos alunos.

⁴² Podem ser encontradas, nos estudos da história da educação do Brasil, referências ao livro didático, em suas diferentes compreensões – manual, compêndio, etc. – desde final do XVIII e início do XX. O livro didático aqui mencionado refere-se ao período em que foi extinto o acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que permitiu a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED) com o objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático. O acordo foi alvo de muitas críticas por parte de educadores brasileiros. Em 1971, com a extinção da COLTED e o término do convênio MEC/USAID, o INL passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros (GATTI JÚNIOR, 2004).

Sobre a recorrência do termo “moderno”, os estudos sobre esse período contemplam mais especificamente o ensino da matemática. Entre as explicações, sua utilização estaria relacionada a um “método eficaz” com “boa qualidade”, opondo-se aos métodos considerados tradicionais. Caracteriza-se, portanto, como uma “expressão carregada de uma valoração positiva, numa época em que o progresso técnico era depositário (...) das expectativas de resolução dos principais problemas econômicos e sociais” (BÜRIGO, 1989, p.76). Entretanto, o relato demonstra que este “moderno” foi apropriado mais como nomenclatura que propriamente um dispositivo de inovação didática.

A abordagem dada até o momento permitiu analisar práticas de uma determinada *comunidade de leitores* a partir do seu lugar de pertencimento e buscar a compreensão de como são constituídas. As pistas para uma história das práticas de leitura, além de raras, geralmente estão implícitas em documentos diversos, exigindo do pesquisador uma postura detetivesca na busca de apreender seu objeto de investigação.

Encontrar sentido nos *deslocamentos* presentes nas práticas de leitura identificadas e compreendê-las como “artes de fazer”, a partir das regras próprias daqueles que as praticaram, passa por dar legitimidade aos saberes e valores que permeiam essas práticas do cotidiano de acordo com interesses e regras próprias (CERTEAU, 1996, p. 38-40). Para pesquisar o cotidiano, Certeau (1996) afirma ser preciso ocupar o espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade. É preciso pensar as invenções nas pequenas diferenças que rompem com a aparente uniformização existente.

Os deslocamentos entre a “leitura pretendida” e a “leitora rastreada”

Ao analisarem as narrativas dos romances ficcionais, Marisa Lajolo e Regina Zilberman seguem a pista indicada por Robert Darnton (1992) de que uma das possíveis maneiras de fazer história da leitura é ir além do leitor esperado pelo autor ao criar seu texto. Para isso, o historiador deve buscar os “leitores de carne e osso” (ZILBERMAN, 1993). Esses leitores poderiam ser localizados nos censos e dados sobre o negócio dos livros, passíveis, portanto, de serem historicizados e estudados estatisticamente. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009).

Neste trabalho as “leitoras de carne e osso” foram rastreadas através dos movimentos de empréstimos dos romances e relatos de memórias de leitura das quatro

irmãs ex-alunas do Instituto pesquisado. Apesar de não terem seus nomes identificados, as leitoras 540, 141, entre outras que deixaram registrados seu número de usuário nos cartões de empréstimos, possibilitaram que a investigação se aproximasse das práticas ocorridas na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Ao investigar a “leitora pretendida” idealizada pelos editores da Companhia Editora Nacional como um público para o consumo da Coleção Biblioteca das Moças, ficaram aparentes as estratégias editoriais sobre o formato do livro, a qualidade do material utilizado, a divulgação e o modo como os romances foram apresentados e distribuídos.

As “leitoras pretendidas” seriam mulheres e moças que constituíam a comunidade emergente no consumo de livros, constituíam um novo público leitor com características e gostos diferentes daqueles apresentados pelos homens e começava a determinar suas escolhas. Por conseguinte, alteravam o modo de pensar os livros que eram destinados à sua leitura. Ao considerar um público feminino entre as décadas de 1920 e 1930, cabe lembrar a discrepância existente na trajetória escolar dessas mulheres se comparadas à trajetória escolar percorrida pelos homens.

No país, sobretudo fora dos grandes centros, muitas mulheres ainda eram alfabetizadas no meio doméstico, com pouca vivência fora do ambiente familiar. Essas mulheres descendiam das leitoras de bíblias, vidas dos santos e manuais de boa conduta feminina. Ao perceberem a possibilidade de apresentar seus gostos pessoais de leitura, essas novas leitoras das primeiras décadas do século XX no Brasil demonstram um gosto mais mundano para leitura, próximo ao mencionado por Martyn Lyons (1999, p. 166), ao tratar sobre as conquistas da leitora no século XIX.

Apesar de não serem as únicas leitoras de romances, tornaram-se o público privilegiado para o consumo de publicações românticas tidas como populares. “A feminização do público leitor de romances reforçava preconceitos dominantes sobre o papel da mulher e sua inteligência” (LYONS, 1999, p. 171), alimentando a crença de que as mulheres tinham muita imaginação, capacidade intelectual limitada e muito tempo disponível para leitura, além de seus interesses serem voltados para a vida privada.

Se este trabalho considerasse a norma apenas, bastaria seguir essa constatação e permanecer investindo na apreensão das práticas de leitura a partir da representação trazida pela “leitora pretendida”. Porém, desde o princípio a pesquisa se propôs caçar esta leitora, fugidia e furtiva, que impôs desvios e recomeços para seu rastreamento.

Como mencionado, o inquérito *O que se lê em São Paulo*, realizado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 1920, demonstra o quanto o gosto feminino já

determinava a produção literária, apresentando, inclusive, certa resistência à literatura nacional e nomeando suas leituras preferidas como “literatura de água doce”. Esta adequação ao público pôde ser observada na apresentação do suporte dos romances da Coleção. As primeiras publicações no período considerado por Lang (2008, p. 16) como primeira fase receberam encadernação em capa dura e a divulgação era dirigida aos responsáveis pela sua educação, não às leitoras. Esses indícios apontam para um investimento em convencer que o produto era de qualidade e seu conteúdo adequado à leitura de moças. Havia, portanto, a compreensão de que a leitura a ser feita por elas estava sob a tutela de seus responsáveis.

Ao final dessa fase, o suporte foi simplificado e passou a ser produzido apenas no formato brochura. O custo do livro foi diminuído e a divulgação dirigida à leitora, que demonstrava autonomia para frequentar livrarias em busca da chamada “literatura de água doce”, entre outras publicações. A autonomia conquistada pelas leitoras alterou a dinâmica da produção de livros destinados à leitura feminina. Tal observação indicou o primeiro *deslocamento* ocorrido nas práticas de leitura desenvolvidas por esse público. Ao demonstrarem resistências à literatura nacional, as leitoras sinalizam, para autores e editores, um perfil de leitor que os fazia adequar as estratégias para conquista e manutenção desse público.

O alerta feito por Lourenço Filho, ao verificar que o mercado editorial estava mais atento aos aspectos econômicos do que à qualidade do produto que era oferecido aos leitores, reforça essa constatação. Para garantir a venda e sucesso de determinado autor, as editoras produziam “horríveis edições mutiladas” conseguindo que os exemplares “custem dez tostões” (LOURENÇO FILHO, 1927, p. 36). Desse modo, a afirmação usada pelas editoras de que os livros eram escolhidos e traduzidos por pessoas de renome na área literária já não bastava para o convencimento desse público; passou a ser necessário atentar-se também ao que ele desejava ler.

O segundo *deslocamento* foi verificado à medida que a “leitora rastreada” não se mostrou estática em suas preferências. Mediante a análise dos “romances preferidos”, as leitoras demonstraram interesse por romances com características distintas. Mesmo com a procura pela “literatura de água doce”, solicitavam uma variação em seus enredos. Os editores precisavam investir em romances com protagonistas que atendessem à versão da mocinha ingênua e casta, mas também em protagonistas que fossem mulheres modernas, com posturas pouco convencionais. Ao diversificar o estilo dos romances, os

editores atendiam à variação presente dentro deste público circunscrito pela estratégia editorial.

Como já mencionado, nas primeiras décadas da Coleção a estratégia editorial fica manifesta através da ampla divulgação nos meios de comunicação, em especial, por revistas consideradas femininas, para que as “possíveis leitoras”, ou seus responsáveis, fossem informados da publicação de novos romances dentro da Coleção. Nas décadas seguintes essa divulgação diminui substantivamente; possivelmente, a fidelização desse público ocorria pela aprovação dos títulos escolhidos pelos editores. À medida que os novos títulos eram publicados e atendiam ao esperado pelas leitoras, a Coleção mantinha seu público.

A análise retrospectiva das irmãs sobre suas práticas de leitura contribuiu para a compreensão da diferença proposta por Certeau (1996) sobre o consumo de massa de determinado produto por aqueles que não o produzem, mas que mesmo o consumindo, não reproduzem a cultura tal qual o esperado para o produto consumido. Ou seja, ao consumirem o que era oferecido estrategicamente pelas editoras, as “leitoras rastreadas” operam silenciosamente em suas reinvenções.

Os romances surgem em seus relatos não como enredos que apresentavam padrões de comportamento de outra época, valores que caíram em desuso, mas como histórias de outrora. Não há uma identificação com as mocinhas românticas do início do século ou as mulheres modernas de Londres em plena urbanização; entretanto, essa falta de identificação não invalida o prazer da leitura desses romances.

O relato das memórias de leitura oferecido pelas quatro irmãs sobre suas trajetórias como leitoras durante a infância, a adolescência e a idade adulta apresenta a leitura desenvolvida no cotidiano familiar, através da assinatura do *Jornal das Moças*, revistas de fotonovela e romances de interesse, que eram adquiridos e partilhados entre elas. A leitura durante a adolescência surge com uma divisão muito clara entre o que era lido na escola e o que era lido fora dela, quando a leitura de romances e fotonovelas sobressai.

A publicação de romances em capítulos nos periódicos é uma prática que surge nos relatos ao mencionarem os romances publicados no *Jornal das Moças*. Após a leitura dos capítulos desses romances, a mãe os recortava do jornal e organizava na sequência das publicações, com a intenção de manter o romance completo. O restante do material publicado era distribuído conforme a utilidade de cada texto. As receitas iam

para o livro de receitas, curiosidades eram distribuídas de acordo com o interesse das irmãs e o restante era descartado.

Por último, a leitura voltada à formação profissional: sendo um grupo de professoras, as revistas e manuais de ensino que abordavam a prática docente foram os mais citados.

À medida que os relatos avançaram para a idade adulta, passou a ser recorrente a afirmação da falta de tempo para a leitura de romances. O trabalho, a família, a chegada dos filhos são citados como motivos para o distanciamento da leitura, não só de romances, mas de toda a leitura que não apresentasse o propósito de formação profissional. Este passou a ser considerando o terceiro *deslocamento*, no qual a leitora apresenta uma movimentação para fora da Coleção, para fora do gênero literário, e suspende a leitura por ela tratada como uma leitura por prazer para dedicar-se a uma leitura que atenda às demandas da vida adulta, por conseguinte, da vida profissional.

São as representações aceitas por aqueles que consomem que atribuem e consolidam a credibilidade ao que é posto em circulação. Uma vez anunciada uma política e assumida a sua implantação, são necessários os “sinais de reconhecimento”, os “acordos feitos acerca dessas condições de possibilidade”. Para que o processo se desenvolva é preciso “condições de possibilidade, o que interdita ou permite: torna possível ou impossível” (CERTEAU, 1982).

Este estudo analisou as diferentes práticas de apropriação desses romances, o que pressupõe a relação entre *táticas de apropriação* e *estratégias de imposição* de modelos culturais. Ou seja, considera-se que o processo editorial acabou inventando uma “leitora pretendida” à qual o livro era destinado e, à medida que essa estratégia idealizou essa leitora, também determinou um tipo específico de leitura para atendê-la. Essa representação do leitor estabelece as mudanças e adaptações realizadas nos livros, de acordo com cada leitor inventado que compõe essa *comunidade de leitores* e tratada neste trabalho como as “leitoras rastreadas”.

Apesar dessa *comunidade de leitores* permanecer sendo moças leitoras de romances, mudanças ocorreram em seu interior operando *deslocamentos* e reinventando práticas culturais e jogos de poder. Se as práticas manifestam as representações ali contidas, o texto e, por conseguinte, sua leitura expressa dissolve-se em outros usos sociais e em suas apropriações. As *estratégias* estabelecidas no processo de produção são burladas na invenção cotidiana quando os leitores atribuem novos significados e constroem novos conhecimentos.

Alguns pontos podem ser destacados: as apropriações das “leitoras rastreadas” demonstram os vínculos entre a leitura praticada na instituição de ensino como prática de estudo e como escolha. De certo modo, as leitoras, considerando o período da descoberta do “tornar-se mulher”, nos anos finais da vida escolar, buscam nos romances modelos, informações ou mesmo uma identificação que contribua com as questões com que precisam lidar.

Outro ponto a ser considerado é a liberdade que a leitora apresenta em suas diferentes práticas de leitura. Como leitora de romances, experimenta os estilos das diferentes autoras. Ora dá preferência para enredos mais românticos, ora prefere heroínas determinadas ou simplesmente descobre que o romance não agrada. Pode ter sido este o caso dos 143 usuários que emprestaram apenas um livro da Coleção.

Por esse motivo, houve o intento em identificar os paradigmas de leitura válidos para uma *comunidade de leitores*, nesse momento e lugar determinados, o que possibilitou a aproximação de suas “maneiras de ler” com seus gestos e usos específicos.

Leitura às avessas de práticas institucionalizadas

O triângulo estabelecido por Roger Chartier (1999, p. 18) considerando a relação entre “o texto, o livro e a leitura” indicam o que o autor chama – retomando expressões de Michel de Certeau – “figuras elementares da relação entre ‘espaço legível’ e ‘efetuação’” (CHARTIER, 1999, p. 18). A primeira figura tratada por ele seria o texto estável, dado a ler em formas impressas, considerando que esta forma impressa pode sofrer mudanças.

Ao surgir nos relatos das irmãs, a assinatura do *Jornal das Moças* e a prática do recorte feito pela mãe dos romances publicados em capítulos, para manter o romance completo e garantir que todas pudessem ler, remonta à prática mencionada por Lyons (1999, p. 173) a partir da obra de Thiesse (1984 apud LYONS, 1999):

Eu recortava e encadernava os fascículos do jornal. Passávamos esses fascículos de uma mulher para outra. Na noite de sábado, os homens iam ao café e as mulheres vinham a nossa casa para jogar cartas. Sobretudo, trocávamos então nossos fascículos, textos como *Rocambole* ou *La porteuse de pain* (LYONS, 1999).

A prática acima foi descrita por uma filha de sapateiro nascida em 1900, relato muito próximo ao feito pelas irmãs ao buscarem na memória os modos de acesso aos romances. Um dos títulos recordados foi *Pollyana*. As irmãs mais velhas mencionam a leitura do romance publicado no formato folhetim. As irmãs mais novas já lembram do romance da Coleção Biblioteca das Moças. Assim, apesar da mudança do suporte, o texto não foi alterado, conforme a primeira figura tratada por Chartier.

A segunda figura seria “aquela na qual a passagem de uma forma de edição para outra direciona, ao mesmo tempo, transformações no texto e a constituição de um novo público” (CHARTIER, 1999, p. 19). O autor retoma seus estudos sobre a *Bibliothèque Bleue* como exemplo ilustrativo. No caso da Coleção, as transformações não ocorreram diretamente no texto. Como já mencionado, entre 1954 a 1960, a Companhia Editora Nacional muda todas as capas dos romances e investe em imagens relacionadas à indústria cultural cinematográfica hollywoodiana. Acredita-se que essa transformação deu-se para atingir um público que voltava seu interesse para as fotonovelas e cinema. Novamente, o trabalho de Lyons (1999, p. 170) contribui, ao citar o tratamento dado às imagens nos impressos que analisa:

Não desprezava, em todo caso, o potencial de atração de grandes ilustrações melodramáticas. O seriado *Fedora, la Nihiliste* foi iniciado, em 1879, com uma figura de página inteira, na qual um czar com casaco de pele figurava, em posição de comando como um deus, acima das nuvens, com cetro e espada, acompanhado de uma figura alada seminua segurando um crucifixo brilhante (LYONS, 1999, p. 170).

Dessa perspectiva, a estratégia utilizada na Coleção Biblioteca das Moças aproxima-se de fórmulas editoriais utilizadas para a *Bibliothèque Bleue*, por ater-se às expectativas do público que se pretende atingir, mantendo algumas precauções, como informar ao público que a coleção não estava composta por livros populares por si mesmos, mas formada por gêneros da literatura erudita. Certamente, a opção por exaltar os critérios de escolha dos romances e a qualidade das traduções, reforçando em sua divulgação que eram “escolhidos por pessoas de renome e traduzidos por pessoas gabaritadas”, atende a essa precaução. Assim como, enobrecer a escolha dos romances, colocando-os em meio à “grande literatura”, através de seus catálogos: “Os melhores romances para moças, escolhidos entre os melhores da Literatura Universal”, com o intuito de demonstrar o pertencimento desses livros a uma primeira existência editorial. “Assim, as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada” (CHARTIER, 1999, p. 19).

A terceira figura surge “quando o texto estável na sua leitura e fixo na sua forma é apreendido por novos leitores que o leem diferentemente de seus predecessores” (CHARTIER, 1999, p. 22). Os deslocamentos mencionados anteriormente atendem a essa terceira figura, retomando inclusive as observações de Michel de Certeau sobre a liberdade do leitor, a escolha por uma leitura intensiva ou extensiva e, ainda, a leitura feita em público ou feita na intimidade.

Em seus estudos, Certeau (1995, 1996) considera que espaços de formação, como a universidade ou a escola, são lugares de passagem, possibilitando que o mesmo espaço reúna diferentes buscas e culturas diversas. Tal observação parte da análise que desenvolveu sobre o sistema universitário francês, identificando que, se por um lado a universidade tentava manter um lugar próprio, por outro, a cultura estudantil fazia uso de outras linguagens demonstrando o quanto estruturas pouco flexíveis não atendiam as operações de bricolagem postas em prática pelos estudantes (CERTEAU, 1995, p. 94-98).

Essas questões foram observadas enquanto o autor escrevia artigos sobre os acontecimentos de 1968 na França. Em artigos como *A universidade diante da cultura de massa* e *A cultura e a escola*, Certeau pondera sobre a necessidade emergente dos espaços considerados educativos se adaptarem às novas demandas sociais. Defendia que essas instituições não atendiam à diversidade presente entre os estudantes e permanecia colocando-os em termos de massa, preocupando-se em transmitir uma cultura de elite, direcionada a um público considerado homogêneo.

A postura adotada por essas instituições entra em conflito com a entrada maciça de alunos depois de meados do século XX. Adotando uma postura de se fecharem em si mesmas, fragmentam-se, tornam-se mais rígidas ou, no outro ponto, permissivas. Mas nenhuma das posturas adotadas consegue atender e adequar-se a uma nova realidade e passando a ter valor de instrumento cultural e social. De lugar de formação, tornam-se meio de acesso às profissões nem sempre com qualidade técnica.

Agindo desse modo, as instituições voltadas para a escolarização perdem o monopólio cultural e assistem a uma multiplicação da cultura, não se preparando para lidar com o processo de massificação que ocupa o espaço antes tratado como processo de democratização. Um modo proposto pelo autor para que as instituições educativas ocupem papel significativo nessa era da comunicação de massa seria considerar dois fenômenos que ocorrem entre os estudantes: a metaforização da língua e a existência de uma cultura caleidoscópica.

Ao trabalho interessa considerar a existência de uma cultura caleidoscópica, derivada das sucessivas bricolagens e justaposições que ocorrem durante a formação dos alunos. Ao longo de sua trajetória de formação, organizam conhecimentos e informações recebidas estabelecendo relações, intencionalmente ou não, com as informações provenientes das consideradas obras da cultura de massa. Para atender às experiências vividas entre os estudantes, seria preciso focalizar “métodos que delineiam possibilidades técnicas por meio da cultura de massa” (CERTEAU, 1995, p. 115).

Nesse sentido, a aquisição dos exemplares da Coleção Biblioteca das Moças para a biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, nas décadas de 1950 e 1960, período em que não era mais vista como uma Coleção voltada para a formação de moças, possibilita considerar que essa aquisição deu-se pelo interesse demonstrado pelas alunas por esses romances, nesse período considerados uma cultura de massa. Pensar que essa aquisição passa pelo reconhecimento de diferentes experiências e demandas dos alunos leitores explicaria, de certo modo, a presença de clássicos da literatura universal e nacional, nesse caso clássicos não apenas divulgados em catálogos da Companhia Editora Nacional; e livros, que podem ser classificados como cultura de massa, no acervo dessa biblioteca.

Essa possibilidade de compreensão vai ao encontro da defesa de Michel de Certeau (1995) de que uma cultura de massa nas instituições educativas é necessária para que a polivalência da sociedade adentre esses espaços, ainda que neles permaneçam barreiras e hábitos arraigados. Defesa que o autor retoma no texto *O que é um seminário*⁴³, ao definir o espaço universitário como um *caquetoir*, “uma espécie de galeria ou terraço de verão, [...] onde as pessoas se encontravam para conversar; em francês, o termo significa falar bastante sobre futilidades, por vezes de maneira indiscreta. Seria o equivalente a fofocar em português” (JOSGRILBERG, 2008).

Ao considerar a prática de divulgação dos romances da Coleção entre as alunas do Instituto, esse *caquetoir* poderia ocorrer enquanto aguardavam o horário de entrada para as aulas, durante os intervalos nos corredores, durante o recreio no pátio ou mesmo cochichando em meio à aula. Imaginar como e quando trocavam essas informações torna perceptível o quanto alunos utilizam objetos, espaços e referências de modo avesso ao esperado.

⁴³ O texto é resultado de seminários realizados entre 1974 e 1978 no departamento de Antropologia, Etnologia e Ciências da Religião da Universidade Paris VIII.

Ao transformarem os tempos e lugares que tinham disponíveis num *caquetoir* sobre gostos e preferências de suas leituras, as alunas que passaram pelo Instituto de Educação “Carlos Gomes” explicitaram *táticas* de apropriação e modos que operavam com suas leituras, práticas que permaneceram como vestígios nos romances do acervo. A partir deste *lugar* de formação, *lugar* como espaço próprio (CERTEAU, 1996, p. 172-173), numa instituição aparentemente sem movimento e com uma suposta vitória sobre o tempo (CERTEAU, 1996), os movimentos causados pela *táticas* destas “leitoras rastreadas” produziram *espaços* – o lugar praticado (CERTEAU, 1996, p.173) – que, diferente do lugar, não mantêm aquilo que é produzido por não serem pautados em relações de poder que lhes garanta alguma estabilidade. São esses movimentos “silenciosos, não articulados, que transformam o lugar de maneira sub-reptícia” (CERTEAU, 1996).

Circunscritas em uma biblioteca extremamente organizada com normas e regras bem estabelecidas, onde havia um aparente silêncio, as alunas reinventaram um outro espaço para estabelecerem a existência de um grupo ao redor de referências comuns. Nesse caso, o gosto por um hábito tão defendido pela escola, e por vezes igualmente restringido por ela, foi a referência para articular esse grupo de leitoras que foi renovado e reinventado num movimento dialético entre lugares e espaços, estratégias e táticas no cotidiano desse lugar.

A partir dessa organização (espaço controlado) na qual as alunas estavam inseridas, elas atribuíram uma dimensão simbólica aos espaços físicos da biblioteca, dos corredores, salas e pátios, transformando-os em “lugar praticado”. Os romances como um produto a ser consumido, compondo esse lugar, foram ressignificados por cada nova leitora, que mesmo buscando o romance a partir da indicação feita por outra leitora, lhe atribuía um novo e próprio sentido.

Capítulo 5 - Catálogo com descrição dos Romances da
Coleção Biblioteca das Moças localizados na biblioteca
do Instituto de Educação “Carlos Gomes”

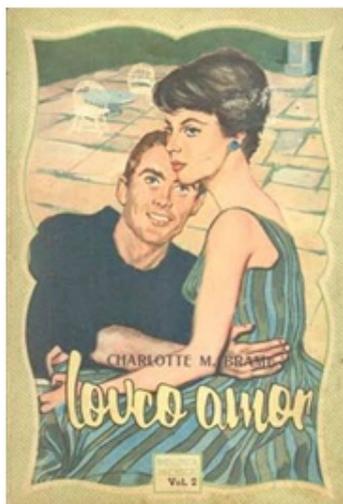




1.

Boas Esposas. Louisa May Alcott. Tradução de Genolino Amado. Título original, Good Wives, Inglês. 4ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 1. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o título foi traduzido também como As Mulherzinhas Crescem. Escrito em 1869. A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1935, e a última em 1983, total de 5 edições.



2.

Louco Amor. Charlotte Mary Brame. Tradução de Luiz Amaral. Título original, A mad Love, Inglês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 2. Companhia Editora Nacional. 1957. 179 p. 12x18.

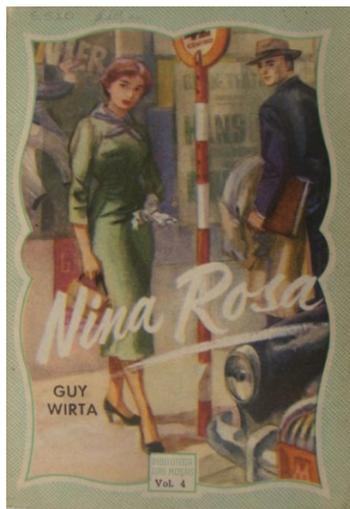
Notas: O título é composto por dois volumes (1º e 2º). Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado apenas o 2º volume. A capa do exemplar recebeu reforço com fita adesiva nas bordas. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: B8151/459. Na contra capa consta ficha com um total de 11 empréstimos entre 1972 e 1975.



3

Francesca. Cecil Adair. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, Francesca, Francês. 3ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 3. Companhia Editora Nacional. 1935.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição publicada pela Companhia Editora Nacional foi em 1935, e a última em 1947, tendo no total 3 edições.



4

Nina Rosa. Guy Wirta. Tradução de Pepita de Leão. Título original, Ninon Rose. Francês. 7ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 4. Companhia Editora Nacional. 1955. 213 p. 12x18.

Notas: O romance foi escrito em 1923. A 1ª edição data de 1928 e a última de 1984 num total de 9 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manipulado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: W799n/489. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 15 empréstimos entre o ano de 1961 a 1972. Não apresenta marginálias.



5

O Amor Nunca Morre. Guy Flower. Tradução de Azevedo Amaral. Título Orinal, Lilac Time, Inglês. 1955. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Companhia Editora Nacional. 238 p. 12x18.

Notas: O livro teve sua primeira edição na coleção em 1935 e a última de 1984, totalizando 6 edições. Em 1928 foi adaptado para o cinema, e ficou conhecido, como Love Never Die. Não foi possível estabelecer a primeira publicação fora da coleção. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi registrado com o número de tomo F785a/466 e traz o carimbo Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Foi emprestado 5 vezes no período de 1968 a 1974. Não apresenta marginálias.



6

Um nobre amor. Florence L. Barclay. Tradução de Luiz Amaral. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 6. Companhia Editora Nacional. 1935.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição publicada foi em 1935 e a última em 1948. Com um total 2 edições.



7

Por Qué? Elinor Glyn. Tradução de Paulo de Freitas. Título original, *The Reason Wy*, Inglês. 9ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 7. Companhia Editora Nacional. 1960. 305 p. 12x18.

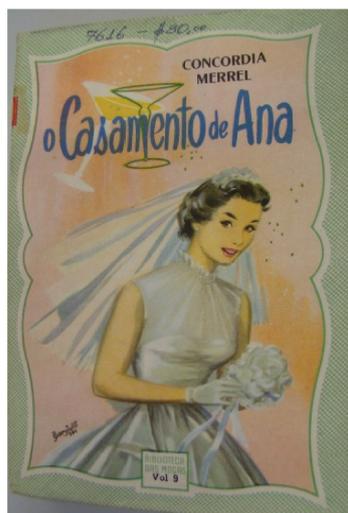
Notas: O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com reforço de fita adesiva apenas na lombada. Demonstra que não foi muito manipulado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: G568p/275. Não consta nenhum registro de empréstimo. No *site* da editora consta que a 1ª edição foi em 1935 e a última em 1960, 9 edições. Não apresenta marginálias.



8

O Grande Momento. Elinor Glyn. Não consta tradutor. Título original, *The Great Moment*. Inglês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 8. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar deste livro na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1925. A 1ª edição em 1935, e a última em 1955, num total de 5 edições.



9

O Casamento de Ana. Concórdia Merrel. Tradução de Azevedo Amaral. Não consta título original. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 9. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: O exemplar deste livro não foi localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve sua 1ª edição na coleção em 1935 e a última de 1984, num total de 6 edições.



10

Vendida! W. Heimburg. Tradução de Godofredo Rangel. Não consta Título original. 4ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 10. Companhia Editora Nacional. 1956.

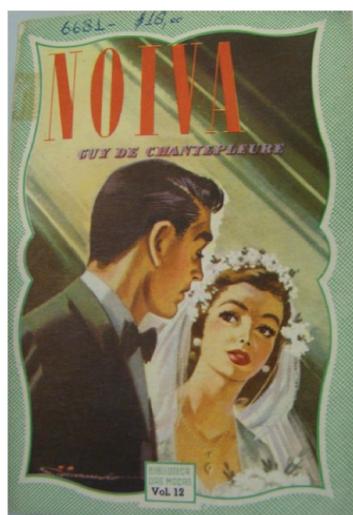
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1869. Teve 4 edições, a 1ª em 1935 e a última em 1956.



11

Casamento de Experiência. Concórdia Merrel. Tradução de Oliveira Ribeiro Neto. Título original, Ordealby Marriage. Inglês. 5ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 11. Companhia Editora Nacional. 1955. 240 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição do romance foi em 1935 e a última de 1960 num total de 5 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manipulado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: M568c/465. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 36 empréstimos entre o ano de 1958 a 1970. Não apresenta marginais.



12

A Noiva. Guy Chantepleure. Tradução de Theobaldo Sirginde. Título original, Fiancée D'Avril. Francês. 8ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 12. Companhia Editora Nacional. 1956. 262 p. 12x18.

Notas: O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com reforçada com fita adesiva, mesmo assim a capa está fragmentada. Demonstra que o livro foi muito manipulado. Está sem a folha de rosto não sendo possível verificar se havia o carimbo da instituição. Possui etiqueta e número de tomo: C459/532. Consta ficha de empréstimo com um total de 9 empréstimos entre o ano de 1958 a 1961. Não apresenta marginais.



13

Beijo ao Luar. Guy Chantepleure. Não consta nome do tradutor. Título original, Le Baiser Au Clair de L. Francês. 7ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 13. Companhia Editora Nacional. 1955. 204 p. 12x18.

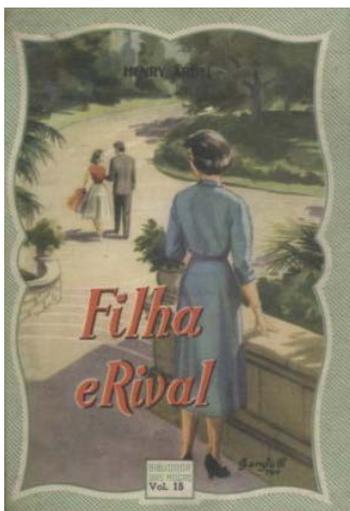
Notas: O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com reforçada com fita adesiva, apresenta marcas do tempo. Carimbo IECG. Possui etiqueta e número de tombo: C459/475. Consta ficha de empréstimo com um total de 7 empréstimos entre o ano de 1970 a 1974. Não apresenta marginálias.



14

Paixão e Sangue. Marie Adelaide Belloc Lowndes. Tradução de Azevedo Amaral. Não consta Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 14. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição é de 1936 e a última de 1955 com 3 edições ao todo.



15

Filha e Rival. Henri Ardel. Não consta tradutor e Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 15. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1936 e a última em 1955, com 3 edições.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

16

Primeiro amor. Marion Forrester. Tradução de Oliveira Ribeiro Neto. Não consta título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 16. Companhia Editora Nacional. 1936.

Notas: O exemplar não foi localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance contou com apenas uma edição em 1936.



17

Seis Dias de Amor. Elinor Glyn. Não consta tradutor. Título original, Six Days. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 17. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1924. A 1ª edição é de 1934 e a última de 1955, 6 edições.



18

O Rapto de Jadette. Dyvonne. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. Título original, L'Enlèvement de Jadette. Francês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 18. Companhia Editora Nacional. 1956. 184 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição do romance pela Companhia Editora Nacional foi publicado em 1936, a última em 1956 com um total de 3 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva na lombada e páginas soltas. Apresenta marcas de umidade. Carimbo do Instituto de Educação Carlos Gomes. Possui etiqueta e número de tombo: D618R/426. Consta ficha de empréstimo com um total de 33 retiradas entre o ano de 1958 a 1975. Não apresenta marginálias.



19

Uma Moça de Hoje. T. Trilby. Tradução de José Mariano. Não consta Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 19. Companhia Editora Nacional. 1955.

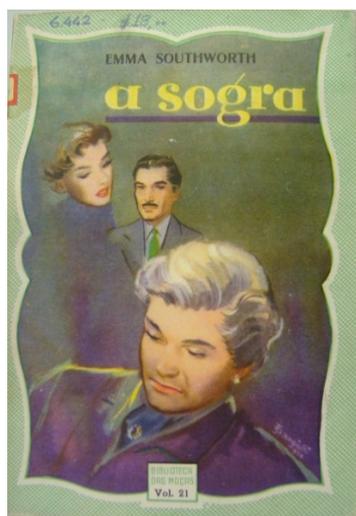
Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o livro teve a 1ª edição em 1932, a última em 1955, teve 6 edições.



20

A Aliança Partida. Charlotte Mary Brame. Não consta tradutor e Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 20. Companhia Editora Nacional. 1948. 12x18.

Notas: Nenhum exemplar foi localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve a 1ª edição em 1933 e a última de 1948, num total de 6 edições.



21

A Sogra. Emma Southworth. Tradução de Oliveira Ribeiro Neto. Título original, Mother-in-law. Inglês. 4ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 21. Companhia Editora Nacional. 1955. 240 p. 12x18.

Nota: A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1936 e a última de 1984 teve 5 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na parte interna e externa da capa, parte da capa está fragmentada. Carimbo do IECG com etiqueta e número de Tombo: S726s/470. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 11 empréstimos entre o ano de 1959 a 1967. Não apresenta marginálias.



22

Elfrida. M. Delly. Elfrida Norstein. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. Título original, Elfrida Norstein. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 22. Companhia Editora Nacional. 1957. 130 p. 12x18.

Notas: Não foram localizados os exemplares na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a nona edição foi dividida em dois volumes. A 1ª edição é de 1930, a última de 1957, total de 9 edições.



23

O Perfume do Passado. Acton Davies. Tradução de Flávio de Campos. Não consta título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 23. Companhia Editora Nacional. 1936.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional o romance teve a primeira publicação pela Companhia Editora Nacional em 1936 e segunda em 1941.



24

O Noivo Desconhecido. Eveline Le Maire. Tradução de L. C. Berrini. Não consta Título original. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 24. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1869. A 1ª edição na coleção é de 1932 e a última de 1955, teve 6 edições.



25

Redimida. Marie Adelaide Belloc Lowndes. Tradução de L. C. Berrini. Título original, Letty Lyton. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 25. Companhia Editora Nacional. 1936.

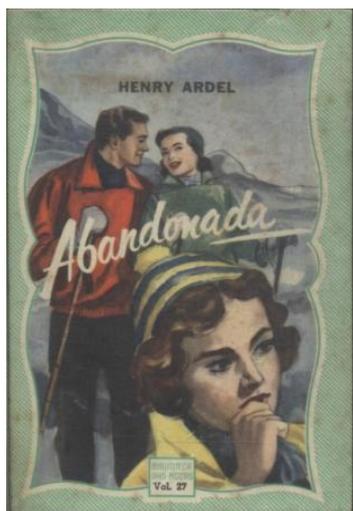
Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1936, e a última em 1948, teve 3 edições.



26

Escrava. ou Rainha? M. Delly. Não consta o tradutor. Título original, Esclave ou Reine. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 26. Companhia Editora Nacional. 1985. Não foi identificado número de páginas, 12x18.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional foi o livro da coleção mais editado, num total de 20 edições, sendo a última em 1985.



27

Abandonada. Henri Ardel. Tradução revista por Paulo Freitas. Título original, Faiblesse. Francês. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 27. Companhia Editora Nacional. 1956. 182 p. 12x18.

Notas: A 1ª publicação consta de 1933 e a última em 1956, totalizando 6 publicações. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na parte interna e externa da capa fragmentada. Apresenta marcas manuseio. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: A676a/479. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 22 empréstimos entre o ano de 1958 a 1975. Não apresenta marginais.



28

O Rosário. Florence L. Barclay. Não consta tradutor. Título original, The Rosary. Francês. 9ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 28. Companhia Editora Nacional. 1954.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1909. A 1ª edição é de 1926 e foi o primeiro livro a compor a primeira fase da Coleção. A última edição é de 1984, num total de 15 edições. A 14ª edição foi publicada avulsa.



29

Seu Único Amor. Elinor Glyn. Não consta tradutor. Título original, His Hour. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 28. Companhia Editora Nacional. 1956.

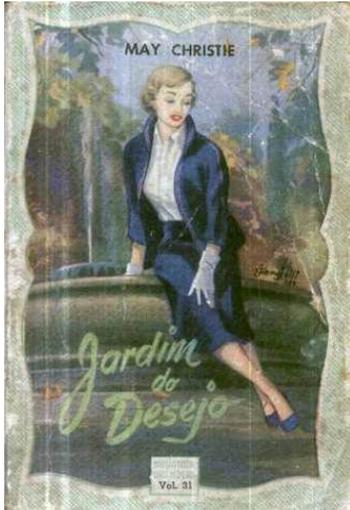
Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1869 com a 1ª edição foi em 1932, e a última em 1960, 8 edições.



30

O Diário de Evangeline. Elinor Glyn. Tradução de Tati A. de Mello. Título original, The Vicissitudes of Evangeline. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 30. Companhia Editora Nacional. 1956. 166 p. 12x18.

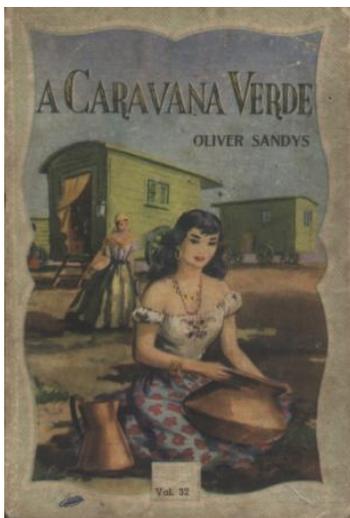
Notas: Escrito em 1905, a 1ª edição da Companhia Editora Nacional foi em 1937, e a última em 1956, num total de 4 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na parte interna e externa da capa. Apresenta marcas de manuseio. Carimbo do IECG com etiqueta e número de Tombo: G 568d/429. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 30 empréstimos entre o ano de 1958 a 1974. Possui inscrição a tinta na última página: “Biblioteca”.



31

Jardim do Desejo. May Christie. Tradução de Tati A. de Mello. Não consta título original, Inglês. 5ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 31. Companhia Editora Nacional. 1955.

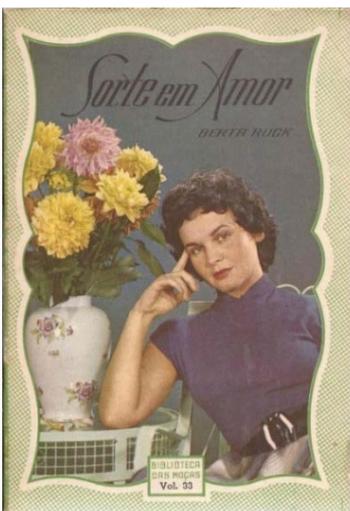
Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional foi escrito em 1869. A 1ª edição foi em 1937 e a última em 1955, teve 5 edições.



32

A Caravana Verde. Oliver Sandys. Tradução revista por Manuel Bandeira. Título original, The Green Caravan. Inglês. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 32. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1933, a última foi em 1984, com 7 edições.



33

Sorte em Amor. Berta Ruck. Tradução de Ruth Melo. Título original, Lucky in love. Inglês. 4ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 33. Companhia Editora Nacional. 1955. 172 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição é de 1937, a última em 1955, 4 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada e laterais da capa. A contra capa está rasgada. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: R911s/491. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 30 empréstimos entre o ano de 1959 a 1974. Foram encontrados dentro do livro três ingressos para o: “Gran Circo Norte Americano”.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

34

O Outro Milagre. Henri Ardel. Tradução Godofredo Rangel. Não consta Título original. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 33. Companhia Editora Nacional. 1937.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição é de 1937 e a última de 1946, 3 edições.



35

Arremessada ao Mundo. Charlotte Mary Brame. Tradução de Dieno Castanho. Título original, Thrown into the world. Inglês. 7ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 35. Companhia Editora Nacional. 1957. 238 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição foi em 1932, a última em 1957 com 7 edições. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada e laterais da capa. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” no início do livro e Instituto de Educação Estadual “Carlos Gomes” ao final do livro. Etiqueta e número de tombo: B815a/444. Consta ficha de empréstimo com um total de 33 empréstimos entre o ano de 1958 a 1973. Anotação à tinta na folha de rosto: 1o. volume.



36

Felicidade Inesperada. Concórdia Merrel. Tradução de Jerônimo Monteiro. Título original, Julia Takes Her Chance. Inglês. Não consta edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 36. Companhia Editora Nacional. 1954.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1921. A 1ª edição foi em 1937 e a última em 1954. Com 4 edições, sendo a 4ª edição em 2 volumes.



37

Fogo de Amor. Elinor Glyn. Não consta tradutor e título original, . Inglês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 37. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1937 e a última em 1960, 6 edições.



38

Sonho de Virgem. Henri Ardel. Tradução de Mario de Lurdel. Não consta título original. Inglês. 9ª. ed Coleção Biblioteca das Moças. Volume 38. Companhia Editora Nacional. 1955.

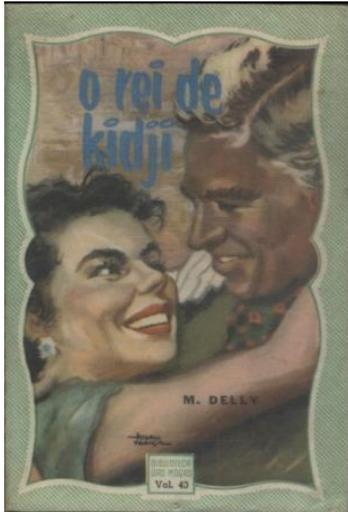
Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve 10 edições, a última em 1986.



39

O Sétimo Céu. John Golden. Não consta tradutor. Título original, Seventh Heaven. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 39. Companhia Editora Nacional. 1932.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve a 1ª edição em 1932 e a última em 1942, teve 3 edições.



40

O Rei de Kidji. M. Delly. Não consta tradutor. Título original, Le Roi de Kidji. Francês. 8ª. ed Coleção Biblioteca das Moças. Volume 40. Companhia Editora Nacional. 1958.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve a 1ª edição em 1930 e a última em 1958, teve 8 edições.



41

O Homem Sem Piedade. Concórdia Merrel. Tradução de Mário Sette. Título original, The man without mercy. Inglês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 41. Companhia Editora Nacional. 1955. 212 p. 12x18.

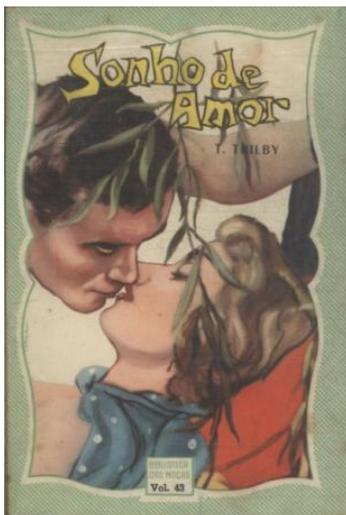
Notas: O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço com fita adesiva na capa. O cartão de empréstimos conta com um total de 27 empréstimos entre 1958 e 1970. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: M 568h /450. A 1ª edição foi em 1932 e a última em 1960. Não apresenta marginálias.



42.

O Fim de uma Walkyria. M. Delly. Tradução de R. C. Carviglione. Título original, La Fin d'Une Walkyrie. Francês. 11ª. ed Coleção Biblioteca das Moças. Volume 42. Companhia Editora Nacional. 1958.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve 12 edições e a última em 1985.



43

Sonho de Amor. T. Trilby. Não consta tradutor e Título original, Inglês. 5ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 43. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição é de 1932, a última de 1956, teve 5 edições.



44

Casada por Dinheiro. Concórdia Merrel. Tradução de Mário Sette. Título original, Married For Money, Inglês. 5ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 44. Companhia Editora Nacional. 1957. 199 p.

Notas: O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço com fita adesiva nas bordas. O cartão de empréstimos está identificado como segundo cartão com um total de 18 empréstimos entre 1961 e 1974. O primeiro cartão de empréstimo não foi localizado. O livro foi muito manuseado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: M586c/493.. A 1ª edição foi em 1935 e a última em 1957. Não apresenta marginais



45

A Passageira. Guy Chantepleure. Não consta tradutor. La passagère. Francês. 5ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 45. Companhia Editora Nacional. 1957. 358 p. 12x18.

Notas: O romance teve 9 edições, a última em 1956. A partir da 9ª edição foi publicado em 2 volumes. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço com fita adesiva nas bordas. O cartão de empréstimos está identificado como segundo cartão com um total de 20 empréstimos entre 1960 e 1974. O primeiro cartão de empréstimo não foi localizado. O livro possivelmente foi muito manuseado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: G459/445f. Possui anotações a lápis em letras cursivas diferentes: “Muito bom. Este escritor escreve muito bem, é uma maravilha. O melhor livro que já li. Maravilhoso! Espetáculo! Ótimo! Bom final. Serve. Bárbaro. ‘+ ou –’. Bakana e a inscrição da data 14-5-58”.



46

A Castelã de Shenstone. Florence L. Barclay. Tradução revista por Candido de Amaral Branco. Título original, *The Mistress of Shenstone*. Inglês. 8ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 46. Companhia Editora Nacional. 1957. 187 p. 12x18.

Notas: O romance foi escrito em 1910. A 1ª edição foi em 1927 e a última em 1984 teve 9 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" recebeu reforço com fita adesiva na lombada. O cartão de empréstimos conta com um total de 26 empréstimos entre 1959 e 1974. Apresenta carimbo do Instituto de Educação Estadual "Carlos Gomes" com etiqueta e número de Tombo: B244/478e. Não apresenta marginálias.



47

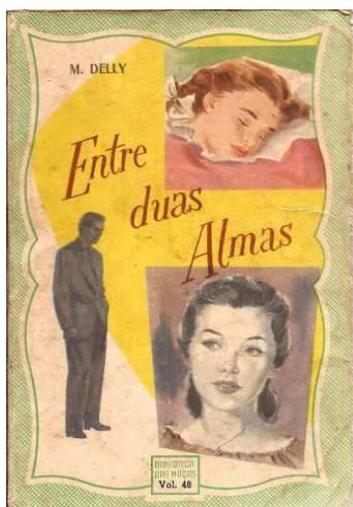
Sozinha. (1º. Volume). Henri Ardel. Tradução de Enio Almeida. Título original, *Seule*. Francês. 9ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 47. Companhia Editora Nacional. 1955. 237 p. 12x18. Gênero: Romance

Sozinha. (2º. Volume). Henri Ardel. Tradução de Enio Almeida. Título original, *Seule*. Francês. 9ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 47. Companhia Editora Nacional. 1955. 217 p. 12x18. Gênero: Romance

Notas:

(1º. Volume). O romance teve 9 edições, a última em 1955. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" recebeu reforço com fita adesiva na lombada e bordas da capa. O cartão de empréstimos conta com um total de 12 empréstimos entre 1958 e 1974. Apresenta carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" com etiqueta e número de Tombo: A676/446s. Não apresenta marginálias.

(2º. Volume). Também teve 9 edições, a última em 1955. O cartão de empréstimos conta com um total de 22 empréstimos entre 1958 e 1973. Apresenta carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" com etiqueta e número de Tombo: A676s/442. Não apresenta marginálias.



48

Entre Duas Almas. M. Delly. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. Título do original, *Entre deuxâmes*. Francês. 17ª. ed Coleção Biblioteca das Moças. Volume 48. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado o exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi o segundo livro mais editado da Biblioteca das Moças, com 18 edições, a última em 1987.



49

Casamento por Vingança. Concordia Merrel. Não consta tradutor e título original. Inglês. 4ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 49. Companhia Editora Nacional. 1956.

Nota: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1932, a última em 1959, teve 5 edições.



50

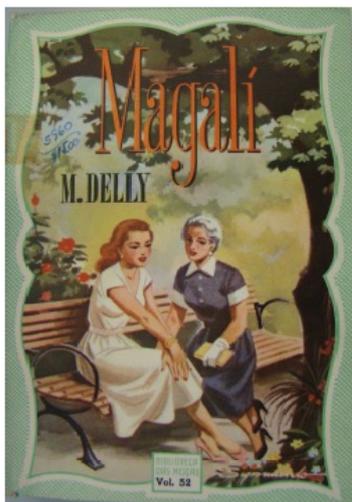
Não identificado



51

A querida do meu coração. Wilhelmine Heimbürg. Tradução Dieno Castanho. Não consta título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 51. Companhia Editora Nacional. 1941.

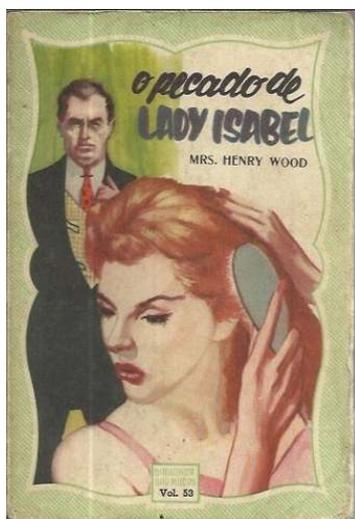
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve sua 1ª edição em 1931 e a última em 1941 com um total de 3 edições.



52

Magali. M. Delly. Tradução de Epaminondas de Albuquerque. Título original, Magali. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 52. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1929, e a última em 1985, tendo no total 12 edições.



53

O Pecado de Lady Isabel. Mrs. Enry Wood. Tradução de Lúcia Junqueira Caiuby. Título original, East Lynne. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 53, 1º. e 2º. Volume. Companhia Editora Nacional. 1957. 144 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1938. A última edição em 1957 foi publicado em 2 volumes. Teve 4 edições. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado apenas o 2º. Volume está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: W876p/457. Consta ficha de empréstimo com um total de 21 empréstimos entre o ano de 1959 a 1975. Não apresenta marginais.



54

Diário de uma Aristocrata. Elinor Glyn. Tradução de Tati A. de Mello. Título original, Reflections of Ambrosine. Inglês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 54. Companhia Editora Nacional. 1955. 216 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1938 e a última edição em 1955. Teve 4 edições. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado apenas o 2º. Volume está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: 568d/448. Consta ficha de empréstimo com um total de 26 empréstimos entre o ano de 1958 a 1974. Não apresenta marginais.



55

Apuros de uma Rica. Berta Ruck. Tradução de Ruth Mello. Título original, Money for one. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 55. Companhia Editora Nacional. 1957. 186 p. 12x18.

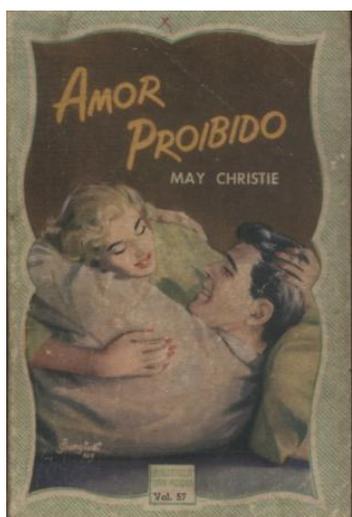
Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1938 e a ultima edição em 1986. Teve 3 edições. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado apenas o 2º. Volume está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: R 911/556. Carimbo Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Consta ficha de empréstimo com um total de 22 empréstimos entre o ano de 1961 a 1969. A lista ao final do livro tem marcações em alguns títulos.



56

Cinzas do Passado. Myrtle Reed. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, Lavender and Old Lace. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 56. Companhia Editora Nacional. 1957. 191 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1938 e a ultima edição em 1957. Teve 4 edições. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado apenas o 2º. Volume está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: R325c/c558. Carimbo Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Consta ficha de empréstimo com 4 empréstimos no ano de 1961. Não traz marcas de posse ou inscrições.



57

Amor Proibido. May Christie. Tradução revista por Paulo de Freitas. Título original, The forbidden love. Inglês. Não consta número de edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 57. Companhia Editora Nacional. 1955. 266 p. 12x18.

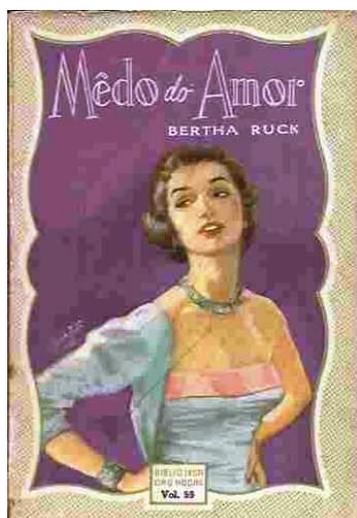
Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1938. O exemplar da biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: C555a/436. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 10 empréstimos entre o ano de 1970 a 1973. Não apresenta marginálias.



58

A Esposa que não foi beijada. Berta Ruck. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, *The unknissed wife*. Inglês. 5ª. Ed. Não consta número de edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 58. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1932, a última em 1959, com 6 edições, sendo que a 5ª edição foi publicada em 2 volumes.



59

Medo do Amor. Berta Ruck. Tradução de Tati A. de Mello. Não consta título original. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 59. Companhia Editora Nacional. 1955.

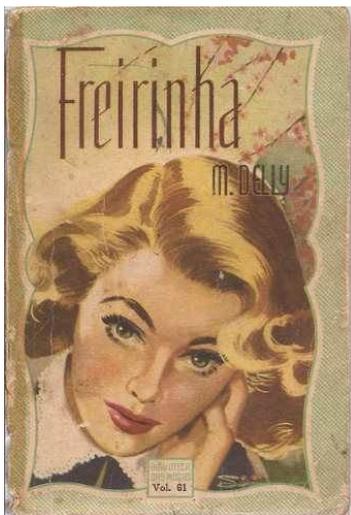
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1938, a última em 1955, com 4 edições.



60

Vencido! M. Delly. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. Título original *Le candélabre Du temple*. Frances. Não consta edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 60. Companhia Editora Nacional. 1955.

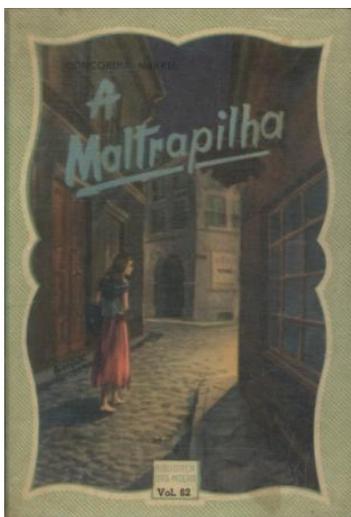
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1932, a última em 1985, com 12 edições.



61

Freirinha. M. Delly. Tradução de Ernani R. de Lima. Título original, La petite chanoinesse. Francês. Não consta data da edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 61. Companhia Editora Nacional. Sem data. 206 p. 12x18.

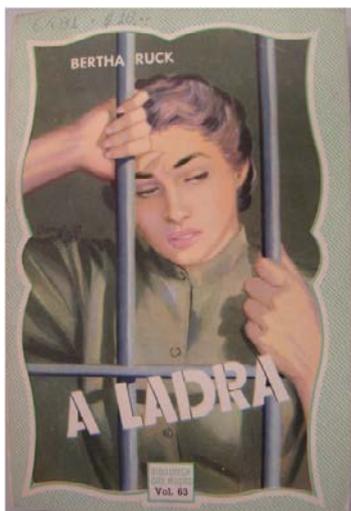
Notas: O romance teve a 1ª edição em 1929, a última em 1985, com 15 edições. O exemplar da biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva. Não apresenta carimbo da instituição. Possui etiqueta e número de Tombo: F557/494. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 14 empréstimos entre o ano de 1970 a 1975. Apresenta inscrição na capa: Bom. Inscrição à tinta na penúltima página: fim e bom anotado a lápis.



62

A Maltrapilha. Concórdia Merrel. Tradução de Jairo Augusto Miranda. Título original, Ragged Robin. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 62. Companhia Editora Nacional. 1955. 245 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição foi em 1932, a última em 1986. Teve 8 edições, e a partir da 7ª, foi editado em 2 volumes. O exemplar da biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva nas bordas e lombada. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Possui etiqueta e número de Tombo: M568m/472. O livro está sem a contra capa e sem o cartão de empréstimo. Não apresenta marginais.



63

A Ladra. Berta Ruck. Tradução de Caio Rangel. Título original, The Pearl thief. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 61. Companhia Editora Nacional. 1955. 269 p. 12x18.

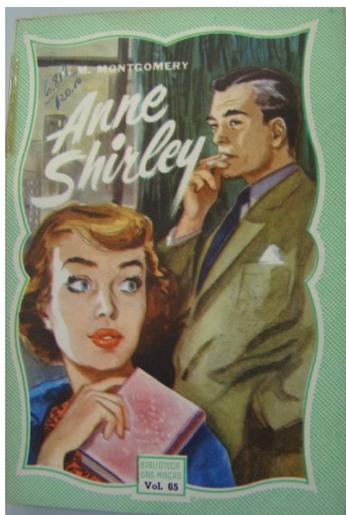
Notas: A 1ª edição em 1933, a última em 1985. Teve 6 edições. O exemplar da biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva nas bordas e lombada. Não possui carimbo da instituição. Possui etiqueta e número de Tombo: R9111/439. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 28 empréstimos entre o ano de 1958 a 1967. O livro tem inscrição em letra cursiva: no início - não muito bom e na última página – amor.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

64

A Dor de Amar. Henri Ardel. Não consta tradutor. Título original, *Le Mal d'Aimer*. Francês. 11ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 64. Companhia Editora Nacional. 1949.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve 11 edições, a última foi feita em 1949.



65

Anne Shirley (1º. Volume). L. M. Montgomery. Tradução de Yolanda Vieira Martins. Título original, *Anne of Green Gables*. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 65. Companhia Editora Nacional. 1956. 146 p. 12x18.

Anne Shirley (2º. Volume). L. M. Montgomery. Tradução de Yolanda Vieira Martins. Título original, *Anne of Green Gables*. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 65. Companhia Editora Nacional. 1956. 155 p. 12x18.

Notas:

(1º. Volume). O romance teve 1ª edição em 1939, a última em 1956, com 3 edições. A 3ª edição foi dividido em 2 volumes. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço com fita adesiva na lombada. O cartão de empréstimos conta com 3 empréstimos em 1961. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: M788a/c587. Carimbo Livraria Nossa Casa. Rua G Osório, 1173. Não apresenta marginálias.

(2º. Volume). O cartão de empréstimos também conta com 3 empréstimos, dois em 1961 e outro em 1974. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: M788a/c588. Não apresenta marginálias.



66

A Eterna Eva. May Christie. Tradução de Tati A. de Mello. Não consta Título original. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 66. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1939, e a última em 1955, teve 4 edições.



67

Meu Vestido Cor do Céu. M. Delly. Tradução de Tito Marcondes. Título original, *Ma Robe Couleurs du Temps*. Francês. 7ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 67. Companhia Editora Nacional. 1954. 172 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição é de 1939, e a última de 1960. Com 7 edições. O exemplar da biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" está com a capa muito desgastada e reforçada por fita adesiva nas bordas e lombada. Possui carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" e da Livraria Universal, Rua Francisco Glicério, 1085. Apresenta etiqueta e número de Tombo: O357v/504. Consta na capa o segundo cartão de empréstimos com um total de 4 retiradas no ano de 1975. Não apresenta marginais.



68

Amor de Outono. Ruby Mildred Ayres. Tradução de Lúcia Junqueira. Título original, *The Big Fellah*. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 68. Companhia Editora Nacional. 1956.

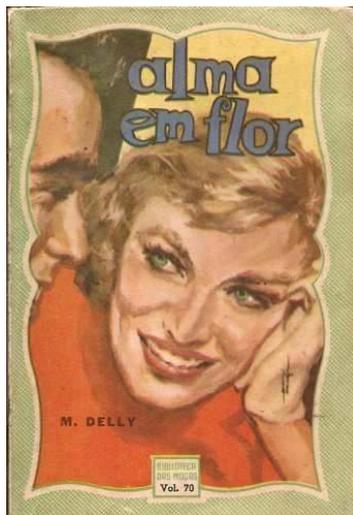
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance foi publicado em 1940 e a última em 1956.



69

Uma Noiva em Leilão. Concórdia Merrel. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, *Introducing Terry Sloane*. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 69. Companhia Editora Nacional. 1939.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no site da editora a 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1939 e a última em 1985, tendo no total 5 edições.



70

Alma em Flor. M. Delly. Tradução de Paulo de Freitas. Título original, La jeune fille emmurée. Francês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 70. Companhia Editora Nacional. 1958.

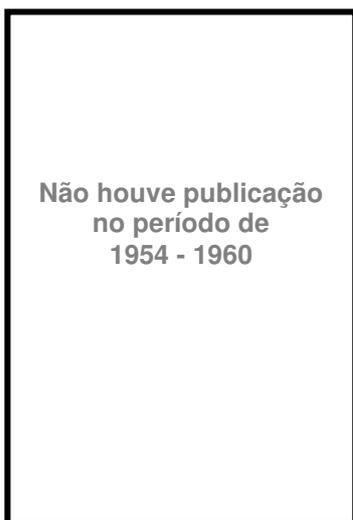
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance foi publicado em 1939 e a última edição em 1958. Teve 4 edições.



71

Um Coração entre Flores. T. Trilby. Tradução revista por Godofredo Rangel. Título original, Des fleurs et un coer. Francês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 71. Companhia Editora Nacional. 1955. 196 p. 12x18.

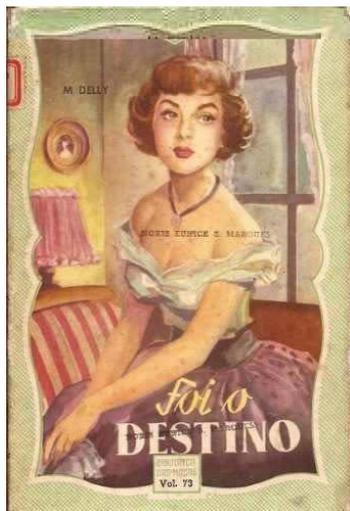
Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1939. A última edição em 1955. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado o 2º. Volume que apresenta capa reforçada por fita adesiva. Possui o carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: T829e/434. Consta ficha de empréstimo com um total de 23 empréstimos entre o ano de 1959 a 1975. Possui anotações a tinta na página 49: “a senhora Jeanne morre no fim” e na página 67: “a senhora Jeanne é mãe de Odile, mas só no fim ela fica sabendo”.



72

Mamãe Sabe o que Faz. Edna Ferber. Tradução de Lígia Junqueira. Título original, Mother Knows Best” and Other stores. Inglês. 1ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 72. Companhia Editora Nacional. 1940. 239 p. 12x18.

Notas: O livro teve apenas uma edição em 1939. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encadernado e apresenta a anotação: encadernado por Mendes de Jesus Thomé. Carimbo da Escola Normal “Carlos Gomes”. Apresenta deterioração do tempo, não de manipulação. Etiqueta e número de Tombo: F346m/165. No cartão de apresenta um empréstimo em 1969. Possui as seguintes marcas: Inscrição na primeira página letra cursiva: péssimo. O nome Lília com 3 diferentes traçados de letra cursiva e Cartilha da proibidade de Fernando Magalhães. Inscrições a lápis. Junto ao índice tem uma anotação a tinta em letra cursiva: Lília Maria Bueno de Souza Queiroz. Na página seguinte mesmo nome e data 21-2-46.



73

Foi o destino. M. Delly. Tradução de A. Bernard. Título original, La Lampe Ardente. 1ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 73. Companhia Editora Nacional. 1957. 223 p. 12x18.

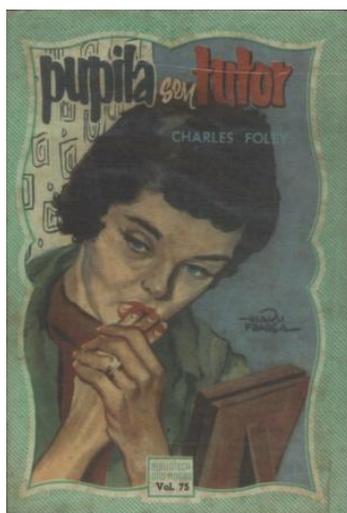
Notas: O livro teve a primeira edição em 1940 e a última em 1985 com um total de 8 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço nas laterais da capa com fita adesiva. Apresenta deterioração do tempo. Etiqueta e número de tombo: D358f/13. Carimbo Livraria Universal. O cartão de empréstimo conta com 40 registros no período de 1960 a 1975. Não apresenta marginais.



74

Qual dos Três? Concórdia Merrel. Tradução de Jorge Amado. Título original, Love and Diana. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 74. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance foi publicado pela Companhia Editora Nacional em 1940, e a última em 1955, teve 4 edições.



75

Pupila Sem Tutor. Charles Foley. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, Tuteur. Francês. Não consta número de edição. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 75. Companhia Editora Nacional. 1956. 156 p. 12x18.

Notas: Com duas edições o romance foi publicado a primeira vez em 1940 e a última edição foi em 1956. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: F663p/579. Consta ficha de empréstimo com um total de 29 empréstimos entre o ano de 1961 a 1972.



76

O Primo Guy. Henri Ardel. Não consta tradutor. Título original, MonCousinGuy. ? ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 76. Companhia Editora Nacional. 1954. 186 p. 12x18.

Notas: O romance teve 9 edições, a última edição em 1957. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva na lombada, a folhas de rosto esta presa com fita adesiva. Apresenta manchas de umidade. Não possui carimbo da instituição. Possui etiqueta e número de tombo: A676p/197. Consta ficha de empréstimo com um total de 22 empréstimos entre o ano de 1958 e 1967. Não apresenta marginálias.



77

A Sétima Miss Brown. Concordia Merrel. Tradução de Tati A. de Mello. Título original, The seventh Miss Brown. Inglês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 77. Companhia Editora Nacional. 1957. 186 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1940. A última edição em 1957. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva, capa parcialmente solta. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: M586s/449. Consta ficha de empréstimo com um total de 38 empréstimos entre o ano de 1958 e 1974. Possui anotação a lápis na última página com o nome Heloísa Haperoy e “Gostei!!! Muito bom!!!” O exemplar traz a lista de volumes coleção ao final do livro com marcação em alguns títulos.



78

O It. Elinor Glyn. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, It. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 78. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance publicado pela Companhia Editora Nacional em 1934 e a última em 1960, 6 edições.



79

O Homem e o Momento. Elinor Glyn. Não consta nome do tradutor. Título original, *The Man and the Moment*. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 79. Companhia Editora Nacional. 1957.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1915. A 1ª edição do romance foi publicada em 1934 e a última em 1957, 6 edições.



80

Domina. Marie Barrère-Affre. Não consta nome do tradutor nem título original. Inglês. 1ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 80. Companhia Editora Nacional. 1940.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1940.



81

O Tormento das Trevas. Charles Foley. Não consta tradutor nem título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 81. Companhia Editora Nacional. 1940.

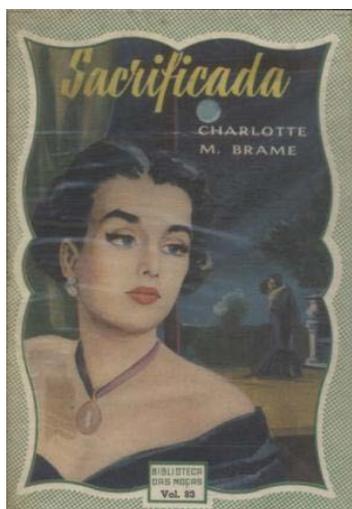
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance publicado pela Companhia Editora Nacional foi em 1940 e a última em 1945, teve 2 edições.



82

O Segredo do Noivado. Charles Foley. Não consta tradutor nem título original. Francês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 82. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição do romance foi publicado pela Companhia Editora Nacional em 1940 e a última em 1956, teve 2 edições.



83

Sacrificada. Charlotte Mary Brame. Tradução de Lígia Junqueira Smith. Título original, Lady Elwynssecret. Inglês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 83. Companhia Editora Nacional. 1955. 203 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição do romance é de 1940 e a última de 1955, 3 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a lombada e laterais da capa reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” no início do livro e Instituto de Educação Estadual “Carlos Gomes” no final do livro. Possui etiqueta e número de tombo: C815s/430. Consta ficha de empréstimo com um total de 23 empréstimos entre o ano de 1959 e 1970. Não apresenta marginálias



84

Um Coração de Ouro. Charlotte Mary Brame. Não foi possível identificar tradutor e título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 84. Companhia Editora Nacional. 1940.

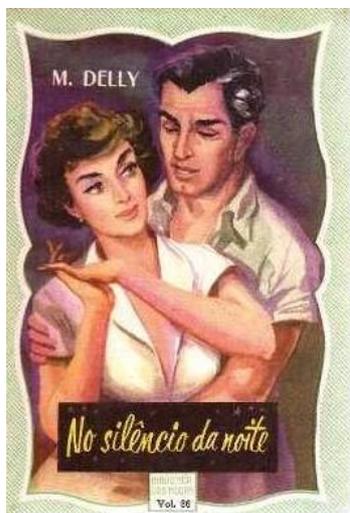
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da editora foram publicadas duas edições pela Companhia Editora Nacional em 1940 e em 1946.



85

Luana. May Christie. Não consta tradutor e título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 85. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi publicada na coleção em 1940 e a última em 1956, com 3 edições. A 3ª edição foi publicada em 2 volumes.



86

No Silêncio da noite. M. Delly. Tradução de Tito Marcondes. Título original, Des Plaintes dans la Nuit. Francês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 86. Companhia Editora Nacional. 1955. P 264. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1940. A última edição em 1987. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva e encapada com papel semelhante ao papel sulfite. Está sem folha de rosto não sendo possível identificar se havia carimbo do IECG. Possui etiqueta e número de tombo: D358s/495. Consta apenas o 2º. cartão de empréstimo com um total de 12 empréstimos entre o ano de 1968 e 1975. Não apresenta marginálias.



87

A Garota. Oliver Sandys. Tradução de Paulo Freitas. Título original, Chappy. That's all. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 87. Companhia Editora Nacional. 1935.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição publicada foi em 1935 e a última em 1984, com 5 edições.



88

Adão e Algumas. Concórdia Merrel. Tradução de Tati A. de Mello. Título original, Adam and some Eves. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 88. Companhia Editora Nacional. 1957. 189 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1933 e a última em 1957. Possui 4 edições sendo a 4ª edição em 2 volumes. Foi encontrado apenas o exemplar do primeiro volume na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" a capa reforçada com fita adesiva na lombada. Possui carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes". Etiqueta e número de tombo: M568a/462. O cartão de empréstimo tem um total de 27 empréstimos entre o ano de 1959 e 1974. Não apresenta marginais.



89

Pollyana. Eleanor H. Porter. Tradução de Monteiro Lobato. Título original, Pollyana. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 88. Companhia Editora Nacional. 1958. 190 p. 12x18.

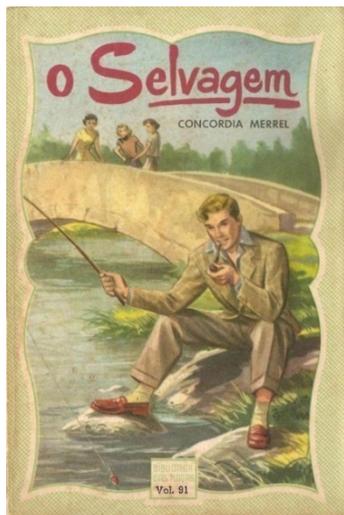
Notas: Escrito em 1913. Teve a 1ª edição em 1934 e a 6ª edição dentro da coleção em 1958, a partir da 7ª edição passou a ser publicado avulso. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" está em bom estado. Possui carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes". Etiqueta e número de tombo: P844p/488. O cartão de empréstimo tem um total de 41 retiradas entre o ano de 1968 e 1975. Não possui marcas de posse e inscrições.



90

Mulher Sem Alma. Sophie Kerr. Tradução de Lígia Junqueira. Título original, The Beautiful Woman. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 90. Companhia Editora Nacional. 1955. 226 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1941 e a segunda edição em 1955. Teve 2 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" está com a capa reforçada por fita adesiva apenas na lombada, demonstra que foi pouco manuseado. Possui o carimbo Instituto de Educação "Carlos Gomes". Etiqueta e número de tombo: K41m/464. Consta ficha de empréstimo com um total de 28 empréstimos entre o ano de 1959 a 1970. Não apresenta marginais.



91

O Selvagem. Concórdia Merrel. Tradução de Valdemar Cavalcanti. Não consta tradutor e título original. Inglês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 91. Companhia Editora Nacional. 1957.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a primeira edição publicada foi em 1934, e a última em 1986, tendo no total 6 edições.



92

A Alegria de Viver. May Christie Xavier. Tradução de Lívio Chavier. Título original, Kittyseeslife. Inglês. 4 a. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 92. Companhia Editora Nacional. 1959.

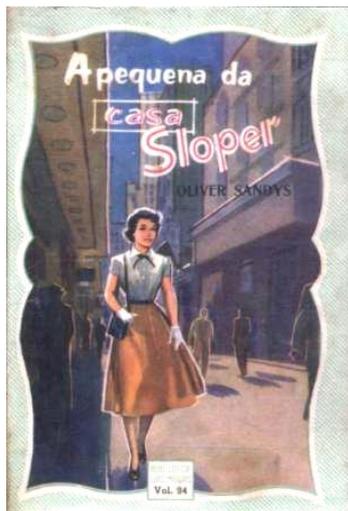
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi publicada em 1934, e a última em 1959, tendo no total 4 edições.



93

Pollyana Moça. Eleanor H. Porter. Não consta nome do tradutor. Título original, Pollyana Grows Up. Inglês. 6ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 93. Companhia Editora Nacional. 1958. 198 p. 12x18.

Notas: Escrito em 1915. Teve a 1ª edição em 1934 e a 6ª edição dentro da coleção em 1958, a partir da 7ª edição passou a ser publicado avulso. Não foi encontrado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”.



94

A Pequena da Casa Sloper. Oliver Sandys. Tradução de Paulo Freitas. Título original Sally of slopers. Inglês. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 94. Companhia Editora Nacional. 1955. 255 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1934 e a última em 1984, com 6 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" recebeu reforço na lombada, as laterais da capa estão fragmentadas. Apresenta deterioração do tempo. Etiqueta e número de tombo: S222p/530. O cartão de empréstimo conta com 35 registros no período de 1958 a 1973. Marcas: anotação a lápis: "Pode ler que gostará".



95

As Irmãs Brancas. Florence L. Barclay. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, The White Ladies of Worcester. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 95. Companhia Editora Nacional. 1928.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o livro foi escrito em 1917. A primeira edição foi em 1928, e a última em 1941, tendo no total 3 edições.



96

Cegueira de Amor. Elinor Glyn. Não consta tradutor. Título original, Love's Blindness. Inglês. 5ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 96. Companhia Editora Nacional. 1958. 149 p. 12x18.

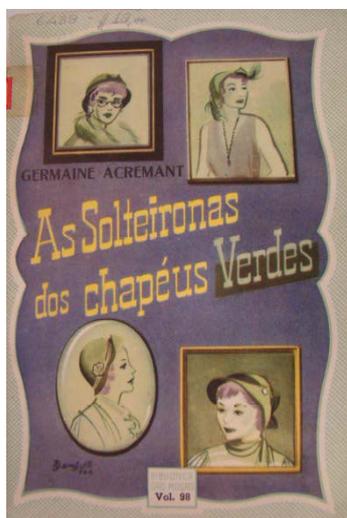
Notas: O romance foi escrito em 1926. A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1933 e a última em 1958, com 5 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" recebeu reforço na lombada e nas laterais da capa com fita adesiva. Apresenta deterioração do tempo. Etiqueta e número de tombo: G568c/471. Carimbo Livraria Universal. O cartão de empréstimo conta com 40 registros no período de 1958 a 1973. Não apresenta marginálias.



97

A Irmã Branca. F. Marion Crawford. Tradução de Euclides Andrade. Título original, The White Sister. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 97. Companhia Editora Nacional. 1934.

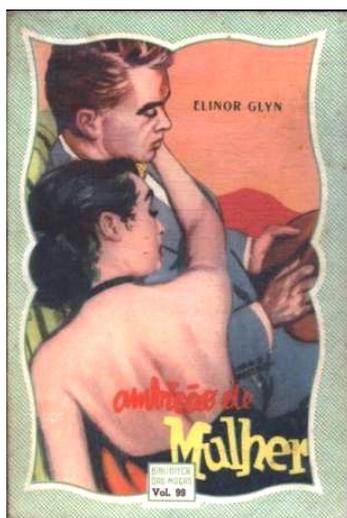
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1934, e a última em 1984, tendo no total 6 edições.



98

As Solteironas dos Chapéus Verdes. Germaine Acremant. Tradução de Mário Sette. Título original, Ces dames aux chapeaux verts. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 98. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1929, e a última em 1984, tendo no total 5 edições.



99

Ambição de Mulher. Elinor Glyn. Tradução de Eliz Khiel. Título original, A Woman's Whimsies. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 99. Companhia Editora Nacional. 1956.

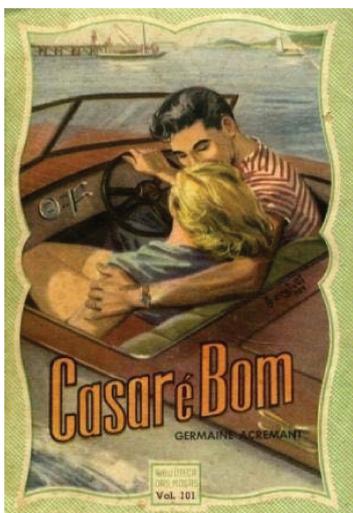
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a 1ª edição não foi publicada em 1900 e a segunda edição em 1956.



100

Cavadora de Ouro. Berta Ruck. Tradução de Tito Marcondes. Título original, Outto Marry Money. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 100. Companhia Editora Nacional. 1956. 195 p. 12x18.

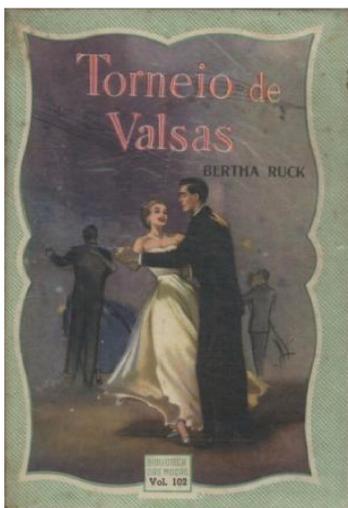
Notas: O romance teve duas edições, a primeira 1942 e a segunda 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva na lombada. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tomo: R911c/468. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 12 empréstimos entre o ano de 1958 a 1967. Não apresenta marginálias.



101

Casar é Bom. Germaine Acremant. Tradução de Godofredo Rangel. Título original, Gai! Marions-nous. Francês. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 101. Companhia Editora Nacional. 1954. 206 p. 12x18.

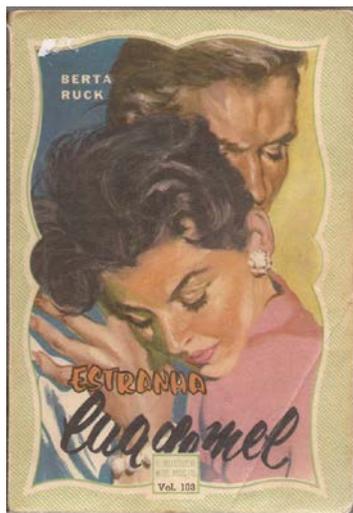
Notas: O romance teve 6 edições, a última em 1985. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manuseado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tomo: A187c/427. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 29 empréstimos entre o ano de 1959 a 1975. Não apresenta marginálias.



102

Torneio de Valsas. Berta Ruck. Tradução J. Carvalho. Não consta o título original. Inglês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 102. Companhia Editora Nacional. 1955. 279 p. 12x18.

Notas: O romance teve 3 edições, a primeira em 1942 e a última em 1955. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tomo: R911t/323. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 8 empréstimos entre o ano de 1958 a 1974. Não apresenta marginálias.



103

Estranha Lua de Mel. (1º. Volume). Berta Ruck. Tradução de Anita Martins de Souza. Título original, Mock-honymoon. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 103. Companhia Editora Nacional. 1957. 142 p. 12x18.

Estranha Lua de Mel. (2º. Volume). Berta Ruck. Tradução de Anita Martins de Souza. Título original, Mock-honymoon. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 103. Companhia Editora Nacional. 1957. 152 p. 12x18.

Notas:

(1º. Volume). O romance teve duas edições, a primeira em 1942 e a segunda em 1957 foi editada em 2 volumes. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" esta com a capa reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" com etiqueta e número de tombo: R911E/517. Consta ficha de empréstimo com um total de 20 retiradas entre o ano de 1960 a 1974. Não apresenta marginálias.

(2º. Volume). Capa reforçada com fita adesiva, número de tombo: R911E/518. Conta apenas o segundo cartão de empréstimo com um empréstimo em 1974.



104

Adeus Coração. Peggy Dern. Tradução de J. Carvalho. Título original, Goodbye my heart. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 104. Companhia Editora Nacional. 1942.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional houve uma edição, em 1942.



105

Sob o Luar. Elizabeth Hoy. Tradução de Florita do Vale. Não consta título original. 1ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 105. Companhia Editora Nacional. 1942.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional houve uma edição, em 1942.



106

Dúvidas de um Coração. Jane Abbott. Tradução de Lígia Junqueira Smith. Título original *Lorrie*. Francês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 101. Companhia Editora Nacional. 1955. 221 p. 12x18.

Notas: O romance teve 2 edições, a primeira em 1942 e a última em 1955. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manuseado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tomo: A154d/557. Carimbo da Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 14 empréstimos entre o ano de 1961 a 1970. Não apresenta marginais.



107

Estrela Inconstante. Adelaide Humphries. Tradução de Maslowa Gomes Venturi. Título original *Inconstant Star*. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 107. Companhia Editora Nacional. 1943.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional houve apenas uma edição, em 1943.



108

Dinheiro do Céu. Berta Ruck. Não consta tradutor e título original. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 105. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional, a primeira edição foi em 1943 e a última em 1955, teve 3 edições.



109

Mulher de Coragem. Louise Logan. Tradução de João Bussili. Título original Nurse. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 109. Companhia Editora Nacional. 1955.

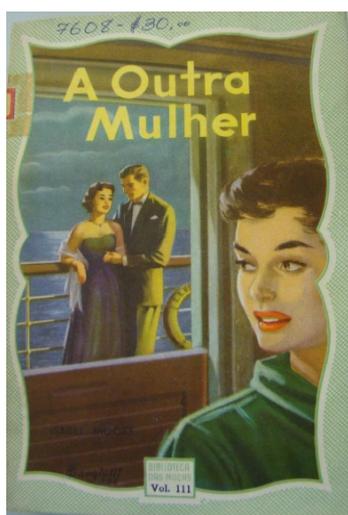
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a primeira o romance teve duas edições a primeira em 1943 e a última em 1955.



110

Amor Entre as Nuvens. Louise Logan. Tradução de Gulnara Lobato de Moraes. Não consta título original. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 110. Companhia Editora Nacional. 1943.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a primeira edição foi em 1943 e a última em 1947.



111

A Outra Mulher. Isabel Moore. Tradução de Jeanette Dante de Mello Vianna. Título original The Other Woman. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 111. Companhia Editora Nacional. 1959.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a primeira edição foi em 1943 e a última em 1959.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

112

Tarde Demais. J. Hyatt Downing. Tradução de Maslowa Gomes Venturi. Título original *Sioux City*. Inglês. 1ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 112. Companhia Editora Nacional. 1944.

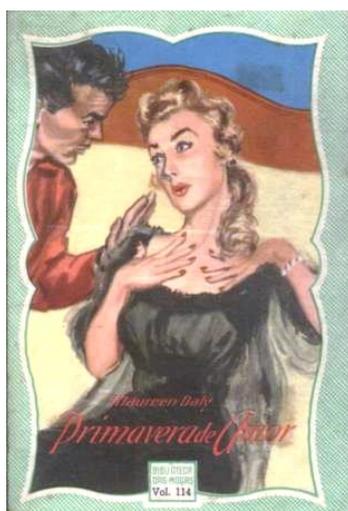
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi publicado uma única vez em 1944.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

113

Asas do Destino. Marie Blizard. Tradução de Silvia Mendes Cajado. Não consta Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 113. Companhia Editora Nacional. 1944.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve uma única edição em 1944.



114

Primavera de Amor. Maureen Daly. Tradução de Maslowa Gomes Venturi. Título original *Seventeenth Summer*. 2ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 114. Companhia Editora Nacional. 1958.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas publicações pela Companhia Editora Nacional. A primeira em 1945, e a última em 1958.



115

Susan Merton, Espiã. Louise Logan. Tradução de Aluísio Arruda. Título original Susan Merton, Spy. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 115. Companhia Editora Nacional. 1944.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve uma única edição em 1944.



116

A Solteirona. Berta Ruck. Tradução de B. Ribeiro. Título original Spinster's progress. Inglês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 101. Companhia Editora Nacional. 1955. 236 p. 12x18.

Notas:

(Exemplar 1) O romance teve 3 edições, a primeira edição é de 1945, a última de 1955. Foram encontrados dois exemplares na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" o primeiro está com a capa fragmentada reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" com etiqueta e número de tombo: R911s/180. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 6 empréstimos entre o ano de 1957 a 1973. Não apresenta marginálias.

(Exemplar 2) O segundo exemplar não apresenta carimbo da instituição. Etiqueta e número de tombo: R911s/438. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 11 empréstimos entre o ano de 1958 a 1970. Inscricção na antepenúltima página: "Quem espera sempre alcança". Título do livro de Edna Lyal, adaptação de Virginia Lefevre, editora do Brasil. Foi localizado o exemplar desse livro na biblioteca.



117

Glória Incerta. Adelaide Humphries. Tradução de Wilson Velloso. Título original Uncertain Glory. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 117. Companhia Editora Nacional. 1956. 179 p. 12x18.

Notas: O romance teve duas edições, a primeira em 1944 e a última em 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manuseado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes" e da Livraria Universal, Rua Francisco Glicério, 1085. Etiqueta e número de tombo: H928g/443. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 14 empréstimos entre o ano de 1959 a 1961. Não apresenta marginálias.



118

Susan Merton nas Caraíbas. Louise Logan. Tradução de Jeanette Dente Mello Vianna. 1ª. Ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 118. Companhia Editora Nacional. 1944.

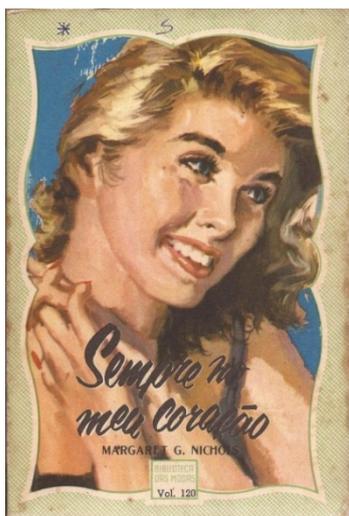
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve uma única edição em 1944.



119

Mulherzinhas. Louisa May Alcott. Tradução de Godofredo Rangel. Título original Little Women. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 119. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi escrito em 1868. As 4 primeiras edições, a 1ª de 1934, foram da Biblioteca das Moças. Teve 8 edições pela Companhia Editora Nacional, as outras 4 edições foram avulsas. A partir da 4ª edição, foi dividido em 2 volumes.



120

Sempre no Meu Coração. Margaret Gorman Nichols. Tradução de Lígia Junqueira. Título original I'll Wait For You. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 120. Companhia Editora Nacional. 1959.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições sendo que a 1ª edição foi em 1945, e a última em 1959.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

121

Dois amores. Concórdia Merrel. Tradução da Sra Leandro Dupré. Não consta Título original .Coleção Biblioteca das Moças. Volume 121. Companhia Editora Nacional. 1945.

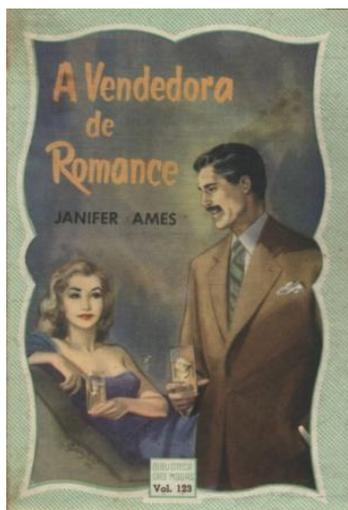
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance contou coma apenas uma edição em 1945.



122

Herança Inesperada. PatriciaWentworth. Tradução de B. Ribeiro. Título original Fearbynight. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 101. Companhia Editora Nacional. 1956. 236 p. 12x18.

Notas: O romance teve 2 edições a primeira em 1945 e a última em 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na capa. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: W478h/555. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 11 empréstimos entre o ano de 1961 a 1973. Não apresenta marginaías. O exemplar traz a propaganda na contra capa: Miss, indústrias York, S. A. produtos cirúrgicos, SP.



123

A Vendedora de Romance. Janifer Ames. Tradução de Silvia Mendes Cajado. Título original Romance for Sale. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 123. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1946, e a última em 1955.

Não houve publicação
no período de
1954 - 1960

124

E o Amor Voltou. Marie Blizard. Tradução de Maria Eliza Penido Haak. Título original You've Met Mrs. Parrish? Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 124. Companhia Editora Nacional. 1946.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma publicação em 1946 pela Companhia Editora Nacional.



125

Coração Ausente. Sarah-Elisabeth Rodger. Tradução de Maslowa Gomes Venturi. Título original Notwith my heart. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 125. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance foi publicado em 1946 e 1956.



126

A Fadazinha. Guy Chantepleure. Tradução de Nilsa de Carvalho. Não foi possível identificar o título original. Francês. 5ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 126. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional, a primeira edição foi em 1931 e a última em 1956, tendo no total 5 edições.



127

A Soberana. Guy Wirta. Tradução de Leontina Licínio Cardoso. Título original La Souveraine. Francês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 127. Companhia Editora Nacional. 1956. 206 p. 12x18.

Notas: O romance teve 3 edições, a primeira em 1934 e a última em 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva na lombada. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: W799s/14. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 18 empréstimos entre o ano de 1960 a 1967. Não apresenta marginálias.



128

Amor Subconsciente. Berta Ruck. Não consta nome do tradutor. Título original, The sub-conscious courtship. Inglês. 3ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 128. Companhia Editora Nacional. 1956. 191 p. 12x18.

Notas: O romance teve 3 edições, a primeira em 1934, a última em 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” e da Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Etiqueta e número de tombo: R911/562. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 23 empréstimos entre o ano de 1961 a 1975. Não apresenta marginálias.



129

Amor Impaciente. May Christie. Tradução de Albertino Pinheiro. Não consta título original. Inglês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 129. Companhia Editora Nacional. 1947.

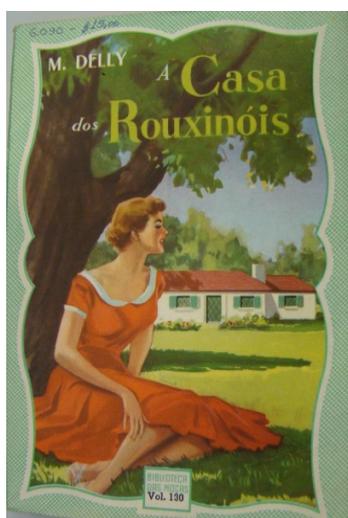
Notas: O romance teve 2 edições, uma em 1935 e a última em 1947. Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”.



130

A Vingança de Ralph. M. Delly. Tradução de Lila Carvalho. Título original La Vengeance de Ralph. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 130. Companhia Editora Nacional. 1959. 233 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1948 e a última em 1959, com 3 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço na lombada e nas laterais da capa com fita adesiva. Apresenta deterioração do tempo e possivelmente foi muito manuseada. Etiqueta e número de tombo: D358v/506. O cartão de empréstimo conta com 40 registros no período de 1958 a 1973. Não apresenta marginálias.



131

A casa dos Rouxinóis. M. Delly. Tradução de Léia Ribeiro de Alencar. Título original, La Maison des Rossignols. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 131. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional, a primeira edição foi em 1948 e a última em 1985, tendo no total 5 edições.



132

Amor pelo Telefone. Florence L. Barclay. Tradução de Dieno Castanho. Título original, The Wall of Partition. Inglês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 132. Companhia Editora Nacional. 1958.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no site da Companhia Editora Nacional o romance possui três edições. A primeira edição em 1927, a última em 1958.



133

Enquanto é Tempo de Amar. Florence L. Barclay. Tradução de Godofredo Rangel. Não consta Título original. Inglês. 4ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 133. Companhia Editora Nacional. 1959. 164 p. 12x18.

Notas: A 1ª edição pela Companhia Editora Nacional foi em 1948 e a última em 1959, com 3 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes" recebeu reforço na lombada e nas laterais da capa com fita adesiva. Carimbo do Instituto de Educação "Carlos Gomes". Etiqueta e número de tomo: B244e/531. O cartão de empréstimo conta com 27 registros no período de 1958 a 1975. Foi encontrado cartão impresso no: A união de ex-alunos do I. E. E. "Carlos Gomes" de Campinas, tem a honra de convidar V. Sa. para paraninfar o Cristo a ser entronizado no Jardim Interno do estabelecimento no dia 13 de maio p. f. Dia da Escola. C. R. C. [presidente] Campinas, maio de 1970. Anotação no verso: D. M. A aluna nº. 540 do 1º. Colegial C perdeu o livro e não encontrou mais. Como devo fazer? F. Mandar comprar outro: dê a ela nome e título, prazo de 3 dias. Caso não encontre o livro deve repor outro então ou darei o nome do livro que ela deverá comprar. Não apresenta marginais



134

Mulher Desejada. Mitchell Wilson. Tradução de Lúcia Junqueira. Título original, None so Blind. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 134. Companhia Editora Nacional. 1955.

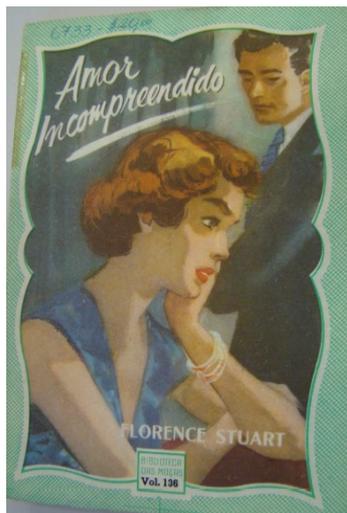
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve cinco edições. A primeira edição é de 1948, a última de 1955.



135

Paciência, Coração. Carol Gaye. Tradução de Beatriz de Vicenzi. Não foi possível identificar o título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 135. Companhia Editora Nacional. 1949.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. "Carlos Gomes". De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma publicação em 1949.



136

Amor Incompreendido. Florence Stuart. Maria Leonel de Carvalho. Título original, Jean Bradley. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 136. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições pela Companhia Editora Nacional em 1949 e 1956.



137

Amor Fiel. Carol Gaye. Tradução de Beatriz de Vicenzi. Título original, Hide and seek. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 137. Companhia Editora Nacional. 1959. 219 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1949 e a segunda edição em 1959. Teve 2 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva apenas na lombada, possui manchas do tempo. Não tem carimbo da instituição, mas possui etiqueta e número de tombo: G286a/639. Consta ficha de empréstimo com um total de 5 empréstimos entre o ano de 1968 a 1974. Carta à leitora ao final do livro e propaganda na contracapa: “As boas e as más traduções! As traduções, no Brasil, sempre tiveram má fama, e com razão. O mercantilismo ou a pressa dos editores sacrificava com más traduções as melhores obras da literatura universal. A Companhia editora Nacional também incorreu nessa falta, mas reagiu a tempo, e hoje os seus tradutores são escolhidos entre os maiores nomes das letras nacionais. O público precisa atentar nisso. Verifique se o livro adquirido é uma edição da Companhia Editora Nacional”. Não apresenta marginálias.



138

Noiva por Acaso. Léo Dartey. Não foi possível identificar o tradutor e título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 138. Companhia Editora Nacional. 1949.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma publicação em 1949.



139

Tecendo Sonhos. Myrtle Reed. Tradução de Lígia Junqueira. Título original A weaver of Dreams. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 139. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições a primeira em 1950 e a última em 1960.



140

Serenata. Myrtle Reed. Tradução de Sílvia Mendes Cajado. Título original, The master's violin. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 140. Companhia Editora Nacional. 1957. 191 p. 12x18.

Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1950 e a segunda edição em 1957. Teve 2 edições. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva e possui manchas do tempo. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” e da Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Possui etiqueta e número de tombo: R323s/568. Consta ficha de empréstimo com um total de 11 empréstimos entre o ano de 1961 a 1966. Não apresenta marginálias.



141

O Rosto nas Trevas. Myrtle Reed. Não foi possível identificar o título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 141. Companhia Editora Nacional. 1956.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições em 1951 e 1956.



142

Três Semanas de Amor. Elinor Glyn. Tradução de Paulo de Freitas. Título original, Three Weeks. Inglês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 142. Companhia Editora Nacional. 1955. 192 p. 12x18.

Notas: O romance foi escrito em 1907. Teve 3 edições sendo a última em 1955. A 1ª edição está incluída na Biblioteca da Mulher Moderna também da Companhia Editora Nacional. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada. A capa esta rasgada e apresenta deterioração do tempo. Etiqueta e número de tombo: G568t/481. Carimbo do IECG e da Livraria Universal, Rua Francisco Glicério, 1085. O cartão de empréstimo conta com 34 registros no período de 1958 a 1975. Apresenta inscrição em letra cursiva a lápis: Na última página anotada a tinta: bacana, simplesmente bom! Ótimo! Um estouro! Espetacular!!! Adorei mil! Adorável simplesmente. Inscrições em diferentes caligrafias.



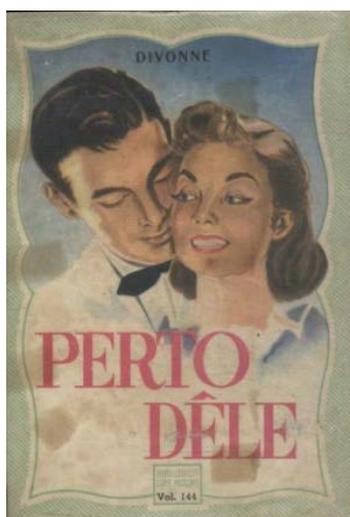
143

Tudo se paga. Elinor Glyn. Tradução de Manuel Bandeira. Título original The price of things. Inglês. 3ª.ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volumes 164a e 164b. Companhia Editora Nacional. 1956. 194p e 268p respectivamente. 12x18. Em 1956 foi publicado em dois volumes (164ae 164b).

Notas:

(Volume 1) O romance teve 3 edições na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foram encontrados os dois volumes. A capa do primeiro volume foi reforçada com fita adesiva e papel mais resistente. Traz carimbo do IECG e etiqueta de Tombo: G568t/270. Ficha com um total de 3 empréstimos entre 1970 e 1974. Dedicatória na primeira página: A Leda de Lígia Trefíglia.

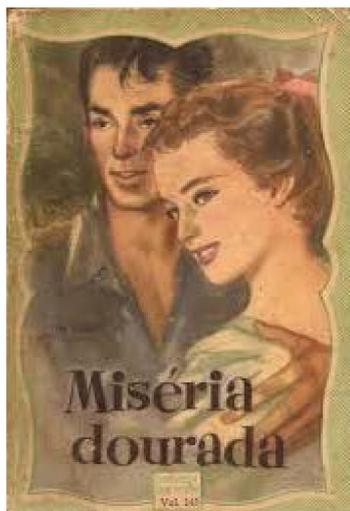
(Volume 2) Este exemplar recebeu reforço com fita adesiva. Carimbo carimbo do IECG. Etiqueta de Tombo: G568t /453. Ficha com um total de 16 empréstimos entre 1958 e 1961. Não apresenta marginais



144

Perto Dêle. Dyvonne. Traução de Pepita Leão. Título original Près de lui. Francês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 144. Companhia Editora Nacional. 1955. 206 p. 12x18.

Notas: O romance teve 2 edições, a primeira em 1929 e a última em 1955. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: D618p/433. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 20 empréstimos entre o ano de 1959 a 1974. Não apresenta marginais.



145

Miséria Dourada. M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original, Une Misère Dourée. Francês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 145. Companhia Editora Nacional. 1955. 160 p. 12x18.

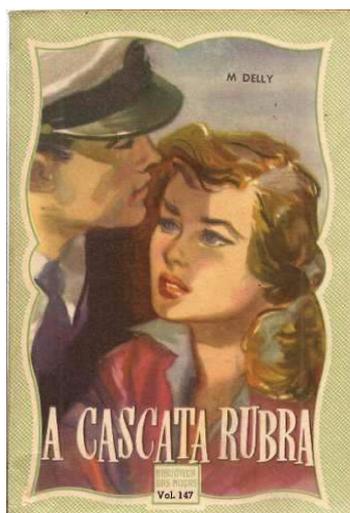
Notas: O romance foi publicado a primeira vez em 1955, a última de 1985, teve 3 edições. A segunda parte foi editada num segundo volume da coleção, denominado Marísia. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva apenas na lombada, está muito deteriorado por umidade e ação de fungos. Carimbo Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Possui etiqueta e número de tombo: D358m/507. Consta ficha de empréstimo com um total de 2 empréstimos no ano de 1975.



146

Marísia. M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original, Une Misère Dourée”. Francês. 6ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 146. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições em a primeira em 1955 e a última em 1985.



147

A Cascata Rubra. (1º parte do romance). M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original, Leshiboux Du noche rouges. Francês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 147. Companhia Editora Nacional. 1957. 206 p. 12x18.

Notas: O romance foi dividido em duas partes. A segunda parte recebeu o nome Lírio da montanha. Teve duas edições: 1955 e 1957. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: D357c/501. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 14 empréstimos entre o ano de 1958 a 1960. Não apresenta marginais.



148

O Lírio da Montanha (2º parte do romance). M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original, Leshiboux Du noche rouges. Francês. 2ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 148. Companhia Editora Nacional. 1957. 218 p. 12x18.

Notas: A segunda parte do romance recebeu esse nome.. A primeira parte recebeu o nome A Cascata Rubra. Teve duas edições: 1955 e 1957. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: D357e/502. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 16 empréstimos entre o ano de 1959 a 1975. Não apresenta marginálias.



149

Ondina. M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original, L'Ondine de Capdeuilles. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 149. Companhia Editora Nacional. 1955

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1985.



150

Um Sonho que Viveu. M. Delly. Tradução de Ligia Estrada. Título original de L'Ondine de Capdeuilles. . Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 150. Companhia Editora Nacional. 1955. 169 p. 12x18.

Notas: O romance teve 3 edições pela Companhia Editora Nacional, a 1ª edição foi em 1955 e a última em 1985. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada e laterais da capa. Apresenta etiqueta e número de tombo: D357/496. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. O cartão de empréstimo conta com 30 registros no período de 1958 a 1975. Não apresenta marginálias.



151

Elza. M. Delly. Tradução de Eugênia de Mello. Título original, *Le Mystere de Ker Even*. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 151. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1985.



152

Florita. M. Delly. Tradução de Eugênia de Mello e revista por Ligia Estrada. Título original, *Le Mystere de Ker Even*. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 152. Companhia Editora Nacional. 1955. 188 p. 12x18.

Notas: O romance teve 3 edições pela Companhia Editora Nacional. A 1ª edição em 1955, a última em 1985. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada laterais da capa. Apresenta etiqueta e número de tombo: D357f/c577. Carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, Carimbo da Livraria Nossa Casa. Rua G Osório, 1173. O cartão de empréstimo conta com 30 registros no período de 1961 a 1975. Não apresenta marginálias.



153

Castelo em Ruínas. M. Delly. Tradução de Eugênia de Mello. Título original, *Le Mystere de Ker Even*. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 153. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1985.



154

Corações Inimigos. M. Delly. Tradução de Lígia Estrada. Título original, Coeurs Ennemis. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 154. Companhia Editora Nacional. 1955.

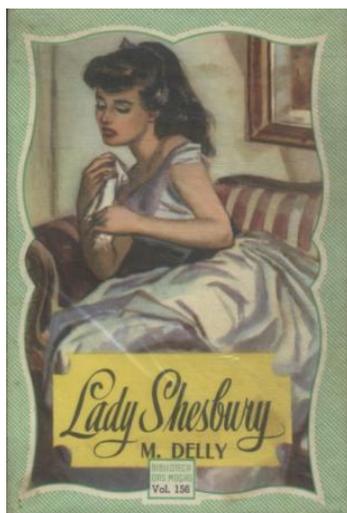
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1986.



155

Orietta. M. Delly. Tradução de Lígia Estrada. Título original Orietta. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 155. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1986.



156

Lady Shesbury. M. Delly. Tradução de Lígia Estrada. Título original Lady Shesbury. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 156. Companhia Editora Nacional. 1955.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve três edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1955 e a última em 1985.



157

O Sentimento do Amor. M. Delly. Tradução revista por Wanda de Aguiar. Título original, Le Fruit Mûr. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 157. Companhia Editora Nacional. 1956. 144 p. 12x18.

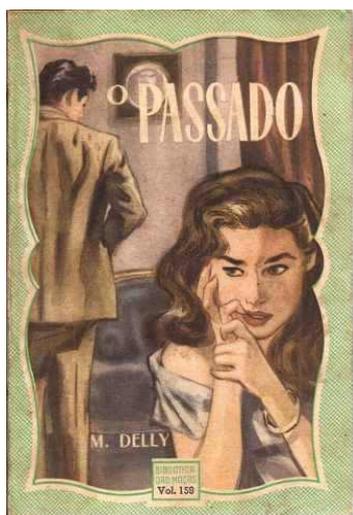
Notas: O romance teve 3 edições, a última em 1985. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada com fita adesiva na lombada. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: D357s/510. Consta a segunda ficha de empréstimo na capa com um total de 6 empréstimos entre o ano de 1959 a 1975. Não apresenta marginálias.



158

Mitsi. M. Delly. Tradução de Zara Pongetti. Título original Mitsi. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 158. Companhia Editora Nacional. 1956. 222 p. 12x18.

Notas: O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com reforço de fita adesiva na capa. Demonstra que foi muito manipulado. Não consta carimbo da instituição. Etiqueta e número de Tombo: D358n/675. Traz inscrição na primeira página no canto esquerdo superior: Maria Stella R Carvalhaes 5-6-56 (4). Etiqueta Bazar Luster – Rua Augusta São Paulo. No cartão constam 13 empréstimos no período de 1971 a 1975. Teve sua 1ª edição em 1956 e a última de 1987, 4 edições.



159

O Passado. M. Delly. Tradução de Zara Pongetti. Título original, Les Ombres. Francês. 3ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 159. Companhia Editora Nacional. 1955. 175 p. 12x18.

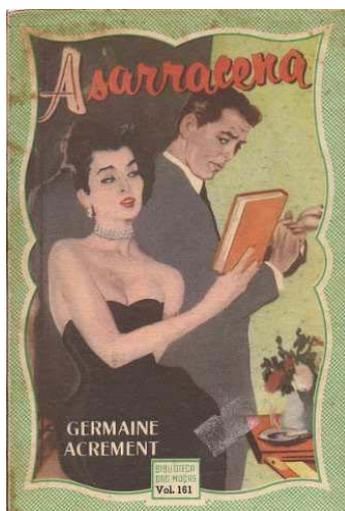
Notas: O romance teve 3 edições pela Companhia Editora Nacional. A 1ª edição em 1955, a última em 1985. O exemplar encontrado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” recebeu reforço de fita adesiva na lombada. Apresenta etiqueta e número de tombo: D357p/509. Carimbo do Instituto de Educação de “Carlos Gomes”. O cartão de empréstimo conta com 32 registros no período de 1958 a 1975. Não apresenta marginálias.



160

A Ausência. Henri Ardel. Tradução de L. Porto Carrero. Não consta título original. Inglês. 1ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 160. Companhia Editora Nacional. 1956. 175 p. 12x18.

Notas: O romance teve uma edição em 1956. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada e demonstra que foi muito manipulado. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tomo: A676/447. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 19 empréstimos entre o ano de 1958 a 1968. Não apresenta marginálias.



161

A Sarracena. Germaine Acrement. Tradução de Elias Davidovitch. Título original La Sarrasine. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 161. Companhia Editora Nacional. 1956.

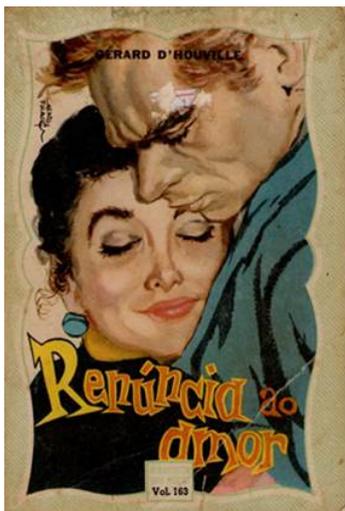
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1956.



162

Os Dois Amores. Henri Ardel. Tradução de Regina Régis. Não consta título original. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 162. Companhia Editora Nacional. 1957. 179 p. 12x18.

Notas: O título possui duas publicações não foi possível identificar a data da primeira edição. A última edição foi 1957. Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado a 2ª edição. A capa do exemplar recebeu reforço com fita adesiva nas bordas. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de Tombo: A676/482. Na capa consta ficha com um total de 31 empréstimos entre 1961 e 1975. Possui marcas a lápis na lista da coleção ao final do livro. Não apresenta marginálias.



163

Renúncia ao Amor. Gerard D'Houville. Tradução de Olga Biar Laino. Título original, Jeune Fille. Francês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 163. Companhia Editora Nacional. 1957.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1957.



164

A Segunda Mulher. E. Marlitt. Tradução de C. Carviglione. Título original, Die Zweite Frau, Alemão. 1ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volumes 164a e 164b. Companhia Editora Nacional. 1957. 189p e 187p respectivamente. 12x18.

Notas:

(Volume 1) Na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” foi encontrado o primeiro volume. Foi reforçado com fita adesiva nas bordas, mas parece ter sido pouco manuseado. Traz carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” e etiqueta de Tombo: M348s/454. Ficha com um total de 13 empréstimos entre 1959 e 1968. Não apresenta marginálias.

(Volume 2) O segundo volume também recebeu reforço com fita adesiva. Na folha de guarda recebeu o carimbo da Livraria Universal e na folha de rosto o carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Etiqueta de Tombo: M348s/455. Ficha com um total de 6 empréstimos entre 1959 e 1968. Não apresenta marginálias.



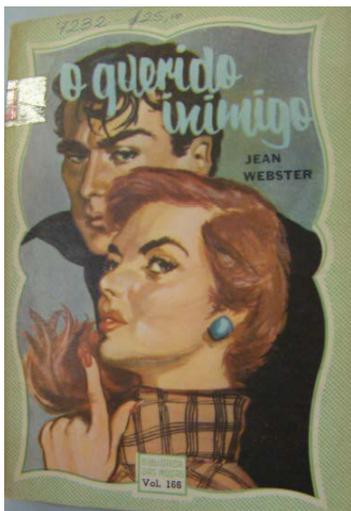
165

Ressuscitada pelo Amor. Elinor Glyn. Tradução de Alloy-Bobbe. Título original, Guinevere'slover. Inglês. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 165, 1º. e 2º. Volume. Companhia Editora Nacional. 1957. 162p e 179p respectivamente. 12x18.

Notas:

(Volume 1) A biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” possui os dois volumes. As capas estão reforçadas com fita adesiva nas bordas. O 1º. Volume traz carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” e etiqueta de Tombo: G568i/c563. Carimbo Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Traz 10 registros de empréstimos no período de 1961 a 1970. Não apresenta marginálias.

(Volume 2) O segundo volume recebeu reforço com fita adesiva. Na folha de guarda recebeu o carimbo da Livraria Nossa Casa. Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”. Etiqueta de Tombo: G568/564. Ficha com um total de 13 empréstimos entre 1961 e 1975. Não apresenta marginálias.



166

O Querido Inimigo. Jean Webster. Tradução de Monteiro Lobato. Título original Dear Enemy. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 166. Companhia Editora Nacional. 1957.

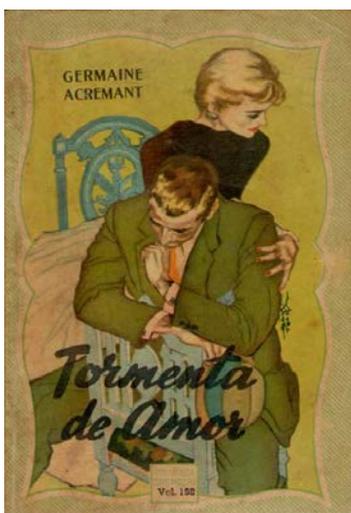
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da editora. O romance teve duas edições pela Companhia Editora Nacional, a primeira em 1934 e a segunda em 1957.



167

O Marido da Borracheira. Dyvonne. Tradução de Mário Sette. Não foi possível identificar o título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 167. Companhia Editora Nacional. 1957.

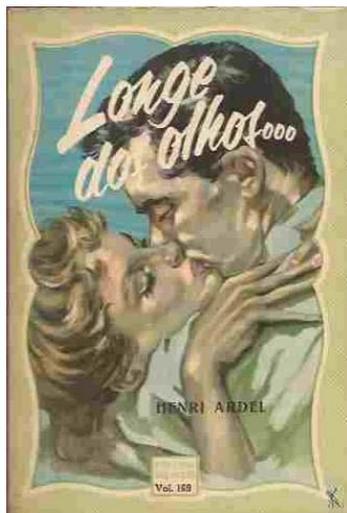
Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições pela Companhia Editora Nacional em 1930 e 1957.



168

Tormenta de Amor. Germaine Acremant. Tradução de Olga Biar Laino. Não foi possível identificar o Título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 168. Companhia Editora Nacional. 1957.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição pela Companhia Editora Nacional em 1957.



169

Longe dos Olhos. Henri Ardel. Myrian de Castro. Tradução de Myrian de Castro. Não consta título original. 2ª. ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 169. Companhia Editora Nacional. 1957. 134 p. 12x18.

Notas: O romance teve duas edições. Última edição em 1957. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa reforçada por fita adesiva na lombada, as bordas da capa estão fragmentadas. Não apresenta carimbo da instituição. Possui etiqueta e número de tomo: A6761/473. Consta ficha de empréstimo com um total de 40 empréstimos entre o ano de 1959 e 1975. Não apresenta marginálias.



170

Noiva Oficial. Berta Ruck. Não foi possível identificar o tradutor e o título original. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 170. Companhia Editora Nacional. 1958.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições. Não consta a data da primeira publicação, a última foi em 1958.



171

Fuga para o Amor. Berta Ruck. Tradução de Olga Biar Laino. Título original A wish a day. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 171. Companhia Editora Nacional. 1958. 239 p. 12x18.

Notas: O romance tem apenas uma publicação em 1958. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” está com a capa fragmentada, marcas do tempo e demonstra que foi muito manipulado. Não apresenta carimbo da instituição. Etiqueta e número de Tombo: R911f/435. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 15 empréstimos entre o ano de 1959 a 1968. Não apresenta marginálias.



172

A Luz Brilhará Outra Vez. Heloísa Hasperoy. 1ª ed. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 172. Companhia Editora Nacional. 1959. 206 p. 12x18.

Notas: O romance teve 1 edição em 1959. O exemplar localizado na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes” Apresenta carimbo do Instituto de Educação “Carlos Gomes” com etiqueta e número de tombo: A187c/427. Carimbo Livraria Nossa Casa, Rua G Osório, 1173. Consta ficha de empréstimo na capa com um total de 23 empréstimos todos no ano de 1961. Não apresenta marginálias.



173

Romance na Ribalta. Berta Ruck. Tradução de Olga Biar Laino. Título original Romance of a film star. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 173. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1960.



174

O Grande Dilema. Berta Ruck. Não foi possível identificar o tradutor e o título original. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 174. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1960.



175

Amar Sem Conhecer. Berta Ruck. Tradução de Lia Monteiro. Título original The Admirer Unknown. Inglês. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 175. Companhia Editora Nacional. 1960.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve apenas uma edição em 1960.



176

Rebecca de Sunnybrook. Kate Douglas Wiggin. Tradução de Agripino Grieco. Título original Rebecca of Sunnybrook Farm. Coleção Biblioteca das Moças. Volume 176. Companhia Editora Nacional. 1934.

Notas: Não foi localizado exemplar na biblioteca não circulante da E.E. “Carlos Gomes”. De acordo com os dados disponíveis no *site* da Companhia Editora Nacional o romance teve duas edições pela Companhia Editora Nacional a primeira em 1934 e a segunda em 1984. Na 1ª edição foi chamado “Sonho de Moça”.

Considerações finais – A “literatura de água doce”: uma cultura ordinária

Conforme apresentado ao longo do presente trabalho, os romances da Coleção Biblioteca das Moças estiveram sujeitos à mesma multiplicidade de usos que qualquer livro, após ser impresso, está sujeito. A Coleção passou por diferentes modalidades do ler de acordo com o leitor, ambiente ou época. Contudo, invariavelmente, foi tomada dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe deram sentido. Mais que a ampla divulgação realizada à moda Monteiro Lobato, através da chamada “psicologia comercial” de “soltar uma avalanche de papel sobre o público como se fosse droga de farmácia” (LOBATO, 1955, p. 298), verificou-se que a estratégia editorial, que realmente manteve o público ao longo das décadas, foi a atenção dada à variação do seu gosto. Inicialmente, dentro da mesma geração de leitoras e, posteriormente, ao atentar às transformações ocorridas à medida que novas gerações renovavam o público das décadas anteriores.

Com base nessa proposta editorial, que foi idealizada na emergência de um mercado consumidor em expansão, estimulada pela conquista, manutenção e renovação de um público consumidor, a Coleção Biblioteca das Moças pode ser considerada um empreendimento editorial bem sucedido. Com a estratégia de atender a um público determinado e passando por

uma contínua renovação, mediante a publicação de títulos já consagrados e mesmo títulos novos, os editores conseguem fidelizar seu público.

Apesar da promessa feita pelos editores da Coleção ser “a melhor e mais criteriosa publicação em nossa língua, com edição caprichada, capa a cores e traduções selecionadas. Belíssimos romances de pura e sã leitura” (LANG, 2008), os editores precisavam mantê-la entre as preferidas do público feminino. Procurando conservar o interesse desse público, os editores da Companhia investiram em publicações que questionam, mesmo que de forma velada, valores e padrões de comportamento vigentes na época. Desse modo, a Companhia conseguiu atender às inovações demandadas por seu público e evitar críticas e questionamentos à qualidade das publicações que oferecia.

Não foi possível precisar se sua aquisição ocorreu por solicitação das alunas ou iniciativa do Instituto e sua biblioteca. Mas, ao encontrar espaço no rico acervo do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, na década de 1950, a Coleção não só agradou às leitoras dessa década como conquistou leitoras nas décadas de 1960 e 1970.

A abordagem inicialmente proposta, a saber, de que a Coleção Biblioteca das Moças ofereceria uma leitura com vistas à prescrição de normas de comportamento, em consonância com o ideário de formação de mulher, foi se dissolvendo à medida que os vestígios concretizavam os dados para a análise. Primeiramente foi posto em dúvida se esses romances eram lidos apenas por normalistas por estarem em uma instituição que oferecia diversos curso de formação; depois, se eram lidos apenas por mulheres e ainda se a Coleção era composta exclusivamente por “leituras puras e sãs”. Essa diluição das certezas mostrou-se potencialmente interessante à medida que redirecionou a pesquisa para o trabalho com períodos convergentes e particularidades presentes tanto na produção dos romances, quanto na diversidade das “possíveis leitoras” a serem rastreadas.

Os períodos convergentes na pesquisa compreenderam os anos de 1926 a 1948, período de constituição da Coleção e publicação de seus primeiros exemplares, seguido do período das edições localizadas na biblioteca da antiga Escola Normal de Campinas, entre 1949 e 1960; a ocasião em que a escola funcionou como Instituto de Educação “Carlos Gomes” ancorou essas práticas de leitura em um lugar; a aproximação das “leitoras de carne e osso”, através dos registros nos cartões de empréstimos e relatos das memórias de leitura das ex-alunas, ficou estabelecido entre 1957 e 1975. Dessa maneira, a pesquisa não ficou presa a um período específico, mas operou *deslocamentos*, concentrando-se em determinado momento de acordo com a exigência da pista investigada. O “rigor flexível” proposto por Ginzburg (1989,

p. 151-154) demonstrou ser uma escolha acertada, tendo em vista a necessidade de trabalhar com base nos vestígios, sem invalidar intuições e suspeitas que foram surgindo durante o percurso da pesquisa.

A exigência em lidar com períodos distintos, mas convergentes, demonstrou a capacidade de renovação das práticas e *artes de fazer* das “leitoras rastreadas”, demandando a mobilização de novos conceitos, métodos e categorias para análise de cada reinvenção encontrada. Essa “leitora rastreada” pertence à mesma comunidade de leitores da “leitora pretendida”. Contudo, cada uma encerra singularidades específicas de acordo com o período, valores vigentes e preferências, exigindo, então, a busca por aportes teóricos que atendessem aos questionamentos que se apresentavam em cada singularidade.

Em meio às particularidades levantadas, a contraposição entre a “leitora pretendida” pela estratégia editorial, a longevidade dessa coleção e a renovação de seu público, através das décadas, encorajou o rastreamento dessa “possível leitora”, acreditando que havia motivos a serem considerados e, eventualmente, ainda não encontrados. Nesse momento da pesquisa, diante da suspeita de que tais romances poderiam conter algo além de uma “literatura de água doce”, com o “dedo de Deus” ao final, foram verificadas as “rotas de fuga” criadas pelas autoras para conseguir alguma liberdade em sua produção, aceitação de seus romances pelos editores e críticos e, ainda, para sobreviver da literatura que produziam e, com alguma sorte, conquistar “um teto todo seu”.

Essa particularidade foi identificada a partir dos romances que apresentavam personagens desviantes do padrão da mocinha romântica. Eram escritos por autoras com comportamentos distintos dos preconizados pelas normas de bom comportamento e exaltados pelos editores da Coleção em suas propagandas. A partir desse momento da pesquisa, as leitoras passam a dividir a cena com as autoras. Até então, o investimento de compreensão dos modos de produção dos romances estava circunscrito à produção editorial da Companhia Editora Nacional. Por isso, a compreensão da produção do texto trouxe à tona questões implícitas tanto no enredo dos romances, por meio de suas personagens, quanto na trajetória de suas autoras e atuação das mesmas diante das questões de autonomia e reinvenção de uma identidade feminina.

Foi desse modo que Jane Claire, Miss Brown, Pollyana, dentre outras personagens, ajudaram a encontrar as rotas para a continuidade do trabalho; indicaram peculiaridades de suas autoras e, mediante os empréstimos dos romances que contavam suas histórias, trouxeram

aproximadamente 360 “leitoras rastreadas”, as quais não tiveram seus nomes identificados, mas indicaram seus percursos através dos vestígios e memórias de suas leituras.

As autoras, por meio de suas trajetórias de vida e de suas obras, indicaram que, se a “leitura é uma operação de caça”, elas poderiam criar “rotas de fuga” para fazer da escrita seu ofício. Mulheres produtoras, consumidoras ou personagens da ficção, através de suas transgressões às normas estabelecidas, matizaram uma história que se propunha ser uma história da leitura com uma história das mulheres.

As rotas indicadas pela “leitora rastreada” mostraram formas de circulação e apropriação dessa Coleção e a produção de sentidos singulares a partir das representações associadas ao *consumo* desse bem cultural. Dessa maneira, a produção da Coleção demonstrou ser conforme aponta Certeau (1996), uma “produção secundária”, que inventa novas maneiras de utilizar os produtos impostos mediante as astúcias anônimas das *artes de fazer* e viver numa sociedade de consumo. Igualmente, astúcias presentes na produção das autoras, visíveis através do esforço empreendido em abordar questões significativas para si, repensar a sociedade tratando questões éticas e morais e, ainda, assegurar que seu trabalho fosse respeitado.

Todo o movimento do estudo apontou para a importância desses romances como forma de posicionamento das autoras diante da condição da mulher; a possível identificação das leitoras com as personagens ali representadas; as contribuições que esses romances trouxeram para construção da identidade de suas leitoras; e, ainda, os romances como objeto aglutinador de interesses comuns, proporcionando momentos de sociabilidade entre as alunas durante seu *caquetoir*. Apesar dessa constatação, ficou igualmente aparente o fato de, na biblioteca da Instituição, esses romances ocuparem, comparativamente aos demais livros do acervo, um lugar de pouca importância.

Dividiam as preferências das leitoras com coleções similares como: Coleção Rosa, Coleção das Senhoritas, Coleção Branca, Coleção Menina Moça e, ainda, com os romances da Condessa de Ségur. Contudo, na biblioteca de uma Instituição reconhecida e considerada como o lugar do conhecimento, os livros que eram investidos pela “ficção do ‘tesouro’ escondido na obra, cofre-forte do sentido” (CERTEAU, 1996, 266) eram os clássicos da literatura universal, manuais pedagógico, compêndios e livros que compunham outras coleções como *Atualidades Pedagógicas*; a *Biblioteca de Educação*; as *Obras Completas de Lourenço Filho*, entre tantas outras que compõem seu acervo.

Ao considerar que a biblioteca do Instituto tinha normas rígidas de utilização dos livros, as marcas de uso e inscrições feitas pelas alunas nos exemplares da Coleção Biblioteca

das Moças, bem como a possibilidade de retirada desses romances da biblioteca, permite inferir que não eram tratados do mesmo modo e com as mesmas restrições de uso dos demais livros. Possivelmente, os romances escapavam às relações de forças estabelecidas entre os alunos, professores e as normas da biblioteca. Mesmo sendo uma biblioteca escolar, essa relação aproxima-se da relatada por Chartier (1999) ao pesquisar bibliotecas privadas e suas funções dentro da vida das pessoas. Em seu estudo, o autor demonstrou que as bibliotecas eram, antes de tudo, espaços para conservar os livros e textos, aliando a isso certa ostentação social.

Os romances das coleções “literatura de água doce”, dentro da biblioteca do Instituto “Carlos Gomes”, pertenceriam a uma leitura ordinária. Sua leitura não precisava ser legitimada, nem apresentar um sentido único a ser conferido por outro, o professor, por exemplo. Nesse aspecto, o ato de ler na escola é transformado num ato curioso, ao considerar que o professor, como aquele que tem a leitura como objeto de sua prática de ensino, detém, muitas vezes, o poder de atribuir o sentido correto à leitura do texto, destituindo do aluno o direito de habitar, ele próprio, o texto que lê.

Ao entrar na vida adulta, as demandas de leitura voltam-se para as necessidades da profissão e as revistas e manuais especializados ocupam até mesmo as horas que seriam vagas. Essa leitura instrucional é feita de modo diferente daquela da escola acompanhada pelo professor, uma vez que a busca por modelos e informações, nesse caso, está relacionada à instrumentalização para atuação profissional. As histórias de amor anteriormente lidas nos romances passam a dividir espaço com as histórias vividas, indicando que, se para a Instituição esses romances não eram investidos de importância, aos poucos também perdiam espaço para outras leituras na vida de suas, até então, fiéis leitoras.

Se a presente tese analisou as práticas de leitura da Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes” a partir da metáfora de caça a essa leitora furtiva, essa metáfora cresceu em sentido à medida que a leitura passou a mostrar-se “sempre apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1999). Da mesma forma que toda história da leitura deve considerar a liberdade que o leitor possui em deslocar e subverter o que o livro, ou o texto, pretende lhe impor. Contudo, essa liberdade está cercada por limitações, derivadas das constantes transformações que alteram essas práticas de leitura de acordo com os tempos e os lugares, oferecendo novos suportes e sentidos para sua leitura.

A “leitora rastreada” mostrou-se ainda mais fugidia na tentativa de alcançar as *táticas* presentes em seu cotidiano. Por mais que houvesse o distanciamento e a retomada dos questionamentos de uma forma oblíqua como proposto por Ginzburg (1989), ficava cada vez

mais evidente que faltavam abordagens realmente adequadas para atender às exigências que a pesquisa se impunha. Dificuldade expressa por Certeau e seus colaboradores ao produzirem os trabalhos sobre *A invenção do cotidiano* (1996). Para os autores, faltam-nos categorias e metodologias mais adequadas para o desenvolvimento deste tipo de análise. Na busca de estratégias metodológicas que possibilitassem a continuidade da pesquisa, sugerem que, nesses casos, devemos voltar-nos para os trabalhos da memória, para o oral e suas operações.

Ao escrever *A função do leitor/1*, Eduardo Galeano relata uma experiência vivida por tantos leitores através de Lúcia Peláez. Quando pequena, Lúcia roubou um romance da biblioteca que deixava escondido sob o travesseiro para ler à noite. Lúcia cresceu e muito caminhou enquanto passavam os anos. Ao longo desse caminhar, ela era acompanhada pelos “ecos daquelas vozes distantes que ela tinha escutado, com seus olhos, na infância. Lúcia não tornou a ler aquele livro. Não o reconheceria mais. O livro cresceu tanto dentro dela que agora é outro, agora é dela” (GALEANO, 2002, p. 14).

Caminhar, caçar, habitar... essa foi a compreensão dada às práticas de leitura aqui investigadas. Todo o esforço foi de tornar tratável um tema tão fugidio e fundamental (CERTEAU, 1996, p. 37) acreditando que mesmo “o desejo de ler, como todos os outros desejos que distraem nossas almas infelizes, é capaz de análise” (WOOLF, 1923). Através deste percurso, ficam indicados caminhos possíveis para futuras análises. Ao fim do trabalho, permanece a intenção de contribuir com uma história da leitura que considere as *artes de fazer* daqueles que caminham, caçam e habitam lugares provisórios. E, se não há garantias contra o desgaste do tempo que a leitura sofre, existem algumas possibilidades de buscar o que se passou nesse paraíso perdido.

Fontes

ABBOTT, Jane. **Dúvidas de um coração**. Tradução de Lígia Junqueira Smith. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 221 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 106).

ACREMANT, Germaine. **Casar é bom**. Tradução de Godofredo Rangel. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954. 206 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 101).

ACIGARRA. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/hemeroteca_digitalizado.php?periodico=ano&campoAno=1950&campoTitulo=Cigarra>. Acesso em: 15 jan. 2013.

ANNUARIO do Ensino do Estado de São Paulo (1935-1936). Secretaria da Educação e da Saude Publica. São Paulo: Tip. Siqueira, 1936.

ARDEL, Henri. **O primo Guy**. Tradutor n/c. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954. 186 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 76).

_____. **Sozinha**. Tradução Revista por Ênio Almeida. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 237 p. (2 exemplares) (Coleção Biblioteca das Moças, v. 47).

_____. **Abandonada**. Tradução revista por Paulo Freitas. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956a. 182 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 27).

ARDEL, Henri. **A ausência**. Tradução de L. Porto Carrero. São Paulo: Ed. Nacional, 1956b. 215 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 160).

_____. **Longe dos olhos...** Tradução de Myrian de Castro. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957a. 134 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 169).

_____. **Os dois amores**. Tradução de Regina Régis. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957b. 179 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 162).

BARCLAY, Florence L. **Enquanto é tempo de amar**. Tradução de Godofredo Rangel. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954. 164 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 133).

_____. **A castelã de Shenstone**. Tradução Revista por Candido de Amaral Branco. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 187 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 46).

BRAME, Charlotte Mary. **Arremessada ao mundo**. Tradução de Dieno Castanho. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955a. 172 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 35).

_____. **Sacrificada**. Tradução de Lígia Junqueira Smith. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955b. 203 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 83).

_____. **Louco amor**. Tradução de Luiz Amaral. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 179 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 2).

CHANTEPLEURE, Guy. **Beijo ao luar**. Tradução n/c. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 204 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 13).

_____. **A noiva**. Tradução de Theobaldo Sirginde. 8. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956a. 262 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 12).

_____. **A passageira**. Tradução n/c. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956b. 358p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 45).

CHRISTIE, May. **Amor proibido**. Tradução revista por Paulo de Freitas. Tradução n/c. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 266 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 57).

DELLY, M. **Freirinha**. Tradução de Ernani R. de Lima. 10. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1953. 206 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 61).

DELLY, M. **Meu vestido cor do céu.** Tradução de Tito Marcondes. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954a. 172 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 67).

_____. **A vingança de Ralph.** Tradução de Lila Carvalho. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954b. 233 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 130).

_____. **No silêncio da noite.** Tradução de Tito Marcondes. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955a. p. 264. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 86).

_____. **Miséria dourada.** Tradução de Ligia Estrada. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955b. 160 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 145).

_____. **A cascata rubra.** Tradução de Ligia Estrada. São Paulo: Ed. Nacional, 1955c. 142 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 147).

_____. **O lírio da montanha.** Tradução de Ligia Estrada. São Paulo: Ed. Nacional, 1955d. 148 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 148).

_____. **Um sonho que viveu.** Tradução de Ligia Estrada. São Paulo: Ed. Nacional, 1955e. 169 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 150).

_____. **Florita.** Tradução de Eugênia de Mello e revista por Ligia Estrada. São Paulo: Ed. Nacional, 1955f. 188 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 152).

_____. **O sentimento do amor.** Tradução revista por Wanda de Aguiar. São Paulo: Ed. Nacional, 1956a. 144 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 157).

_____. **Mitsi.** Tradução de Zara Pongetti. São Paulo: Ed. Nacional, 1956b. 222 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 158).

_____. **O passado.** Tradução de Zara Pongetti. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956c. 175 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 159).

_____. **Foi o destino.** Tradução de A. Bernard. 8. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 223 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 73).

DYVONNE. **Perto d'êle.** Tradução de Pepita Leão. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 171 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 144).

DYVONNE. **O rapto de Jadette**. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. 184 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 18).

FERBER, Edna. **Mamãe sabe o que faz**. Tradução de Lígia Junqueira. São Paulo: Ed. Nacional, 1940. 239 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 72).

FLOWER, Guy. **O amor nunca morre**. Tradução de Azevedo Amaral. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 238 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 5).

FOLEY, Charles. **Pupila sem tutor**. Tradução de Godofredo Rangel. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. 156 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 75).

GAYE, Carol. **Amor fiel**. Tradução de Beatriz de Vicenzi. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1959. 219 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 137).

GLYN, Elinor. **O it**. Tradutor Godofredo Rangel. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954a. 138 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 78).

_____. **Cegueira de amor**. Tradutor n/c. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1954b. 149 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 96).

_____. **Diário de uma aristocrata**. Tradução de Tati A. de Mello. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955a. 216 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 54).

_____. **Três semanas de amor**. Tradução de Paulo de Freitas. 3. ed. Companhia Editora Nacional. 1955b. 192 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 142).

_____. **O diário de Evangeline**. Tradução de Tati A. de Mello. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956a. 166 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 30).

_____. **Tudo se paga**. Tradução de Manuel Bandeira. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956b. 194 p. e 268 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 164a, 164b).

_____. **Ressuscitada pelo amor**. Tradução de Alloy-Bobbe. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 162 p. e 179 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 165, 1º e 2º).

_____. **Por quê?** Tradução de Paulo de Freitas. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1960. 305 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 7).

HASPEROY, Heloísa. **A luz brilhará outra vez...** Tradução n/c. São Paulo: Ed. Nacional, 1959. 223 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 172).

HUMPHRIES, Adelaide. **Glória incerta.** Tradução de Wilson Velloso. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. 179 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 117).

JORNAL DAS MOÇAS, divulgação Coleção Biblioteca das Moças. 3 out. 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1935_01059.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013.

JORNAL DAS MOÇAS, divulgação Coleção Biblioteca das Moças. 20 ago. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/111031/per111031_1936_05089.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2013.

KERR, Sophie. **Mulher sem alma.** Tradução de Lígia Junqueira. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 226 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 90).

KLAXON. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/node/75>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

MARLITT, E. **A segunda mulher.** Tradução de C. Carviglione. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 189 p. e 187 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 164a, 164b).

MERREL, Concórdia. **Casamento de experiência.** Tradução de Oliveira Ribeiro Neto. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955a. 240 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 11).

_____. **O homem sem piedade.** Tradução de Mário Sette. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955b. 212 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 41).

_____. **A maltrapilha.** Tradução de Jairo Augusto Miranda. 8. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955c. 245 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 62).

_____. **Casada por dinheiro.** Tradução de Mário Sette. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957a. 199 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 44).

_____. **A sétima miss Brown.** Tradução de Tati A. de Mello. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957b. 186 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 77).

MERREL, Concórdia. **Adão e algumas**. Tradução de Tati A. de Mello. 4. ed. (1º. e 2º. Volume). São Paulo: Ed. Nacional, 1957c. 189 p. e 179 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 88, 1º e 2º).

MONTGOMERY, L. M. **Anne Shirley**. Tradução de Yolanda Vieira Martins. 3. ed. Paulo: Ed. Nacional, 1956. 146 p. e 155 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 65, 1º. e 2º).

O CRUZEIRO. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

O QUE se lê em São Paulo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 3 jul. 1920, Estadinho. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19200703-15152-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

PORTER. Eleanor H. **Pollyana**. Tradução de Monteiro Lobato. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. 190 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 88).

REED, Myrtle. **Cinzas do passado**. Tradução de Godofredo Rangel. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 191 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 56).

REVISTA FEMININA. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6189>>. Acesso em: 6 de jun. 2014.

RUCK, Berta. **A solteirona**. Tradução de B. Ribeiro. São Paulo: Ed. Nacional, 1945 e 1951. 236 p. (2 exemplares). (Coleção Biblioteca das Moças, v. 116).

_____. **Sorte em amor**. Tradução de Ruth Melo. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955a. 172 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 33).

_____. **A ladra**. Tradução de Caio Rangel. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955b. 269 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 63).

_____. **Torneio de valsas**. Tradução J. Carvalho. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955c. 279 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 102).

_____. **Cavadora de ouro**. Tradução de Tito Marcondes. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956a. 195 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 100).

_____. **Amor subconsciente**. Tradutor n/c. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956b. 191 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 128).

RUCK, Berta. **Apuros de uma rica**. Tradução de Ruth Mello. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957a. 186 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 55).

_____. **Estranha lua de mel**. Tradução de Anita Martins de Souza. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957b. 142 p. e 1952 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 103).

_____. **Fuga para o amor**. Tradução de Olga Biar Laino. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. 239 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 171).

SANDYS, Oliver. **A pequena da Casa Sloper**. Tradução de Paulo Freitas. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 255 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 94).

SOUTHWORTH, Emma. **A sogra**. Tradução de Oliveira Ribeiro Neto. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 240 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 21).

TRILBY, T. **Um coração entre flores**. Tradução revista por Godofredo Rangel. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 196 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 71).

WENTWORTH, Patrícia. **Herança inesperada**. Tradução de B. Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. 236 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 101).

WIRTA, Guy. **Nina Rosa**. Tradução de Pepita de Leão. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1955. 213 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 4).

_____. **A soberana**. Tradução de Leontina Licínio Cardoso. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. 206 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 127).

WOOD, Mrs. Enry. **O pecado de lady Isabel**. Tradução de Lígia Junqueira Caiuby. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. 144 p. (Coleção Biblioteca das Moças, v. 53).

Cartões de empréstimo de livros da Biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes”.

Referências

ABREU, Marcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas-SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

_____. **Os caminhos dos livros**. Campinas-SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleção Histórias da Leitura).

_____. **Cultura letrada no Brasil**. Objetos e práticas. Campinas-SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005.

_____. (Org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

AGASSIZ, Luís; CARY, Elizabeth. **Viagem ao Brasil**. 1865 - 1866. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros). Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1048>> Acesso em: 03/06/2015.

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Livro das donas e donzelas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926a.

_____. **Livro das noivas**. Ilustração de E. Casanova. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1926.

AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. O romance de educação na história do realismo. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 223-276.

_____. **Questões de literatura e de estética** – a teoria do romance. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

BASSANEZI, Carla Beozzo. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Miller. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

_____. **A força das coisas**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo, SP: T. A. Queiroz, 1989.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato**. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina. São Paulo: Summus, 2009.

BÜRIGO, Elisabete Z. **Movimento da matemática moderna no Brasil: estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60**. 1989. (Dissertação de Mestrado) FE/UFRGS, Porto Alegre, 1989.

CALADO, Eliana Aldo de Freitas. Literatura como projeto existencial: a trajetória de escritora de Simone de Beauvoir em sua narrativa autobiográfica. **Revista Graphos**. João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 56, 2011.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

_____; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHO, Marta M. C. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cyntia Pereira de; CATANI, Denice Barbara (Org.). **Práticas educativas, culturas escolares profissão docente**. São Paulo, 1998. p. 31-41.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1962. v. 1, 2.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 1: Artes de fazer.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura (1880-1890)**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. **Rev. Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 17, nov. 1998. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/11107/8151>. Acesso em: 19 abr. 2014.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan.-abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun.** Tradução Reginaldo C. de Moraes. São Paulo: Edunesp; Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

_____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Ed. UNESP, 2002a.

_____. **À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002b.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** Tradutor: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP. 2004.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura.** Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 77-105.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental 2.** São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Múltiplas Escritas).

CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges (Org.). **História do Corpo: mudanças do olhar – o século XX.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly.** 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo, SP, 1995.

_____. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Uma biblioteca anotada.** Caminhos do leitor no acervo de livros escolares no Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60/século XX). Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado; UDESC, 2009.

_____. Rastros de leituras: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 18-27, jan.-abr. 2012.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 199-236.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 143-176.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1954. 2. v.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo, SP: Planeta, 2011.

_____; BASSANEZI, Carla (Coaut.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2001.

EL FAR, Alessandra. O universo da literatura popular. In: **Páginas de sensação – literatura popular e pornografia no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ESCOLANO BENITO, Agustín. (Dir). **Historia ilustrada del libro escolar en España**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998. v. 1: Del Antiguo Régimen a la Segunda República. 1997, v. 2: De la posguerra a la reforma educativa.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Las culturas escolares del siglo XX: Encuentros y desencuentros. In: **Revista de Educación**, nº extraordinário, p. 201-218, 2000.

_____. **El pensil de las niñas**. La educación de la mujer. Invención de una tradición. Madrid: EDAF, 2001.

_____. Patrimônio material de la escuela e historia cultural. **Revista Lineas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul.-dez. 2010.

FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida em “retrato e prosa”: a propósito dos diálogos entre as imagens da escritora e sua produção literária. **Cadernos Pagu**, v. 41, p. 159-199, jul.-dez. 2013.

FERNANDES, Rogério. Cultura de Escola: entre as coisas e a memória. In: Menezes, MC. (Org.). Dossiê: Cultura escolar e cultura material escolar: entre arquivos e museus. **Proposições**, Campinas: FE/UNICAMP, v. 6, n. 1, jan.-abr. 2005.

FERRARESI, Carla Miucci. **Papéis normativos e práticas sociais**: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920. 2007. 217 p. Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; LIMA, Alceu Amoroso (Coaut. de). **O Romance brasileiro**: de 1752 a 1930. Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1952.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino no Brasil. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

GERASSI, John. **O segundo sexo 25 anos depois**. Entrevista com Simone de Beauvoir. Extraído (e traduzido) de Languages at Southampton University. 1976. Disponível em: <http://www.wagnercampelo.com/simonedebeauvoir/artigos_p02.htm>. Acesso em: 19 maio 2015.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Nenhuma ilha é uma ilha**. Quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, Fernando A; SILVA, Rogerio Forastieri (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. v. 1.

GUIMARÃES, Alaôr Malta. **Campinas em 1955**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 1955.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1985.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de Sentidos na Educação. **Educação: Teoria e Prática**. v. 18, n. 30, jan.-jun. 2008, p. 95-105.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

_____. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, A.; MACEDO, E. (Org.) **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Trad. Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. **A Formação de professores nos Institutos de Educação do Estado de São Paulo (1933-1975)**. Arte e Ciência. São Paulo. 2009.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitoras**. São Paulo, SP: UNESP, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

LANG, Cíntia da Silva. **De moças (1926-1960) a Ex-moças (1983-1987)** Representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, PUC, São Paulo-SP, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1955. t. 1, 2.

LOURENÇO FILHO, M. B. “Um inquérito sobre o que os moços leem”. **Educação**, SP: Diretoria da Instrução Pública da Sociedade de Educação de São Paulo, v. 1, n. 1, out. 1927.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENEZES, M. C. (Org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____. A escola e a sua materialidade: o desafio do trabalho e a necessidade da interlocução. **Pro-posições**. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da Unicamp, v. 16, n. 1 (46), p. 13-18jan.-abr. 2005.

_____. O arquivo escolar: lugar da memória, lugar da história. **Horizontes**, Bragança Paulista, SP: EDUSF, v. 23, n. 1, p. ?, jan/jun. 2005.

_____. (Coord.). **Inventário histórico documental**. Escola Normal de Campinas (1903-1976): De Escola Complementar a Instituto de Educação. Campinas. SP: FE/UNICAMP, 2009.

_____. O mapeamento de uma biblioteca de formação de professores. In: **Anais - VI Congresso Brasileiro de História da Educação, SBHE/UFES, 2011, Vitória/ES**. VI Congresso Brasileiro de História da Educação, SBHE/UFES, 2011. p. 1-13.

_____. Patrimônio histórico educativo: experiências de preservação em acervos paulistas. In: **Patrimônio, currículos e processos formativos memórias e história da educação profissional**. São Paulo: Centro Paulo Souza. 2012.

_____. O arquivo histórico em seu local de origem: Universidade/Escola Pública em prol da preservação do patrimônio histórico-educativo. In: **JORNADAS CIENTÍFICAS DE LA**

SOCIEDAD ESPAÑOLA PARA EL ESTUDIO DEL PATRIMONIO HISTÓRICO EDUCATIVO, 6. 2014, Madrid. **Anais. Madrid**, 22-24 out. 2014.

MORETTI, Franco (Org.). **O romance**. Tradução de Denise Guimarães Bottmann. São Paulo, SP: CosacNaify, 2009.

MOTTA, Antonio (Coaut.); AZEVEDO, Thales de. **O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos da vida**. Recife, PE: Massangana; Fundação Joaquim Nabuco, 2004.

NASCIMENTO, Terezinha A. Quioto Ribeiro do. A formação do professor primário no Estado de São Paulo: a Escola Normal de Campinas. In: NEGRÃO, Ana Maria Melo et al. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, UNICAMP, 1999. (Coleção Campiniana, 20).

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, n. 4, p. 6-10, 2009.

_____. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: EDUC, n. 10, p. 7-28, 1993.

NOVAIS, Fernando Antonio (Coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.

NÓVOA, A; SCHRIEWER, J. (Ed.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 1999.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta M. Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. **Cadernos Anped**, n. 5, p. 7-64, 1993.

OLIVEIRA, Lúcia Helena; GATII JR, Décio. História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. **Cadernos de História da Educação**, v. 1, n. 1, jan.-dez. 2002.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**. A censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

PEIXOTO, Afrânio. **Ensinar a ensinar**: ensaios de pedagogia aplicada a educação nacional. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1923.

_____. **A educação da mulher**. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1936.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. **A Escola Normal de Campinas no período 1920-1936: práticas e representações**. 2003. 158p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000298927>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. Utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998

_____. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURINI, Gustavo; OLIVEIRA, Sueli de. (Org.). **A mulher no espaço público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro, 1960-1990**. São Paulo: COMARTE; FAPESP, 1996.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. t. 1.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). **Depois da utopia: a história oral em seu tempo**. São Paulo, SP: Letra e Voz; FAPESP, 2013.

SÃO PAULO. Decreto n. 5. 884, de 21 de abril de 1933. **Código de Educação do Estado de São Paulo**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1933. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto-5884-21.04.1933.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Eva Cristina Leite da. **Os registros da Escola Normal, Brasil, Portugal: histórias, memórias e práticas de escrituração no início do século XX**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas: SP, 2010.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Simmel: Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, pp.165-181.

_____. **Filosofia do amor**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIRINELLI, François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). **Por uma nova história política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SITI, Walter. O romance sob acusação. In: MORETI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Trad. Denise Baltmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 165-195.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976)**. 2006, 367 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera T. (Org.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; UNESP, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TOLEDO, Maria Rita de A. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931-1982). São Paulo: PUCSP, 2001. 295f. Tese (Doutorado em Educação). EHPS, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TOLEDO, Maria Rita de A. Traduções culturais do livro *Como pensamos*, da Coleção Atualidade Pedagógicas (1933-1981). **Hist. Educ.** (online), Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 57-78, jan.-abr. 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. São Paulo: Abril Cultural, 2011.

_____. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga (Org.). **Tudo no feminino**: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

ZILBERMAN, Regina. Leitoras de carne e osso: a mulher e as condições de leitura no Brasil do século XIX. **Revista Estudos Literários**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 31-47, out. 1993.

Acervos e instituições

Biblioteca Central Cesar Lattes da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.

Biblioteca Nacional da Espanha, Comunidade Autónoma de Madrid, Espanha.

Biblioteca Pública Municipal Prof. “Ernesto Manoel Zink”, Campinas, SP, Brasil.

Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), Campinas, SP, Brasil.

Centro de Investigación MANES, Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) Comunidade Autónoma de Madrid, Espanha.

Centro de Memória Unicamp (CMU), UNICAMP, Campinas, SP, Brasil.

Centro Internacional de la Cultura Escolar, Berlanga de Duero, Soria, Espanha.

Escola Estadual “Carlos Gomes”, antigo Instituto de Educação “Carlos Gomes”, Campinas, SP, Brasil.

Museu da Imagem e do Som de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Sites pesquisados

Acervo da Companhia Editora Nacional. Disponível em: <<http://www.ednacional-acervo.com.br>>

Acervo do Jornal Estadão. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br>>

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.arquivoestado.sp.gov.br>

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/>>

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/>>

Biblioteca Digital Unesp. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/>>

Biblioteca Nacional de España. Disponível em: <<http://www.bne.es/es/Inicio/index.html>>

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br>>

Biblioteca Pública Municipal “Professor Ernesto Manoel Zink”. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/bibliotecas/ernesto-zink.php>>.

Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA). Disponível em: <<http://ccla.org.br/sobre-o-ccla/>>

Centro de Memória Unicamp. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br>>

Memória Viva. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>>

Museus de Campinas. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo>>

Pró-Memória de Campinas. Disponível em: <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/12/curiosidades-casas-comerciais-em-1955.html>>

Repositório Institucional da UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>

Anexo A – Movimento de Empréstimos dos “romances preferidos” por ano

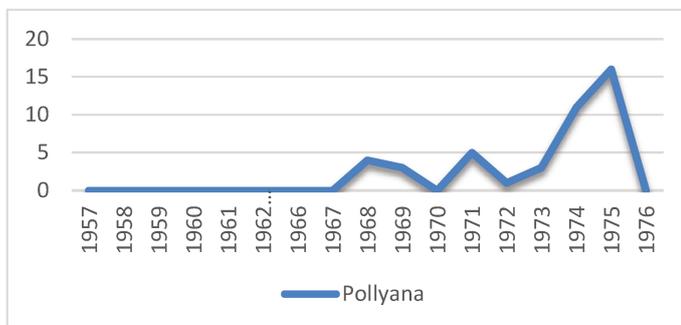


Gráfico 1

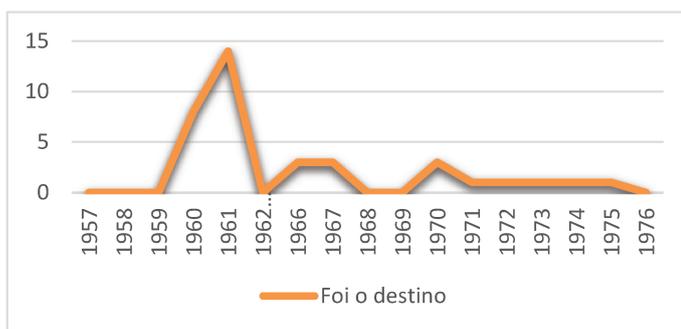


Gráfico 2

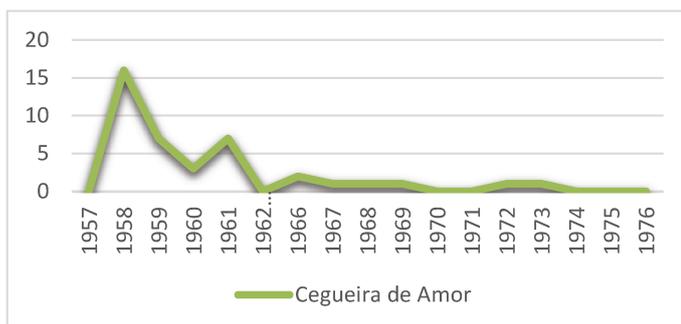


Gráfico 3

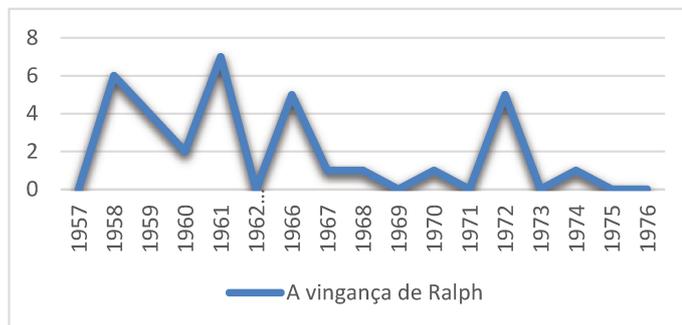


Gráfico 4

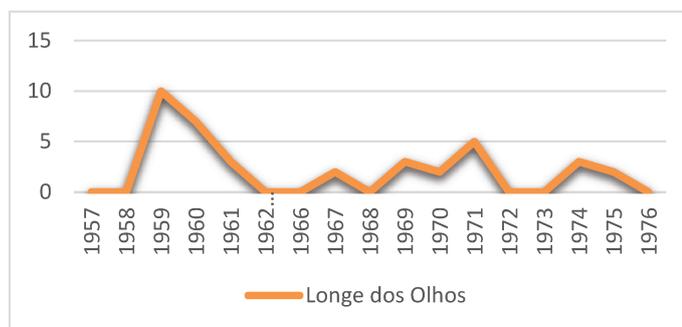


Gráfico 5

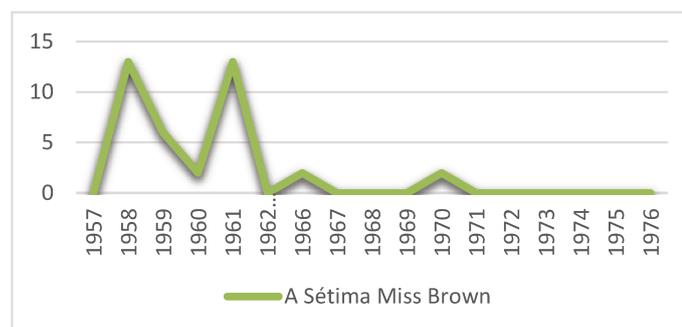


Gráfico 6

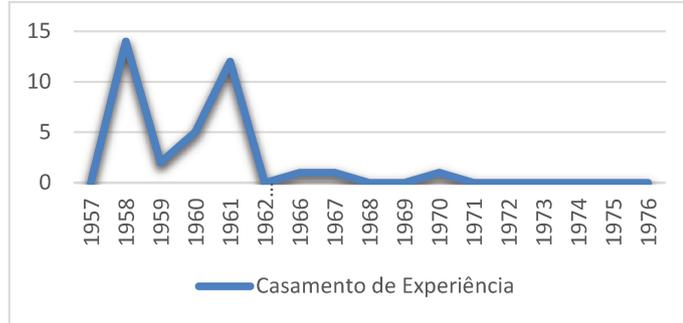


Gráfico 7

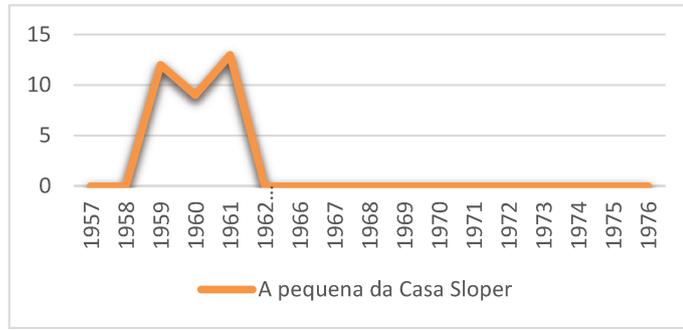


Gráfico 8

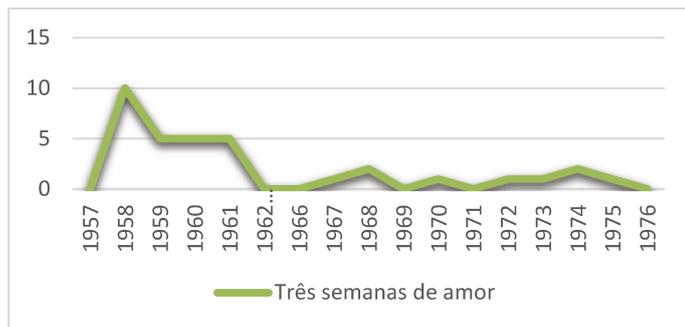


Gráfico 9

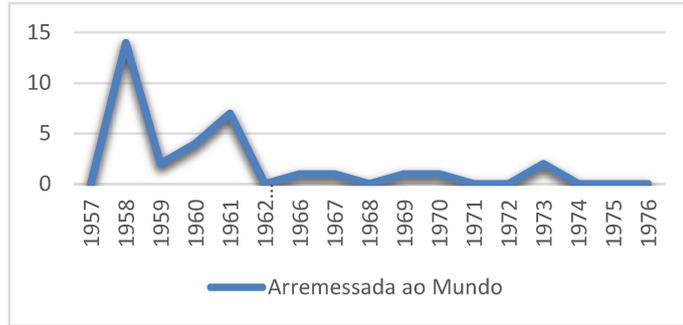


Gráfico 10

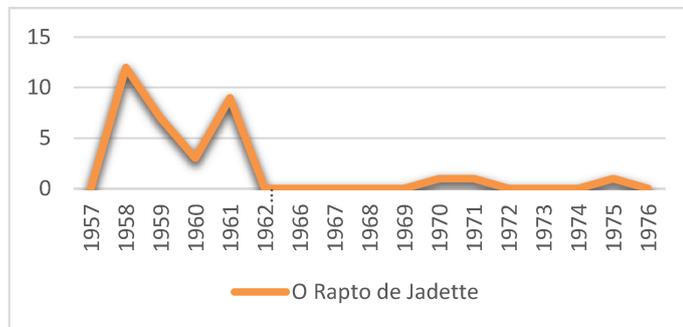


Gráfico 11

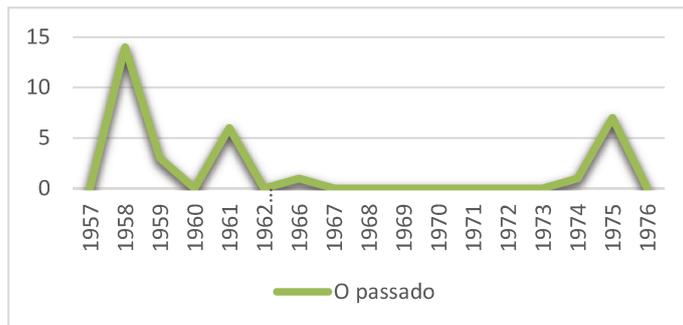


Gráfico 12

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

AREA DE CIÊNCIAS HUMANAS – FE/UNICAMP

TÍTULO DA PESQUISA: Rastreado práticas de leitura. Um estudo indiciário sobre “possíveis leitoras” da Coleção Biblioteca das Moças na biblioteca do Instituto de Educação “Carlos Gomes” em Campinas, São Paulo.

Eu, _____, RG _____

residente à _____,

abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora **Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner**, estudante de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da **Prof.ª. Dr.ª. Maria Cristina Menezes**.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é investigar as práticas de leitura ocorridas no período em que estudei no Instituto de Educação “Carlos Gomes” em Campinas, São Paulo.
- 2 - Participarei de entrevista gravada e posteriormente transcrita para análise da pesquisadora;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa;
- 5 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo, não serão mencionados no estudo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 6 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com a pesquisadora **Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner**.

Campinas, ___ de _____ de 2014.

Voluntário (a)

Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner